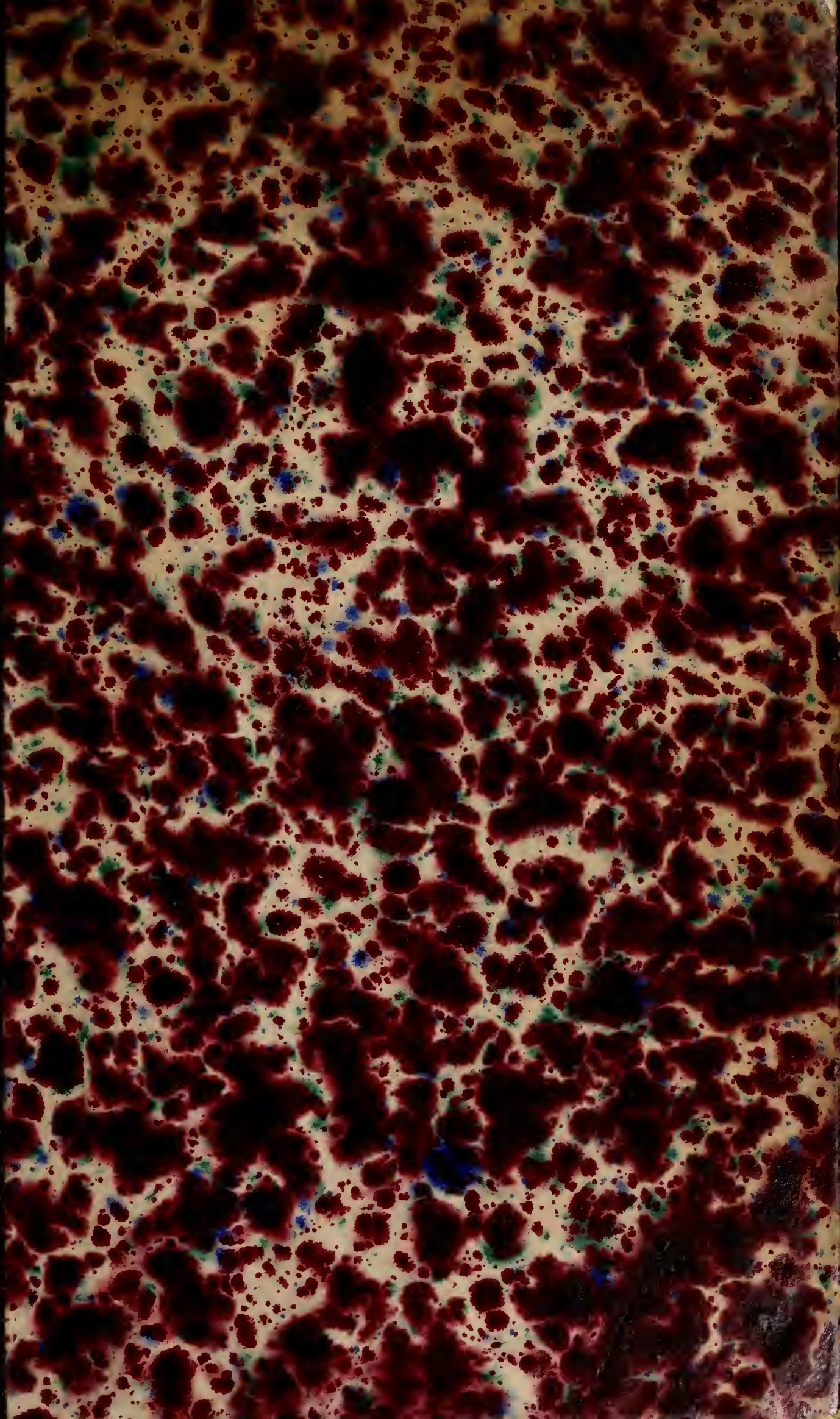
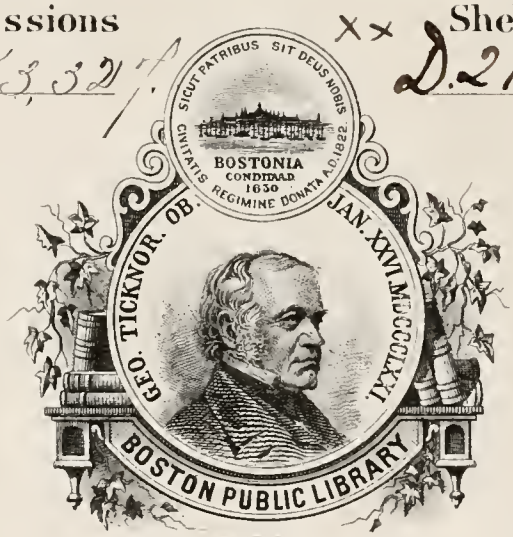


Accessions 353,327 Shelf No. D.210a.53



FROM THE

Ticknor Fund.

Rec'd. Oct. 9, 1884

1876 MARÇO F. I.

ENSAIOS

DE

SCIENCIA

POR

DIVERSOS AMADORES

I

APONTAMENTOS SOBRE O ABAÑEÊNGA. 1
OS SAMBAQUIS 79
ANTIGUIDADES DO AMAZONAS. 91

RIO DE JANEIRO

BROWN & EVARISTO, EDITORES
53 Rua da Quitanda 53

1876

1876 JULHO F. II.

ENSAIOS

DE

SCIENCIA

POR

DIVERSOS AMADORES

II

APONTAMENTOS SOBRE O ABAÑEÊNGA.
ESTUDOS BOTANICOS.
ANTIGUIDADES DO AMAZONAS.

RIO DE JANEIRO
BROWN & EVARISTO, EDITORES
53 Rua da Quitanda 53
1876

1880 AGOSTO F. III

ENSAIOS

DE

SCIENCIA

POR

DIVERSOS AMADORES

III

ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

APONTAMENTOS SOBRE O ABAÑEENGA

RIO DE JANEIRO
TYP. DE AUGUSTO DOS SANTOS
56 Rua Sete de Setembro 56
1880

1876 MARÇO F. I.

ENSAIOS

DE

SCIENCIA

POR

DIVERSOS AMADORES

I

APONTAMENTOS SOBRE O ABAÑEÊNGA. 1
OS SAMBAQUIS 79
ANTIGUIDADES DO AMAZONAS 91

RIO DE JANEIRO

BROWN & EVARISTO, EDITORES
53 Rua da Quitanda 53

1876

To
353,327
Oct. 9, 1914

SENHOR

Tomamos a liberdade de offerecer á Vossa Magestade Imperial estes opusculos, dados á luz com o intuito de tornar conhecidos alguns estudos, feitos em horas vagas dos labores obrigatorios, e ousamos esperar venia para inscrevermos na nossa dedicatoria o Augusto Nome de Vossa Magestade Imperial.

É o tributo de homenagem devido, não ao primeiro cidadão collocado no fastigio da hierarchia social, mas ao cultor das sciencias e das lettras, protector de toda e qualquer ideia util ao engrandecimento da patria, e propugnador do progresso, quer material, quer moral e intellectual do vasto Imperio sul-americano.

Guilherme Schüch de Capanema.
Baptista Caetano d'A. Nogueira.
João Barboza Rodrigues.

Á

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

COM VENIA

são offerecidos e dedicados estes Ensaios.

Aos que lêrem

A presente publicação é um ensaio sem pretenção alguma, com o fim unico de reunir e aproveitar trabalhos feitos em horas vagas, como mero passa-tempo; muitos dentre elles nem mesmo poderão ser limados convenientemente.

Irão apparecendo sem regularidade, porque frequentemente acontecerá haver escassez de tempo para coordenar e ligar material espalhado, para completar uma ou outra cousa, até mesmo para revêr o escripto.

Estes trabalhos não têm periodos certos, nada têm de obrigatorio e sahirão á luz quando houver materia para completar o folheto. Por isso mesmo não podem adimittir-se assignaturas e a publicação é supportada pelos contribuintes de combinação com os editores que os põem á disposição de quem por elles se interessar no mercado.

Nestes *Ensaios* póde alguma cousa haver de bom, porque são estudos de observação, descriminação de factos confundidos, ou mal interpretados, e investigação de novos. Acceitamos collaboração de outros amadores, mas recusamos tudo quanto fôr pura e simples reproducção de leitura.

Em taes condicções seria conveniente apresentar os estudos á um pato circulo de leitores que os podessem julgar, visto que no Brasil é ainda muito resumido o numero dos que se occupam com taes investigações; isto, porém, obrigar-nos-ia á escrever em lingua estranha, e incorreriamos em falta grave que muitas vezes temos censurado; poucos são aquelles que procuram enraizar sciencia no Brasil.

Sacrificamos a opportunidade de adquirir alguma nomeada fóra, ao desejo de localisar a sciencia no torrão natal, de nacionalisal-a, lembrando-nos das palavras de Agassiz:

« As producções intellectuaes de um cidadão não são de sua propriedade, pertencem á patria. »

Ha nisso alguma vaidade, que talvez não seja proveitosa á nós, porém, aos piratas scientificos que se prevalecem da circumstancia de ser pouco conhecida a lingua portugueza, para nos defraudarem dos nossos pequenos achados.

Se por ventura encontrarmos quem nos acompanhe no terreno que pisamos, teremos até prestado um serviço em abrir caminho.

D'entre os nossos patricios são poucos os que têm os *conhecimentos fundamentaes* necessarios para se entregarem ao estudo da sciencia como distracção nas horas que não são destinadas á aquisição do pão; desejamos que muitos outros a adquiram, pois só está apto á saborear o prazer da sciencia quem á ella se entrega por gosto, quem vê passarem-se horas seguidas sem enfado, occupado com algumas hervas, algumas amostras de pedras, com o microscopio armado sobre um bahú, estudando alguma alga, musgo ou lichen, arranchado debaixo de uma coberta de sapê ou de guaricanga, longe da civilisação. O que ama a sciencia prefere ás palestras dos salões o *mauari* do sertão onde com uma pasta sobre os joelhos e um lapis pinta ou descreve os mimos da natureza.

Aos amigos da litteratura ligeira é desconhecido o prazer de conversar com os matutos e de colher do povo dos nossos sertões noticias miudas sobre usos e propriedades de plantas, indagando a significação de palavras de uma lingua prestes á esvaecer-se com os ultimos descendentes dos que a fallavam, e que nós viemos supplantar e aprendendo tantas cousas interessantes com os roceiros, esses bons observadores.

APONTAMENTOS

SOBRE O

ABAÑEÊNGA

tambem chamado

GUARANI OU TUPI

OU

Lingua Geral dos Brasis

Primeiro Opusculo

Prolegomeno.

Orthographia e prosodia.

Metaplasmos.

Advertencia com um extracto de Laet.

PROLEGOMENO

Não ha ainda muito tempo que no Brasil tinha-se o TUPI na conta de lingua differente do GUARANI.

Hoje mesmo por pequenas differenças de pronunciação e por se acharem aqui vocabulos que não são usados acolá, querem differençar TUPI AUSTRAL de TUPI BOREAL e levam talvez adiante a subdivisão imaginando um TUPI ORIENTAL, outro CENTRAL, etc.

Procedendo por esta maneira tambem poder-se-hia differençar portuguez fallado em Portugal, de portuguez fallado no Brasil, e este em lingua de paraense, de carioca, de mineiro, de paulista, etc. Porque na realidade o GUARANI não se differença do TUPI senão tanto quanto o portuguez fallado pelos nascidos na Europa differe daquelle que falla-se no imperio americano.

Se assim acontece em relação ao GUARANI e ao TUPI que são uma e a mesma cousa, não será mais de estranhar que levassem á mais de milhar o numero das linguas americanas, multiplicando-as sem criterio nem exame, e fazendo de conta que cada tribu

que se encontrava com um nome differente, tambem tinha a sua lingua diversa. Applicando ao portuguez esse processo podia-se dividir a lingua fallada no imperio, não só em tantas quantas são as provincias ou outras circumscripções territoriaes, mas ainda em linguas dos Gonsalos, dos Mottas, dos Albuquerques, dos Souzas, segundo os nomes das familias.

Os trabalhos monumentaes que os sabios investigadores dos segredos da linguagem tem executado nos tempos modernos protestam contra este systema ou antes mania de multiplicar inconsideradamente as linguas.

E tal é a valentia e profundeza desses trabalhos que já não é o parentesco do espanhol e do portuguez o que se investiga e o que se demonstra.

O portuguez, o espanhol, o italiano, o provençal, o francez e o valachio por muito differentes que sejam hoje em dia, embora seja difficil que o que falla um desses idiomas possa perceber aquelle que falla outro qualquer dos co-irmãos, e lhe seja necessario aprender a lingua como inteiramente differente, estão hoje reconhecidos como provindos da mesma origem, são considerados como pertencentes á lingua romanica que se filia á latina e á grega.

Ainda mais. Entre linguas inteiramente differentes confrontadas á primeira vista, como o allemão com qualquer das linguas romanicas ou com o armenio, a investigadora sagacidade dos sabios vai descobrir os laços de parentesco. Das linguas já irmanadas em familias formam grupos, que são outros tantos ramos derivados de um tronco commum e á final chegam á constituir a grande arvore das linguas indo-germanicas á qual se filiam tambem o grego, o zend o sanskrit, etc.

O que acontece no mundo antigo é natural que se dê tambem na America, porque a natureza não gosta de excepções, e opera sempre em virtude de leis permanentes e geraes. Perante um estudo consciencioso as milhares de linguas attribuidas á America têm de ser reduzidas á muito limitado numero, talvez filiadas ás do mundo antigo, e á tronco quasi unico.

O douto abbade Hervás no seu *Catalogo de las lenguas*, diz que não obstante ser grande o numero e a diversidade dos idiomas fallados pelas nações indigenas das duas Americas, á onze se reduziam as linguas principaes espalhadas pela maior parte do Novo Mundo. Destas onze, pertenciam á America do norte sete, de modo que vem á ser só quatro as que predominaram na America do sul, as quaes são a ARAUCANA, a GUARANI, a KECHUA e a KARIBE.

Entre estas quatro linguas, segundo Hervás predominantes na America meridional, se não puder-se affirmar em absoluto que existe algum parentesco e affinidade, pelo menos é licito dizer-se que dá-se muita connexão no modo de formar e construir a phrase; e que ellas estiveram em estreito contacto umas com as outras deprehende-se do facto de se achar não pequeno numero de vocabulos e dicções communs á todas, ou pelo menos communs á duas.

Alcide d'Orbigny identifica o CARAIBA com o GUARANI, e citando o TESORO DE LA LENGUA GUARANI, de *guarini* guerreiro faz derivar *guarani*, *galibi*, *garibi*, *caribe e caraiba*, e reputa esses nomes apenas corrupções do primeiro.

O CARAIBA por ter alguns sons inteiramente diversos dos do GUARANI e por lhe faltarem outros que existem nesta lingua não se poderá considerar á rigor dialecto delle, mas é innegavel que tem parentesco

com a chamada LINGUA GERAL, que é talvez idioma co-irmão ; pelo mais perfunctorio exame das duas linguas conclue-se que as tribus que as fallavam tiveram estreitos contactos, em paz ou em guerra, o que confirmam as tradicções dos primitivos incolas, e as noticias que foram dadas por diversos exploradores principalmente dos primeiros tempos da descoberta.

É significativo este nome de CARAIBA ou CARIBE que se encontra por toda a parte não só na America do sul, mas até na do norte, com diversas variantes mas conservando os vestigios do radical e mantendo significações correlatas. O radical *kara* corre parelhas com os vocabulos da lingua geral, *tab*, *tupi*, *tamõi*, *tupã*, *gua*, *guay*, *guaya*, *pará*, que semelhantemente se acham diffundidos por toda a parte, denunciando apezar dos pezares, uma communidade de origem ou pelo menos relações intimas das differentes gentes que possuem esses vocabulos no seu idioma.

Na republica jesuitica das Missões *karaib* designava em geral o homem branco, e applicaram-no aos europeus. Ainda hoje no Paraguay designam os descendentes de indios ou indias puros por *abá* e os brancos, os europeus por *karaí*. Ao presidente da republica, aos generaes, etc., dão o tratamento de *xe-karaí-guasú* — meu grão senhor, e mesmo no tratamento civil dirigem-se ás pessoas gradas com o *xe-karaí* — meu senhor. Os restos de OMAGUAS e TUPIS que ainda andam errantes nas margens do Amazonas e seus tributarios em vez de *xe-karaí* dizem hoje *xe-iara* ; mas agora mesmo chamam ao homem branco *carina*. Em tempos anteriores os TUPIS da costa serviam-se do termo *karaib* para designar cousa excellente, ente superior, por *karaiba* eram conhecidos uns profetas ou sacerdotes de caracter mais elevado que o *paijé*, e logo no começo

quando os primeiros catechistas começaram a pregação de doutrina na LINGUA GERAL designaram os anjos por *karai-bêbê* (ente superior volante).

Como já se vio filia-se á este vocabulo o nome dos GALIBIS e CARIBES, isto é, o nome mais geral das tribus de *Tierra-firme*, das Guyanas e das ilhas do golpho Mexicano.

Em KECHUA não se acha a expressão *karaib*, mas acha-se *ccari* varão, varonil, o que não deixa de ter importancia em parallelo com *kará-kará-retama* que Antonio Ruiz dá no TESORO para designar-se o Perú em lingua de paraguayo. Litteralmente *kará-kará-retama* não se póde interpretar senão por *patria dos esforçados, paiz dos guerreiros*. Parece que os que fallavam a LINGUA GERAL chamando ao homem branco *karaib* e ao Perú *kará-retama*, entendiam que dalli daquellas altissimas montanhas tinha descido algum povo de côr branca, esforçado, destro e habil, pois ha tambem no TESORO do Padre Ruiz o adjectivo *karár*, que quer dizer habil (*versutus, peritus* e mesmo *sapiens*).

Importa ainda vêr que *ccára* em KECHUA designa dar de comer, donde vem *ccarak* — el que dá de comer (*suppeditator, convidator, hospes* e mais amplificado *pater-familias*,) o que lembra o *Moussacat* que Lery define *le bon père de famille qui donne à manger aux passans*. Por um lado ou por outro póde-se pois chegar ao vocabulo karaib — *bocablo con que honraron á sus hechiseros universalmente y asi lo applicaron á los españoles y muy impropriamente al nombre christiano y á cosas benditas*, diz Antonio Ruiz.

Em ARAUCANO apparece cara—*pueblo, fuerte, ciudade* (calepino de Febres), e admittindo por um instante que com um termo estrangeiro se construa um vocabulo

proprio (o que não é raro) ficaria litteralmente em LINGUA GERAL : *kara-yb* — urbis dux, oppidi magister.

Assim, nas quatro linguas principaes da America do sul apresenta-se esse vocabulo mais ou menos reconhecivel nas suas transformações, designando o mesmo predicado de eminencia, cousa saliente, ou importante.

Não fica ahi. O abbade Brasseur de Bourbourg na sua *Dissertation sur les Mythes de l'Antiquité Americaine*, fallando dos guerreiros caraibas, que elle suppõe originarios da America do norte, e invasores da do sul pelo isthmo de Panamá, nota que os *caramari* de Carthagena gabavam-se de pertencer á valente raça dos *caraïbas*, e mais adiante observa que ficaram subsistindo por muitas partes as denominações *cara, cari, coro, cali*, etc. Elle cita Rochefort que dá *caribe* significando guerreiro, e observa que *cará* no sul originariamente era como que um titulo honorifico que se outorgava aos chefes que se tinham distinguido por acção de brilho, e accrescenta que nesse nome, que significava para elles o homem por excellencia, manifestava-se o orgulho de uma raça poderosa e bellicosa.

Mas tornemos ao que importa sobre a generalidade da lingua fallada pelo maior numero de indios do Brasil e do Paraguay.

Das quatro linguas que predominaram na America do sul, a que se propagou por maior extensão territorial, a que era entendida e fallada por sobre mais de dous terços da superficie do continente meridional, é aquella que foi denominada com toda a razão LINGUA GERAL e que se designa ora por GUARANI, ora por TUPI, e que com o fim de abranger ambas com os dialectos, quaesquer que haja, dellas derivados, será chamada nestes opusculos pelo nome de ABAÑEÊNGA ; tal é a denominação que lhe dão os paraguayos, os quaes ainda

hoje a fallam se bem que já muito deteriorada pelo esquecimento da antiga construcção e pela introducção não só de vocabulos, mas de phrases á espanhola, que demudaram quasi completamente a sua syntaxe e lhe deram um torneio inteiramente ávesso á sua indole.

Que esta lingua foi a fallada em maior extensão territorial da America do sul, é cousa já reconhecida por diversos escriptores. É interessante e dispensa mais longas citações o pequeno todo de transcripções feitas pelo Sr. Julio Platzmann na reimpressão que fez da grammatica do Padre Anchieta, onde vê-se quanto era antiga esta opinião. Da extensão dessa lingua já tinham fallado em tempos muitos antigos o Padre Antonio Ruiz de Montoya e outros; foi reconhecido em tempos posteriores pelo autor do *Saggio di Storia Americana* e pelo erudito Hervás, e em tempos mais modernos o confirmam Alcide d'Orbigny e outros escriptores. Citam-se, em diversos auctores e se me não engano tambem no *L'homme Americain* de Alcide d'Orbigny, palavras de John Luccok dizendo que esta lingua era fallada na America do norte.

Na mesma *Revista do Instituto Historico* estão impressos trabalhos, nos quaes se reconhece o extenso dominio dessa lingua chamada *geral* no Brasil, e o seu parentesco com aquella que fallavam os povos das missões do Paraguay e da Guayrá.

De um curioso escripto de 1584 dado á luz no 6.º tomo da *Revista* vê-se que «todo o gentio da costa que tambem se derrama mais de 200 leguas pelo sertão e os mesmos carijós que pelo sertão chegam até as serras do Perú tem uma mesma lingua que é grandissimo bem para sua conversão».

Alcide d'Orbigny foi deparar com guarayos, sirio-

nos, e chiriguanos fallando a LINGUA GERAL no centro da Bolivia, circumdados de chiquitos, moxos, kechuas e aymaras que fallavam linguas differentes. O OMAGUA é dialecto da LINGUA GERAL e talvez nem simplesmente dialecto, talvez a mesma cousa que TUPI e GUARANI, isto é, differençando-se apenas um do outro como o fallar de uma provincia do de outra.

Eis algumas palavras de Hervás que vem á proposito:

« Da lingua *omagua* é necessario discorrer separadamente, porque nella se acha documento claro da tenacidade que as nações americanas têm em conservar o seu idioma nativo. No cotejo que fiz das palavras dos idiomas *guarani*, *omagua* e *tupi* adverti claramente a sua afinidade, e que as nações que os fallam, tinham origem commum; sobre o que fiz algumas investigações. O abbade Velasco julga que seja *omagua* a estirpe destas nações e outras que se acham dispersas pelo novo reino de Granada e por outros paizes, cuja extensão é de mil e quinhentas leguas, e em que se fallam linguas de clara afinidade com o *guarani* e *omagua*. Velasco escreve-me de Faenza em 14 de Fevereiro de 1787.

« Os *omaguas* crêm-se superiores aos outros indios americanos; tem-se por gente distincta e nobre e como nação deste caracter se reconhece entre as outras nações do Marañon. O seu idioma é dos melhores da America meridional, na qual poucas nações se acham tão numerosas como a *omagua*. Sabe-se que esta nos seus costumes, e talvez tambem no idioma concorda com os *guaranis* muito á sul; ella concorda tambem com a nação *agua* do novo reino de Granada, dispersa pelas planuras do Orinoco, e pela provincia de Venezuela da linha equinoccial para norte: concorda tambem com a *tupi*, numerosa na provincia do Pará e em varios paizes do Brazil, e principalmente concorda com a nação do rio Tocantins á 5º lat. S. e á 325º long. N'um dos paizes do Marañon pertencente ás missões que tinham os jesuitas e estão situados á 4º de lat. meridional e 305º de long. havia um formigueiro de indios *omaguas*; pois o padre Gaspar Cuxia em 1645, quando com elles estabeleceu a paz, achou quinze mil *omaguas* nas ilhas do rio Marañon, sem contar os que havia no rio Yurum (chamado tambem Yurua) onde estão os indios *yurimaguas*. O padre Samuel Fritz chegou á fundar trinta e tres po-

voações de *omaguas* e *yurimaguas*, tão numerosa era a nação *Omagua* E onde se achará a sua origem ou estirpe? Os *omaguas* do reino de Quito dizem que se deve achar no Marañon, e que muitas tribus de sua nação ao verem as barcas dos primeiros espanhóes enviadas por Gonzalo Pizarro, fugiram para as terras baixas do Marañon, para os rios Negro e Tocantins, para o Orinoco e outros paizes do novo reino de Granada. Candamine que observou attentamente a nação *omagua* na sua viajem pelo Marañon, conjectura que ella antigamente formava uma monarchia ou soberania por perto do Orinoco, e que ao entrarem os primeiros espanhóes, fugio e derramou-se por diversos paizes. Não me atrevo á approvar esta conjectura que me parece arbitraria; o certo é que acha-se pelo menos a extensão de 70 gráos entre o *guaranis*, os *tocantinos*, os *omaguas* do Pará, do Orinoco, de Venezuela, e do Marañon de Quito.»

« Até aqui Velasco que foi missionario no reino de Quito; na Italia, depois que alli chegou com os jesuitas espanhóes, elle imprimio um diccionario da America meridional em que suppõe a existencia de muitos dialectos do *omagua*.

« Camaño julga os *omaguas* descendentes dos *guaranis*; porque ainda que entre os *omaguas* e os verdadeiros *guaranis* (que são os paraguayos, os do Pará, os tupis, os uruguayos, os guaranis, etc.) se interponha um cháos de nações de idiomas diversos, com tudo por acharem-se os verdadeiros *guaranis* estendidos desde o Brazil até Cayena, parece que dos *guaranis* do Brasil devem provir os *omaguas* que se achavam no Marañon entre os rios Napo e Yurum. Na historia do Marañon, illustrada pelo padre Manuel Rodrigues, acha-se uma excellente discripção da provincia dos *omaguas* que fallavam dialecto do *guarani*.

« Parece pois probabilissimo que todas as nações, que fallam dialecto do *guarani*, descendam dos *guaranis* do Paraguay ou dos *tupis* do Brasil (que tambem são *guaranis*). As linguas *guarani* do Paraguay e *tupi* do Brasil não são menos semelhantes que a espanhola e a portugueza entre si. Estas duas linguas tem o caracter da maior antiguidade. porque uma mesma palavra com accentos diversos pronunciado em GUARANY e em OMAGUA tem differentes significações como succede na lingua china e outras. Á *omagua* falta a grande perfeição grammatical do *guarani* e isto parece indicar que desta seja dialecto a lingua *omagua*: assim o latim, dialecto do grego, tem menos perfeição grammatical que esta; as linguas portugueza, espanhola, franceza, italiana e valaca são dialectos da latina e menos perfeitas que estas no artificio grammatical; e o mesmo succede aos

dialectos teutonicos com respeito ao allemão de que provém. As nações que fallam o *guarani*, occupam grandissima extensão nas costas de Brasil e nos paizes mediterraneos; e foram e são actualmente mais numerosas que as que fallam o *omagua*; mas os *omaguas* tem-se achado nas ilhas do rio Marañon e nas suas margens; isto certamente faz conhecer que são tribus provenientes e separadas dos *guaranis* e que por meio da navegação estabeleceram-se já em umas partes, já em outras.

« As nações insulares provém das do continente.... e os *caribes* do golpho do Mexico provém do continente da America. Os *omaguas* são os phenicios da America porque, segundo as historias das missões dos jesuitas, e a asserção dos missionarios ainda vivos, elles tem sido sempre homens de grande habilidade para a navegação.

« Com a lingua *omagua* tem affinidade as linguas *jurimagua*, *payagua*, *yagua*, *cocama* (como os seus dialectos *cocamillo* e *huebo*) a lingua *yete* (fallada por uma nação barbara das ribas do Napo no paiz dos *encabellados*) e talvez outras linguas de nações pouco conhecidas.»

À esta citação que nos mostra o ABAÑEÊNGA á estender-se para as bandas do noroeste com a denominação de OMAGUA, é bem cabido ajuntar outra de Alcide d'Orbigny. Diz elle :

« Se quizermos lançar uma vista d'olhos sobre a synonimia dos *guaranis*, sobre os nomes que tinham no tempo da conquista e tem ainda hoje as suas diversas tribus, pasmar-nos-ha o seu numero, e um volume de investigações mal bastaria para discutir todas ellas convenientemente; porque a mesma tribu, mudando de lugar ou de chefe, mudava ao mesmo tempo de denominação; dahi essa immensa quantidade de nações que se pretendem extinctas; depois cada historiador conforme a maneira como tinha ouvido o nome, conforme a orthographia que lhe dava, creava tambem nomes novos, que os compiladores reproduziam copiando-os sem critica, até mesmo adulterando-os e abrindo assim nova fonte de erros. De outro lado os hespanhóes, os portuguezes, os francezes, os inglezes e os hollandezes, cada qual com seu modo de escrever conforme o genio da propria lingua, apresentavam as mesmas denominações sob fórma differente, o que as mutiplicava gratuitamente. A melhor prova que disso poderemos dar é a compilação, aliás bóa, que fez Warden na *arte de verificar as datas* em que só para o Brasil indica 387 nações....

« Acreditamos não exagerar estabelecendo, depois de examinar a origem desses nomes de nações, que mais de 400 devem pertencer á *guarani*, mencionando apenas tribus cujos nomes foram adulterados pela orthographia. »

Dando em seguida uma breve synonimia elle menciona Arachanes, no Rio-Grande do Sul; Mbeguas e Timbués, no Baradero; Carácarás, abaixo de Santa-Fé; Tapes, em Missiones; Cariós, no Paraguay; Guayanas, ao pé da grande cascata do Paranã; Guarayos, Sirionos e Chiriguanos na Bolivia.

O mesmo abbade Hervás, já citado, tractando dos indios do Brasil e enumerando os que fallavam TUPI adstringe-se ás noticias dadas pelos escriptores portuguezes como Simão de Vasconcellos, etc., confirmados por outros de nacionalidade diversa. Como pertencentes ao ramo TUPI ou TAPI elle enumera TAPES, CARIJOS, TAMOYOS, TUPINACOS, TEMIMINÓS, TOBAIÁRES, TUPINAMBÁS, TUPINAÈS, AMOYPIRAS, YBYRAIARAS, CAETÉS, POTIGUARES, PARAIBAS, APANTOS, TUPIGUAES, ARABOYARES, RARIGOARES e TOCANTINOS. É uma lista de nomes que não tem maior importancia, logo que pertencem á LINGUA GERAL, são susceptiveis de explicação nella e que principalmente ninguem contesta serem denominações de diversas tribus TUPIS, isto é, que fallavam a mesma lingua. De passagem apenas note-se que por TUPINAMBÁS costumam os auctores designar especialmente os da Bahia, entretanto que essa denominação parece ser geral, e cada tribu se apropriava della no seu tracto com os europeos. Os TAMOYOS do Rio de Janeiro deram-se á Lery por TUPINAMBÁS; o mesmo fizeram os do Espirito Santo, os do Maranhão, etc., e assim vê-se que é erro denominar-se de TUPINAMBÁ unicamente a gente que habitava no reconcavo da Bahia. Os TUPINAMBÁS do Amazonas, dizem, eram os restos dos TAMOYOS vencidos

no Rio de Janeiro que se internaram e foragidos foram dar com sigo no Amazonas; e porque não seriam outros TUPIS, visto que TUPIS eram tantas tribus esparsas por todo o Brasil? e como é que só os restos dos TAMOYOS é que puderam atravessar tantas centenas de leguas, sem serem completamente exterminados por gentes contrarias? o caminho que seguiram era inteiramente despovoado? Os OMAGUAS da Bolivia, Perú e Nova Granada não eram o mesmo que TUPIS E GUARANIS? e não se davam tambem por TUPINAMBÁS, donos da terra.

Isto induz á procurar a interpretação do nome TUPINAMBÁ. Em outro opusculo tracta-se disto mais desenvolvidamente, e aqui cabe quando muito uma observação.

E' possivel traduzir TUPINAMBÁ, ainda que com alguma difficuldade, por gente da terra *(finium gens, vel, locorum incolae)*, resposta natural á uma pergunta *quinam estis*, formulada pelos europeus no Rio de Janeiro, na Bahia, etc., e respondida por indios pertencentes á mesma familia.

Deixando de parte estas tribus que ninguem contesta serem da mesma familia, os auctores mencionam grande numero de outras inteiramente diversas, e que fallavam idiomas sem parentesco algum com a LINGUA GERAL e nem mesmo entre si. No *Catalogo de las lenguas* Hervás enumera não menos de 51 linguas ou nações mencionadas pelos escriptores portuguezes como differentes.

Alcide d'Orbigny, depois de declarar que pouco conhece os BRASIS, pois na sua viagem apenas vira um *botocudo*, etc., referindo-se ás figuras e descripções que vira nas obras de Spix e Martius, de Neuwied, de Rugendas e de Debret classifica-os todos no ramo

BRASILIO-GUARANI, attentos os caracteres physiologicos.

Se pois pelos caracteres ethnographicos todos os BRASIS podem-se considerar como pertencentes á mesma raça, mais ou menos misturada aqui e acola com gentes de origem differente (KECHUAS? CHILENOS?), resta apenas saber se realmente a diversidade das linguas é tão grande, como dizem, resta averiguar e assentar quaes eram essas linguas. Ahi os dados são mais que parcos. Afora do que existe acerca de LINGUA GERAL o mais cifra-se em alguns róes de nomes, que não podem auctorisar illação de especie alguma. Se nestas listas de nomes ao menos houvesse algumas phrases, que supprissem á falta de grammatica, como se vê no vocabulario CARAIBA de Padre Raymond ainda bem; mas nem isso. No seu *Glossaria linguarum brasiliensium* Martius reunio a maior parte (não todas) das listas de nomes que encontram-se em diversas viagens e noticias do Brasil. Mas o que fazer com essas listas, cujas nomenclaturas são escriptas, Deos sabe como, e cuja pronunciação é a mais duvidosa possivel? Se o ABAÑEÊNGA escripto por portuguezes (TUPI) tem-se por differente do ABAÑEÊNGA escripto por espanhóes (GUARANI) e nem combina com o que escreve Lery, como interpretar essas nomenclaturas, com cuja orthographia podem produzir-se os sons mais differentes conforme forem pronunciados?

Entretanto prestando-se alguma attenção e levando-se até onde é possivel a comparação acha-se que a diversidade não é tão grande como parecia á primeira vista. Há setenta róes compilados no *Glossaria* exceptuados os TUPIS, e os do Brasil septentrional ou das Guyanas. Nestas setenta nomenclaturas já não é pouco achar alguns vocabulos communs á muitas e, o que é mais,

communs ora ao ARAUCANO, ora ao KECHUA, ora ao mesmo ABAÑEÊNGA. O que se conclue daqui? que a grande variedade de linguas em ultima analyse se reduz á nada, pode ser explicada pela simples degeneração dialectica tão perfeitamente estabelecida pelos mestres da sciencia da linguagem, e que finalmente os milhares de linguas attribuidas á America do sul se reduzem ás quatro principaes que estabeleceu Hervás, as quaes talvez ainda se reduzam á duas O ABAÑEÊNGA e O AYMARA, de cuja mistura, fusão, amalgamamento, dissolução e refusão em diversas epochas resultaram o KECHUA, O ARAUCANO, O CARAIBA e os numerosos idiomas e dialectos que dahi provieram.

Dirão de certo que não é possivel por exemplo confundir TAPUIAS e AIMORÉS com gentes da raça TUPI, que são muito grandes as differenças, etc. Em todo o caso, porém, sobresahe o facto mais geral, isto é, que as tribus americanas inquestionavelmente se differençam menos umas das outras do que cada uma dellas da africana ou da caucasica. Esta questão porém pertence á anthropologia, e não é licito em ligeiros opusculos escriptos com fim muito limitado, aventar questões de outra ordem e que demandam conhecimentos especiaes e profundos.

Não se trata aqui propriamente da questão ethnographica. Não se discute se os indios que fallavam a grande LINGUA GERAL eram autochtones ou pelo menos dos mais antigos habitadores do paiz, se vieram ou não de outra região, atravessando mares com escala por ilhas, ou percorrendo continentes. Averigua-se e estatue-se apenas um facto; a generalidade de uma lingua que estendeu o seu dominio por uma vastissima extensão de terras e com a qual tem mais ou menos affinidade grande numero das linguas chamadas americanas.

Assim pois o ABAÑEÊNGA, a lingua geral donde procederam o GUARANI, o TUPI, o OMAGUA com os seus variados dialectos nas bacias do Amazonas e do Prata, o CHIRIGUANO, o GUARAYÓ, o CAYUÁ, o APIACÁ nos mattos grossos e nas campanhas do interior e talvez o KIRIRI, o KARIRI e outros nos sertões do Ceará, Pernambuco, Bahia, estendeu o seu dominio, pode-se dizer, desde o golpho de Darien, ao pé do isthmo de Panamá, até as boccas do Rio da Prata e desde a encosta oriental da grande cordilheira Americana até o cabo mais avançado da costa do Brazil, que penetra pelo Atlantico á frontear com a Africa. Parece que lá das cabeceiras donde nascem os ingentes rios, tambem defluiram as tribus dessa dilatada raça de aborigenes que se derramaram por toda a parte á leste dos Andes. D'aquelle nucleo central, onde está a *mãi d'agua*, d'aquella *Parasy* (*maris genitrix* litteralmente), onde estão as nascentes dos grandes rios, donde brotam os principaes affluentes dos dois colossos chamados *Paranã*, *Maranã* (*æquori similia, sc. flumina*) é possivel e crivel que tambem descessem as gentes, cuja lingua foi fallada por toda a costa do Brasil desde o Rio da Prata, não só até o Amazonas, mas ainda alem das boccas do Oyapock até Guayra, Maynas e Cumana, e no interior das terras brasileiras, no Paraguay, em parte mesmo do Chaco, no centro da Bolivia, nos limites do Perú, nas diversas cabeceiras dos affluentes do Amazonas e do Orenoco.

Attento o vasto dominio desta lingua, derramada sobre tão consideravel extensão territorial, pela maior parte pertencente ao imperio brasileiro, vê-se que foi muito bem cabida a designação de BRASILIO-GUARANI que lhe foi dada por Alcide d'Orbigny, tal e qual tambem figura no mappa ethnographico de Balbi. Com muita

propriedade podia chamar-se ainda o ABAÑEÊNGA, a lingua dos BRASIS, comprehendendo nesta designação aquelles indios que catechisados pela companhia de Jesus em as suas aldeias constituiram as MISSÕES, a grande repu blica da companhia jesuitica; desmantelado o dominio dos padres as antigas aldeias das Missões em parte extinctas, ficaram pertencendo umas ao Paraguay, outras ao Brasil e algumas á confederação Argentina.

Ainda mais. Se considerarem-se as intimas relações e mesmo a fusão que se deu das gentes GUARANIS ou TUPIS e OMAGUAS com KARAIBAS, se reparar-se que a lingua fallada pelos KARAIBAS podia ser dialecto do ABAÑEÊNGA mais ou menos eivado de elementos estranhos, trazidos pela mistura de idiomas de outra procedencia e caracter; se reflectir-se que o KARAIBA de Terra firme apresenta mais traços de semelhança com o ABAÑEÊNGA, do que o KARAIBA fallado no archipelago das Antilhas, pode-se concluir que do ABAÑEÊNGA procedeu o KARAIBA ou pelo menos são oriundos do mesmo tronco e depois o KARAIBA alterando-se cada vez mais, tornou-se a linguagem dos KARAIBAS das ilhas. Que esta foi a marcha das tribus confirman-no as tradições e o proprio Padre Raymond Breton no seu vocabulario CARAIBA indica que os ferozes dominadores das ilhas, procediam dos da chamada Terra-firme.

Sendo assim o dominio do ABAÑEÊNGA não se limitou á America do sul, propagou-se pelas ilhas do mar Antiliano, estendeu-se á Florida, dilatou-se pela costa para nordeste, e do outro lado, para oeste, chegou até as boccas do Mississipi, pois até ahi ha vestigios de passagem e estadia dos KARAIBAS.

A denominação de LINGUA GERAL, portanto, dada ao ABAÑEÊNGA (ou TUPI ou GUARANI) significava que essa

lingua era aquella que era fallada e entendida por maior numero de tribus, esparramadas em uma vasta superficie. O KECHUA tambem foi chamado LINGUA GERAL DO PERU e com razão pois era a mais estendida e fallada no antigo imperio dos Incas. Do mesmo modo ainda houve outras na America do norte á que deram tambem o nome de LINGUA GERAL.

Os paraguayos como acima se disse ainda hoje dão o nome de ABAÑEÊ á lingua indigena, e chamam KARAIÑEÊ ao espanhol, ao portuguez e em geral ás linguas de europeus. ABAÑEÊ quer dizer *falla de indio* e KARAIÑEÊ, significa *falla de branco*. A elisão da syllaba final dizendo simplesmente ABAÑEÊ está ventilada em outro lugar deste opusculo.

E não é somente por ter dominado em vasta extensão territorial que tem summa importancia o ABAÑEÊNGA.

« Não posso comprehender, diz Azara, como é que a nação guarani sendo agricola e por conseguinte pouco viajora, se estendeu de modo tão consideravel e em tão grande numero, ao passo que todas as outras, mais vagabundas, achavam-se reduzidas á pequeno numero de individuos. »

Mas adiante diz o mesmo auctor:

« Cousa igualmente incomprehensivel para mim é o modo como poude estender-se a lingua GUARANI pelo immenso territorio possuido pelos pertuguezes e francezes, e em parte do paiz que descrevo (as possesões espanholas) por entre meio de grande numero de hordas independentes quasi isoladas, e que não conheciam commercio algum e ainda menos o uso dos livros; ao passo que vemos os governos de França e de Espanha, apezar dos seus

esforços, das suas escolas, dos seus livros e dos seus meios de communicação, nunca poderem introduzir em todas as suas provincias o uso geral e exclusivo do espanhol e do francez. »

Essas palavras formam verdadeiro contraste com o que disse von Martius, o eminente botanico, á quem tanto deve o Brasil e que entretanto á respeito dos indios e ainda mais á respeito das linguas por elles falladas emittio algumas proposições bastante erroneas.

O sabio naturalista allemão, entre outras opiniões menos justas á respeito dos BRASIS, diz que a LINGUA GERAL dilatou-se tanto por influencia dos padres da companhia de Jesus, e chega á suppôr que ella é uma giria arranjada com o material dos vocabulos de uma lingua indigena com o fim de servir á catechese. Esta opinião tem largo curso, naturalmente determinado pelo prestigio do nome do sabio botanico.

Contradizem esta opinião todos os factos constantes dos historiadores. Os padres jesuitas e assim tambem os franciscanos e outros, sempre que no desempenho de suas funcções de missionarios, iam desencovar tribus nos sertões, a primeira cousa de que cuidavam era de estudar a lingua fallada pelos selvagens, afim de poderem pregar-lhes a doutrina. É um dos principaes meritos das companhias religiosas o zelo, a fadiga immensa com que compuzeram grammaticas e vocabularios dos idiomas das gentes que andaram catechisando, grammaticas e vocabularios dos quaes alguns nem foram impressos, e outros, não obstante terem sido dados á luz, apenas são conhecidos de nome e de menção nas noticias bibliographicas. Da lingua dos CHIQUITOS por exemplo pouco ou nada resta, entretanto d'Orbiguy dá noticia de um diccionario e d'uma grammatica bastante volumosos, manuscriptos, que elle poude obter na sua excursão

pela Bolivia, que prometteu publicar na parte ethnographica da sua grande obra, e de que até hoje não se tem outra noticia.

Se alguma vez os religiosos catechistas trataram de impôr á gentes novas a lingua de que já tinham grammatica e vocabulario, foi quando na visinhança de uma aldeia já formada e desenvolvida apparecia, de algures, familia differente, que elles tratavam de reduzir e amansar. Isto mesmo, porém, aconteceu raras vezes.

Sendo assim póde-se dahi concluir que os padres da companhia tivessem tentado impôr uma lingua geral á todos os povos e aldeias que formaram no Brasil ?

Uma cousa que mostra que os padres nem pensaram em impôr lingua de especie alguma aos BRASIS, é que elles no principio empregavam todos os esforços para exprimir na lingua indigena os mysterios e todas as cousas da religião, e procuravam traduzir todas as expressões do catechismo na propria lingua dos indios. Para isso tiveram elles de forçar a lingua, obrigando-a á abstracções ainda impossiveis para o seu estado de desenvolvimento, torceram muitas vezes o sentido natural das dicções e á final alteraram até a estructura grammatical, mettendo-lhe por via de regra pleonasmos inuteis, e procurando exprimir as cousas da religião por vocabulos e phrases de oito leguas, incomprehensiveis talvez aos indios ou pelo menos extravagantes. Depois desistiram de exprimir essas cousas com termos tirados da lingua indigena e procuraram encaixar nella os mesmos termos do cathecismo adaptando-os á pronuncia dos indios, naturalisando-os no ABAÑEÊNGA. Assim chamaram á principio á cruz *ybyra-joasá*, lignum invicem transversata ; e depois *curussá* nas missões

portuguezas, *curuzú* nas espanholas; aos anjos chamaram *karai-bèbè* e depois mesmo *anjo* apezar de ser este um composto de sons antipathicos ao modo de fallar dos indios; *karaib* foi adoptado pelos padres no principio para designar santo, bento, e assim designaram por *ñundy-karaib* os oleos santos, *y-karaib* agua benta, a agua do baptismo. Para exprimir o verbo baptisar empregaram já *mongaraibe* tornar santo, tornar bento, (visto a significação dada á *karaib*), já *mbojahú* banhar, e *jahú* banhar-se foi adoptado para baptisar-se. Afóra destes ainda foi empregado o participio *hobasápyr* rosto atravessado, ou encruzado, para designar o homem baptizado, o christão; entretanto os indios, não obstante a imposição e lição dos padres, empregaram outra expressão para dizer baptisar-se, e esta foi *teroy* tirar fóra o nome, expressão que tem seus laivos de *ironia* patenteando que no pensar delles os indios entendiam que *baptisar-se* não era *tomar* nome e sim *perder* o que já tinham. Muitas outras expressões adoptaram os padres á principio que depois substituiram pelos proprios vocabulos portuguezes ou espanhoes, e assim vê-se nos cathecismos Espirito Santo, Purgatorio, Paraiso, etc. Igreja designaram primeiro por *tupāróg* e *tupāóg* e depois por igreja e iglesia; ao inferno chamaram *anã-retam* patria do diabo, *tatá guasú apyreym* fogo grande que não tem fim, etc., e depois *inferno* mesmo. A Virgem Senhora designaram de um modo realmente extravagante ou pelo menos irrisorio dizendo *Abá-bykaguér-eyma* illa quam mas nondum terebravit e posteriormente pelo mesmo termo portuguez virgem. O verbo *mongetá* com o sentido de rogar á Deus, rezar, e o termo *angaipab* para designar peccado, são evidentemente expressões forçadas e torcidas para exprimirem o que os padres queriam.

No mais os padres concorreram para a prompta corrupção da lingua e mesmo precipitaram-na. Nas grammaticas reconheceram os variados participios (á que chamaram substantivos verbaes), notaram que tinham tempos, mas não viram que constituiam verdadeiros modos e nos catechismos construiram as phrases á maneira portugueza e espanhola, e ás vezes mais felizmente á latina. Nas grammaticas deram á perceber que no seu fallar proprio os indios faziam o verbo-substantivo inherente ás particulas pessoaes, e nos cathecismos empregaram o verbo *ikó* ser no Brasil e o verbo *in* estar ou estar sentado no Paraguay. Isto deu aos dialogos de doutrina e ás rezas um phraseado prolixo e arrastado, que á primeira vista se differença d'aquelle que se acha nas phrases conservadas de uso quotidiano dos indios, o qual quasi sempre é de extrema concisão e graça.

E se tal fosse o seu proposito não seria mais natural que, em ultima analyse, quizessem impôr e procurassem generalisar o portuguez ou espanhol, a lingua que fallavam?

Solemne protesto contra este pensar dá-se mèsmo no Brasil pela simples existencia dos dous catechismos dos Padres Mamiani e Frei Bernardo de Nantes. Este ultimo publicando o seu catechismo da lingua KARIRI, declara que o faz para facilitar o ensino dos catechumenos em sua lingua propria, que differe da KIRIRI de que já havia grammatica e catechismo composto por Mamiani. Estes dous idiomas fallados por indios do rio S. Francisco e do sertão se bem que separados por distancia maior de 100 leguas, são summamente parecidos e ambos elles têm feitio de serem dialectos do ABAÑEÊNGA, muito corrompidos pela introducção de vocabulos e phrases de outra procedencia; não acha-se

nelles relação immediata com o GALIBI e outras das Guyanas, mas a constancia de certos sons, estranhos ao ABAÑEÊNGA e que trocados pelos equivalentes nesta lingua demonstram a sua procedencia, induz á procurar analoga derivação, se bem que já com sons diversos para o GALIBI, patenteando que assim se poderia tambem filiar ao ABAÑEÊNGA este ultimo idioma. Esta observação que occorre accidentalmente não póde ser aqui desenvolvida porque alongaria demais este escripto.

O que fica bem assente é que em vez de inventarem uma lingua para imporem-n'a aos catechumenos, os padres tratavam de aprender todas aquellas que topavam e nellas escreviam livros de doutrina para uso das respectivas aldeias. É este o facto real não só no Brasil, mas no Chili, na Bolivia, no Perú, na Columbia, etc.

Si o TUPI fosse inventiva dos padres jesuitas e não de facto a LINGUA GERAL das hordas mais numerosas da America leste-austral não é possivel explicar como é que o TUPI é o mesmo GUARANI. Os padres Abbeville e Yves d'Evreux eram francezes e capuchinhos pregando no Maranham; Lery, tambem francez, porém calvinista, não pisou no Maranham e as noticias que escreveu são de indios do Rio de Janeiro; o padre Figueira, portuguez e jesuita, escreveu a sua grammatica e fez, durante annos, serviços de catechese no Pará, e o padre Antonio Ruiz, tambem jesuita, porém espanhol, escreveu o seu *Tesoro* no Paraguay. Todos estes missionarios vieram á America em tempos anteriores á meiados do seculo XVII; não era possivel a minima combinação entre elles; cada qual escreveu das cousas americanas á seu modo, com a orthographia usada na lingua patria da Europa, pro-

curando reproduzir nella com fidelidade os sons da lingua estranha que ouviam dos incolas. Ora pois, se esta lingua é a mesmissima, escripta apenas de differente modo, com orthographia peculiar ao escriptor, não resta duvida de que — tal lingua era a mesma espalhada por terras diversas, e é inteiramente gratuita a supposição de que foi obra dos padres jesuitas, como avançou Martius.

Outra idéa que teve muitos propugnadores, entre os quaes tambem von Martius, que foi combatida pelos illustres auctores do BRASIL E OCEANIA, e dos INDIOS PERANTE A HISTORIA, e agora está de novo adquirindo voga é a que suppõe todos os indios do tempo da descoberta em um estado de barbaria tão grande, como aquella em que se acham os restos das tribus errantes nos sertões depois de tres seculos de catechese, isto é, de perseguição á todo o transe. Uma das cousas que desmente esse pretendido estado de barbaria é a lingua; uma tal ou qual agricultura, a preparação da farinha de mandioca e do *kagui*, a pericia de accender fogo dispensando vestaes para conserva-lo, e outros usos ainda provam o contrario, e quem lêr com attenção as noticias deficientes, parcialissimas dos CHRISTÃOS, conquistadores da terra, reconhecerá que estes pobres BRUTOS hoje foragidos pelos mattos, receiosos dos beneficios da *catechese*, reduzidos á ultima degradação, em nada se parecem com aquelles *homens crianças*, *expansivos*, *alegres*, que batiam os contrarios na *guerra*, que mesmo *devoravam* os prisioneiros, mas em fim eram *homens* como os pintam os Caminha, Lery e outros ingenuos narradores.

É assumpto que levaria longe e que não cabe desenvolver n'um estudo que não passa de mero apontamento.

Apenas fique consignado que é um erro grave medirem-se os indios do tempo da descoberta pela bitola dessas pobres malocas que hoje andam corridas pelo sertão, que esqueceram a lingua, unico monumento legado pelos antepassados, a qual ainda attesta que essas gentes não foram tão barbaras como a querem fazer aquelles, que vieram arrebatar-lhes as terras patrias, a liberdade e a vida.

A existencia da LINGUA GERAL dominando em quasi toda a região cis-Andina é cousa de summa importancia e exprime um facto do mais alto interesse para o estudo das linguas americanas e para a ethnographia, isto é, que o TUPI é o mesmo GUARANI e o OMAGUA.

O padre Hervás citado acima diz que o TUPI e o GUARANI se differençam um do outro apenas como o espanhol do portuguez. Ainda menos, é a verdade que salta aos olhos logo que se investiga a cousa mais á fundo. O TUPI se differença do GUARANI tanto como o fallar dos brasileiros differe do dos filhos de Portugal, e talvez mesmo como o de um paraense differe do de um mineiro ou paulista. Com effeito, confrontando-se as dicções do TESORO com as que vem em Figueira, no Diccionario Braziliano, no de G. Dias, em Lery, em Yves d'Evreux, em Piso, etc., e prestando-se attenção á differença de orthographia observa-se que o TUPI diverge do GUARANI quasi que só em ajuntar invariavelmente uma vogal final aos vocabulos que os GUARANIS pronunciavam sem ella e tambem sem a consoante que com essa vogal vinha á formar syllaba. As dicções do ABAÑEÊNGA *táb*, *tú*, *räyr*, *aób*, *ñeëng*, *kuár*, *áb*, pelos TUPIS eram pronunciadas *tába*, *túba*, *räyra*, *aóba*, *ñeênga*, *kuára*, *ába*, e pelos guaranis muito frequentemente *tá*, *tú*, *räy*, *aó*, *ñeë*, *kuá*, *á*. Os vocabulos usados por TUPIS e não por GUARANIS, e

vice-versa são poucos e podem ser enumerados; em geral dependem das condições climatericas e geographicas em que viviam que fazia variar os modos de vida; por exemplo, nomes de peixes das costas do Brasil seriam naturalmente desconhecidos no Paraguay. Afóra disto mais um ou outro vocabulo differente como seja *texág*—vêr em GUARANI, *tepiac* em TUPI; *uruguasú*—gallinha em GUARANI, *sapukai* em TUPI; e poucos mais.

Não póde deixar de ser aqui exharada uma reflexão muito importante, referente á capacidade das linguas para exprimir cousas abstractas. O ABAÑEÊNGA neste ponto apresenta-se para bem dizer em um estado de verdadeira infancia e para enunciar concepções abstractas resente-se da ingenuidade e do embaraço proprio da criança que ainda não precisou bem as suas concepções. Na lingua já se differençam bem os adjectivos dos substantivos e na construcção da phrase com as particulas pronominaes os adjectivos podem figurar de verbos passivos, ao passo que os substantivos deveriam ser considerados verbos activos. Assim *kó* roça (arvum e mais propriamente *seges, messis)* pode-se referir á *kog* alere, e dahi *xe-kog* messis mea, significaria quod me alit: mas com o adjectivo a particula pronominal figura de verbo substantivo e *xe katu* significa sum bonus.

Agora havendo os adjectivos *katu* bonus, *aib* malus *he* dulcis, *kyr* viridis, etc., as abstracções *bondade, o bom, o bem, maldade, o mal, doçura, o doce, verdura, o verde,* não se podem exprimir de um modo absoluto, construem-se na phrase já de um modo já de outro conforme se apresenta a concepção, e os padres procurando exprimir isto quasi sempre por via da desinencia participial *hab* forçaram muitas vezes a lingua á um torneio improprio della, e até disparatado.

Permitta-se uma bem cabida citação do Sr. Max-Müller; diz elle:

« E de que modo exprimio a linguagem a mais immaterial das concepções, dado ainda que seja concepção racional, o *nada?* Foi pela unica maneira possivel, isto é, foi pela negação de alguma cousa real e palpavel, ou pela comparação com algum objecto dos nossos sentidos. *Nada* diz-se em sanscrit *asat* «não sendo»; em latim *nihil* isto é, *nihilum* em vez de *nifilum* quer dizer *ne-filum*, « nem um fio.»

« A dicção *rien* do francez hoje, é mera alteração de *rem* accusativo de *res* e conserva ainda o sentido negativo apezar da queda da particula negativa que a precedia originariamente. Assim *ne pas* vem de *non passum*, e *ne point* de *non punctum*. O francez *neant* e o italiano *niente* são o latino *non ens*. Considere-se agora por um instante de que modo nascem as fabulas em virtude da magia da linguagem. Era perfeitamente correcto dizer-se *nihilum*, « dou-vos nada, nem um fio :» ahi fallava-se de um *nada* relativo; negava-se na realidade, ou declarava-se não dar alguma cousa. Tambem é perfeitamente correcto dizer entrando n'um quarto vazio « não ha nada aqui » querendo com isso dizer não que « não ha absolutamente nada» mas só que « ali não vemos o que contavamos achar no quarto.» Á custa, porem de repetirem-se taes phrases, forma-se gradualmente no espirito vaga ideia de um *nada* e então *nihil* torna-se nome de algo positivo e real. Os homens começaram no principio á fallar do *nada* como se fosse alguma cousa e gradualmente foram indo e tremeram com a ideia de *anihilamento*, de todo inconcebivel á não ser no cerebro d'um louco.

« A expressão *anihilação* se tivesse sentido, apenas significaria etymologicamente (e podemos dizer logicamente) «ser reduzido á cousa que nem é um fio» : e certamente este estado não seria tão terrivel, pois que segundo a logica mais rigorosa esse estado comprehenderia o dominio todo da existencia excluindo unicamente o que se entende por *fio*. Entretanto quantas especulações, quantos medos e delirantes terrores á proposito do *Nihil* simples palavra e mais nada! Vemos crescerem e decrescerem as cousas que nos cercam, assistimos ao nascimento e ao fallecimento dos viventes, mas nada vemos extincto, aniquilado. Ora, o que não está ao alcance de nossos sentidos e o que contradiz todos os principios da razão não tem direito á ser expresso pela linguagem. Podemos servir-nos dos nomes dos objectos materiaes para exprimir objectos immateriaes, se estes ultimos

puderem ser concebidos racionalmente. Podemos, por exemplo, conceber potencias que escapam-nos aos sentidos, mas que têm comtudo realidade material. Podemos chama-los espiritos, litteralmente halitos, sopros, brisas, subentendendo perfeitamente que por «espirito» designamos cousa que não é simples «brisa». Elles podem ser chamados em inglez *ghosts* nome que tem referencia á *gust*, *yeast*, *gas*, e outros vapores imperceptiveis. Mas o Nada, um Nada absoluto que não é visivel nem concebivel, nem imaginavel, jamais deveria ter achado expressão, nem lugar no diccionario de seres racionaes.»

A profundeza e belleza destas sublimes palavras sirvam de desculpa para a transcripção longa e excessiva do trecho inteiro quando era necessario e pertinente só uma pequena parte. Voltemos ao que motivou a citação.

Em ABAÑEÊNGA não havia expressão directa para nada, ninguem, etc. Existia, porém, nos verbos a conjugação negativa que variava segundo os modos. Hoje os paraguayos usam de *mbäebê* para significar nada e *abábê*, ninguem; mas o primeiro ao pé da lettra diz: mais cousa; e o segundo: mais gente; d'onde se vê que realmente querendo construir a phrase á espanhola elles subentendem um verbo com a sua negativa *ndi-pori mbäebê*, *ndi-pori abábê*, não ha mais cousa, não ha mais gente, para dizer: não ha nada, não ha ninguem.

Entre os TUPIS foi adoptado para significar nada e tambem a simples negativa não, o vocabulo *nitio* e mais modernamente *intio*, *inti* que são adulteração de *ndi tyb*, non est, non jacet e deste modo o torneio da phrase desviou-se mais profundamente da syntaxe primordial.

Gonçalves Dias e o padre Seixas nos vocabularios da lingua usada hoje no Pará escrevem *intimaän* nada, *intiáná* ninguem, fórmas corruptas de *ndi tyb mbaê*, *ndi tyb abá*, non est res, non est gens.

É tão real o predominio da LINGUA GERAL em toda a America portugueza e bôa parte da espanhola do sul, assim como nas possessões francezas, inglezas e hollandezas, que ainda outros factos vêm confirmal-o. Por toda essa vasta extensão os nomes de plantas, de animaes e geographicos são explicaveis por via de radicaes do ABAÑEÊNGA; se ha excepções, em pequeno numero são ellas e não era preciso suppôr um grande numero de linguas e dialectos, bastaria considerar que é a lei natural da linguagem (principalmente das que não são fixadas pelo monumentos escriptos) a mudança perpetua e continua.

Ahi até o que admira é que essa lingua, sem litteratura, sem nenhum dos meios que concorrem para fixar as linguas, pelo contrario embatida por todos os modos e em todos os sentidos pelas gentes civilisadas, tenha podido perdurar por mais de tres seculos. Apezar de vencida e batida, apezar de ser lingua de barbaros, uns exterminados, outros corridos pelos mattos, outros emfim escravisados, fundidos, amalgamados com os conquistadores, essa lingua inoculou nas linguas vencedoras e civilisadas não sómente vocabulos e termos que figuram hoje até nos livros de sciencia, mas ainda phraseados, idiotismos e cacoethes. A suppressão de uma e mais lettras no final das palavras tão usual entre os brasileiros principalmente os caboclos e caipiras é um cacoethe herdado dos indios e desconhecido aos portuguezes que pelo contrario procuram tornar brevissimas as syllabas não accentuadas do meio ou do principio das palavras pronunciando: mlaço, btar, rlogio, prstaram, apprvar, em vez de melaço, botar, relogio, prestaram, approvar; os brasileiros pelo contrario dizem: botá, chovê, ardê, subi, comendo invariavelmente os *rr* finaes. Os portuguezes tendem á confun-

dir o pronome reciproco com o relativo; e não fazem esta confusão só nas orações de terceira pessoa; é cousa que quotidianamente se vê, que as pessoas mais lidas na litteratura de Portugal já adoptam na conversação o se e o si reciprocos dirigindo-se á *segunda pessoa*, e dizem: fallo com sigo, dirijo-me á si, é para si que trouxe este livro, querendo dizer; fallo comtigo (ou comvosco, á moda de S. Paulo onde tambem usam com mecê) dirijo-me a ti, é para ti que trago este livro. Os brasileiros pelo contrario procuram differençar o relativo do reciproco e herdaram isto nacturalmente da LINGUA GERAL, onde é fundamental e caracteristica esta differença, que despresada altera completamente a estructura grammatical. Empregam elles tambem o possessivo seu, sua, dirigindo-se á segunda pessoa, é certo, mas então para differençal-o mais, juntam-lhe pleonasticamente o relativo delle, della. Assim exprimem-se: trago recado de F., por causa delle é que venho, e não dizem: por sua causa é que venho. Estive com fulano e entreguei-lhe o seu chapéo delle accrescentando pleonasticamente o delle porque sem isso podia significar o chapéo da pessoa com quem falla. Quanto ao mais no emprego do seu, sua, se, si, procuram os brasileiros conservar o caracter de reciproco justamente como em latim, onde de modo analogo ao do ABAÑEÈNGA para o relativo emprega-se *is* ou *ille* e cujos genitivos *ejus*, *illius* correspondem exactamente á delle, della, e figuram de possessivos, sendo *sui*, *sibi*, *se* e *suus*, *sua*, *suum* usados, quando a phrase exprime algo de reciproco. Em todo o caso o fallar á segunda pessoa á moda dos paulistas é mais preciso e mais bonito, e se ainda em oração de segunda pessoa se quizesse usar de verbos na terceira, era preferivel o emprego do vossê (derivado da segunda vós) com um certo que de brasileirismo, e um pouco correspondente ao usted dos espanhóes.

O francez gabado como lingua de conversação, usa em geral da segunda pessoa do plural, e emprega a segunda do singular quando ha mais familiaridade e talvez carinho que exprimem por um verbo especial *tutoyer*. Os inglezes tambem usam do tratamento em segunda pessoa. O *se*, *si*, *lhe* á portugueza é como que um subterfugio para tractar-se com pessoas estranhas e evitar-se tratamento mais distincto. Este tratamento em terceira pessoa, parece-se com o dos italianos e dos allemães; os allemães, porém, empregam a terceira do plural quando tractam com urbanidade e a do singular quando pouco se importam com a polidez; assim dizem *was machen Sie, wie geht es Ihnen* polidamente, e quando querem fallar com menos cortezia ou mais familiaridade *wie machet er* ou *sie, wie geht es ihm* ou *ihr*.

Confirmando o facto do predominio do ABAÑEÊNGA no leste e no norte da America do sul ainda importa fazer outra consideração.

A comparação do KIRIRI e do KARIRI com o ABAÑEÊNGA induz á outras conclusões; estas duas linguas, reputadas differentes do ABAÑEÊNGA visto como têm sons que não existem nesta, depois de examinadas com mais attenção, reconhecem-se como dialectos delle mais ou menos adulterados por elementos estranhos. Daqui se é levado á outras comparações e vê-se: O GALIBI e outras linguas das Guyanas tem sons ainda mais differentes, tem por exemplo abundancia de *ll* que não ha em ABAÑEÊNGA; mas substituidos estes sons pelos equivalentes ou correspondentes em ABAÑEÊNGA reproduzem-se os vocabulos deste, e não um ou dois, porém, um grande numero. A estructura grammatical por fim de

contas, tanto quanto é possivel aprecial-as nas phrases dadas em deficientes vocabularios, mostra que por esse lado o parentesco não póde soffrer contestação.

Mais uma vez será possivel confirmarem-se as leis estabelecidas pela sciencia da linguagem, á respeito do desmembramento da lingua matriz e formação dos dialectos.

Como simples indicação dos resultados produzidos pela comparação de diversos dialectos, referindo-se as dicções de cada um á uma fonte commum, e não raras vezes achando-se vocabulos que em vez de remontarem directamente á matriz, derivam-se de dialecto irmão ou collateral, examine-se apenas um vocabulo de lingua matriz.

Por caminhos differentes, mas derivados da mesma fonte, adoptados em tempos diversos e em diversas accepções veja-se por exemplo nas linguas romanicas as transformações que soffreu o verbo capere e o seu frequentativo captare; as notas são tiradas do diccionario de Diez e das licções de Max Müller. Em portuguez apresentam-se desde logo *captar*, *catar*, *caber* produzindo o primeiro *captura*, *captor*, *capto* (v. g. em *mentecapto*), *capião* com os seus correspondentes em latim, e depois ainda *captivar* e *captivo* que torna-se *cativo* em espanhol, cattivo em italiano, *caitiu* (que significa ruim, máo) em provençal, *captif* em francez; e o que já é mais notavel e parece estranho, da mesma fonte provem *chetif* como notaram Diez e Max Müller; ao 2.º catar que significa já *vêr*, *mirar* e já *investigar*, *esmerilhar*, subordinam-se os compostos *acatar*, e *recatar* com grande numero de derivados *acatamento*, *recato*, etc., e ainda *catarento*, *catafalco*, *catacumba* e outros; entre acatar e acceptar formou-se *acceitar* donde se deriva de um lado *acceite* (substantivo) e *accepção* (outro substantivo de significado

inteiramente diverso) correspondente á *acceptio* na lingua matriz; á este corresponde em francez *acception*, e á *acceitar* tambem *accepter*, mas nesta lingua apparece outro derivado *acheter* em sentido muito differente. Parallelo á este existe, composto com outra prepositiva, *racheter*, á que correspondem em italiano *reccattare*, em espanhol *rescatar*, em portuguez *resgatar*, *resgate* e ainda *regatear*, com outros derivados. Ao 3.º significado de CAPERE (caber) alem dos derivados immediatos proprios do verbo considerado de significação neutra e talvez passiva, como o adjectivo participio *cabido* (que se escreve e pronuncia tal e qual outra dicção *cabido* provindo de *capitulo* e ainda *cabide*) subordina-se *capa* ao qual Diez reporta um grande numero de vocabulos; á *capa*, *quia quasi totum capiat hominem*, corresponde em espanhol e italiano *cappa* e em francez *chape*; deste veio em francez *chapeau* correspondente ao italiano *cappello* e ao portuguez *capello*, e dahi ainda *capella* (grinalda e tambem pequena igreja); d'outro lado apparecem *capuz*, *capucho*, no italiano *cappuccio*, no francez *capuce*, *capuchon*; e ainda *capote* em portuguez e espanhol, *cappotto* em italiano, *capot* em francez, e outros vocabulos desenvolvidos da mesma fonte; deixando de parte a fonte latina o portuguez tomou directamente do francez *chapeau* (em antigo francez *chapel*) *chapéo*. É quanto basta para mostrar a fecundidade de um só radical quando se o acompanha em todas as suas derivações não só em uma lingua, mas nas co-irmãs.

Applicando-se ás linguas da America este processo, que tão ingentes resultados tem produzido no estudo das linguas do mundo antigo, é natural que se esperem identicos effeitos.

O simples facto da existencia de grande numero

de vocabulos, que com pequenas mudanças são como que universaes na America do sul e talvez na do norte seria bastante para induzir á crer que pelo menos houve uma lingua que passeou soberana por todo este vasto continente. Fosse ou não vinda de outra parte essa lingua, o facto certo e estabelecido fundamentalmente é que ella existio e revela a sua existencia no grande numero de vocabulos pelo menos communs á todas as linguas da America do sul. Cumpre lembrar apenas um preceito deduzido das licções de Max Müller: para designar *sol* ou *agua*, por exemplo, é possivel que se dêm, e na realidade se dão termos muito differentes nesta e n'aquella lingua; mas estudada a cousa por outro modo acha-se em uma lingua o *sol* designado por um termo que na outra significa *aurora*, em outra *luz do dia*, em outra *queimar* ou *accender* ou *brilhar*, ou *allumiar*; ahi enxerga-se a derivação e reconhece-se o desmembramento dialectico. No que ficou dito á respeito do termo KARAIBA tem-se um exemplo que confirma o facto.

Ja se vê, nesta investigação é preciso criterio para se não cahir no extremo opposto, dando-se por filiados ou aparentados vocabulos de origem inteiramente diversa. É uma mania como outra qualquer a de achar semelhança entre cousas differentes e os mestres da sciencia da linguagem já notaram e estabeleceram que é um erro por meras concordancias parciaes estabecer-se parentesco de linguas que todas as considerações obrigam á suppôr que nunca se mesclaram nem tiveram occasião de contacto. É deste modo que alguns já acharam parentesco entre o ABAÑEÊNGA e o grego porque deparam-se termos como *og* casa que lembra *oikos*; *poro* gente, ou muitos, que assemelha-se a *poly*, etc.

É preciso realmente muita vontade de achar pa-

rentesco em toda a parte para etymologicamente ligar Perú, Pará, Paraguay, Veragua, Paria, Parina e por fim Brasil.

É possivel que assim seja; é possivel filiar o KECHUA ou outras linguas americanas a tronco sanskritico. Mas então é porque nesse caso já se póde provar *scientificamente* que houve um unico Adam e confirmar a tradicção biblica com os dados fornecidos pela sciencia. Então os dados fornecidos pela comparação das linguas terão chegado á mais alta precisão, dando a synthese da sciencia linguistica. É difinitivo que a questão ethnographica póde ser decidida pela sentença final de uma origem unica de todas as linguas, ou que pelo menos a *species homo* no que diz respeito á expressão do pensamento, tambem parece-se comsigo só.

Para se compararem as linguas é preciso primeiro que tudo que se as conheça e bem ; tão evidente é isto que basta dize-lo.

Pelo menos este modo de vêr conforma-se mais com o real e positivo do que tentativas como a do Sr. Fidel Lopes no seu livro *As raças aryannas no Perú*. Como quer se filiar esta lingua ao sanskrit se ainda nem se a conhece nem se a precisou? Como classificar uma arvore n'um dado genero quando não se examinou a flôr, não se sabe como é o fructo e mal se estuda a folhagem? Como se dizer peremptoriamente que este vegetal provem de tal região, se no mesmo lugar em que elle se apresenta como objecto de estudo não se investigou ainda se elle parece-se com outros, se ha ou não especies congeneres? vai-se buscar na Asia (está bem) e ainda em cima no tronco commum das linguas aryannas, isto é, das poderosas linguas cultas da civilisação, a filiação de uma lingua que geralmente classificam entre as de agglutinação, entre as que não

chegaram á alto gráo de desenvolvimento, e isto quando ainda nem definiram bem a lingua de que trata-se nem se estudaram as suas relações com as conterraneas. É o mesmo que querer fazer a geologia do Brasil pela geologia da Russia ou do Egypto.

Embora não se admitta em absoluto que o KECHUA ou o GUARANI sejão LINGUAS AGGLUTINATIVAS no rigor da palavra, com tudo não é possivel sem mais nem menos filial-as á familia sanskritica; com igual razão poderiam filiar-se á semitica. Entre o Sr. Fidel Lopes e von Martius está o caminho direito, que é o da observação e estudo consciencioso das linguas americanas.

Não comporta este pequeno trabalho o necessario desenvolvimento de algumas ideias em referencia ao estudo das linguas americanas; mas sem a menor duvida a primeira cousa que importa é fixar qual é a lingua de que se tracta, coordenando e systematisando a sua orthographia, afim de que se não tomem por sons da lingua, aggregados de lettras muitas vezes antipathicas á indole della, nem se supponham de idiomas diversos, vocabulos, que só differem pela forma da escripta.

Assim o primeiro dos trabalhos á fazer é reunir com fastidiosa paciencia, e com criterio tudo quanto se acha esparso nos diversos autores de diversas nacionalidades, e por conseguinte annotado com a mais variada orthographia, coordenar esses sons escriptos de tantos modos differentes, esmiuçar as phrases e assim penetrar no sentido dos primeiros radicaes. Ahi vai-se deparar até com erros de impressão, e até erros resultantes de esquecimento dos primeiros viajores que com o decurso dos annos não comprehenderam mais as notas que elles proprios escreveram. Dessa coordenação de orthographias ver-se-ha que o que se tomou

por cousas differentes não no são realmente, e que até inventaram-se nomes que nunca houve na lingua dos indios. Os poetas nos seus versos têm fallado da *inubia*, cousa que nem os guaranis das Missões, nem os tupis da costa, nem os omaguas do sertão conheceram; o nome generico da flauta em ABAÑEÊNGA era *mimby*, que escripto *mybu* e tambem *mubu* depois tornou-se *inubie*, expressão que á meu ver ajunta lettras de um modo ávesso á indole do ABAÑEÊNGA.

No mesmo caso está o celebrado *piága*, que pecca pelo mesmo motivo e que procurado nos escriptores antigos não se acha. O feiticeiro, o curandeiro, o medico, ás vezes com certas funcções sacerdotaes, pelo que consta tanto de escriptos ácerca do Paraguay como das chronicas dos brasis, era *paijé* (qui dicit finem, litteralmente). Este nome apparece escripto *paye*, *piaye* e até *piache* e de outros modos; no segundo modo de escrever *piaye*, bastou que por erro de impressão se mudasse o *y* em *g* para tornar-se *piage*, donde o *piaga*, cujos cantos tanto que fazer têm dado aos litteratos e romancistas.

Além deste apanhado de tudo quanto se tem escripto é preciso colligir com escrupulosa attenção não só os dizeres dos nossos matutos, nos quaes se conservam muitos vestigios da lingua fallada pelos primeiros incolas, mas ainda e principalmente apanhar as fallas dos indios com a maior exactidão possivel e escrevel-as de modo que possam ser reproduzidas com a maxima fidelidade. Emquanto se não adoptar uma orthographia uniforme é isto impossivel.

Mesmo depois de estar systematisada a orthographia, o apanhado das fallas dos indios não é facil e exige muito criterio d'aquelle que toma as notas. Se até entre homens não selvagens, por exemplo

entre um inglez e um portuguez que não sab
lingua um do outro, é difficilimo o colloquio de mo
que se entendam, e dão-se equivocos extravagante
não obstante o subsidio dos gestos e signaes, o que
não será entre homem civilisado e indio do matto?
O indio tem modos de vida e pensares differentes
do homem civilisado e vice-versa; á um são inteira
mente desconhecidas cousas que o outro suppõe que
todo o mundo sabe. Só dahi quantos equivocos não
resultarão?

Nem tanto será preciso. Supponha-se que queiram
apenas tratar das cousas mais geraes que necessaria
mente têm uma expressão na linguagem, por exemp
das partes do corpo humano, e que se pergunte
gestos ao indio como é que elle chama a cabeça.
poderá responder com dicção de sua lingua
cabeça ou tua cabeça ou cabeça delle conforme o o
designado, apontado pelo gesto, mas nunca c
nunca cabeça simplesmente. Nos vocabula
quente acharem-se phrases em vez de v
preciso já certo desenvolvimento e cultura
das phrases as partes que a compõem,
tando-se ao indio como é que elle diz
responderá eu mato ou ainda mais compl
mato a cobra. Com um exemplo do GLOSSARIA
tornar-se-ha sensivel o que ha de vago
posições. No DIALECTUS VULGARIS a expresã
traduzida por *acanga*, *jacanga*, *canga*; no
ai-acana, no CAYOWÁ está *siakan*, no OMAGU
apparecem *yakaih*, *yacae*. Tudo isto que
dialectos differentes se reduz á nada d
se attende á correcção orthographica e ta
fallar do indio. *Akang* signica cabeça (caput),
cabeça delle (illius caput), *xe-akang* minha cabe

caput). Ora *jacanga*, *ai-acana* (orthographia franceza de Castelnau) *yacae* e *yakaih* correspondem á *ij-akang*, e *siakan* é evidentemente *xe-akang*.

Dir-se-ha que, tem pouca importancia practica, immediata e effectiva, este estudo talvez frivolo para muita gente.

Não é assim. Á um estrangeiro, que só saiba o portuguez aprendido regularmente por livros, em todo o caso será mais facil fazer entender-se nesta lingua do que se nada soubesse della e de repente se visse na necessidade de se exprimir em portuguez. Ainda que todos os indios que restam pelo interior do Brasil não fallem dialectos do ABAÑEÊNGA, é fóra de duvida que, quem tiver conhecimento de LINGUA GERAL, terá menos difficuldade de se entender com elles, ou pelo menos com os que descendem de TUPIS OU OMAGUAS.

O que não póde e não deve continuar é este ar-
rio e anarchia de orthographias, que impossibilita
ido das linguas indigenas sem a minima vanta-
para ninguem. Só dos indios CAJUÁS dos campos
Paulo e Matto-Grosso possuo tres vocabularios,
rnecidos por dous amigos e um no tomo 19 da
do Instituto; as orthographias (todas de brasi-
) autorisariam que se os tivesse na conta de
ectos, da mesma lingua de certo, mas sempre
es.

pois, ha realmente vontade de se fazer alguma
ara civilisar os indios, uma das primeiras
ades é o conhecimento da LINGUA GERAL, e
dos seus dialectos e das outras linguas.

, porém, não se poderá fazer emquanto se não
uma orthographia uniforme, porque senão,
forem os organisadores de vocabularios, tantas
s linguas.

Se não servir a orthographia aqui proposta, rejeitem-na, mostrem que ella não serve, mas emfim proponha-se outra mais acceitavel e definitivamente fixe-se a orthographia.

No seio mesmo da sciencia vão os dislates orthographicos influir de uma maneira desastrosa. O nome *Cariama* dado ao Microdactylus de Geofroy de Saint Hilaire ou Dicolophus de Illiger, tomado da LINGUA GERAL, deveria ser Sariama, pois que o primeiro não tem explicação plausivel no ABAÑEÊNGA e o segundo é correspondente á uma cousa que distingue esta pernalta, a *crista ou topete em forma de espiga*. Embora Azara dê o nome como onomatopaico do grito da ave, na discripção que elle faz dos caracteres do passaro foi que descobri a significação do nome quasi litteral em ABAÑEÊNGA.

ERRATA

Decidido que para representar o som *sh* (inglez) ou *sch* (allemão) ficassem os caracteres *ch* por ser de todo improprio o *x* (portuguez), torna-se necessario notar que, por equivoco, escaparam alguns *x* que devem ser substituidos por *ch* nas paginas já impressas, 6, 26 e 40.

ORTHOGRAPHIA E PROSODIA

Tanto na grammatica e diccionario do ABAÑEÊNGA, como nestes opusculos, os caracteres adoptados foram os seguintes na ordem alphabetica geralmente seguida: *a, b, ch, d, e, g, h, i. j, k, m, n, ñ, o, p, r, s, t, u, y.*

Admittiram-se os indispensaveis para exprimir os sons da LINGUA GERAL e preferiram-se aquelles sobre cujo valor phonetico menos duvidas apparecem. Talvez haja no ABAÑEÊNGA sons que assim não sejam bem reproduzidos, mas esta lingua não tem monumentos escriptos, não tem litteratura e seria pretenção irrealisavel a de apresentar com extrema exactidão as menores nuanças de sons, tanto mais quanto no decurso de mais de tres seculos soffreram as vozes innumeras modificações, já pelas leis de evolução propria ás linguas, mormente das que não são fixadas litterariamente, já pela mistura de vozes de outras linguas.

É facil portanto e é natural que se ache imperfeito e deficiente este alphabeto, mas é o indispensavel e apto para a representação dos sons usuaes da lingua, que tem fornecido tantas expressões e vocabu-

los ao portuguez e espanhol fallados na vasta peninsula Sul-americana, dos quaes não pequeno numero foi transplantado para os livros de sciencia. Mais miúda descriminação de sons serviria apenas para difficultar o estudo da LINGUA GERAL sem concorrer muito para a elucidação dos radicaes.

Ha annos que tomo notas para a grammatica e diccionario do ABAÑEÊNGA e foi posteriormente que tive conhecimento das licções de linguagem do Sr. Max Müller e li outras obras. Tornava-se penoso refundir tudo e reproduzir o diccionario e a grammatica conforme o alphabeto physiologico que devêra e tende á tornar-se universal. Por outro lado porem reconheci tambem que poucos são os sons cuja representação não está de accordo com a adoptada no alphabeto physiologico, e assim mediante algumas explicações podia ser acceito tal qual, tanto mais quanto é o proprio que conviria para representar taes sons em portuguez e em espanhol. Os portuguezes e espanhóes foram os primeiros e principaes conquistadores da America do sul, as suas duas linguas irmãs são as falladas mais geralmente em quasi todo o continente austral da America e as que maior numero de vocabulos do ABAÑEÊNGA tem adoptado; portanto por este lado até é conveniente a reproducção dos sons do ABAÑEÊNGA de um modo que esteja em harmonia com a pronunciação destas duas linguas de origem latina.

Convem apenas, como já ficou dito, algumas explicações acerca dos caracteres adoptados e dos sons que elles representam.

DAS VOGAES

O ABAÑEÈNGA é rico de vogaes e relativamente pobre de consoantes.

Comparando-se as suas vogaes com as do schema do Dr. Lepsius

	a	
ė	*eu*	*ȯ*
francez	francez	italiano
ė	*ö*	*ô*
francez	allemão	AU: francez
i	*ü*	*u*
francez	allemão	OU: francez

vê-se que exceptuando as da carreira central *eu*, *ö*, *ü*, elle tem todas as outras. Mesmo na carreira central ha uma *sui generis* que até certo ponto assemelha-se á *ü* e que representa-se nestes opusculos e no diccionario por um *y*. Assim o schema das vogaes do ABAÑEÈNGA póde ser

	a	
ė	*ȯ*	
ė		*ô*
i	*y*	*u*

accentuando-se as vogaes *e*, *o*, á portugueza.

A vogal especial, representada por *y* carece de detida explicação, por ser a que apresenta maior difficuldade na pronunciação e por ser caracteristica no ABAÑEÈNGA. Tem ella alguma semelhança com o *u* francez ou *ü* allemão, mas é na realidade muitissimo distincta.

Eis o que acerca deste som vem na grammatica do Padre Anchieta:

« *i* vogal que em muitos vocabulos se pronuncia « aspero com a garganta, bem se lhe póde escrever « *g* in fine, acabando-se a dicção no mesmo *i*, porque « compondo-se com outra dicção começada com vogal « exprimitur *g* ut *ig* rio, *atã* direito, composto diz *igatã* « rio direito.

« In medio dictionis não se soffre porque quem não « sabe a lingua, pronuncia muta cum liquida, ut: « *imondopîra* dirá *i mondopígra*.

« E encontrando-se com qualquer consoante no « meio ou no fim, fará um concurso muito aspero de « consoantes ut: *tígba*, *agigb*, etc. E nem com isso o « ha-de saber pronunciar de qualquer modo que se « escreva, se não fôr ouvindo-o viva voce.

« Por isso, para conhecer ser este *i* aspero, se es- « creve com um ponto em baixo e ficará iota subscri- « pto *i* porque faz muito differente significação do *i* « leve ut: *i* (sub-ponctuado) agua com *i* aspero, *i* is, ea, id, « com *i* lene; *ayopi* (sub-ponctuado) tanger trombeta ou frauta, « *ayopi* picar uma vespa. Ou se ha-de deixar ao uso, porque « alguns muito bons linguas o não podem pronunciar: « mas ex adjunctis se entende o que quer dizer.

« *ia* com *i* aspero commummente é dissyllabo, ut: « *pia*, *abiar*. »

O Padre Figueira á respeito d'este som disse: « cos- « tumaram os antigos linguas usar do mesmo *i*, jota « com dois pontos, hum na cabeça e outro no pé, e « lhe chamavam *i* grosso, porque a pronunciação he « como entre *u* e *i*. Donde nasce que alguns o fazem « *u* e outros o fazem *i* e forma-se na garganta como « *ig*; mas porque na impressão não se pode metter « este *i* com os dois pontos, em lugar delle se poz *y*;

« o qual todas as vezes que se achar no meio ou no
« fim de alguma dicção, se pronunciará como grosso
« no modo sobredito. »

A *advertencia* do CATECHISMO DO PADRE ARAUJO transcripta no diccionario PORTUGUEZ E BRASILIANO diz: « *y*
« é nota de voz guttural, que se forma na garganta,
« dobrada a lingua com a ponta inclinada abaixo, e
« lançando o halito opprimido na garganta, com um
« som mixto e confuso entre *i* e mais *u* e que não é
« *i* nem *u*, envolve ambos como se vê neste nome *y*
« agua. Os antigos para exprimirem este som, usaram
« de jota com um ponto em cima e outro em baixo.
« Outros escreveram *iy*. Porém, insufficientemente uns
« e outros, porque o jota tem diversa vocalidade que
« nunca chega á proferir este som guttural. Mais pro-
« porcionado é *y* que soando em sua origem aos gre-
« gos como *ug* e pronunciando-o como *u* os antigos
« latinos, os modernos em muitos vocabulos o expri-
« mem como *i*. O Catechismo antigo usava de ambas
« as lettras *i*, *y*, promiscuamente por jota. Aqui por
« não se multiplicarem sem necessidade as lettras e
« pôr as que são necessarias se põe *i* com o seu or-
« dinario som e se reserva *y* para a vogal guttural. »

No TESORO DE LA LENGUA GUARANI o padre Antonio Ruiz declarou que :

« Toda pronunciacion guttural, que se nota com
« esta señal házia arriba (signal latino de breve) es
« larga siempre, ut: *iti* basura; y assi se ha de pronun-
« ciar siempre con assento largo. Lo mismo es la pro-
« nunciacion guttural y narigal simul, cuja nota es
« esta (~) que se pone sobre la *y*, en que siempre con-
« curren estas pronunciaciones. »

Assim vê-se que o Padre Anchieta para exprimir esta vogal especial do ABAÑEÊNGA serviu-se de um *i*

com um ponto sotoposto, o Padre Ruiz de Montoya de um semicirculo com o curvo para cima sobre o *i* (signal de breve latino), e o Padre Figueira, Araujo e outros empregaram o *y*. Uma auctoridade competente aconselhou-me que empregasse o *v* grego, tanto mais quanto o *y* nos ensaios de alphabeto universal é usado para representar a semi-consoante sanskritica correspondente. Já ficou dito por que ficou conservado o *y*.

Com esta vogal *sui generis* não ha, parece-me, nenhuma parecida nas linguas europeas. Chamam-na vogal guttural, mas attentando bem na maneira pela qual ella é formada, dever-se-hia antes chama-la faucal. O melhor modo de percebe-la e forma-la é cantar as vogaes ; vê-se então que ella é feita por uma emissão rapida de som da garganta directamente para o exterior, como que evitando discorrer pelo tubo buccal; por isso póde ella ser considerada como a mais breve e a mais aguda das vogaes, e tanto que, demorando-se um pouco sobre ella, já parece que se forma em seguida uma consoante guttural *g* ou talvez o *ch* allemão. Isto explica em parte o uso que fizeram alguns de *ig* para representa-la.

Para confirmar este modo de considerar a vogal especial *y* do ABAÑEÊNGA, póde-se notar o que acontece nos vocabulos compostos. Ha um termo radical na lingua expresso por essa vogal mera e simples; é *y* agua; compondo-se esse termo com o verbo *ar* capere, sumere, accipere, formou-se *ygár*=*ygá* madidus, madefactus, quod aquam accepit; composto com *ára* (contrácto de *áramo*) formou-se *ygára* super aquam, linter «canôa». Nestes exemplos vê-se que, apenas dá-se a minima demora na pronunciação do *y* immediatamente quer apresentar-se um som consoante guttural, o qual topando uma vogal na expressão que se vai enunciar em seguida, cahe sobre

ella e com ella forma syllaba. O que disse Anchieta e o exemplo por elle apresentado *ygatã* confirmam o exposto.

Não havendo no geral das typographias caractere, gregos aconselharam-me que para representar a vogal especial empregasse o *v* que se parece com o *v* gregos ou então empregasse o *ü* allemão. Nem um nem outro parecem convenientes, o primeiro porque toma-se sempre como consoante, e por isso é mais improprio que o *y* adoptado, e o segundo porque o emprego do trema é necessario para outro fim como se verá.

Além disto, sendo estes opusculos, e tambem o diccionario e a grammatica, especialmente destinados ao Brasil, não convinha alterar em grande a escripta de muitos vocabulos hoje admittidos no portuguez fallado pelos habitantes do imperio. São numerosos os nomes de plantas, de animaes, de lugares e outros do ABAÑEÊNGA hoje correntes em todo o Brasil. E se bem que o *y* do ABAÑEÊNGA na sua passagem para o uso brasileiro algumas vezes tenha tomado o som de *u* como em *Ubatuba*, *Guaratuba*, *ubatã*, *usá*, mais frequentemente com tudo tomou o som de *i* e continúa á figurar na escripta como *y* tal qual se vê em *Sapetyba*, *Parayba*, *Guaratyba*, *Pindayba*, etc. O *v* grego finalmente é tambem representado em portuguez e outras linguas romanicas pelo *y* nos vocabulos oriundos do grego, como se vê em grande numero de termos, mormente scientificos, compostos com *hydro*, *poly*, *lympha*, *syno*, etc.

No GUARANI fallado pelos paraguayos actualmente conserva-se o *i gruesso* de Montoya, mas quando esse *i gruesso* tem o som nazal elles empregam um *y* italico como vi em alguns numeros do periodico *Lambaré*. Além de outros inconvenientes o *i gruesso* não existe no geral das typographias.

Assim as vogaes adoptadas ficam sendo *a, é, ê, i, ó, ô, u, y,* ás quaes cumpriria juntar mais um caracter para representar a vogal neutra (*Urvocal* ou vogal primitiva — MAX MULLER 3.ª licção da I.ª serie), a qual é essencial no ABAÑEÊNGA. Mas como esta vogal passa facilmente á todas as outras, no caso geral e quando fôr indispensavel será representada por um *a* sem accento, e em outros casos pela vogal surda que occorrer mais naturalmente. Com effeito sendo quasi todos, e podia dizer, todos os radicaes desta lingua monossyllabicos, na construcção das phrases frequentemente tornar-se-hão dissyllabos, juntando-se-lhe um *a* complementar, que não é outro senão a vogal neutra. Assim temos: *ab* capillus, *tub* pater, *ar* dies, mundus, *hub* quærere, *jur* venire, *tab* pagus, *og* domus, *jub* flavus, e que se tornam *ába, túba, ára, húba, júra, tába, oga, júba.*

Quanto á accentuação o simples facto de escrever em portuguez e para uso do Brasil determinou o emprego do accento agudo para as vogaes accentuadas. O accento grave seria tambem necessario sobre o *è* e *ò* para differençal-os das mesmas lettras quando representam sons abertos. Por exemplo *té* erratus, diversus, insolens que se pronuncia como o *ä* allemão ou *ai* francez e *tétê* corpus que se pronuncia justamente como o participio passado francez été. Mas para não multiplicar os signaes empregar-se-ha em vez do grave o circumflexo, que já é necessario empregar em outros casos como se verá. O circumflexo demais disso tambem é usado em portuguez para exprimir o som fechado como servem de exemplo os verbos lê, crê, vê o nome avô e outros. Á moda portugueza serão chamados *é, ó* vogaes abertas, *ê, ô,* fechadas. O *ô* fechado não é frequente e nem haveria inconveniente em confundil-o com o aberto. O *ê* fechado, porém, convinha

ser discriminado, porque por exemplo em *abaeté e abaêtê* a differença dos sons corresponde á grande differença de significação: o primeiro quer dizer horridus fœdus, deformis, e o segundo verus, honorabilis, gravis.

Abundam os sons nazaes no ABAÑEÊNGA e por isso serão empregados os caracteres *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ, y* já admittidos nos ensaios de alphabeto universal. Talvez pudesse o til ser dispensado, considerando-se que no diccionario tem de ser escriptos os radicaes com todas as lettras que o caracterisam, como *ang* umbra, anima, *amb=am* stare, sistere immotus, erigi, *ram* quod simulat, imitat, similis. Mas como os GUARANIS e ainda hoje os paraguayos no corpo das phrases enunciam os sons perfeitamente nazaes sem fazerem ouvir as consoantes proprias do radical, torna-se indispensavel o emprego do til para designar o som nazal da vogal. Assim elles dizem *moñã* facere, efficere, fabricare e não fazem sentir o *ng* que termina esta dicção; torna-se isto mais sensivel no derivado *moñãháb* factio, fabrica, em vez de *moñangab*. No mesmo caso estão *porã* pulcher, *ñeë* loqui, *ãtã* durus, rigidus, acer, *ĩ* cubare, *ã* erigi, *kã* mammæ, ubera, *rã* similis em vez de *porang, ñeeng, antan, in, am, kam, ran.*

Á respeito da quantidade não é possivel estabelecer discriminações bem fixas e pareceu preferivel não adoptar-se designação especial. Apenas, pois, póde-se estatuir que as syllabas escriptas com vogaes accentuadas serão consideradas longas e as não accentuadas breves; por exemplo *abá* homo, gens tem a ultima longa, e pelo contrario *ába* equivalente á *áb* capillus, capilli, crines, tem a primeira longa e a segunda breve e até nulla; *árame* ou *áramo* quum vel ut nascatur, tem a primeira longa e as duas ultimas breves. No mesmo caso estão os subjunctivos *táramo* ut legat, *káramo* ut frangat, ut secet, *éramo* ut

dicat, *pínamo* ut carpat, ut runcat, *sókamo* ut punctim feriat, contundat. Diversas pospositivas como *pe*, *bo*, *i*, *ne*, em geral accentuadas ou pronunciadas com a vogal bem aberta, são com tudo sempre breves e de mais á mais encliticas, mas basta a observação e escusa annota-lo na escripta, salvo separando-as da palavra que regem, por exemplo *kópe* ou *kó-pe* in arvo, *ópe* ou *ó-pe* contracto de *óg-pe* in domu; *tábo* ou *tá-bo* legendum, lectu, *húbo* ou *hú-bo* quærendum, quæstu, etc., em que as syllabas finaes são sempre abertas, mas breves. Com tudo para evitar duvidas ainda será necessario em certos casos empregar o signal circumflexo para designar as longas e onde fôr esse signal empregado as syllabas que se seguirem serão sempre breves, por exemplo *karamênguã* arca, capsa, que tem o *ê* longo ainda que a ultima seja accentuada com o til; dá-se aqui uma pronunciação semelhante á das palavras portuguezas sótão, sarámpão, benção e outras.

Além destes signaes torna-se necessario o emprego dos pontos diacriticos para indicar a pronunciação de vogaes concomitantes que formam syllabas separadas. Esta concomitancia de vogaes é frequentissima e até dá-se muito a repetição da mesma vogal como se vê em *kaä* frutetum, sylva et herba, *hoö* corporeus, torosus, *soö* animal, *ñeëng* loqui, *heë* pellere, *huü* mollis, *piï* tenuis, minutus, e tambem *ñeä* cor et medulla, *pyä* stomachus et cor, *hüã* caulis, thallus medullosus, spina dorsi, que se pronunciam separadamente de modo que todas estas dicções são dissyllabas.

Fazendo-se algum reparo no modo de fallar, nota-se que os paraguayos frequentemente pronunciam, quando dá-se esta concomitancia de vogaes, a segunda com alguma aspiração. Como se verá adiante existe na lingua a aspirada *h* que corresponde ao SPIRITUS ASPER dos grammaticos, e na concomitancia de vogaes,

de que aqui se tracta, parece que na segunda vogal sente-se o SPIRITUS LENIS. Na dicção *hüü* a primeira syllaba é pronunciada com a aspiração forte do *h*, e na pronuncia do segundo *u* dá-se uma como diérese na qual é sensivel o SPIRITUS LENIS differente do SPIRITUS ASPER da primeira. Com o trema (¨), collocado sobre uma das vogaes entre as quaes apparece uma como diérese, se indicará onde deve haver SPIRITUS LENIS; devia este signal ficar sobre a vogal que tem o SPIRITUS LENIS, mas nem sempre é isso possivel, como por exemplo em *ñëẽ* = *ñëeng* loqui, *ñëẽ*=*ñeëm* effundi, *hëẽ* sapidus, onde as syllabas que tem SPIRITUS LENIS já são marcadas com outro signal.

Os pontos diacriticos são indispensaveis tanto mais quanto na lingua ha tambem abundancia de diphtongos e cumpria distingui-los. Em *pyä* stomachus, *byä* commodo esse (propriamente être à son aise) ha duas syllabas e na segunda o SPIRITUS LENIS ; e pelo contrario em *piâr* se tueri, *pyû* tener, lenis, *hêi* lavare, *hyî* cupere as vogaes formam diphtongo e ha uma só syllaba. Como nas typographias não ha *y* com accento nenhum, fica ainda um profundo defeito na accentuação de dicções como *pyû*, *hyî* e outros que deveram ter o accento sobre o *y* por ser o seu som predominante no diphtongo.

Para se tornar bem sensivel a differença entre o SPIRITUS LENIS e o SPIRIUTS ASPER vejam se por exemplo: *poö* manus ampla, sc. munificus, beneficus, em que ha SPIRITUS LENIS na segunda ; *pohó* e manu ire, effugere, em que a segunda syllaba tem *h* ou SPIRITUS ASPER; finalmente *poóg* manu legere, colligere em que as vogaes *oó* succedem-se simplesmente ambas accentuadas. *Oö* crassus tem SPIRITUS LENIS na segunda, *ohó* it, vadit tem SPIRITUS ASPER; assim a mesma cousa com *ñëë* loqui, *ñëë*-effundi, e *ñehẽ* evacuari, com *pyä* stomachus e *pyhar* tenebræ.

Por aqui se vê quanto devia ser musical esta lingua, e quanta difficuldade ha hoje para se fazer ideia e differençar suas variadas modulações, que necessariamente estão implicadas em grande numero de vocabulos compostos os quaes por isso até parecem contradizer-se.

Os diphtongos mais usuaes da lingua são formados por *i* e *u* quer antepostos, quer pospostos ás outras vogaes, e existem diphtongos nazaes como em *tãiũ* deus, *hãyĩñ* semen, granum, *ũi* urere, *karãi* scabere, scalpere. Estes diphtongos *ãi*, *ẽi*, *ũi*, etc., pronunciam-se proximamente como em portuguez mãi, bem, muito, etc., á que até certo ponto correspondem em francez os sons nazaes que ha em montaigne, poing, regne, etc.

Para se conhecer quando ha diphtongo, empregar-se-ha o accento circumflexo sobre a vogal principal ou dominante, ficando a outra sem accentuação alguma. Quando a vogal principal do dithtongo fôr nazal o mesmo til sobre ella supprirá o circumflexo. Quando emfim o mesmo diphtongo fôr breve, a vogal accentuada que o precede receberá o accento. Exemplo: *pâi* omentum, *hêi* lavare, *pêu* pus, sanies, *häyĩ* semen, *ákuâ* cuspis, mucro, *kuâb* transgredi, transire, *guêr* vetus, preteritus, *guêb* deletus, obliteratus, *uyb* sagitta, *kuî* farina, pulvis, *kùi* vas, cyathus, crater, *ũi* urere, *uî* pulvis, *mênguã* offensa, damnum.

DAS CONSOANTES

As consoantes ordenadas segundo o modo de formação resumem-se nas explosivas ou dividuas:

Gutturaes	*k*	*g*	*ñ*
Dentaes	*t*	*d*	*n*
Labiaes	*p*	*b*	*m*

As quaes tem-se de juntar ainda algumas fricativas ou continuas e uma ancipite ou trinada.

A guttural continua forte foi designada pelos espanhoes pelo *h* e pelos portuguezes muito impropriamente por *ç*. É evidente que devia ser preferido o *h*. Esta guttural passa, não raras vezes, á sibilante dental *s*, que tambem por vezes muda para *sh* (inglez), *sch* (allemão) e que aqui vai figurada *ch*. Este *ch* em alguns lugares do interior e em S. Paulo, se faz ouvir tambem com *tsh*. Assim nos participios em *háb* ou *hár* o *h* passou frequentemente á *s* e depois á *sh* (*ch*). Na saudação paraguaya *maechápa re in*, ut vales? *echápa* vem de *esába* que antes fôra *eháb* substantivo participio do verbo *é* dicere.

Adoptado o *y* para representar a vogal especial do ABAÑEÊNGA não houve remedio senão admittir o *j*, ainda que não muito proprio, para representar a semi-consoante que se ouve em *jakaré*, *jagua*, *jar*, *je*, *jo*. A pronunciação deste *j* varia em extremo conforme as localidades, ora não se differençando da vogal *i*, ora soando como *dj*, ora passando á *ñ* e até á *ch*. O som que mais propriamente se lhe pode attribuir o do *Ja* sim em allemão ou então o do *ayez* tende vós em francez. De passagem do *j* para *ch* tem-se exemplo em *cha-ha* em vez de *ja-há* eamus e em outros imperativos de verbos.

Só falta agora considerar a trinada *r* que suppuz á principio corresponder á semi-vogal sanskritica, e que pessoa habilitada me fez vêr que não passava de uma semi-consoante branda. O som deste *r* é o que se ouve nas palavras portuguezas e espanholas caro, sonoro, ara, ira, no francez cher, colère, sirop, heros, no allemão hier, er, etc. De ser branda a pronunciação deste *r* ainda mesmo no começo das dicções provem o erro de terem escripto, quer em espanhol quer em portu-

guez, *erê* em vez de *rê* para exprimir a prepositiva verbal da segunda pessoa do singular.

Ainda é preciso uma observação á respeito das consoantes dividuas *g, d, b,* das quaes só a primeira é a que se apresenta começando dicções sem pronunciação nazal. As outras duas *d* e *b* em geral no começo das dicções sôam sempre como *nd, mb.* Por isso talvez osse melhor representar as dividuas do ABAÑEÊNGA pela serie

k	*g*	*ng*	*ñ*
t	*d*	*nd*	*n*
p	*b*	*mb*	*m*

Com effeito nas dicções *mbae* res, *mbói* anguis, coluber, *mbir* pellis, cutis, *mby* pes, pedes, *nde* tu, tibi, te, *ndu* sonare, strepitare, etc., o *b* parece precedido de *m* e *d* de *n.* Como que se sente aqui tambem o SPIRITUS LENIS que notamos acima na concomitancia de vogaes, e que parece haver no *re* prepositiva pronominal da segunda pessoa dos verbos.

Cabe aqui consignar uma nota. Embora seja arriscada a asserção, indico-a para que outros que tenham mais facilidade de tracto, quer com os nossos indios, quer com os paraguayos, a verifiquem. Este SPIRITUS LENIS que existe na pronunciação de *mbäe, mbói, nde,* etc., parece-me ser uma cousa inteiramente especial ao ABAÑEÊNGA e á outras linguas americanas. Com alguma attenção de facto nota-se um halito inspirado e não expirado, que precede á explosão da consoante *b* ou *d.* Analoga inspiração póde se reconhecer nas consoantes duplas do KECHUA como *ccapa* letus, *ttanta* panis, que Tschudi escreveu com *k* e *t* especiaes. Esta inspiração é mais difficil de se reconhecer na pronunciação do *re* prepositiva pronominal, mas é evidente na

concomitancia de vogaes, de que tractou-se acima, e tambem na pronunciação do *y*, a vogal especial. Houve dantes com effeito essa *inspiração* de sons? Parece que sim. Esforçando-me por vezes com os paraguayos para pronunciar o *y* e as vogaes duplas de *soö*, *ñeë*, *suü*, etc. reparei que alguns (e estes visivelmente GUARANIS puros) não enunciavam, antes propriamente *engoliam* o *y* e as vogaes reduplicadas. Conversando depois com outro paraguayo que tinha tal ou qual instrucção, e que forneceu-me escriptos em ABAÑEÈNGA, elle disse-me que assim só fallavam *kaäygua* indios do matto, caboclos puros.

Donde conclui que este modo de pronunciar, proprio dos indios primitivamente, foi perdendo-se com o contacto com os europeus que não têm sons dessa natureza. Viajantes observadores que têm percorrido os nossos sertões confirmam que é frequente ouvirem-se dos indios estes sons engolidos e á final na roça, entre os caipiras e *matutos*, é conhecida a interjeição *ehá* e outros cacoethes em que se ouve essa inspiração de som.

Assim parece que não só a vogal especial *y* e a duplicada das dicções que a tem, como ainda as nazaes iniciaes de dicções que começam por *mb*, *nd*, e talvez *r*, tinham essa inspiração devendo notar-se que com *y*, *mb*, *nd*, a inspiração precede, e nas dicções de vogal dobrada a inspiração segue a enunciação da syllaba immediata.

Na ARTE DE LA LENGUA GENERAL DEL REYNO DE CHILE o padre Andres Febres dá ideia de um *ù* especial da lingua ARAUCANA, brevissimo á tal ponto que, mediante certas considerações, é por vezes supprimido na escripta, *nemùl*, *mamùll*, *pelùm* que tambem se escreviam *neml*, *mamll*, *pelm*. Este *ù* especial lembra muito o *y* do ABAÑEÈNGA, não obstante ser facil não

achar anologia entre um e outro porque esse *ù* apresenta-se á formar syllabas em concomitancia com sons inteiramente estranhos ao ABAÑEÊNGA que por exemplo não tem o *l*.

O desapparecimento deste *ù* deixa vêr concomitancia de consoantes, como por exemplo, em *neml*, o que tem o seu analogo nas consoantes duplas do KECHUA *ppacha*, *ccara*, etc., e, como já foi apontado, faz lembrar os *mb*, *nd* do ABAÑEÊNGA. Quando menos, estas analogias desafiam o estudo destas linguas e provocam a sua comparação.

Uma observação que interessa, é sobre a ausencia de certas consoantes no ABAÑEÊNGA. O *f* e o *v* talvez podessem considerar-se impossiveis para aquellas tribus TUPIS ou GUARANIS que tinham o costume de furar o labio para nelle metter o batoque. Em geral vê-se que este uso devia influir muito na pronunciação das labiaes, e dahi tambem é possivel que provenha a raridade de vocabulos que tenham *b* por inicial; quasi sempre neste caso as iniciaes são *mb*. Que influencia podia exercer isto sobre a inspiração que precede as consoantes *b* e *p* é o que será difficil decidir.

Compendiando o exposto sobre as consoantes e comparando os signaes adoptados com os que têm sido usados na escripta portugueza e espanhola, eis as poucas differenças:

Eliminou-se o *ç* dos portuguezes e ficou o *h* dos espanhóes, mais proprio para exprimir a aspiração.

Foram substituidos o *c* (antes de *a*, *o*, *u*) e o *q* por *k*, universalmente usado e proprio para exprimir a instantanea guttural forte. Salvam-se assim as ambiguidades da escripta com *c* e *q* como dão-se em *quér* por *kér* dormire, *cuer* por *kuér* vetus, *cyr* ou *quyr* por *kyr* tener,

viridis, *páceme* ou *páqueme* ou *pácamo* por *pákamo* cum expergiscatur, (*paceme* escreveu Anchieta).

Preferio-se o *ñ* espanhol ao *nh* portuguez correspondente á *gn* francez. O *ñ* é sem duvida preferivel não só porque é usado geralmente, como porque representa-se o som por um só caracter, evitando ambiguidades. Escripto este som *nh* á portugueza dar-se-hia confusão entre *anhó* (*ang-hó*) animæ ire, suspirus e *añó* solus, unicus. Se fosse adoptada a franceza *gn* poderia ainda apparecer alguma confusão com os sons representadas por *g* e por *n*.

Por motivos identicos preferio-se o *s* em vez de *ç* e de *c* (antes de *e*, *i*) para a sibillante.

O emprego do *ç* á portugueza trouxe o inconveniente de confundir-se o *s* com o *h*. Este *h* representa por si um elemento grammatical; nomes e verbos começados por *t* representam certo estado absoluto; logo que se subordinam á nomes e pronomes mudam o *t* em *r*, e quando o pronome é de 3.ª pessôa o *r* torna-se *h*, e este muda para *gu* quando é reciproco. Por exemplo: *tub* pater, *che-rub* meus pater, *nde-rub* tuus pater, *karäi-rub* christiani pater, *hub* ejus pater, *guûb* suus pater. Já não acontece assim com o *s* que não varia e que até parece exigir, quando está no começo dos vocabulos, uma syllaba addicional preposta. Por exemplo *sá* oculi que faz na forma absoluta *tesá* oculi e depois conforme a regra das mudanças do *t*, *che-resá*, *nde-resá*, *hesá*, *guesá* mei oculi, tui oculi, ejus oculi, sui oculi; *Tupã-resá* Dei oculi. Aqui vê-se que o *s* do radical ficou invariavel.

Para a semi-consoante quasi chiante adoptou-se *j*, convindo não confundi-la com *i* que tambem por si representa um pronome de 3.ª pessoa e com certa classe de nomes e verbos corresponde ao *h* já mencionado. Só na grammatica póde ser elucidado o que diz res-

peito á esta particula demonstrativa, mas nos seguintes exemplos se verá a necessidade da distincção entre *i* e *j*: *ai-ar*=*aiár* eum colligo, *a-jar*=*ajar* adhereo, *ai-u*=*aiú* eum edo, *a-ju*=*ajur* venio, *á-jú*=*ajúb* requietus sum.

Afinal empregou-se *ch* para o chiante *sh* (inglez) = *sch* (allemão)=*ch* (francez). Talvez conviesse empregar *x* por ser um só caracter com o qual se evitaria o duplo emprego do *h*, e porque é o som que lhe dão os portuguezes em muitas dicções como xadrez, rixa, lixa, praxe, etc. Mas é tão differente o som attribuido á *x* no geral dos alphabetos que apezar de empregar dois caracteres (*ch*) para um som, com tudo foi preferivel. Por fim este som chiante do ABAÑEÊNGA que corresponde a *sh* inglez ou *sch* allemão, n'alguns lugares sôa quasi *tsh* ou ao menos como *ch* de *church* igreja, e assim em todo o caso é preferivel o *ch*.

METAPLASMOS

Para ultimar as observações acerca dos sons e das lettras que os representam resta tratar dos metaplasmos usados, muitas vezes por mera euphonia. Vê-se que fallando da troca de letras umas pelas outras tracta-se da mudança dos respectivos sons e não da troca por mera alteração de orthographia.

O *y* especial do ABAÑEÊNGA é de todos o que tem soffrido maior mudança, o que é natural, visto ser o som mais difficil e portanto mais alteravel. No Pará e em geral no norte, segundo se vê do vocabulario do Padre Seixas e de Gonçalves Dias, e como é confirmado por viajores observadores, o *y* degenerou em *i* e em *u*. O verbo *tyba* jacere dizem *teua*, em vez

de jasy luna dizem *jasé* e a negativa *eyma* tornou-se *êma*.

A mudança de *y* para *u* vê-se em *apymõ* mergere que tornou-se *apumũ*, em *memby* tibia, fistula, tuba que passou á *membu*, em *hayhúb* amare hoje *sausúb*, em *mytuü* quiescere agora *mutuü*. A mudança do *y* para *i* tambem se deu no norte, mas foi quasi geral nos vocabulos introduzidos no portuguez, como já se apontou em *sapetyba*, *pindayba* e outros embora escriptos com *y*.

Afinal, nos vocabularios de Gonçalves Dias e do Padre Seixas apparece o *y* representado por uma simples apostrophe como em *p'a* por *pyä* stomachus.

As vogaes *o e* degeneraram em *u*, exemplo: *potiá* pectus *putiá*, *porang* pulcher *purang;* o pronome *jo* tornou-se *ju*, *jetyk* tubera passou a *jutika*.

De *o* mudado em *a* ja ha exemplo no mesmo TESORO onde vem *marangatu* por *morangatu* pulcher, bonus id est virtute preditus, *maranduba* por *moranduba* novitates sc. eorum quæ sunt auditio.

O *e* tambem por vezes muda-se em *i* e vice-versa, veja-se *tekó* esse que faz *a-ikó*, *re-ikó*, *o-ikó* em vez de *a-ekó*, *re-ekó*, *o-ekó*, e *ten* cubare que faz *a-in*, *re-in* *o-in* em vez de *a-en*, *re-en*, *o-en*.

As duas vogaes *a i* são as que menos mudaram. O *a*, porém, quando representa a vogal neutra por vezes é apresentada como outra qualquer. e em composição desapparece quasi sempre, como em *ybatan* arbor rigida, lignum solidum de *yba* ou *yb* e *antan* e em *ramo* desinencia do subjunctivo que já desde Figueira apparece *reme*.

Nas nazaes apresenta-se grande tendencia de esquecerem-se as lettras complementares do radical, principalmente no Paraguay. O adjectivo *antan* durus, rigidus é escripto e pronunciado *ãtã* e na primeira

syllaba o som nazal é apenas sensivel de modo que já se podia escrever *atã*. No mesmo caso estão *porã* quasi *porá* em vez de *porang* pulcher e outros.

O som nazal de *y* é duvidoso que o houvesse em muitos casos, e parece antes ter sido alteração da labial *b* para *m* como se vê em *yb* arbor, mudado para *ym* em *ymbira* arboris pellis, arboris cutis.

Em *ẽ*, *ĩ*, *õ*, ha muitos exemplos de ter tambem desapparecido o som nazal, como mostra *manõ* deesse que em muitos lugares se diz *manô*.

As consoantes, como acontece em toda parte, trocam-se umas pelas outras da mesma classe, ou formadas no mesmo lugar dos orgãos vocaes, isto é, as labiaes entre si, o mesmo com as dentaes, etc.

As gutturaes alternam-se frequentemente, e vê-se *gantim* por *kantim* ossis acumen, *garaib* por *karaib* sanctus, etc. No supino dos verbos acabados em *g* sempre ha mudança de *g* em *k* como em *og* supprimere, *óka; pog* rumpere, *póka*. Alem disso o *g* tem desapparecido em muitas dicções, e não só o *g* mas o *u* que costuma acompanhal-o e com elle se liquida. Assim *guasú* grandis tem ficado *uasú* e *asú* (e até *usú*); *jaguá* felis, *jauá; guatá* ambulare, *uatá* e *atá; guapy* sedere, *uapy* e *apy*.

Comparando-se o que disse Figueira, o Diccionario brasiliano e outros com o que vem no Tesoro achase *o*, *u* em vez de *gu* em: *oapy* por *guapy* sedere, *oasem* por *guasem* clamare, *oára*, *oama*, *oaba*, por *guara*, *guama* *guaba* (desinencias participiaes). Em *karamemoã* por *karamenguã* dá-se troca de *ngu* por *mo*.

Um dos metaplasmos mais usados dá-se no abrandamento de *k* em *ng* quando formam-se compostos, por exemplo: *kér* somno se dare, conferre se dormitum, *mongér* aliquem somno dare, conferre dormitum; *karu* se alere, *mangaru* alere.

A aspirada *h* em composição é inteiramente subordinada aos sons que a precedem e com elles muda como se vê nos participios em *háb e hár*. A desinencia geral é por exemplo como no verbo *mboé* docere, que faz *mboeháb* quod docetur, doctrina e tambem schola, *mboehar* qui docet, magister. Mas conforme as terminações da radical do verbo o *h* soffre mudanças como se vê em *ñã* ou *ñan* currere, que não faz *nãhár* nem *nãháb*, mas sim *ñandab* cursus, *ñandár* qui currit, assim em *moñang* facere, *moñangáb* quod fit, *monhangár* factor, *mondog* discerpere, *mondokáb* quod discerpitur, *mondokára* qui discerpit, *moam* tollere, *moambáb* quod tollitur, *moambár* qui tollit. Nestes exemplos vê-se o *h* amalgamado com a vogal nazal precedente mudar-se em *nd*, *ng*, *k*, *m*.

As dentaes *d*, *nd*, *n* rendem-se umas ás outras e apparecem tambem em lugar da dental forte *t*, mas esta nunca em lugar de qualquer das outras. O pronome singular da segunda pessoa apresenta-se sob as formas *de*, *nde*, *ne*, mas nunca *te* que tem significação diversa. Elle apresenta-se tambem sob a forma *re*, que é a prepositiva verbal da segunda pessoa do singular, e esta ligação entre a trinada *r* e a dental *n* explica o porque nos participios terminados em *ar*, ou *ára*, este *r* frequentemente figura como *n* como se vê em: *yguána*, *maranguiguána*, *sokána*, *apohána*, *jukahána*, *ñandána*, *ñangána* em vez de *yguara* aquaticus *marangiguara* rixosus, turbulentus, *sokára* qui contundit, *apohára* qui facit, *jukahára* qui occidit, *ñandára* qui currit, *ñangara* qui corbe colligit. O *n* por *r* apparece ainda em *nã* = *rã* similis, *noin*=*roin* locare, etc., e o inverso em *rẽ*=*nẽ* oleri.

Só na grammatica póde ser desenvolvida a regra dos radicaes demonstrativos, que pronominalmente se substituem uns aos outros na ordem *t*, *h*, *gu*, *r* e de que já se vio exemplo.

No mais quanto ás dentaes observa-se que no TESORO não vem um só vocabulo começado por *d* e vem muitos começados por *nd*. Entretanto francezes, portuguezes e outros escreveram esses vocabulos com *d*, e ás vezes com *n* ao passo que os paraguayos ainda hoje só usam do *nd*. O pronome pessoal por exemplo da segunda pessoa singular no TESORO é sempre *nde*, outros, porém, escreviam *ne* ou *de*, mas nunca *te* que tem significação diversa. Pelo contrario ha exemplos de mudança de *t* em *nd*, como se vê no verbo *mondyî* terrere, composto da prepositiva activa *mo* e do verbo neutro *tyî* tremere.

O que dá-se com as dentaes, tambem acontece com as labiaes *p*, *b*, *mb*, *m* que alternam-se obdecendo á certas leis de harmonia e regras grammaticaes. Se o radical tem *p* ou *b* pelo facto de se compôr com dicção de som nazal mudam-se essas lèttras em *mb* e *m*. *Ro* é a pospositiva dos supinos gerundios e ella se muda em *ma* e *mo* por exemplo em : *ã* erigi *ãma* e não *ãbo*, *nupã* contundere, pulsare, *nupãmo* e não *nupãbo*, *manõ* deesse, *manõmo* e não *manõbo*. Nos supinos gerundios de mais o *b* está sujeito á mudanças analogas ás que vimos para *h*. *Pyrã* calcare faz *pyrũmo*, *pyrũnga*, *ty* humare, serere, *tymo* ou *tymba*, *mondóg* discerpere faz *mondóka* e não *mondóbo* que corresponde ao verbo *mondó* jubere.

O relativo *bäe* que como pospositiva dos verbos fórma o participio presente *o-mondóbäe* qui jubet, *o-häyhúbäe* amans, este relativo, dizemos, quando isolado é *mbäe*, como em: *mbäe-pe-ê-ré* quid dicis?

O verbo *por* esse e habere composto com outras dicções por vezes muda-se em *bór*. O adverbio *bé* mais, tambem posposto á dicções nazaes muda-se em *me* e o mesmo acontece com a posposição *pe*.

No começo das dicções é rarissimo apparecer *b* simplesmente ; de ordinario vem *mb* e este como já disse alterna-se com *p*. Assim diz-se *po=mbo* manus, *pir=mbir* pellis, *py=mby* pes, *pya=mbya* viscera, *pokáb=mbokab* tormentum, *pug=mbug* erumpi, *peu=mbeu* pus.

Além destas mudanças dos sons pelos seus correspondentes da mesma ordem (isto é, gutturaes, dentaes, ou nazaes entre si) ainda ha outras que parecem, porém, não são mais anómalas. Uma dellas e das mais frequentes e a do *b* em *u* e *o*. No verbo *tyb* o *b* degenerou em *o;* com effeito a terceira pessoa negativa do singular do presente indicativo é *ndi-tyb* que passou á *nitío* como se vê no diccionario brasiliano e dahi ainda á *intio* como está no vocabulario do Padre Seixas.

A pospositiva verbal *haba*, com que formam-se substantivos participios, no norte descambou para *áua*, e ainda mesmo se só havia terminação *ba* esta mudou-se em *ua* exemplo: *Peba* planus tornou-se *peua ; tupába* lectus, cubile, *tupáua ; ygahába* vas aquarium *ygasáua*. E tambem no meio das dicções como em *abati* milium que ficou *auati*. Em portuguez, sabe-se, trocam muito o *b* por *v* e vice-versa, mas o ABAÑEÊNGA não tendo *v* faz a troca do *b* por *u*.

Nem somente se cifra nesta mudança a alteração que soffre o *b;* elle tem sido completamente elidido e junto com elle a vogal da syllaba. *Tubichába* princeps, pelos indios do Pará é pronunciado *tucháua, morubichába* ficou *muruicháua*, etc. No fallar dos paraguayos tambem ha exemplo do desapparecimento do *b* por exemplo no verbo *kuâáb* scire, noscere quando se diz *ndaí kuâái*, em vez de *ndái kuâábi* ignoro, ignosco.

De outros metaplasmos e das figuras de grammatica não é opportuno aqui tractar mais desenvolvidamente; cabe em outro logar quando se analysar a

estructura da phrase e proceder-se ao estudo dos radicaes. É na grammatica que podem ser estudadas certas mudanças de sons subordinados á leis algo uniformes; o ABAÑEÊNGA como todas as outras linguas tem o seu modo de variar as vozes conforme a contingencia dos sons, que se compõem.

Exemplos de metathese, verbi gratia, tem-se em *baí* por *aíb* arduus, malus, como agora usam os paraguayos; de apherese em *sá* por *tesá* oculi; de apocope em quasi todos os vocabulos na bocca das gentes do Paraguay e das Missões; de synerese em *tayñ* por *tayîn* semen em *tañ* por *tãin* dens, de syncopa ou crase em *tamonduá* por *tasymonduár* myrmecophaga, ou litteralmente formicarum auceps, venator.

A apocopa merece particular attenção porque do uso frequente della entre os paraguayos resultou a principal differença entre GUARANI e TUPI como já foi notado no prolegomeno. Embora pareça repetição fastidiosa torna-se preciso insistir sobre este ponto, porque isto tem induzido á muitos erros, fazendo crêr que differia muito o GUARANI do TUPI. Os vocabulos *tub*, *péb*, *nãn*, *tar*, *iab*, *óg*, *pór*, *syb*, *hub*, e outros eram pronunciados pelos paraguayos com elisão da ultima lettra, dizendo elles: *tú*, *pé*, *nã*, *tá*, *iá*, *ó*, *pó*, *sy*, *hú*, e os tupis juntavam sempre a vogal neutra pronunciando distinctamente a segunda syllaba em *túba*, *péba*, *ñãna*, *tára*, *iába*, *óga*=*oka*, *póra*, *syma*, *húba*. Os GUARANIS nem sempre supprimiam essa ultima lettra ou syllaba conforme a euphonia ou a clareza que queriam no que diziam, mas era-lhes mais habitual a suppressão. Os TUPIS não apresentam quasi caso algum em que elidissem a ultima syllaba; provam-no os nomes hoje correntes no Brasil como peróba, pindayba, sapetyba, karióca, pipóka, mandioka, etc. Confrontem-se *yberab* aqua splen-

dens que no Brasil tornou-se uberába e no Paraguay yberá; *tyjúg* lutum, no Brasil *tyjúka* e no Paraguay *tujú*.

É claro que aqui tracta-se só de metaplasmos proprios da lingua e não de trocas, equivocos, etc., resultantes do modo differente de escrever e de erros de escripta ou de impressão. Estes são inteiramente desconchavados e exigem apenas attenção para se não cahir em equivoco. De trocas de *n* por *u*, *g* por *y*, *a* por *u* e viceversa e muitos outros erros de escripta ou typographicos estão inçados os livros que tractam do Brasil e tem engendrado muitas extravagancias. No prolegomeno apontamos os dois nomes *piága* e *inubia* que nada significam e que são meros erros de *paijé* e *mimby*.

Além dos erros typographicos ou de copia ha o da orthographia differente, adaptada ordinariamente pelo autor da noticia aos caracteres empregados na propria lingua, em que escrevia. Assim em Lery, em Claude d'Abbeville e outros o *u* é escripto á franceza *ou*, o *é* vem como *ai*, o *ô* como *au*, o *y* especial como *u*, *ua* ou *oa* como *oi*, *ñ* como *gn*, etc. Os portuguezes para quem o *h* é apenas signal orthographico, porém, mudo na pronunciação, tendo de exprimir a aspirada forte do ABAÑEÊNGA serviram-se do *ç* e deste facto resultaram muitos equivocos; com effeito basta a suppressão da cedilha para que o som de *ç* se apresente como *k*, completamente inadmissivel. Digo inadmissivel porque no ABAÑEÊNGA ha talvez um caso unico em que a fusão de um *g* e de um *h* (equivalente de *ç*) produzem *k*; é nos participios derivados de verbos acabados em *g* que recebendo as pospositivas *hab* ou *hár*, reduzem o *gh* a *k*, por exemplo em *pog* strepere, crepare, *pokáb* strepitum et quod crepat, tormentum, *pokar* strepitans que segundo as regras de composição da lingua deviam ser *pogháb*, *póghár*, ou ainda *pógaháb*, *pógahár*.

Este ç empregado pelos portuguezes foi tão inconveniente que ainda acarretou outras adulterações de sons produzindo extrema confusão. A terminação do futuro dos participios em *hab* que é simplesmente *haguã* ou *haguam* vê-se escripta em Figueira e tambem em Anchieta *aõama* onde não se vê nada do som guttural tão proprio desta desinencia. Assim *juká-haguama* apresenta-se sob a fórma *juká-ãoama*, *moingó-haguama* como *moingó-aõama*, fórmas visivelmente inçonvenientes e não aptas.

É quanto basta para se poderem seguir as correcções e interpretações das dicções do ABAÑEÈNGA escriptas conforme as diversas orthographias dos que visitaram a terra de Santa Cruz, nos primeiros tempos da descobertá, e sobre ella escreveram noticias.

ADVERTENCIA

Para escrever a grammatica e diccionario do ABAÑEÊNGA foi necessario tomarem-se notas e apontamentos de quantos auctores poude haver á mão, principalmente dos que tractavam de BRASIS e GUARANIS e de cousas á elles relativas. Depois appareceu a conveniencia de serem coordenados alguns desses apontamentos e impressos como complemento da grammatica e do diccionario com o fim de elucidar as deducções formuladas e justificar a correcção orthographica, concatenando umas com as outras as noticias constantes de diversos livros, escriptos em latim, portuguez, espanhol, francez, etc.

Circunstancias e difficuldades diversas tem embaraçado e ainda embaraçam a publicação da obra, cujo plano foi preciso mudar e assim acha-se para bem dizer ainda em osso. Isto determinou a impressão dos apontamentos e notas antes do diccionario e grammatica, á que não poude dar a ultima mão de modo que possam ser entregues aos typos. Falta de livros, difficuldade de consulta dos que ha, n'algumas bibliothe-

cas, e afinal nenhuma sobra de tempo, quasi todo absorvido em serviços obrigatorios de cada dia, evidentemente estorvam a conclusão de qualquer trabalho desta natureza.

Parecerá á muitos cousa de nonada ou de minima importancia esta penosa tarefa de coordenar a orthographia de palavras de uma lingua barbara. Embora; é um estudo como outro qualquer, e depois de concluido vêr-se-ha se tem ou não alguma utilidade.

Tinha de começar pela reimpressão do cap. 21 de Lery. Mas com o prolegomeno e a exposição da orthographia, por mais que os resumisse, ficou occupada uma bôa parte do primeiro folheto dos Ensaios, com prejuizo dos que nelles collaboram. A transcripção de Lery fica, pois, para o segundo folheto.

No mencionado cap. 21 de Lery vem com bastante ingenuidade e fidelidade uma especie de dialogo do auctor com os indios, escripto com orthographia á franceza. Si a lingua de que ahi se dá amostra é a mesma que fallavam no Paraguay, e si disso se dá demonstração por meio da correcção orthographica, parece que a cousa não deixa de ter importancia para a litteratura e para a sciencia.

Será transcripto lettra por lettra o que escreveu Lery com a respectiva traducção dada por elle, e parallelamente a correcção segundo a orthographia adoptada. Adiante irão notas explicativas.

Ao Lery seguir-se-hão os apontamentos tirados de Yves d'Evreux, a traducção da viagem de Roulox Baro e outros. De Claude de Abbeville como só conheço a traducção feita peio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques não é possivel tirar copia fiel para ser comparada e discutida.

Sem de forma nenhuma querer desmerecer os tra-

balhos do Sr. Dr. Marques, que aliás são optimos e o constituem benemerito das lettras brasileiras, a enunciação franca de uma ideia algo opposta ao seu modo de vêr e fazer não implica uma censura. Nas traducções de Claude de Abbeville e de Yves de Evreux com que enriqueceu-se a bibliotheca patria, foi muito inconveniente a alteração parcial que se fez na orthographia original dos vocabulos indigenas, alteração que só podia ser feita systematicamente e com prévia declaração, sob pena de concorrer ainda mais para a confusão da lingua já tão incongruente e embaralhada. Para o estudioso destas antigualhas linguisticas foi máo e seria mais de apreciar o que fizeram os Srs. F. Dinis, e Julio Platzmann, reimprimindo fielmente o primeiro Yves d'Evreux e o segundo o Anchieta.

Para concluir este primeiro opusculo e para dar uma amostra da marcha seguida na correcção orthographica, eis um pequeno trecho de Laet, no qual elle fez o confronto de vocabulos da lingua geral dados por Lery com os colhidos na bahia da Traição e os dados por um *lingua* Belga. D'entre os 23 vocabulos transcriptos, em alguns não ha outra divergencia senão no modo de escrever, e em outros mui pouca differença do termo empregado, o qual existe na lingua com outra significação.

Les noms des parties du corps de l'homme

(Dasc. des I. Occ. L. 16, Cap. 1.º)

	Selon Jean de Lery	Dans la baye de Traycion	Selon la remarque d'un Belga.
La teste	Acan	Acan	Yahange
Les cheveux	Aue	.....	Aua
Les oreilles	Nembi	Nambi	Namby
Le front	Shua	.....	Suwa
Les yeux	Dessa	Desa	Scescah
Le nez	Tin	Tin	Ty
La bouche	Iourou	.....	Iurou
Le menton	Redmiua	.....	Tedube
La langue	Apecou	Apecong	Ypecou
Les dents	Ram	Tannie	Raaingh
Le col	Aíoedé	Aiura	Aiure
Le gosier	Asseoc	.....	Assiocke
La poitrine	Poca	.....	Potiah
Les reins	Rousbony	.....	Yuabebouye
Les fesses	Reuire	.....	Syquarre ou Tobyrre.
Les espaules	Inuanpony	.....	Attiube
Les bras	Inua	Giuwa	Ye
Les mains	Po	Po ou gepo	Poh
Le ventre	Reguie	.....	Zambeh
Les tetins	Cam	.....	Camme
Les genoux	Rodouponam	Tnippha	Nupuha
Les iambes	Resemeu	Gretĭma	Youba
Les piés	Pouii	Gepu	Ypuch.

A' primeira vista ninguem dirá que são vocabulos da mesma lingua, por exemplo: *reuire* e *syquarre* ou *tobyrre*, *rodouponam*, *tnippha* e *nupuha*. Entretanto com alguma attenção vê-se que a questão se reduz á orthographia simplesmente.

Akang = *akã* caput. Já se observou no prolegomeno que era habitual entre os GUARANIS e ainda é entre os paraguayos pronunciarem em certos casos o vocabulo

elidindo as syllabas finaes ou as consoantes do radical: *che-rú* por *che-rub* ou *che-ruba*, *che-akã* por *che-akang* ou *che-akanga*. Em *yahange* ha evidentemente troca de *k* em *h* e o *y* é sem duvida a particula pronominal designativa de 3.ª pessoa; *i-akang*, ou melhor *ïj-akang* illius caput.

Ab = *ába* capilli. Quer Lery, quer o Belga escreveram *u* por *v* e este estaria em vez de *b* como ainda hoje usam no Pará.

Nambi aures. Lery escreveu á franceza *em* por *am*; o Belga poz *y* por *i* o que é frequente em francez portuguez, etc.

Sybá frons. Laet errou ao transcrever Lery que tem *sshua* e não *shua*; o segundo *s* póde ser erro por *i*, e o *u* = *v*; no Belga *w* = *v* e *u* é francez equivalente á *ü* allemão. Portanto o termo de Lery *sihva* corresponde ao do Belga *süba*, isto é, *sybá*.

Tesá oculi. Em Lery e no da bahia da Traição está *d* por *t* e em um o *s* dobrado. No Belga apparece *sc* = *s* e ha de mais um *h* final. O *s* inicial explica-se logo que se veja que póde estar em vez de *h* porque tem-se então *tesá* oculi, *che-resá* mei oculi, *nde-resá* tui oculi; *hesá* ejus oculi, *guesa* sui oculi. Em vista do *h* final é possivel que o vocabulo do Belga seja *techag* videre, que no infinito póde fazer *techag* = *techaka*; em vez do *t* absoluto pondo-se o *h*, relativa pronominal, têm-se *hechâka* cum videre.

Tim = *tì* nasus. Em francez *in* = *en*, e isto mostra que os BRASIS pronunciavam *tì* muito do nariz e talvez com som entre *tim* e *tem*. A escripta do Belga *ty* é desconchavada.

Jurub = *jurú* os, bucca. Já vio-se que a suppressão do *b* final é usual; a semi vogal *j*, não têm conta o numero de vezes que, se acha representada por *i* e

até por *y*. Pela escripta do Belga o vocabulo correspondêra é *jyrú* na nossa escripta.

Tendyba mentum. Laet não transcreveu com exactidão o Lery ; este traz *che-redmiua*. Com este vocabulo temos: *tendybá* mentum absolute, *che-rendybá*, *nde-rendybá*, *hendybá*, *guendybá* meum mentum, tuum, etc. Ora sendo visto que *u* vem por *v* equivalente á *b* resta só a anomalia do *dm* em vez de *nd* porque o *i* por *y* não é de estranhar. Na escripta do Belga só falta a designação de som nazal de *tẽdube* = *tendyb;* a syllaba final não accentuada acha-se em muitas noticias dos TUPIS e é difficil explicar essa falta de accento essencial.

Apekum = *apekũ* lingua. Seja *ou* ou *on* o que vem em Lery e no Belga é possivel adaptar-se á verdadeira pronuncia. e apresenta-se apenas mais anómalo *ony* guttural que se vê no vocabulo da bahia da Traição. Quanto ao mais *I-apekũ* ou *Ij-apekũ* ejus lingua explica a escripta do Belga.

Tãiñ = *tũi* dens, dentes absolute. *che-rãiñ*, *nde-rãiñ-hãiñ*, *guãiñ* mei, tui, etc., dentes. Em Lery vem *che-ram*, Laet supprimiu *che*. Pronunciando-se *tannie* com accento na primeira e as outras breves e não accentuadas approxima-se á *tãiñ*. Emfim *ai* valendo *é* em francez e *ny* valendo *ñ* o vocabulo do Belga equivale á *rãeñ* bastante proximo de *rãiñ*.

Ajur=*ajú* collum. Aqui se apresenta um dos casos em que se vê quantos erros se commettem na transcripção dos vocabulos. Laet transcreve de Lery *aioedé* e em Lery está *aiouré*, e na escripta de Lery só é inexplicavel o accento sobre o *é* final. Na escripta do Belga dando-se á *u* o som francez elle se desvia mais da verdadeira pronuncia que não é *ajyr*.

Jaseóy=*jaseó* guttur. Para se accommodar á verda-

deira pronuncia, só falta tanto em Lery como no Belga a semivogal inicial *j*. A guttural *g* representada por *c* ou mais fortemente *ck* não tem nada de estranho.

Potiá pectus. Em Lery evidentemente houve suppressão de *t* e mudança de *i* em *c*. O *h* final no vocabulo dado pelo Belga só teria por effeito dar mais força a accentuação do final de *potiá*.

Tumby renes (ou antes *lumbi*) que faz *che-rumby*, *ude-rumby*, etc. Escrevendo o vocabulo de Lery segundo a pronuncia, fica elle *rusbuí*, pois sem duvida está *n* por *u* e *y* por *i*; mas é possivel tambem que houvesse erro em *us* por *m* e neste caso o vocabulo pronunciado seria *rombuí*; em qualquer dos casos já se approxima de *che-rumby*, pois que Laet supprimio tambem a pronominal *che* de Lery. O vocabulo dado pelo Belga é *ñyá-bebúi* ou *pya-bebúi*, que significam *pulmones*, pois que o primeiro é litteralmente *ñya-bebúi* cordia levia, e o segundo *pya-bebui* viscera levia. Que é um dos dous não padece duvida: em *yua* o *y* póde ser erro por *p* e póde tambem representar a semivogal *j* que se alterna com *ñ*; portanto dando a *u* o som francez tem-se ou *pua* (*pya* para nós) ou *jua* (*jya*=*ñyá* para nós). O adjectivo *bebúi* tambem é pronunciado *bebúia* ou *bebúja* e ahi temos o final do vocabulo do Belga, visto como *ou* vale *u*.

Tebir=*tebi* clunes et nates. Em Lery é claro *u* por *b*, o *r* inicial por *t* mostrando a suppressão feita por Laet do pronome *che* que o precedia. No escripto do Belga vem dous termos; o segundo *tobyrre* é evidentemente *tebira* havendo *o* por *e*, *y* por *i*, *rr* para exprimir á franceza o *r* brando do ABAÑEÊNGA. O outro vocabulo suppondo-se que *y* vale dous *i* ficaria *siikuara* que se aproxima de *hebikuar*. Ora *tebikuara* quer dizer natium foramen, podex, e *tebikuar* em absoluto, faz nos casos relativos *che-rebikuar*, *ude-rebikuar*, *hebikuar*, etc.

Atiyb humeri et *jyba-ypy* brachiorum exortus, vel junctura. O vocabulo do Belga não carece de grande trabalho para se reduzir á *atiyb* geralmente usado para exprimir hombros; o dado por Lery, porém, soffreu muita alteração; o primeiro *u* (valendo *y*) está escripto *n*, depois em vez de *b* quiz escrever *v* e vem *u*: vem em seguida *n* ou *u* por *y* e á final a syllaba *pony* talvez *pouy* (valendo *ou* em francez *u*) em vez de *py*. O termo *jyba-ypy* além do significado proprio, era empregado para exprimir *lacertus*, mas impropriamente, porque para isto havia *jybá-ñeã*.

Jyba brachia. Em Lery *n* por *u* (valendo *y*), e *u* por *v* (valendo *b*). Em *giuwa* tem-se apenas de dar á *g* o som de *j*, formar diphtongo de *iu*, e fazer *w*=*v* que está por *b*. O termo *ye* dado pelo Belga não póde ser senão alteração de *yb*, caulis, fustis, truncus, arbor, malus e mesmo brachium.

Po manus e *che-po* mea manus correspondem bem á *poh* e *gepo*.

Tyé ou antes *tyjé* alvus, *també* venter e mais propriamente inguen, porque para venter tinham tambem *takapé*. Em *tyje* o *j* talvez por ser precedido da vogal guttural *y* tem tendencia á soar como *g*. O *r* por *t* já se sabe que é a substituição passando de caso absoluto para caso regido, e o mesmo quando vem *h* por *t* ou *r*. Em *zambeh* é evidente o *z* em vez de *h*.

Kam mamma, uber. Os GUARANIS supprimiam o *m* dizendo *kã*, e os TUPIS faziam duas syllabas *kama*.

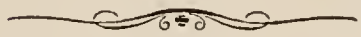
Tenypyã genua. Em Lery o *r* por *t* já se sabe; *rodou* está por *reny* ou *rendy*, e *pouan* (*ponam* erro de *n* por *u*) por *pyã* ou *pyam*. Em *tnippha* pronunciando-se duas syllabas com as lettras *tni* e dando-se aspiração á *h* já o som se approxima de *tenypyã*; em *nupuha* o Belga supprimio a primeira syllaba *te* ou *re* e tornou bem distinctas as duas syllabas finaes *pyã*.

Tetyman crura, *ub* coxa, femur. Em Lery houve erro de *s* por *t* facil de dar-se com o *s* antigo, que se assemelha á *f*; *reteman* já não se arreda muito de *retyman* Já vio-se *ge* por *che* portanto *gretima* está por *geretima*, que já dá *che-retymã* mea crura. Afinal *youba* está por *ij-ub*, á moda TUPI *ij-uba* illius femur.

Py pedes, pes. E' evidente o *pouii* de Lery que faz duas syllabas em *py* e ainda alonga a segunda. *Gepu* está claro que é *che-py* mei pedes; *ypuch* é sem duvida *i-py* illius pedes.

B. C. d'A. Nogueira.

(Continúa.)



Os Sambaquis

OS SAMBAQUIS

Eis um nome que muito tem dado que fallar, que pensar e que escrever, com o qual muita sciencia tem se procurado casar para dar-lhe vulto notavel; nem faltaram-lhe locubrações dos sabios de *caco de pote*, geologos e anthropologos improvisados. Para colher provas disso, não precisa ir longe, basta folhear a *Revista* do nosso Instituto Historico e Geographico.

O que, porém, mais me escandalisou foi lêr no livro de Lyell, intitulado a *Idade do genero humano*, um paragrapho intitulado os *Diques de Santos no Brasil*.

Ha ahi erro geographico, collocando S. Paulo nas immediações de Santos, e ha tambem erro archeologico e ethnographico, comparando o que viram em Santos com os diques do Ohio e dando-lhes origem identica, devida á um povo adiantado em civilisação; qualificam além disso esses diques como obra de terra.

Isso evidentemente é nota de carteira de viajante que passou ao largo, em canôa, pelo rio da Bertioga, e que causticado pelos *meruins* não se deu ao tra-

balho de saltar em terra, contentou-se em dizer o que veio-lhe á cabeça acerca de uns prismas triangulares, terminados em ambos os lados por hemipyramides.

Para não consentir em reproducção de erros taes mandei para as *Noticias Geographicas* do Dr. Petermann, de Gotha, um esclarecimento sobre *sambaquis*, com observação sobre a leviandade de viajantes apressados aos quaes ás vezes damos importancia, não com o fim de auxiliar a sciencia, mas para obtermos algum elogio em letra redonda além-mar.

Devemos convencer-nos que sciencia exige pausa e perseverança; quem a quizer fazer ás carreiras, perde-se.

Aqui reproduzimos o que foi publicado em 1874, no 2.º volume pag. 228 das mencionadas *Noticias*.

Para se dar ao *sambaqui* a importancia que lhe cabe é preciso traduzir o nome e eis á esse respeito o que teve a bondade de informar-me o nosso distincto guaraniologo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira:

« *Sambaqui*, significa litteralmente *montão de conchas*; de *Tambá* concha, e *ky* collinas conicas como peitos de mulher. Nos substantivos guaranis a mudança do *t* em *h* aspirado ou em *gu* fórma a passagem do valor absoluto ao relativo e reciproco; como os portuguezes na sua lingua não têm aspiração davam-na por *ç* ou *s*. Além disso em palavras compostas, o genitivo occupa o primeiro lugar, e dahi resulta *hambaky*, collina de conchas. Póde tambem ser estropiamento de *hamba-kyab*, refugo ou varredura de concha. »

Servem ambas as versões; a primeira qualifica o objecto, a segunda explica a sua origem, e é a que mais satisfaz.

É pois o *sambaqui* um monte de cisco composto de conchas; quer dizer que se varreu o lugar coberto de casca e amontoaram-se as varreduras.

Essa operação era indispensavel para acampar no lugar um povo que descalço pisava e nú assentava e se deitava sobre o chão.

Essas varreduras naturalmente eram ajuntadas em cascas de arvore, cestos ou urupemas e amontoadas em um lugar só. A primitiva fórma desses montes é incontestavelmente o cone; e é effectivamente tal a forma de muitos *sambaquis*.

Attingida certa altura, encostava-se o cisco até o vertice e sempre do mesmo lado; a consequencia era formação de um prisma de trez faces, deitado, com os topos rematados por duas metades de cone, cujas convexidades ás vezes gastas passam á faces de pyramides.

Até aqui vemos como foram construidos esses montes de concha, que tambem se chamam *casqueiros* e *ostreiras*; carecemos agora indagar qual a origem de tanta casca.

Primeiro que tudo devemos observar que os *sambaquis* invariavelmente se compõem de uma só qualidade de casca e esta sempre de molluscos bivalves comiveis; estes moluscos, ora são ostra, ora o *samanguayá* do Rio de Janeiro, ao qual no sul deram os portuguezes o nome de *berbigão* (*Cryptogramma macrodon*, *Lam*). Está disseminado aqui e acolá e é acompanhado de algumas cascas isoladas de *Cardium muricatum*, uma ou outra *ameijôa*, nome que dão indistinctamente á *Dosinia concentrica*, *Born*, e á *Lucinia jamaicensis*, *Sprgl.*; raras cascas de *Arca*, *Pholas* e *Pinna* vieram accidentalmente cahir ahi porque vivem de envolta com o *samanguayá*.

Agora resta dizer alguma cousa sobre a vida desses molluscos: são elles sociaveis, formam grandes colonias reunidas em determinados pontos, constituindo

bancos ás vezes de extensão consideravel; sendo estes bancos em parte destruidos, em pouco tempo regeneram-se pela geração nova.

Ora, reunindo esta propriedade de agglomeração e reproducção, á qualidade muito mais importante de alimenticia, ahi temos dadas as condições para reunir um povo em busca de sustento em um ponto e a sua permanencia ali emquanto houvesse que comer, e o seu regresso para o mesmo lugar logo que nova seára podia se fazer.

Concluimos tambem dahi qual a causa dos montes e varreduras das cascas; não é cousa devida á methodo, á espirito de ordem, é só uma consequencia da necessidade de limpar o terreno que se occupa, de todos os fragmentos que ferem ou cortam.

Passemos agora á algumas condições de ordem secundaria, que são: 1.º stratificações; 2.º objectos diversos; 3.º influencia geologica.

Nos *sambaquis* encontram-se frequentemente estratificações distinctas separadas umas das outras por uma camada terrosa, mais tenue; tambem estas têm facil explicação combinando o modo de construcção, com os periodos de que precisam os bancos de concha para se regenerarem. Durante estes periodos a camada superficial do casqueiro soffre a acção do tempo, inicia-se uma decomposição; quando os indigenas voltavam ao lugar, de vez para nova colheita, arrancavam o capim e as hervas que cresceram, varriam folhas seccas e onde naturalmente depositavam esse cisco era sobre o casqueiro e muito provavelmente atacavam-lhe fogo, porque a estrata terrosa frequentemente tem aspecto de cinza; esse processo calcinava parte das conchas que com a humidade do ar ou com a chuva se esfarelavam, e deste modo a camada recente ficava perfeitamente separada dos depositos anteriores.

Essas expedições periodicas para buscar em determinados pontos e em epochas certas o alimento não eram só para colheita de conchas; ellas tinham lugar em occasião, por exemplo, em que o peixe se reune em cardumes, entrando pelas bahias ou subindo os rios para desovar; á esses cardumes denominavam *pirasema*, nome que ainda hoje subsiste, e ahi preparavam suas provisões de *pirásinunga* ou peixe secco. Reunem-se ainda hoje as tribus do norte em malocas ou partidas para colheita de ovos de tartaruga, da castanha, etc. Tambem para caça havia excursões periodicas e de todas ellas não permaneceu vestigio por não terem casca duradoura, que se varria como o *samanguayá* ou a ostra.

Quanto á objectos estranhos á colheita dos bancos, devem-se mencionar ás vezes conchas de outras proveniencias como uns mariscos ou mexilhões que elles iam colher nos mangues, o *Mytilus pictus, Dkr.*, ou a *Tarioba Iphigenia Brasiliensis, Lam.*, e os *sernambys standella fragilis, Chmn,* e em parte as *Macoma cayennensis, Lam.*, que vivem enterradas na areia das praias do mar grosso; mas estas nunca avultam.

Entre as varreduras encontram-se utensis de pedra, cacos de panella e de potes (nunca me constou que se encontrasse uma panella inteira, servivel), pedaços de carvão, restos de tições, etc. Alem disto todos os restos de caça e pesca, como ossos inteiros e em fragmentos e espinhas de peixe.

Os accessorios mais notaveis são ossadas humanas, porém, relativamente raras; eu não as encontrei; vi alguns ossos grandes como tibias que não tinham sido quebradas para chupar o tutano. Ha quem sustente que as ostreiras eram aproveitadas para enterrar os mortos ; não é isso muito verosimil, porque então se-

riam mais frequentes as ossadas ; parece antes que tambem esses ossos, de algum velho, ou doente que fosse abandonado, constituiam lixo como o mais e eram atirado sobre o monte.

Reduzimos assim á sua singela expressão natural o *sambaqui*, que teve de servir para tanta producção fantastica, ora sendo diques, ora trincheiras, outras vezes mausoléos, e até construcções para o culto.

Não ha ainda muitos annos viam-se *sambaquis* recentes e respeitaveis produzidos em diversos pontos da bahia do Rio de Janeiro pelos pescadores de marisco para fabrico de cal ; elles colhiam o *samanguayá* ainda vivo e o amontôavam. Hoje estão esgotados os bancos, não se deu tempo á se reproduzirem as conchas, e pesca-se cisco composto de tudo, areia e fragmentos de concha.

Os antigos *sambaquis* do Rio de Janeiro já de longa data foram consumidos pelas caieiras, e para o sul vai acontecendo o mesmo. A cal consumida em Santos é tirada das ostreiras da Bertioga; em Iguape e Cananéa tambem soffreram consumo, o mesmo acontece em Paranaguá, etc.

O *sambaqui* tem em muitos pontos alguma importancia geologica que, não tendo sida attendida, deu lugar á interpretações inexactas.

O *samanguayá* vive em lugares pouco fundos e em agua salgada ; quando penetra na barra de algum rio nunca chega onde possa predominar agua doce.

Os indigenas consumiam os *samanguayás* necessariamente na maior proximidade do banco onde os colhiam.

Portanto a existencia de *sambaquis* á mais de legua de distancia de agua salgada, como acontece n'alguns affluentes da bahia de Paranaguá, por exemplo no Rio Gorgossú, ou na Laguna, onde se eleva no meio

de vasta planicie em parte já coberta de densa matta, á mais de 10 metros o *morro do Sambaqui* servindo de marco aos navegantes que demandam a barra, a existencia destes denota que por alli perto havia outr'ora bancos de *samamguayá* e agua salgada.

Temos ahi o caso de haver recuado o mar como diz o povo, ou havido emersão da costa como se exprime o geologo.

A consequencia dessa emersão por levantamento lento, foi ficarem á secco cordões de bancos, fechando as enseadas, as quaes ficavam mais razas e com facilidade eram aterradas pelos depositos de alluvião trazidos pelos rios. Assim a Laguna, que devia ter sido uma immensa enseada, é hoje um vargedo de brejos cobertos de tiririca, cortadas por canaes de agua doce que cada vez mais se estreitam; a barra do Camacho por onde entrou Garibaldi com duas embarcações, é hoje terra firme e raras vezes ainda se abre.

Existe na cidade um calháo de granito meio metro acima do terreno e dois metros acima da mais alta maré; ha ainda agarrada na sua parte superior uma casca de ostra. E', pois, evidente que o mar antigamente subia pelo menos 2 1/2 metros acima do actual nivel, o que confirma o solo sobre o qual está construida a cidade, todo elle de lôdo escuro, cheio de cascas de *cryptogramma*, *cardium*, *arca* e mais companheiros; um pequeno *sambaqui* que se encontra na cidade está sobre uma elevação que foi ilha.

A existencia pois de *sambaquis* em lugares, onde se dão condições contrarias ás que presidiam a sua construcção, revela o alteamento do littoral.

Não posso deixar de mencionar ainda um facto curioso: Em Paranaguá diversas pessoas me referiram que havia no rio Piracuara, um antigo navio de

madeira pregado com cavilhas de páo por baixo de um *sambaqui;* cada qual completava o mysterioso navio á seu modo e arranjava uma descripção capaz de excitar em extremo algum cerebro de archeologo; acrescentavam que a madeira era desconhecida na terra. Havia em tudo isto materia sufficiente para massar o mundo com um romance de estada de phenicios ou carthaginezes nas plagas brasilicas.

A curiosidade moveu-me e lá fui dar com o encantado barco, isto é, apenas com um fragmento que com auxilio de imaginação se poderia qualificar de taboa; mandei excavar e pouco adiante encontrei restos da prôa de uma canôa, amarrada com um pedaço de *imbê* á um coto de vara pontuda fincada no lôdo! A textura da tal madeira estranha era a da nossa peroba! e assim esvaeceu-se a poesia dos bellos contos, que eu já havia ouvido em Iguape. O que se conservou da *ygara* dos indios foi devido ao desmoranamento de uma porção de *sambaqui* que a cobrio.

Com a elevação do littoral muitos *sambaquis* ficaram estacionarios; outros tambem deixaram de crescer pelo desapparecimento dos primitivos donos da terra rechassados pelos invasores.

Os costumes da população nova são outros, em vez de construir os *sambaquis* ella os destróe fazendo cal e brevemente delles em vão se procurarão vestigios: restará só o nome.

Parece que debaixo de condições identicas formaram *sambaquis* com conchas de agua doce nas margens dos affluentes do Amazonas como os descreve o Sr. Barboza Rodrigues na sua excursão ao Tapajós ; ali é mina de *sernamby* aproveitada para cal. E' um facto muito interessante, que devemos á este cuidadoso observador.

Longas paginas se poderiam ainda escrever sobre o *sambaqui* soltando as azas á imaginação e tirar eruditas conclusões sobre sua fórma geometrica orientação, etc. De gabinete é facil discorrer sobre estado de civilisação dos incolas, fallar dos constructores dos *sambaquis*, discutir a idade destes e pelos accessorios determinar a sua origem. Tudo isso, porém, são futilidades; um facto bem observado basta para annular um livro inteiro de dissertação ouca.

G. S. de Capanema.

ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

L'archéologie, est une science qui commence. Ce n'est qu'en pénétrant dans les profondeurs de la terre que vous arriverez à des découvertes vraiment grandes. Nous n'en sommes qu'à l'épiderme, nous n'avons fait que gratter la superficie et soulever un peu de poussière.

B. DE PERTHES.— Ant. celt. et antid. t. I, pag. 538.

I

Armas e instrumentos de pedra

Se ha ramo da historia que tenha sido descurado entre nós e que mais precise de um estudo critico, severo e consciencioso, é o da archeologia.

A questão da apparição do homem americano, tem ultimamente despertado a attenção de alguns amadores, que têm aventurado algumas theorias, todas baseadas mais em raciocinios do que em provas que documentem as opiniões. Estudos de gabinete, fundados n'uma ou n'outra informação, sem o exame, sem a comparação, tem feito com que divirjam as opiniões á esse respeito.

A falta de explorações especiaes, faz com que não conheçamos nossas antiguidades, que vão desapparecendo; umas levadas para Europa, por amadores e naturalistas, outras destruidas pelos indifferentes e ignorantes, e a maior parte despresadas pelos sertanejos que as encontram. D'ahi vem o atrazo em que estamos, a ignorancia em que vivemos dos usos e costumes dos nossos autochtones. Se alguma cousa apparece, é sempre colhida no que nos deixaram escripto alguns autores antigos.

Quando com o lapis na mão, no exercicio da commissão com que me honra o Governo Imperial, percorria o Valle do Amazonas, não retratava só as flôres; no meu caderno de campo, á par de uma discripção botanica, muitas vezes deixava tambem estampado um objecto que do seio da terra extrahia. Sempre o que dizia respeito aos habitantes das florestas, quer os d'outr'ora, quer os de hoje, me chamava a attenção e uma nota especial merecia. Por insignificante que fosse o achado, sempre dava lugar á um estudo, á uma comparação e uma analyse. As provas com que deparava de um estado de civilisação mais adiantada, do que aquella que existe nos nossos dias entre os habitantes das selvas, descendentes dos que legaram tantos monumentos d'arte, na infancia, é verdade, mas não degenerada como hoje, me mereceram particular attenção.

A decadencia dos povos do sertão se conhece pela comparação do que fazem hoje, com o que fizeram á quatro ou cinco seculos atraz. A decadencia foi grande, e começou com o descobrimento das nossas plagas. Parece um absurdo e grande, quando então compararmos as suas reliquias de outras éras, com as dos povos mais cultos d'essa épocha, como os do Norte da Europa, Oriente da Asia, etc.; mas, o resultado do estudo que fiz nas horas de lazer, me leva á avançar esta opinião. É fóra de duvida, para aquelles que têm tido em suas mãos as amostras dos productos da arte d'esses tempos, que o contacto de um povo mais artista e industrioso levou os primitivos habitantes de nossas mattas á um gráo de adiantamento superior ao que tem hoje; mas, se então a influencia foi grande, como não influir hoje que o estado de progresso do homem tem attingido quasi á um gráo de perfeição?

O Evangelho derramando a luz pelas selvas, as aguas do baptismo remindo os peccados, faziam christãos, mas em vez do progresso, traziam para elles a oppressão, o captiveiro, a tyrania e a desmoralisação. O contacto primitivo foi com um povo industrioso, que emigrado, fugitivo, ou aqui chegado, por um acaso, como chegaram os descobridores deste sólo, tratou como amigo o povo encontrado, porque assim era mister e não como senhores e conquistadores.

Aquelle trouxe a arte e a industria, e estes atraz do labaro da religião, empunhavam a bandeira branca, em cujo campo uma cruz trazia a côr do sangue que derramavam na passagem da cobiça disfarçada em civilisação.

A perseguição e escravidão trouxeram o aviltamento, este o desanimo, por conseguinte a decadencia. Se compararmos os productos da arte indigena de então com os da de hoje, ver-se-ha quanta differença existe e quanto decahimento! Citarei um só exemplo.

Habitavam na fóz do Rio Negro os Tarumás e os Manáos, quando pela primeira vez em 1669 penetraram n'elle os missionarios Carmelitas, (*) introduzindo a fé. Enterravam então seus mortos em urnas mortuarias ou *ygasáuas*, uso que logo deixaram pela sepultura christã. Pois bem, comparada uma dessas *ygasáuas* que desenterrei em Manáos, com a louça de barro que fabricam os tapuyos descendentes dos primeiros catechisados, encontra-se inferioridade não só na elegancia das fórmas, como nos ornatos e muito principalmente no preparo da argilla.

(*) *Ensaio corographico da provincia do Pará* por A. L. Monteiro Baena. Pará 1839. Pag. 384.

O sabio Guilherme de Humboldt, disse :

« C'est, en effet, une question importante, de savoir si l'état sauvage qui, même en Amerique, se retrouve à différents degrés, doit être ragardé comme l'aurore d'une société à naître, ou si ce ne sont pas plutôt les derniers débris d'une civilisation perdue, disparaissant au millieu des tempêtes, bouleversée par d'effroyables catastrophes.

« Pour moi, cette dernière hypothèse me parait la plus raprochée de la vérité. »

E' sabido, que, si a tyrania desmoralisa um povo, muito mais a escravidão e a morte. As *cäisaras* afugentáram o povo, que subdividiu-se, tornando-se errante, abandonando os seus costumes e usos, para só se occuparem no fabrico de armas de defesa, com que podessem vingar a oppressão dos *carîuas;* isto desenvolveu um odio, que transmittindo-se pela raça, ainda hoje é uma das causas do pouco resultado que se tira da catechese. O indio abomina o portuguez. A sua degradação, o atraso em que cahio é devido á conquista; foi sempre o resultado que encontrei nos estudos que entre os indios fiz. A educação que ainda hoje recebem no Valle do Amazonas, se fôr comparada com a que recebem os indios de outras provincias, apresentará em resultado a prova do que affirmo.

Um profundo observador, um missionario que consciosamente estudou esta questão, veio confirmar a nossa opinião. O padre Brasseur de Bourbourg, nos commentarios do seu *Popol Vuh*, (*) tratando da decadencia dos selvagens do Mexico, diz :

« Pour n'avoir connu que des peuplades retombées à l'état sauvage, abruties par le contact des Européens ou dègradées par

(*) Popol Vuh *Le Livre sacré et les mythes de l'antiquité americaine.* Paris. 1861. Pag. XX

les consequences de la conquête, la plupart des voyageurs ne leur ont trouvé qu'un développement mediocre des facultées intellectuelles: mais cette inactivité habituelle de l'esprit qu'on reproche au plus grand nombre des nations américaines, et qui donne quelque chose de si froid, de si morne à leur physionomie, à leur caractère, à toute leur existence, n'est qu'apparente chez celles qui ont conservée quelque reste de la civilisation antique; elle est produite uniquement par la défiance que nous leur inspirons et la haine sourde que les enfants sucent avec le lait de leurs mères, contre les descendants de ceux qui les asservirent ou les étrangers qu'ils confondent avec eux. (*)

« Cette sorte d'apathie morale que les colons espagnols leur reprochaient, en disant qu'ils ne savaient rougir, n'existe point: l'indien ne rougissait point sous les coups de sangle ou les mépris d'un maître cruel; il renfermait tout dans son cœur, en attendant qu'il pût se venger. Les insurrections dont on ne parle point et qu'on ne connait pas en Europe en sont la preuve. »

Houve no Amazonas, um periodo de civilisação, ainda encontrada pela expedição do capitão Pedro Teixeira, representada pela numerosa tribu dos Omáuas ou Cambebas, (**) que depois desappareceu, os quaes cultivavam e teciam o algodão, de que fabricavam seus vestidos e descobriram e preparavam a *seringa* ou gomma elastica, de quem os portuguezes tomaram a industria que os enriquece, arruinando o valle do Amazonas.

Interrogando estas reliquias, sobre as quaes os seculos têm passado, vê-se que se não póde negar a

---

(*) No valle do Amazonas todo o brasileiro não nascido em terras amazonicas, é *estrangeiro* e como tal tratado com reserva pelos indios e tapuyos.

(**) Corruptella de *akanga*, cabeça e *péua* chata. (Adoptamos a orthographia proposta pelo Sr. Dr. B. C. d'A. Nogueira).

physionomia do povo de então sem deixar de faltar o respeito á verdade.

O povo que já teve patria, diz Boucher de Perthes e que a escravidão ou o vicio não embruteceu, deixa sempre uma lembrança da arte que lhe foi peculiar. (*)

A civilisação existiu.

Se veio ella pelas nascentes do Amazonas, descida do Perú, sem ahi ter-se demorado, não sei, o que posso affirmar é que os pontos de contacto são grandes entre os usos e costumes dos povos primitivos do Amazonas, com os do Norte da Europa.

A patria dos Cimbros, dos Anglos e dos Saxões, d'onde na idade média partiram audaciosos e aventureiros navegantes, que dominaram os mares do Norte, como seus descobridores, parece que foi a dos que legaram aos nossos selvagens a civilisação extincta, que suas antiguidades ainda perpetuam e que nossos descobridores aniquilaram, fazendo com que, tribus pacificas e laboriosas tornassem-se nomades, inuteis e ferozes. As *caîsaras* (**) e a escravidão, o ferro e o fogo destruiram o trabalho e isto só trouxe a desmoralisação e a ociosidade. A Dinamarca, pois, parece que muito influio na vida do povo de então.

Os depositos de conchas, chamados *sernambis* ou *sambaquis*, de que n'outro capitulo tratarei, não são mais do que os *kjokkenmöddinges*, ou restos de cosinha,

---

(*) *Antiquités celtiques et anti-diluviennes*, par Boucher de Perthes. Tom. I. Pag. 41.

(**) Curraes.

dos dinamarquezes. Estes depositos que não se encontram no Perú, são mais uma prova de que os invasores do Amazonas não passaram pela terra dos Aymaras ou pouco n'ella se demoraram; tanto, que não poderam estabelecer este uso, como fizeram em Halifax e na bahia de Santa Margarida.

Essa semelhança entre os achados, serve para provar que a fidelidade com que o gentio se liga aos costumes de seus antepassados, a veneração que por elles tem, leva-o á perpetuar mesmo com orgulho a industria por elles legada.

Quando se cava a terra, quando se revolvem as cinzas de suas *ygasáuas,* ao lado dos esqueletos que ellas ás vezes ainda contêm, descobrem-se armas, utensilios artisticamente trabalhados, tão iguaes, ou apenas com pequenas modificações, aos dos companheiros de Odin, que parecem querer documentar a existencia d'esses intrepidos navegantes, no nosso sólo, anteriormente ao descobrimento de Colombo.

Na America do Norte não foram já encontrados vestigios de fortificações e de monticulos supulchraes, dos tempos runicos? As pesquizas de MM. Squier e Davis, nos *Monumentos antigos do valle do Mississipi*, já não nos provaram ser elle habitado antes de o ser pelos *pelles vermelhas?*

M. Graah, encarregado de estudar as antigas ruinas scandinavicas, não encontrou numerosos vestigios no estreito de Davis e em outros lugares? não foram tambem encontrados em Rhode-Island, e no Massachusetts, na America do Norte?

O Sr. Rafn, secretario da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, publicou com o titulo *Antiquitates Americanæ sive Scriptores septentrionales rerum anti-co-*

lumbianarum in America (*) uma collecção de noticias tiradas dos sagas antigos, que provou a existencia dos dinamarquezes no novo mundo, seculos antes d'aqui ter aportado o immortal Colombo. N'um recente trabalho o Sr. Paul Gaffarel o confirma. (**)

Pedro Victor, noticiou um achado feito na provincia da Bahia, já ha alguns annos de uma lapida com caracteres do antigo islandico, e uma estatua *de Thor* com seus attributos, como o martello, cintura magica, etc. (***) O nosso Instituto Historico mandou fazer pelo conego Benigno estudos ahi, infelizmente sem resultados. D'este achado tratam diversas memorias do Instituto Historico.

Creio, que, se o povo scandinavico não desceu da America Septentrional para a Meridional, seus descendentes o fizeram e foram estes com seus costumes, que se dispersaram pelo Brasil, muito antes de aportar ás nossas plagas P. A. Cabral.

A colonia scandinavica que habitou a Vinlandia, a parte *oriental* dos Estados-Unidos, dispersou-se no anno 1000, pouco mais ou menos, como está provado; n'essa data talvez, parte desceu pela America Central, Mexico, Panamá, passando pelas Guyanas, vindo se estabelecer na foz do Amazonas, ou desceu pelas Bahamas.

A civilisação do Perú, a grandeza á que attingio,

(*) Esta memoria foi traduzida pelo fallecido commendador Manoel Ferreira Lagos. *Rev. do Ins. Hist.* Vol. II. Edic. 1858. Pag. 210.

(**) *Etude sur les rapports de l'Amerique et l'ancien continent avant Christophe Colomb.* Pariz. 1869.

(***) *Coup d'œil sur les antiquités scandinaves*, par Pierre Victor Pariz. Pag. 36.

é devida ao contacto de um outro povo mais adiantado ainda, que não o que desceu o Amazonas. Comparados os monumentos que se encontram de uma e de outra região, vê-se que são distinctos. O estylo não é o mesmo. Se procurarmos nas gerações de hoje, os traços caracteristicos, vê-se que a raça Amazonica differe da Andina. Algumas tribus, como a dos Muras, que existem hoje no Amazonas, não tem nem os traços, nem os costumes d'aquellas, oriundas das plagas brasileiras.

As antiguidades que se encontram no valle do *rio-mar*, dividem-se em armas, instrumentos e idolos de pedra, louça de uso domestico, aterros, e *sernambis* ou *kjokkenmöddinges*, urnas mortuarias *(ygasáuas)* e em inscripções ou desenhos.

N'estes rusticos monumentos, que só parecem attestar a barbaria de então, ha alguns que dão uma idéa muito favoravel d'essa epocha.

Brasseur de Bourbourg diz que, com a invasão dos Incas no Perú, parte do povo que existia não querendo sujeitar-se ao seu jugo desceu os Andes e estendeu-se pelo Amazonas e sul do Brasil reproduzinse segunda e terceira vez essa dispersão de povos em consequencia de segunda e terceira invasão de povos da America Central.

O povo que existia no valle do Amazonas é anterior á invasão dos Incas, e menos adiantado em civilisação, tanto que não conheciam a arte de fundir os metaes, como o ouro. Seria o mesmo disperso pelos Incas?

Não o creio, porque o uso, principalmente, das cozinhas nas praias, attesta o contrario. Outra foi a marcha do povo invasor do Brasil, outra foi a invasão do povo primitivo, como n'outro capitulo procuraremos provar.

A geologia tem-se aproveitado d'estes achados, para nos provar que a idade da pedra polida, ou periodo neolithico, é muito anterior ao Genesis Biblico; que o homem é contemporaneo do mammouth, porém, no Brazil é difficil, estes instrumentos achados em terrenos anteriores á tradicção hebraica servirem de prova.

Uns, serão contemporaneos do periodo ternario, porém, outros terão um ou pouco mais seculos de existencia. Desenterrei em terrenos mais modernos instrumentos de pedra polida em regiões carboniferas (*) e devonianas (**), mas isto não nos prova serem elles contemporaneos d'essas revoluções geologicas. Como distinguirem-se uns dos outros se, á avaliarmos pelos costumes modernos, que só nos guiam, os gentios não dão um passo sem ser imitativo? O progresso não existe entre elles, por conseguinte a alteração da fórma não apparece senão quando ha um modelo. A fórma de seus instrumentos é sempre a mesma; não tendo elles senão a deixada pelos seus antepassados não podiam modifical-a, visto ser indole d'esse povo não fazer mais do que imitar, como que respeitando a herança de seus avoengos. Como na geologia, na ethnographia, os factos modernos nos explicam os antigos.

Sobre esses terrenos habitaram tribus, n'elles ficaram seus instrumentos, seus utensilios enterrados, que depois o tempo ainda mais soterrou e a floresta cobriu. Alem d'isso o desapparecimento dos instru-

---

(*) Nos Rios Tapajós, Trombetas, Yamundá e Yatapu.

(**) Nos districto do Ereré, em Monte Alegre.

mentos de pedra não data de muitos seculos, ainda á dous seculos eram usados.

Para mostrar os usos e costumes de uma geração extincta, fazer vêr o seu adiantamento, proponho-me dar uma relação das antiguidades Amazonicas assignalando a sua existencia, para mostrar que não é tão pobre, como o laconismo ou mesmo o silencio dos nossos historiadores, parece indicar. Na Europa mesmo as armas de pedra figuraram muito tempo depois da descoberta do bronze e do ferro, sendo algumas até preparadas por instrumentos deste metal.

Guilherme, o conquistador, ainda bateu-se com os Bretões armados de armas de pedra. Segundo Thomassen, na sua *Histoire primitive devoilée*, acharam-se nos tumulos, que os Athenienses levantaram aos mortos na batalha de Marathon, pontas de flechas não só de pedra como de bronze. Os archeiros ethiopicos do exercito de Xerxes, usavam de flexas com ponta de pedra, etc. Os selvagens da America, foram os que mais se demoraram com essas armas.

Não tenho a presumpção de apresentar um trabalho completo e perfeito, apenas passo a limpo as notas do caderno de campo.

Tratarei primeiro dos instrumentos e armas de pedra, que encontrei no Amazonas, deixando para outros capitulos as outras antiguidades. Se bem não fui o primeiro a descobrir esses instrumentos, comtudo sou o primeiro que os descreve e representa no Brasil. Por elles se avaliará, o estylo da época e se poderá comparar com os do norte da America e sul do Brasil, assim como com os dos normandos.

Todos os instrumentos representados foram encon-

trados ou desenterrados por mim, devendo um ou outro á obsequiosidade de algum amigo.

Nos outros instrumentos, quer antigos quer modernos, para guerra, caça e pesca, encontramos tantos pontos de contacto com os dos barbaros dos tempos historicos que mereceram tambem um escripto em separado.

Os instrumentos de pedra, bem ou mal polida que se encontram, são armas de guerra, utensilios de uso agricola e domestico e enfeites. Os primeiros compõem-se de massas, de pontas de flechas e de uma especie de folha de alabarda, e os outros, de machados, enchós, cunhas, mãos de pilão, mós, etc., e os ultimos de muirakytans.

A importancia que ligo aos lugares d'onde sahiram estes instrumentos, me levam á mencional-os sempre.

Pela comparação de uns com outros, poder-se-ha vêr a subdivisão da raça, com as modificações que fizeram nos seus usos, representados em seus instrumentos, e por um estudo comparativo e analytico chegar á poder formar-se um juizo sobre a sua origem.

Os instrumentos de pedra, que tão grandes luzes têm derramado por meio da geologia, de que tanto se tem occupado distinctos naturalistas da Europa como Boucher de Perthes, Lartel, Lyell, Reboux, Bourgeois, Delaunay, Büchner, Husley, Worsoel, e tantos outros, ainda entre nós não tem sido estudados.

Figuram no nosso Museu Nacional alguns exemplares, (*) mas que alli jazem cobertos de pó, como

(*) Devem-se estas reliquas aos Srs. Drs. Couto de Magalhães, Coutinho, Santos Souza e outros. Eu mesmo tive occasião de remetter uma collecção de 50 que se extraviaram, visto como não figuram ahi.

já o estiveram de terra, sem que sobre elles se tenha feito estudo algum.

Se os ha não conheço.

Não tem havido quem delles trate, e mesmo poucos conhecem estas antigualhas, que para muitos passam por *pedras de raio* ou de *coriscos*. Na Europa comtudo tem chamado muito a attenção dos Antiquarios do Norte que possuem no seu museu já uma bella collecção.

Não tendo visto, nem estudado outras antiguidades do Brasil, apenas apresento as do valle do Amazonas, para servindo de estimulo, outros mais habilitados e com mais luzes, fazerem um monumento, para o qual carrego esta pequena pedra ainda bruta. (*)

A oppinião que formo sobre a apparição da civilisação do homem no Brasil, talvez não seja verdadeira, mas vae ahi documentada com estes instrumentos que tantas fadigas, tantas privações, me custaram para obter.

Não é um trabalho completo, disse eu, porque me falta ainda visitar muitos lugares, onde espero talvez encontrar maiores antiguidades, porém, os instrumentos que ahi vão descriptos e representados, são amostras de quasi todos os feitios que existem,

---

(*) Apresento aqui, só as que encontrei nas minhas explorações, e, como ellas, segundo informações que tenho, representam todas as formas que se encontram ahi, por isso não menciono as de outras localidades do alto Amazonas, onde tem sido encontradas. Se por ventura achar alguma com fórmas differentes ou que se torne notavel por qualquer circumstancia, em appendice a este trabalho darei noticia.

variando sómente no tamanho em alguns, e muito pouco na fórma, em outros.

Antes de entrarmos na descripção, farei algumas considerações sobre o uso que tinham.

Começarei pelas pontas de flechas de silex, que são muito raras.

Como sabemos o homem sempre viveu rodeado de inimigos, quer da mesma especie quer de outra. Rivalidades, falta de meios de subsistencia e outras muitas causas, fizeram com que o povo se dispersasse e formasse nucleos, que mais tarde constituiram tribus, que muitas vezes pelo seu desenvolvimento ainda se subdividiram. A separação da tribu, dá lugar á inimizades e estas ás lutas, e d'ahi os perigos que corre o homem, precisando para isso de armas para defeza, visto Deus não ter-lhe dotado com esse meio de defeza como a todos os animaes deu. A applicação de sua intelligencia produzio as armas primitivas que foram a massa e o arco, e cuja invenção perde-se na noite dos tempos.

Na idade da pedra lascada, começam á apparecer as pontas de flechas de silex, que nos provam ser o uso do arco já conhecido.

Antonio de Sousa Macedo, no capitulo XXI da *Eva e Ave*, attribue, pelas autoridades antigas, aos povos Assyrios, a invenção do arco, porém, é certo que a tradicção biblica nelle nos falla.

Quando Agar, errante com seu filho Ismael, pelo deserto de Bersabé, sentio secco o odre d'agua que Abrahão lhe pusera ás costas, e afastando-se para não vêr seu filho morrer á sede, « assentou-se defronte tão longe como um tiro de flecha. » (*) Assistindo

(*) Genesis, cap. XXI, v. 16.

Deus á Ismael, cresceu este e « ficou vivendo no deserto e sahiu um bom archeiro. » (*)

Na mythologia grega vemos Apollo, armado de arco e flechas (**) assim como Hercules, pela descripção de Homero. (***)

Sempre os poetas e os pintores nos pintaram desde a maior antiguidade Diana, a caçadora, e Cupido armados de arco e flechas.

Parte das tropas, nos ultimos tempos do poder militar da Grecia, era armada com arco e flechas. Os archeiros e bésteiros vêm-se tambem nas tropas romanas, com o nome de sagittarios.

O arco, pois, é a arma primitiva e a segunda inventada, pois a primeira foi a massa, como a mais natural.

A sua fórma e perfeição denota o estado mais ou menos adiantado. Como na idade media, existem no Amazonas os arcos direitos e curvos. Os primeiros só se vêm entre os gentios e os segundos entre alguns tapuyas.

O silex pela facilidade de lascar, deixando arestas cortantes, foi o primeiro empregado para a ponta das flechas. O crystal tambem em alguns lugares era usado; mais tarde, porém, foi substituido pela taquara, ou pelo ferro, como as de que usam os Muras semi-civilisados.

Estas flechas só serviam, como hoje, para a defesa contra inimigos, ou para a caça de animaes superio-

---

(*) Genesis, cap. XXI, v. 20.

(**) Illiada 1.º—45.

(***) Odissea 11.º v. 20 606.

res, porque para a caça miuda ou para a pesca, só empregam a de ponta de osso, quer humano, quer principalmente das tibias de veado ou de macaco.

O dardo, segundo depois da massa ou clava, dando idéa para o arco, tem comtudo, um emprego diverso. Aquelle é usado só quando a peleja está braço á braço, que não dá lugar á estender-se este. Tinha tambem a ponta de silex, que depois foi substituida pela madeira, usando-se principalmente a da palmeira pachiuba, *(Iryartea)* por ser mais forte.

Com o nome de *curaby*, *murucu* e *murucu-maracá* é tambem usado por diversas tribus do Rio-Negro, Purús e Japurá. Quasi sempre são hervadas pelo *urary*.

A massa foi o primeiro instrumento homicida, (pela tradição biblica,) foi d'ella que se servio a inveja representada por Caim. Foi de madeira, com ella tentou Hercules esmagar o leão das florestas de Nemea e Cleomæ, fizeram-a depois de pedra e ainda no 4.º seculo, pelo Schisma de Donat, os padres armaram com ellas as suas ovelhas. Entre os nossos gentios, voltou á ser de madeira, ha já seculos, tanto que d'ellas não fallam nossos historiadores. As victimas prisioneiras, segundo estes, sempre cahiram debaixo do peso da *ymyrapema* dos muruicháuas.

Entretanto, já a tiveram de pedra, que mais difficil de encontrar e trabalhar, foi despresada pelo páo d'arco *(tecoma)* e pela muirapiranga *(cæsalpinia.)* (*) O *cuidarn*, e a *tamarana*, substituem perfeitamente as massas de pedra, já pela facilidade do trabalho, já

(*) *Ymyrá*, madeira, *piranga*, vermelha.

pela rigidez, como pela duração necessaria. Introduzida pelos normandos, foi despresada muito antes do descobrimento dos portuguezes.

São tão raras, que bem mostram que ha longos seculos foram esquecidas. Nossos descobridores só conheceram a clava de madeira, tanto que Pedro Vaz de Caminha, companheiro de Cabral, que tão minucioso é no seu contar, d'ellas não nos falla.

Como o dardo, a massa só se emprega na luta braço á braço, quando a peleja é mais renhida, para abater os mais valentes, sacrificar os prisioneiros, ou castigar os *maracaimaras*, feiticeiros. Com dentes de *taitetu* ou de *queixada* e ainda com as de *cutia*, preparam a madeira, e depois ornam-a com desenhos gravados, ou com pinturas feitas de *tauá-tinga*, (argilla branca) *urucú* e *carajurú*. Os tucháuas enfeitam-as de pennas e marchetam-as com a madreperola das conchas ou com a casca dos ovos de *macucáua*.

As massas de pedra, eram geralmente de diorito, de trapp ou de syenito.

No meio de uma natureza gigante, coberto o sólo por densas florestas, via-se o homem privado de cultivar o sólo, para prover-lhe a existencia. A pesca e a caça forneciam o principal alimento, porém, do sólo nada podiam tirar.

A necessidade aguçou a intelligencia e esta inventou um instrumento, que manejado por mão habil, derrubou as florestas e fez rebentar a cultura. Appareceu o machado, á principio lascado, tosco, e depois polido e aperfeiçoado.

A sua invenção perde-se na noite dos tempos, o seu emprego data da idade primitiva. O homem primitivo, o companheiro do *elephas primigenius*, do *rhinoceros trichorrhinus*, do periodo quaternario, d'elle tambem

usou, e cousa notavel, milhares de annos depois, ainda os selvagens do Brasil usavam estes instrumentos quasi com as mesmas fórmas, sendo alguns até iguaes. A propria rocha, de que eram feitos, é a mesma com pouca differença.

Comparados, tambem, com os que usavam os normandos, ha tanta semelhança que parece fóra de duvida que foram elles os mestres dos nossos selvagens pois não admitto a doutrina evolutiva. Confirma-me esta opinião, o facto de não encontrarem os normandos, os naturaes armados de armas de pedra e sim sómente de arco e flechas como se deu no attaque que soffreu Leif Thorvald, do qual foi victima. (*) N'outro attaque, que outros expedicionarios fizeram, os naturaes além da flecha só traziam umas especies de balistas que arremaçavam pedras longe. Não conheciam o machado, tanto que assim se exprime o Sr. Gravier: (**)

« Les Skrellings ou Esquimaux arrivent à portée du trait, lancent une nueé de fléches et s'enfuient. »

Empregavam-os nos mesmos misteres? Estudando-se o caracter do indio, é fora de duvida que sim. Como d'elles se serviam e para que?

Conforme o emprego que tinham, assim eram as fórmas e o tamanho. Havia para o córte das madeiras, para debastal-as e para o preparo dos utensilios de que precisavam.

Para córte das madeiras serviam-se dos grandes,

(*) *Decouverte de l'Amerique par les normands ou X siécle*, par Gabriel Gravier. Paris 1874. Pag. 62.

(**) A mesma obra. Cap. II. Pag. 87.

e oblongos, para rachal-as dos longos e cylindricos e das cunhas, para preparal-as, quando já debastadas, dos chatos e dos pequenos, que eram empregados as vezes como enchó.

Assim ainda se servem os indios Makahs, antes Mak-kah, da região do Cabo Flattery, no territorio de Washington. (*) Esta semelhança de uso, como que ainda corrobora a nossa opinião.

Conforme o emprego, assim era cabo e a maneira de encaixal-os. Uns, eram apenas amarrados ao cabo, outros encaixados e amarrados, e ainda outros, além do amarrilho, cobriam este com cerol, que ajudava á segural-o.

O comprimento do cabo e a fórma era relativa ao emprego; assim os que serviam de enchó, tinham o cabo curvo e anguloso, emquanto os outros eram mais ou menos direitos, mais ou menos cylindricos. *(Vide a Est. I)*. Os cabos ás vezes eram ornados de desenhos gravados.

Como preparavam estes machados? O acaso m'o deu á conhecer, deparando com um dos lugares em que eram fabricados. Este achado já mencionei em outro escripto (**).

Passando a cachoeira do Boburé, saltei em terra e ahi encontrei, perpetuada nas rochas, uma lição, para os que hoje ignoram, como eram feitos os machados de pedra.

(*) *The indians of cape Flattery*, by James G. Sivan. Washington. 1869. Pag. 24.

(**) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Tapajós.* Rio de Janeiro. Pags. 97.

Escrevi o seguinte:

« Correndo os rochedos que aqui e alli entre a arêa formam immensas chapadas, encontrei sobre alguns diversos e differentes sulcos, uns já gastos, outros ainda perfeitamente visiveis, que mostravam ter sido feitos pela mão do homem.

« Examinando com attenção as suas fórmas, comparando uns com outros, medindo as suas profundidades, cheguei a convencer-me de que ahi é que eram aperfeiçoados os machados de pedra que se encontram nas margens do Tapajós.

« São tão claros, que recordam perfeitamente as diversas fórmas dos mesmos, nos indicando com precisão, onde eram aperfeiçoados os grandes e os pequenos; onde alisavam-se as faces; amollavam-se, arredondava-se os lados, etc. Penetrando para o interior ahi vim a certificar-me que não errava quando assim pensava, encontrando vestigios de uma maloca, pelos fragmentos de louça e de diorito, do mesmo da cachoeira do Apuhy. Pelos fragmentos de diorito vê-se que os mesmos machados eram, depois de debastados em terra, aperfeiçoados sobre os rochedos, banhados pelas aguas. A rocha ahi perpetua um facto, que não admitte duvida. »

Sobre o modo porque empregavam estes machados no corte das madeiras, diverje a tradicção indigena. Disse eu, em outro trabalho (*) tratando deste assumpto, o seguinte:

« O uso que destes machados faziam está ainda duvidoso. Querem uns que servisse para picar a parte cortical do tronco das arvores, para dar-lhes a morte e depois de seccas serem destruidas pelo fogo; outros, que para cortar as arvores, depois de queimadas, isto é, lançavam fogo em torno a arvore e quando queimada picavam com os machados, até chegar a madeira; tornavam a queimar nesse lugar e tornavam a picar e assim até derrubar a arvore. Penso, porem, que derrubavam sem o auxilio do fogo, porque em centenares de

(*) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá.* Rio de Janeiro. Pag. 92.

fragmentos que tenho encontrado, tenho observado, que muitos tem a parte cortante não só gasta como lascada, o que prova que feriam parte dura. O carvão nunca lascaria o diorito. Talvez empregassem-os com o fogo para derrubar as madeiras e depois as lavrassem sem esse auxiliar, tão poderoso dos indios. »

A prova de que empregam o machado, sem o auxilio do fogo, está no numero de fragmentos desse instrumento, que se encontra nos lugares denominados *terras pretas*, que foram não só suas lavouras, como mesmo em alguns existio a maloca. E' tão grande o numero dos machados partidos, ou com o gume lascado ou gasto que nessas paragens se encontra, que podemos calcular em 6 °/₀ os que se encontram perfeitos. O trabalho de muitos mezes, no fabrico de grande numero de machados, era perdido talvez em um só dia de derrubada. Sempre foi esse o meu modo de pensar, pelas observações que fazia quando me veio confirmar a opinião do illustre M. Broca, emittida na primeira sessão da *Sociedade de anthropologia de Paris* em 1860, quando se tratava dos instrumentos de silex, que justificavam a descoberta do incansavel e finado M. Boucher de Perthes. Diz elle:

« Quand un sauvage de ce temps là voulait couper une branche, il heurtait deux silex l'un contre l'autre jusqu'à ce que l'un eût un bord plus au moins tranchant; puis, quand ce tranchant était émoussé, il jetait son silex et en taillait un autre; parce qu'il ne possedait aucun moyen d'aviver le premier tranchant.

« Il ne fallait pas faire beaucoup d'ouvrage pour user ainsi plusieurs haches en quelques heures, et quand, une famille ou une tribu avait achevé la construction d'une cabane ou les preparatifs d'une chasse le sol etait jonché d'un grand nombre de haches ou de couteaux desormais inutiles. » (*)

(*) *Les ancêtres d'Adam, histoire de l'homme fossile* par Victor Meunier. Paris 1875. Pag. 92.

Esta explicação está de perfeito accordo, com o que se passava muitos seculos depois no Amazonas, como por muitas vezes, tive occasião de observar.

Ha lugares, que entre centenares de fragmentos, em excavações que fiz, nunca pude encontrar um só perfeito.

A paciencia e o tempo que era preciso para preparar-se um desses instrumentos, nos dá uma idéa agradavel do povo de então. Para a realisação de um fim, quanto não era preciso trabalhar a intelligencia, procurando uma fórma que se prestasse ao exito que se esperava! Pensavam alguns que só por meio da fricção de uma contra outra pedra eram preparados estes utensilios, sem o emprego d'agua, e é esta a crença indigena, que vi desmentida na cachoeira do Boburé.

Pensa assim tambem M. Rigollot, (**) quando tratando-se do silex preparado, assim se exprime:

« Tous ces silex sout travaillés de la même manière; cet-à-dire qu'avec une adresse, nous n'osons dire un art, qui souvent nous etonne, ont et parvenu en detachant les éclats, non seulment á les degrossir, mas á leur donner la forme la plus convénable aux usages pour lesquels ils étaient destinés, armes ou outils. »

A parte mais notavel que se encontra nas massas e nos machados é, nas primeiras, a preparada para passar as ligaduras que as prendiam aos cabos, e nos segundos, a chanfrada e furada, por onde passavam tambem as ligaduras.

Como podiam cortar a rocha e abrir sulcos pro-

(**) *Memoire sur les instruments en silex trouvés á Saint-Acheiul, prés Amiens, et considerés sous les rapports geologiques et archeologiques.* Paris. 1854.

fundos transversalmente, ás vezes em duas direcções, e fazer furos com circulos tão perfeitos? Pela fricção, não de uma contra outra rocha, mas pela da madeira, auxiliada pela areia e tambem pela agua.

Antes de apresentar o processo, cumpre dar as razões que me levam á avançar semelhante opinião. Os sulcos das massas, as chanfraduras dos machados e os furos que alguns têm, foram sempre para mim motivos para serias investigações. Nos costumes dos gentios e tapuyos de nossos dias, legados pelos seus avoengos, achei o processo.

Usam no Amazonas os tapuyos para a pesca das tartarugas, de uma flecha denominada *sararaca*, empregada por elevação.

Consta de tres partes: da flecha propriamente dita, da *suumba* (*) ou virote e do *itapuá*. (**)

A primeira é de flecha empennada n'uma extremidade, a segunda é de madeira encaixada na precedente na extremidade opposta á das pennas e a terceira tambem de madeira com uma ponta de ferro, porém, solta, apenas unida á suumba em que se encaixa, por um fio de tucum ou de algodão, que se enleia na primeira. Este fio tem sempre a profundidade do rio em que se pesca.

Para servirem-se enleiam o fio todo na flecha e entroduzem o itapuá em um furo que tem a suumba na parte superior. Em outro escripto já tratámos d'esta flecha e da maneira de empregal-a na pesca; trazemol-a á questão, por ser a que primeiro nos levou á pensar no modo de furar-se a pedra.

(*) Corruptella de *huyb*, flecha e *ymb* fuso.

(**) *Ita*, pedra, *puá* ponta, significa tambem prego.

Disse que na suumba havia um furo onde se entroduzia o virote; como fazem elles este furo? Como civilisados, podiam servir-se da verruma ou da púa, mas, seguindo o costume deixado por seus antepassados preferem usar d'outro meio, mais rapido e mais seguro.

E' o seguinte: tomam uma vara, de um metro pouco mais ou menos de comprimento, pregam em uma extremidade um prego sem cabeça depois gastam-o em uma pedra até achatar a ponta, de maneira a apresentar a forma do corte de um formão.

Com este instrumento, assim feito, prendem a suumba, antes de segura á flecha, entre os dedos polegar e indicador do pé esquerdo, collocam a ponta do prego no centro da extremidade que querem furar, e de pé, fazendo girar a vara entre as palmas das mãos, em um instante fazem o furo. Outras vezes fazem o instrumento com a vara muito menor e servem-se d'elle como o ourives com o berbequim.

Examinando bem os furos dos machados, pela maneira que apresenta a parte gasta, conheci que era feita pela fricção de um outro corpo, pelo mesmo processo do furo da suumba, trabalhados primeiro de um e depois do outro lado, até encontrarem-se os furos.

Não poderiam furar, senão com uma haste de madeira, auxiliada pela areia e pela agua, para que podessem dar o movimento giratorio entre as palmas das mãos.

Quanto ao berbequim, sempre o tive como uso aprendido na sociedade, até o dia em que encontrei um objecto de barro cozido, que veio mostrar-me que este instrumento era usado antes da descoberta do Amazonas, o que prova, ou a grande intelligencia do indio de então, ou o contacto com um povo que

conhecesse o uso d'elle, o que é mais provavel. Pela sua fórma, pelo furo que o trespassa e pelo seu peso, depois de muito o estudar, cheguei á conhecer que pertencia elle á peça do berbequim em que se passa a corda do arco para fazer girar a púa. A principio tomei-o por um enfeite de pescoço, o que o seu peso repugnava, mas, vendo o uso do berbequim introduzido até em lugares remotos, não duvidei mais do seu emprego.

Tinha, não só chegado á formar idéa da sua fórma, como desenhado e annotado o instrumento, no meu caderno de notas, quando cahiu-me nas mãos a experiencia do professor Carlos Rau, feita com um berbequim de seu invento, com que chegou á furar o diorito com uma púa de madeira auxiliada pela areia e pela agua (1). *(Vide Est. I Fig. 9.ª)*

O uso do berbequim entre os antigos Iroquezes, levou o mesmo senhor a fazer á experiencia, com elle, sendo coroado dos melhores resultados.

Esta experiencia confirmou muito o resultado dos meus estudos. Ainda mais, n'um aterro sepulchral, achou o Sr. Davis, um circulo de pedra perfurado, que estudado pelo mesmo professor Rau, conheceu-se ser uma peça da púa de um berbequim. Este achado dos Estados-Unidos, comprova o do Amazonas.

Para as chanfraduras dos machados, empregavam um outro processo, que vi praticar pelos indios querendo partir regularmente um caroço de uauassu, (atallea).

Serviam-se de uma tala de madeira, que empregavam como serrote, molhando constantemente a parte

---

(1) *Drilling in stone without metal* by Charles Rau. Washington. 1868. Pag. 394.

friccionada e addicionando-lhe areia fina. Estudando-se os cortes feitos na parte chanfrada vê-se claramente que era esse o processo empregado. Em alguns nota-se que alem da tala empregavam com o mesmo auxilio, em vez da tala de madeira, uma corda fina, ou antes alguma tira de couro de anta ou de queixada.

Era trabalho moroso, de paciencia e que empregava talvez mais de um individuo, mas que está na indole do indio.

Ainda hoje não levam, ás vezes, seis mezes trabalhando a madeira com o dente de taitetú, para aperfeiçoal-a e fazer um arco? Os Uaupés do Rio Negro, ainda furam os seus ornatos de quartzo, com madeira, agua e areia, como já fiz vêr (*) e nos refere ainda Wallace. (**)

Eram, pois, os machados feitos por fricção contra uma rocha lavada pela agua, furados e lavrados com madeira, agua e areia e empregados sem o auxilio do fogo em diversos misteres. Para cada um delles, havia formas diversas, que se applicavam em diversos tamanhos. Encontram-se machados desde 3 á 40 centimetros de tamanho, affectando sempre a mesma fórma, na tribu a que pertenciam, com raras excepções.

O uso da pedra polida no Brasil e em toda America, julgo que nasceu da ignorancia do uso da preparação do ferro para servir como instrumento.

A colonia scandinavica que desappareceu, dispersando-se, vendo gastos os instrumentos que consigo

---

(*) *Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá.* Rio de Janeiro. 1875. Pag. 56.

(**) *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* by Alfred R. Wallace. London. 1853. Pag. 278.

trouxe não achando meios de haver outros, para substituil-os começou talvez a imitar em pedra os seus machados. Por descendencia e imitação este costume passaria para os naturaes, que foram assim legando os modelos, que segundo a habilidade do artista soffria mais ou menos alguma modificação. Não foi, comtudo, ella tão grande, pois hoje comparadas as fórmas ainda quasi são as mesmas. As armas e instrumentos de pedra datam na America do anno 1000, pouco mais ou menos.

Não duvido que pudessem existir em épocas geologicas com o homem quaternario, mas como este no estado fossil no Brasil ainda não foi provado existir, não posso crêr que seja a idade de pedra do Brasil, anterior á vinda dos normandos á America.

O Dr. Lund, tem encontrado ossadas humanas nos depositos antigos de cavernas em Minas, mas não se anima á affirmar a contemporanidade com os animaes e especies extinctas, entre os quaes se acham (*). O Dr. Liais, baseado apenas em uma nota, que existe no Museu de Paris, correspondente á uns ossos enviados para ahi pelo viajante Clausen, é o unico que diz, não restar duvida que o homem no Brasil é contemporaneo do *megatherium* e *megalonix*. (**) As armas e instrumentos de pedra, historicamente fallando remontam á alta antiguidade, mas não á antiguidade geologica.

Os depositos de *sernambis* ou *sambaquis*, são talvez seus contemporaneos ; nelles achei instrumentos de

---

(*) *Memoires de la Societé Royale des Antiquaires du Nord.* 1845 e 1849. Copenhague. Pag. 50.

(**) *Climats, geologie, faune et geographie botanique du Brésil* par E. Liais. Paris 1872. Pag. 242.

pedra, porém, esses depositos, como já fiz ver, não representam uma revolução geologica, nem um desvio do rio, mas sim o trabalho annual de uma tribu que existio não ha muitos seculos. Os instrumentos de pedra, pois, no Amazonas e para dizer no Brasil são guias archeologicos, que só dão luz á ethnographia.

Além dos instrumentos de pedra, faziam os indigenas ainda em 1639, (*) quando desceu do Perú, o Padre Acuña, idolos que protegiam as suas batalhas, suas pescarias, etc., aos quaes não tributavam culto algum. D'estes idolos tive a felicidade de ser o primeiro a encontrar e a descrever. (**)

Este uso, perém, não foi herdado dos normandos, pois que no anno 986, já o christianismo estava derramado pela Scandinavia. A idolatria desceu do Perú, com as tribus que não quizeram sugeitar-se ao poder de Manco Capac; mas, o estylo parece ter sido trazido do Mexico, por outra invasão.

A crença que existe entre os indigenas, de que tudo na terra tem um espirito que domina os seus semelhantes, isto é que tem uma *mãi (Sy)* invisivel, levou-os a representar essa creação do espirito com fórmas palpaveis. Para mostrar que foi uso introduzido pelo Perú, basta vêr-se que só no Amazonas, entre algumas tribus a idolatria era seguida. A extincção dos idolos data da introducção do christianismo pelos missionarios, que não só quebravam, lançavam ao rio os de pedra, como queimavam os de páo. (***) A arte e a

---

(*) *Exploração e estudo do Valle Amazonas. Rio Tapajós.* Rio de Janeiro. 1875. Pag. 38.

(**) *Idolo Amazonico achado no Rio Amazonas,* por J. B. Rodrigues. Rio de Janeiro. 1875.

(***) *Thesouro descoberto no maximo Rio Amazonas* por José Daniel. *Revista do Instituto Historico.* Tom. 2. n. 8. 1858. Pag. 484.

perfeição com que eram feitos, denotam um adiantamento, que desappareceu. A comparação entre as obras de então e os trabalhos de hoje, dá uma idéa muito desfavoravel não só da intelligencia como da habilidade dos modernos.

A arte de então, atravessou os seculos nos monumentos de pedra, que se acham soterrados, para levantar a ponta do véo que encobre o mysterio do homem americano. Estes rusticos monumentos, desprezados até hoje por nós, servem para attestar ás gerações futuras quanto foi grande a decadencia da raça americana, hoje representada por um povo indolente, quasi sem arte e sem industria. Pelas minhas observações cheguei á conclusão, de que o crusamento da raça indigena com a caucasica, trouxe a diminuição da intelligencia. Os mamelucos, que representam esse crusamento, são de todos os crusamentos do Amazonas o menos intelligente.

O que escrevi acerca do idolo em questão póde lêr-se no trabalho citado.

Depois do que tenho dito sobre as armas e instrumentos de pedra, só me resta tratar dos seus enfeites.

Os de que até hoje temos noticias, são os denominados pelos naturaes de *muirakytans* (*) que os indios Cunurys, chamavam *aliby*.

Toda a tradição quer escripta, quer fallada, dá a sua procedencia de uma tribu que desappareceu, que nunca foi vista, á que Francisco Orellana appellidou de *Amazonas*.

Tive occasião de me certificar de que eram usa-

(*) *Muirá* páo, *kytan*, nó.

dos por essa tribu, nas excavações que fiz, quando descobri o lugar em que existiu a dita tribu. (*) Hoje são rarissimas esses enfeites, e d'elles deixo aqui de tratar por tel-o feito com algum desonvolvimento quando descrevi o Rio Yamundá. Uma tribu, ainda hoje usa tambem de enfeites de pedra ao pescoço *(chirimbitás)*, é a dos Uaupés, do Rio Negro, que quanto a nós é a mesma das Amazonas, como já tive occasião de fazer vêr quando d'ellas tratei. (**)

Eram estes enfeites de um feldspatho laminar, verde, pelo que foram conhecidas por *pedras verdes*. Os indios hoje quando acham alguma soterrada, attribuem-lhe virtudes milagrosas de maneira que substitue o amuleto antigo, com o qual tem muitos pontos de contacto. Os chirimbitás dos Uaupés, são de quartzo e usados como symbolos de grandeza, que é tanto maior quanto é o enfeite. Ha alguns de dous decimetros de comprimento, que os tucháuas ou chefes, trazem pendentes ao pescoço, enfiados em uma corda, feita de pello de macaco *barrigudo* (logothrix Humboldtii), enfeitada de pennas da cauda do *yapú* (cassicus cristatus).

Antes de terminar resta-me considerar como poderiam vir dar a costa norte do Brasil, os scandinavos, que parecem ser os introductores da civilisação entre os indigenas.

Como poderiam elles, sem passar pela America Central e Panamá, onde a civilisação mexicana estava muito mais adiantada, chegar á costa norte do Brasil

---

(*) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá*, Rio de Janeiro. 1875. Pag. 51.

(**) A mesma obra. Pag. 41.

se as correntes e os ventos *alisios*, a isso se oppunham?

Como explicar que foram os normandos e não mexicanos e peruanos que estavam então mais adiantados, os introductores do aperfeiçoamento da arte e da industria de então? Se as correntes e os ventos a isto se oppunham, o archipelago que existe entre o golpho do Mexico e o Attlantico o favoreciam. Costa á costa, até á Florida e d'ahi pelas ilhas Bahama, Porto Rico e pequenas Antilhas, chegariam ao Orenoco. Subindo por elle e pelo Cacyquiare, desceriam o rio Negro e Amazonas, ou costeando as Guyanas chegariam á ilha de Marajós. Além desta possibilidade que existe ha alguns indicios que parecem comprovar esta opinião.

No Rio Negro, no Rio Urubú, onde outr'ora correu o Amazonas, em Itacoatiara, e na serra da Escama existem inscripções esculpidas, fóra de duvida feitas pelo mesmo povo, que parecem indicar, que por ahi houve uma passagem de emigrantes que deixavam traços para guia dos que se lhes seguiam, ou marcavam as suas datas memoraveis. Esta emigração, parece que irradiou-se pelas Guyanas, porque nos rios Berbice e Correntyne, explorados pelo meu amigo e distincto geologo o Sr. Charles B. Brown, Sq., existem inscripções iguaes, cujos desenhos teve a bondade de me communicar, assim como lhe communiquei os da serra da Escama. Estas inscripções não tem menos de 800 annos. As da Guyana Ingleza foram calculadas pelo Sr. Brown em 1000 annos.

Entre estes desenhos, mais ou menos enigmaticos existe um no rio Negro, e que dá alguma luz á esta questão, é o esculpido em uma rocha da ilha de Pedra, que representa uma antiga embarcação, com formas não usadas ainda no Amazonas.

As primeiras embarcações de civilisados que sulcaram as aguas do Amazonas foram: em 1541 o bergantin de Francisco Orellana (*), que descendo pelo fio da corrente, não podia dar tempo á que os naturaes tomassem-lhe as formas; a segunda em 1637, foi a canôa dos leigos castelhanos da ordem de S. Francisco, Frei Domingos de Brieda e Frei André de Toledo (**); a terceira a canôa do capitão Pedro Teixeira e as de sua expedição em 1638 (***); a quarta e a primeira que entrou pelo rio Negro a canôa dos missionarios jesuitas Francisco Velloso e Manuel Pires, em 1657 (****); a quinta e segunda que sulcou as aguas negras do rio que da côr dellas tira o nome, é a dos missionarios Carmelitas em 1668 (*****).

De todas estas embarcações a unica que podia servir de modello á que se vê gravada, foi a de Orellana, que tal qual como maior podia ter dous mastros, representa a gravura indigena; mas esta passou tão rapidamente que era impossivel os indios reterem as formas na memoria.

Vê-se, pois, que outra embarcação, tiveram por modelo. D'ella trataremos no capitulo das inscripções.

Quando essa não fosse a marcha dos invasores, temos ainda uma presumpção de que a costa do Paru

---

(*) *Historia do Brazil* de Robert Southey.—I Pag. 131

(**) Obra citada. II. Pag. 122. *Compendio das Eras do Pará* por A. L. M. Baena. Pará 1838. Pag. 38.

(***) *Historia do Brazil* de Robert Southey. II. Pag. 424. Baena *Compendio das Eras* Pag. 41.

(****) *Historia do Estado do Maranhão*, pelo padre José de Moraes. Pag. 526.

(*****) Baena. *Ensaio Corographico*. Pará. 1839. Pag. 384.

e a ilha de Marajó, foram os pontos escolhidos para n'ella se estabelecerem. Se por um lado temos a correlação nos desenhos, por outro temos o encontro de uma tribu, habitando a ilha de Marajó com usos, costumes e linguagem, tudo differente das demais nações do Brasil.

Tão difficil era o seu dialecto, que os Tupinambás deram-lhe o nome de *Nhengaibas.* (*) Tão numerosa era ella, que occupava toda a ilha e tão poderosa, forte e guerreira que todos a temiam, até os portuguezes.

O que, porém, não poude o arcabuz, poude a cruz do missionario Antonio Vieira.

D'onde veio esta nação, com uma linguagem desconhecida em todo o Brazil ?

E' opinião geral, que a civilisação extincta do Amazonas é andina, mas pela comparação que temos feito, não só dos costumes como das antiguidades vê-se que é differente. Além d'isso a civilisação andina e mexicana estavam mais adiantada, do que a dos normandos.

Comparados os monumentos deixados pelos normandos, com os dos Incas e Nahuas, estes deitam á sombra aquelles.

Não affirmo, mas parece-me que nossos auctocthenes se relacionaram com os filhos de Odin, como veremos, quando tratar da *arte ceramica*, dos *atterros sepulchraes*, dos *sernambys* e das *inscripções*.

J. Barboza Rodrigues.

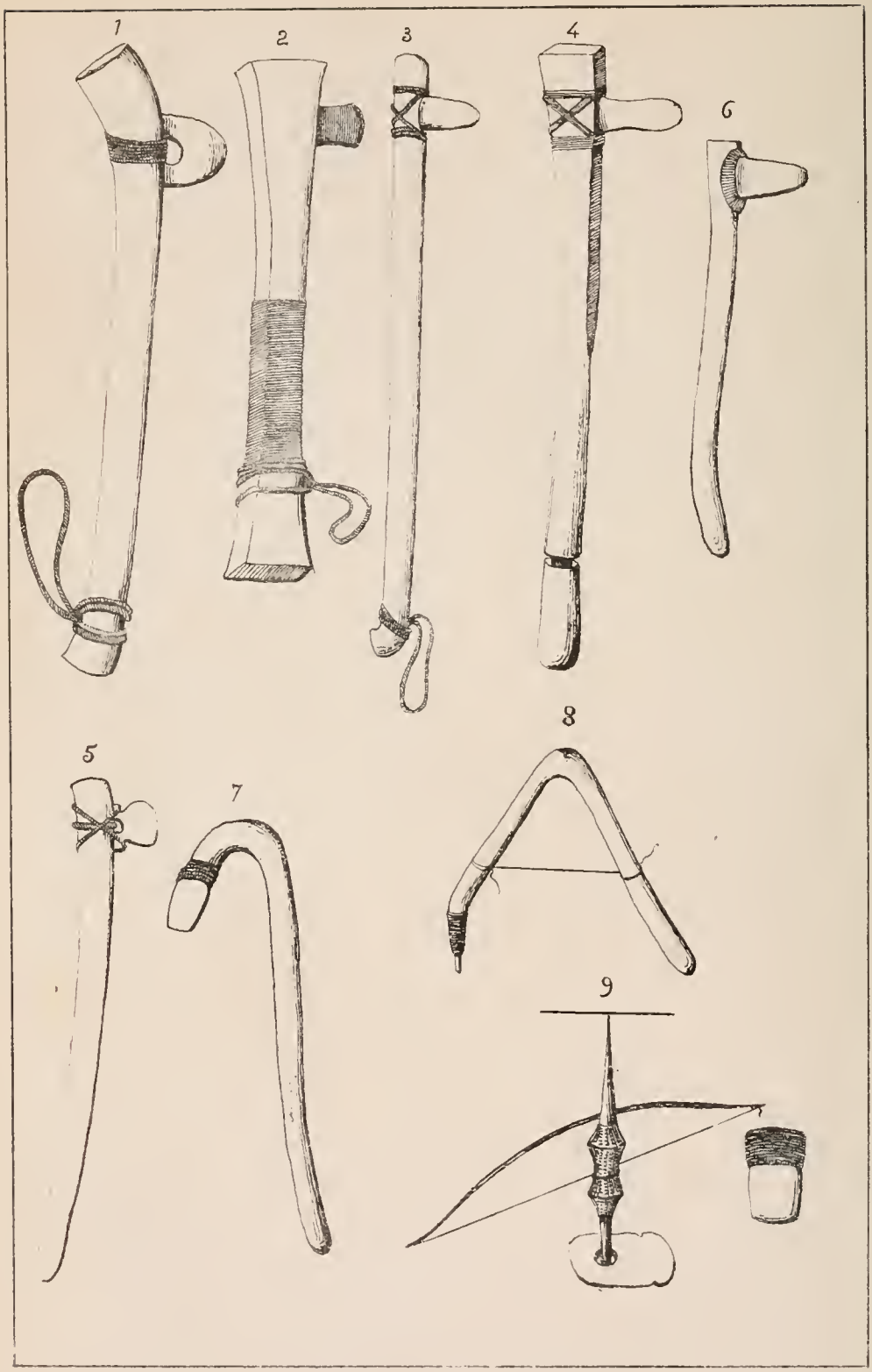
(Continúa.)

(*) *Neeng*, fallar, *aib*, mal.

Estampas e suas explicações

COPIADAS E REDUZIDAS A UM TERÇO DO NATURAL

PELO AUTOR


1
2
3
4
6
5
7
8
9

ESTAMPA I

Fig. 1.ª Representa um machado encaixado no cabo, preso sómente por cordeis de fio de tucum *(Astrocaryum vulgare,* Mart.) que passam pelo furo.

Fig. 2.ª Mostra um machado encaixado n'uma abertura do cabo e soldado com cerol. O cabo é enleiado com fio de algodão, para não magoar a mão.

Fig. 3.ª Indica um machado mettido n'um alvado do cabo e preso pela casca do cipó uambé. *(Philodendrum ambé).*

Fig. 4.ª Machado ligado pela mesma fórma e com a mesma fibra.

Fig. 5.ª Machado preso ao cabo, não só pelo furo como pelos entalhes que tem.

Fig. 6.ª Machado encaixado no cabo e soldado unicamente com cerol.

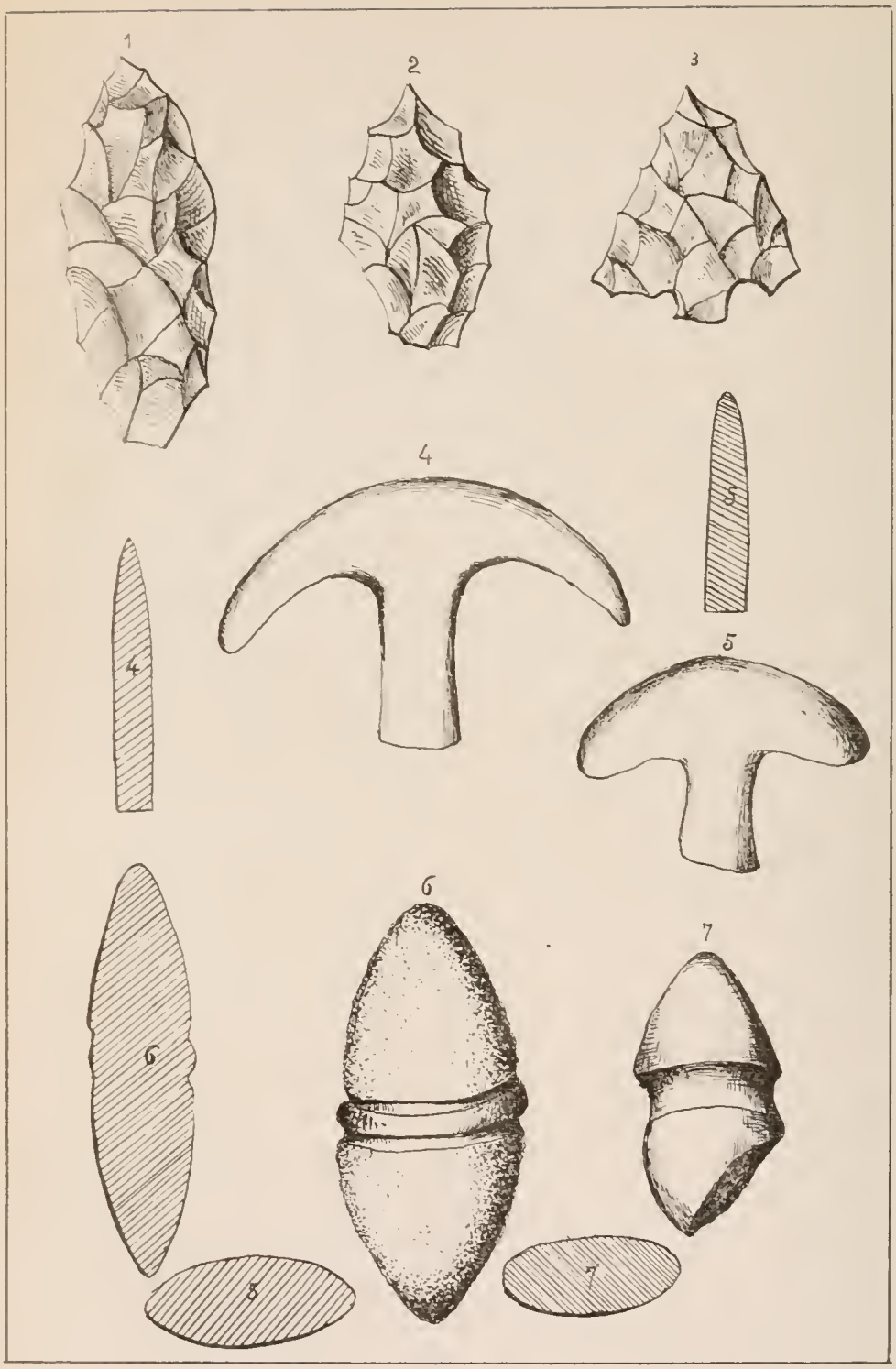
Fig. 7.ª Apresenta uma enchó ligada obliquamente e presa com cerol e fio de algodão.

Fig. 8.ª Enchó encaixada no cabo e presa por fibras de uambé.

Fig. 9.ª Dá idéa do berbequim usado para furar a rocha de que faziam os machados. A peça por onde passa a corda é de argilla queimada e a púa de madeira.

Está em posição de trabalho.

Com estes machados, que tambem serviam de armas de defeza ou de guerra, conforme a occasião, não só derrubavam como lascavam a madeira que precisavam para suas obras, geralmente de uso domestico; porque para construcção empregavam, como ainda hoje, a madeira bruta. As enchós serviam para cavar as suas ubás e mesmo aplainar a madeira, como para os arcos. O berbequim julgo que empregavam verticalmente, calcando com a mão algum objecto proprio sobre a ponta superior da púa, porque o uso de trabalhar assentado não permittia outra posição.


1
2
3
4
4
5
5
6
6
7
7
8

ESTAMPA II

Fig. 1.ª Representa uma ponta de flecha de silex lascado, encontrada na escavação que fiz na mina de *Sernamby*, da Serra da Taperinha, no districto da cidade de Santarém. Com esta ponta encontrei fragmentos de diorito e de machados, assim como ossos de peixe-boi *(manatus americanus)*, e fragmentos de louça de barro, alguns com fuligem.

Fig. 2.ª Ponta de flecha de agatha lascada, que encontrei na praia de Itaituba, no rio Tapajós, confundida com os brachiopodes carboniferos, que se encontram disseminados pela praia, quando o rio vasa.

Fig. 3.ª Esta ponta de flecha foi encontrada na povoação de Sant'Anna, no Rio Uatumá, quando se fazia um buraco para se enterrar um esteio. Sendo-me immediatamente communicada, procedi á maior excavação, que não deu outro resultado.

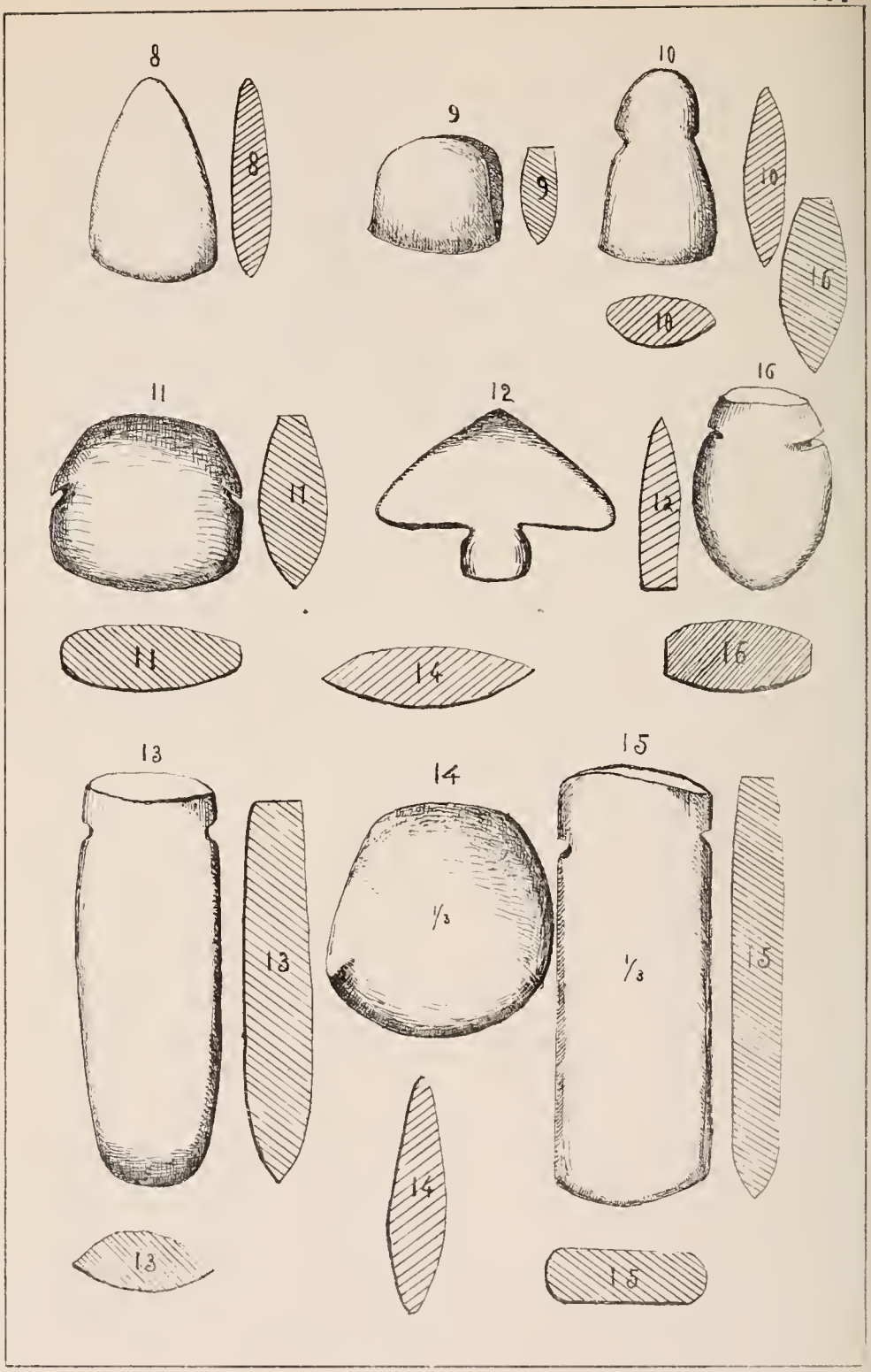
É de silex lascado.

Fig. 4.ª Encontrei na praia da mesma povoação de Sant'Anna, onde a enchente do rio, tinha desbarrancado a margem. Esta pequena arma de guerra, é muito semelhante, não só ás encontradas no norte da Europa, como na America Septentrional, quer de pedra, quer de bronze. Esta é de diorito polido.

Fig. 5.ª Esta outra arma de guerra, maior e da mesma rocha, encontrei sob as rochas calcareas, do terreno carbonifero, da margem esquerda do rio Yatapú, pouco acima da affluencia do Rio Capucapu.

Fig. 6.ª Representa uma outra arma de guerra, feita da mesma rocha, encontrada na povoação do Yatapu, no rio do mesmo nome, encravada na argilla de que é formada á margem do mesmo rio.

Fig. 7.ª Esta massa de guerra de diorito compacto, mal polido, encontrei no alto da serra do Piquiatuba, no rio Tapajós, entre a louça de barro de que está cheio o humus que a cobre.


8
8
9
9
10
10
10
16
11
11
11
12
12
14
16
16
13
13
13
14
1/3
14
15
1/3
15
15

ESTAMPA III

Fig. 8.ª Enchó encontrada na mesma localidade, e feita da mesma rocha. É semilhante a uma enviada por M. Rafn, secretario da Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, ao Museu Nacional, onde se vê na sala 9, armario n. 12. No Perú foi encontrada uma muito semilhante. (*)

Fig. 9. Pequeno machado de diorito que encontrei n'uma das praias do rio Uatumá.

Fig. 10. Machado encontrado tambem no rio Uatumá, na povoação de Sant'Anna. É de diorito polido e inteiramente semilhante a um que se achou na Inglaterra, quer nas fórmas, quer na rocha de que é feito. (**)

Fig. 11. Encontrei-o na tauaquera da ex-missão do Uatumá, entre innumeros fragmentes de louça, contemporanea da mesma missão. É de diorito polido.

Fig. 12. Este instrumento póde ser uma arma de guerra, ou de uso domestico, inclinando-me á primeira hypothese. Encontrei na praia de Sant'Anna do Uatumá. É de diorito polido em que pouco predomina a hornblenda. A maneira de servirem-se delle não pude saber.

Fig. 13. Representa um machado dos que empregavam para rachar a madeira. Quando subi o rio Yatapu, encontrei-o em uma praia. É de diorito polido e mostra uma alta antiguidade, pela decomposição que apresenta na sua superficie.

Fig. 14. É um dos machados usados com o cabo n. 2, da estampa 1.ª Encontrámol-o no rio Mauhes em uma extincta maloca. É de diorito polido.

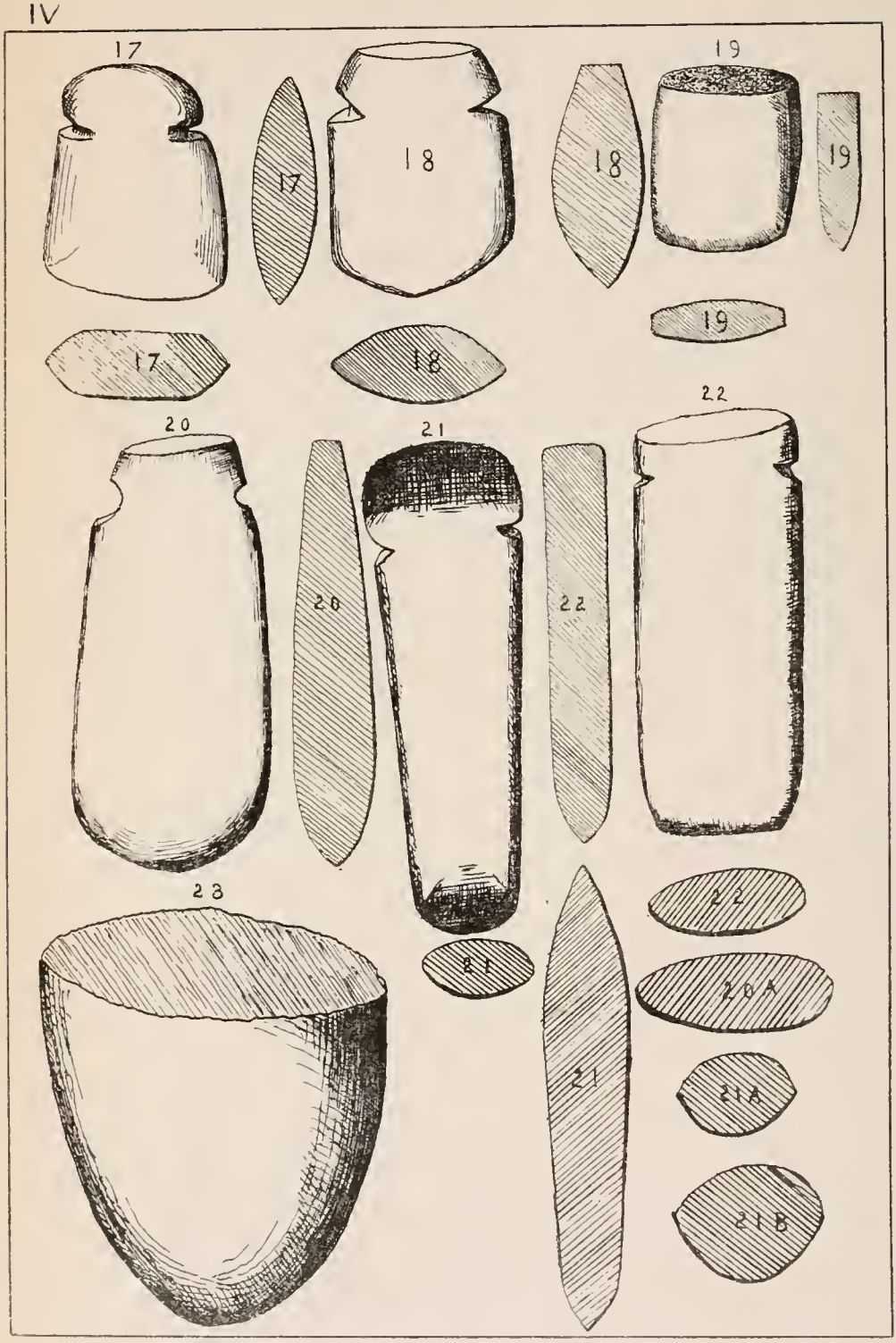
Fig. 15. Representa um machado de diorito polido, encontrado no Rio Yamundá.

Fig. 16. Encontrei este machado, enterrado em uma roça d'um sitio, pouco acima de Itaituba, no lugar denominado Paredão. É de diorito polido.

(*) *Exploration of the Amazon*, by Lwis Herdon and L. Gibbon. Pag. 70. Fig. 30.

(**) *De la place de l'homme dans la nature*, par Th. H. Huxley. Paris. 1868. Pag. 319.

IV



ESTAMPA IV

Fig. 17. Encontrei este machado em uma praia, acima de Itaituba no rio Tapajós. Estava lascado verticalmente pelo meio. É de diorito compacto, muito polido.

Fig. 18, Encontrei este machado no rio Piracaná, acima da missão de Santa Cruz, enterrado, junto a alguns fragmentos de louça de barro lisa. É de diorito perfeitamente polido.

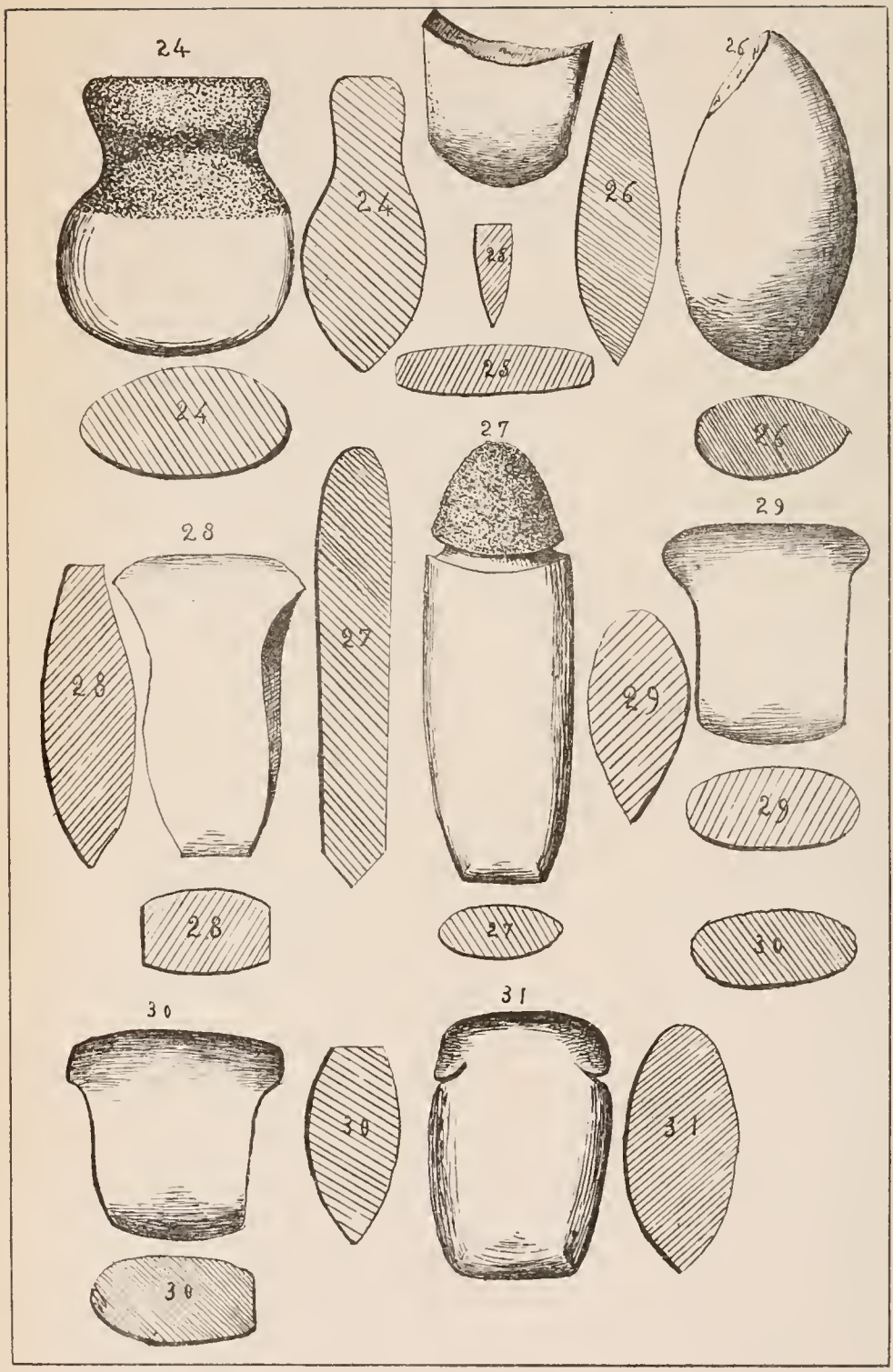
Fig. 19. Parte terminal de uma enchó, das que se serviam com o cabo, representado na fig. 7.ª, que desenterrei na mesma localidade acima. É tambem de diorito.

Fig. 20. É um dos grandes machados de derrubar, de diorito compacto polido, desenterrado por mim n'um pacoval, do sitio do Paredão, no rio Tapajós.

Fig. 21. Outro grande machado, porém, de rachar a madeira, tambem de diorito muito bem polido. Encontramol-o no mesmo sitio. Fig. 21 A e 21 B. São córtes horisontaes de machados, com a mesma fórma, porém, com diversas grossuras, do da fig. 21, achados na mesma localidade.

Fig. 22. Encontrado no mesmo sitio, e feito da mesma rocha.

Fig. 23. Fragmento do córte de um grande machado, que nunca mederia menos de $0^m,3$ de comprimento. Foi encontrado na ilha de Marajó, e foi-me offerecido por um amigo. É o maior que vi. Um, pouco menor, encontrei no rio Piracaná, que enviei em fins de 1872, para o Museu Nacional, por intermedio do governo e que ahi deve existir.


24
24
24
25
25
26
26
26
27
27
27
28
28
28
29
29
29
30
30
30
31
31

ESTAMPA V

Fig. 24. Machado encontrado nas excavações que fiz na tauaquera das Amazonas, na costa do Parú. E' polido, á excepão da parte que prende-se ao cabo. E' de diorito compacto.

Fig. 25. É um fragmento, representando a ponta de uma enchó de syenito encontrada na mesma localidade acima.

Fig. 26. É uma arma de guerra, que encontrei na mesma paragem, feita de diorito polido.

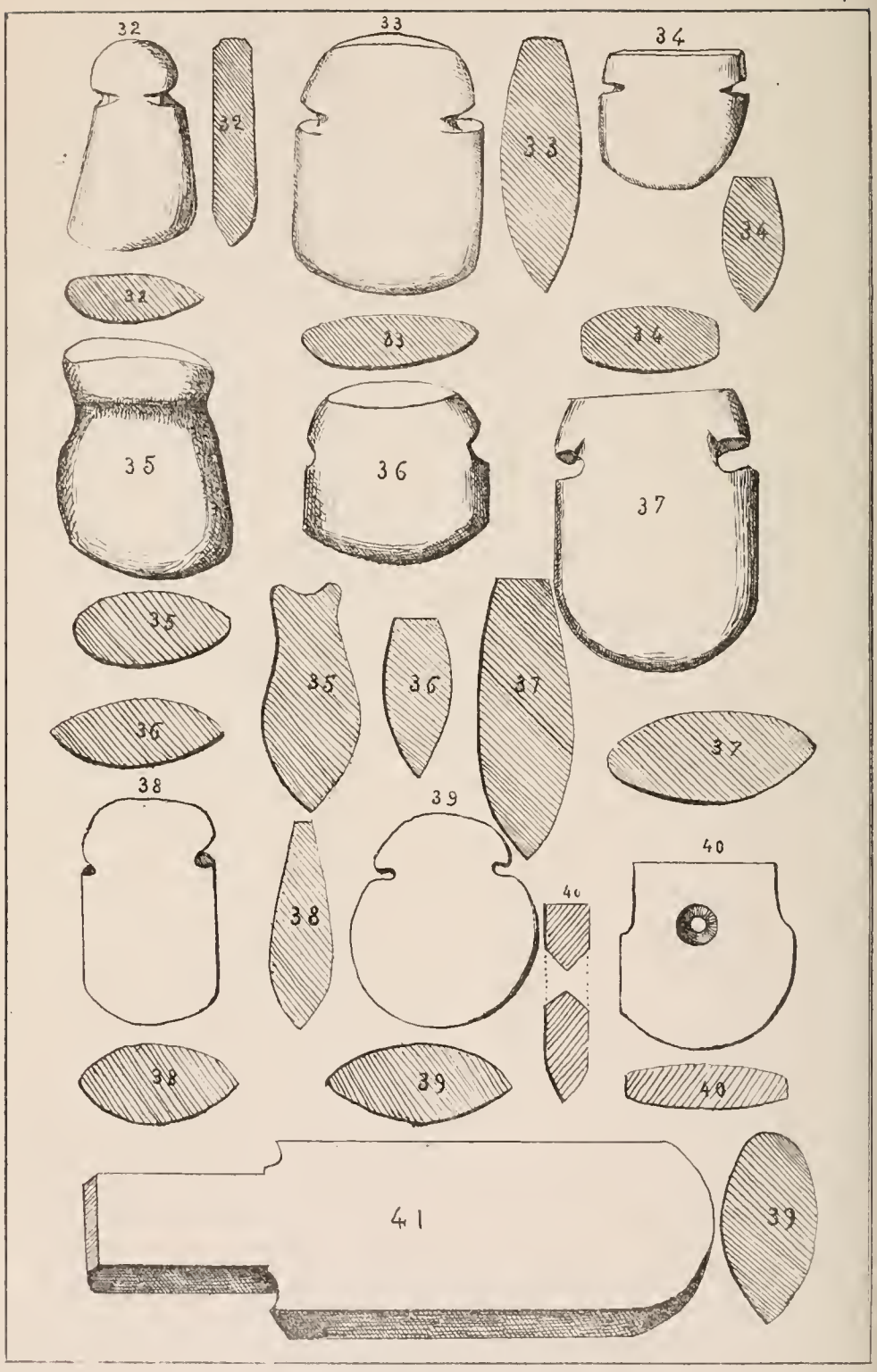
Fig 27. Foi encontrado tambem nas excavações que fiz na costa do Paru. É todo polido, á excepção da parte que entra no alvado do cabo.

Fig. 28. É um dos machados usados com o cabo n. 3, da estampa 1.ª, que encontrei no Rio Anibá. É bem feito, porém, não é perfeitamente polido. É feito de diorito.

Fig. 29. Encontrei este machado tambem no rio Anibá. É de diorito.

Fig. 30. Nas excavações que se faziam em Manáos para o aterro, foi encontrado este machado por um trabalhador, que o entregou ao director das obras publicas, o meu amigo Dr. Leovigildo de S. Coelho, que me offereceu. É de diorito polido, e muito bem feito.

Fig. 31. Encontrei este machado na tauaquera de S. Raymundo, no Rio Urubu. E' de trapp, perfeitamente polido.


32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

ESTAMPA VI

Fig. 32. Representa um pequeno machado, que desenterrei no Itapéua, no rio Tapajós ; é de diorito.

Fig. 33. Com esta fórma e dimensões, fabricados da mesma rocha (diorito), encontrei em diversos lugares do rio Tapajós, muitos machados, como em Itaituba, Itapéua e Piracaná.

Fig. 34. Este pequeno machado, naturalmente empregado no preparo de utensilios domesticos, é de diorito e encontrámol-o na praia de Itaituba,

Fig. 32. Este machado é um dos que se usava, preso com cerol, no cabo que representa a fig. 6.ª da est. I. Foi encontrado por mim, tambem no rio Piracaná. É de diorito e mostra uma grande antiguidade.

Fig. 36. A fórma e a dimensão deste machado é commum á Itaituba e ao Piracaná, pois quer n'um quer n'outro lugar foi desenterrado por mim. É de diorito.

Fig. 37. É um dos machados, de trapp, mais bem feito e polido que encontrei. Desenterrámol-o na base da serra da Taperinha, muito proximo ao monte de *Sernambis*, que ahi existe. Naturalmente pertenceu á mesma tribu que fez o mesmo monte, porque nelle encontrei fragmentos de rocha igual.

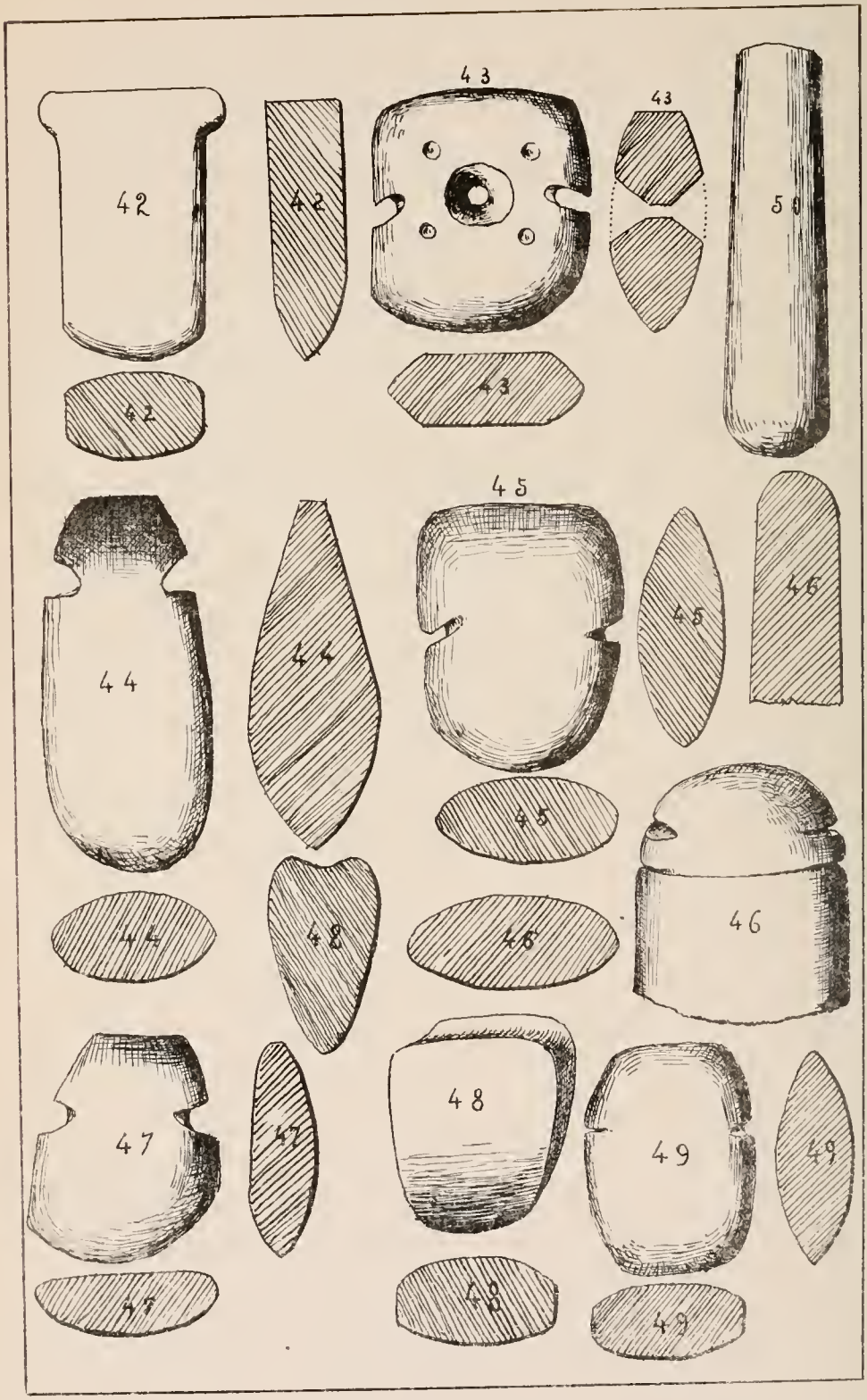
Fig. 38. Machado encontrado em Itaituba. Com esta fórma encontram-se muitos, medindo maiores dimensões. É a fórma mais vulgar.

Fig. 39. Representa um machado, unico com esta fórma que encontrrei. É da praia de Uixituba e de diorito polido.

Fig. 40. Representa um machado, empregado com o cabo n. 1 da est. I. É de trapp, perfeitamente polido e com um furo, feito com o berbequim representado na fig. 9.ª da mesma estampa. O furo, como se vê do córte vertical, é feito de um e depois do outro lado.

Fig. 41. Este instrumento, que parece uma pedra de amollar, cujo uso não pude saber, é um dos que nos mostra o gráo de perfeição da arte de então. É tão bem polido, as linhas são tão rectas, as curvas tão bem feitas, que qualquer artista de nossos dias não se envergonharia de ser o ser autor. É feito de schisto.

Desenterrei-o com alguns fragmentos de louça e machados na terra preta da Itapéua, no rio Tapajós.


42
42
42
43
43
43
50
44
44
44
45
45
45
46
46
46
47
47
47
48
48
48
49
49
49

ESTAMPA VII

Fig. 42. Encontrei este machado, de syenito mal polido, no rio Uauinchá, affluente do Yamundá, proximo ao lugar d'onde desenterrei as *ygasáuas* que remetti para o Museu Nacional.

Fig. 43. Este machado, um dos encaixados no alvado do cabo, como representa a est. I, fig. 1.ª, é de diorito polido. Tem um furo que o trespassa e mais quatro principiados, em cada uma das faces. Foi-me offerecido por um tapuyo que habita na costa do Paru, onde o encontrou.

Fig. 44. Este machado, feito de diorito compacto, perfeitamente polido, encontrei-o na serra do Piquiatuba, proximo á cidade de Santarém.

Fig. 45. Pela fórma distingue-se bem este machado, que encontrei no Rio Negro. É de diorito e parece que applicavam-o no preparo da madeira.

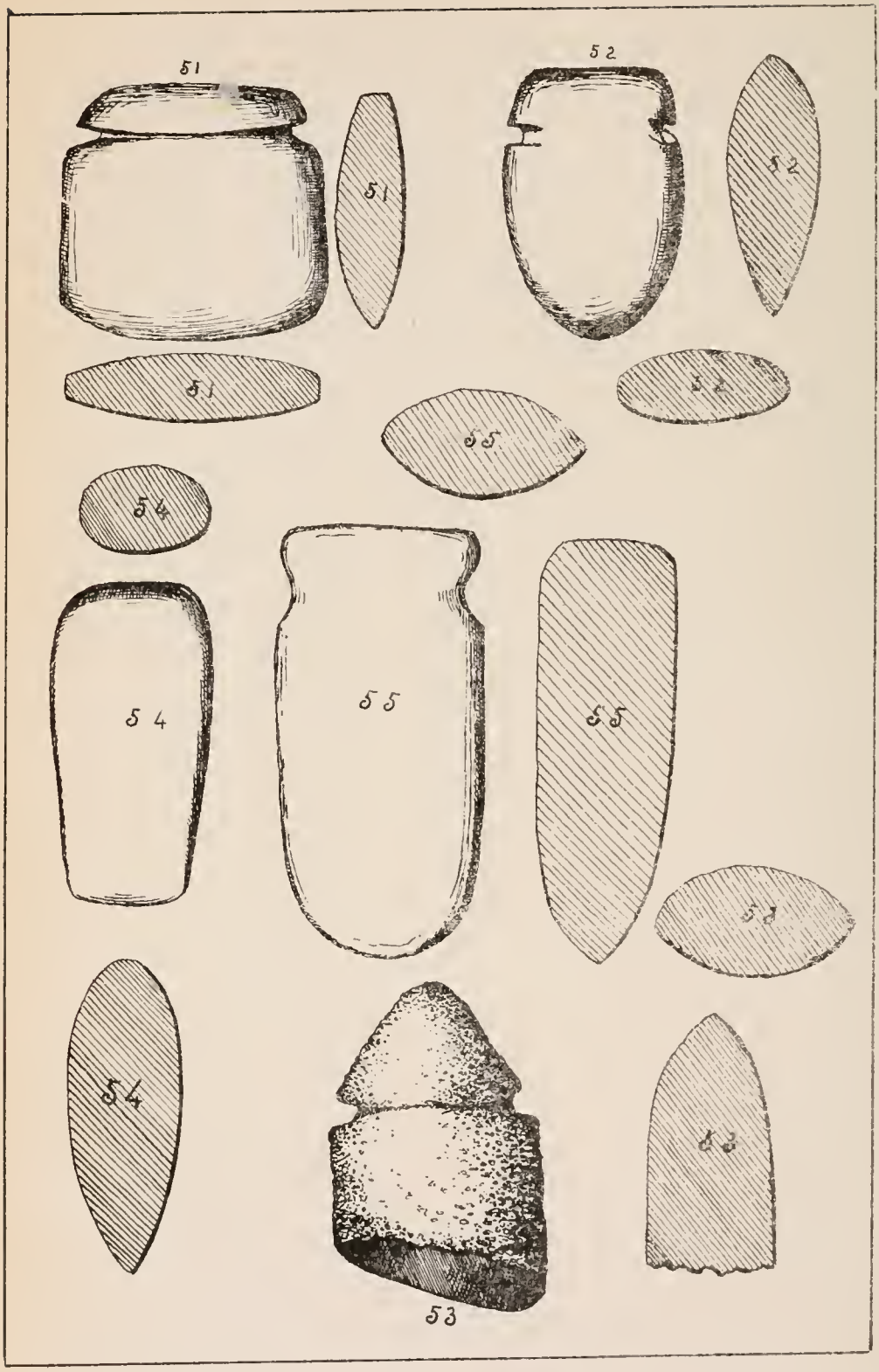
Fig. 46. Representa um fragmento de um grande machado que encontrei no Rio Tapajós. É de diorito muito bem polido.

Fig. 47. Foi encontrado no mesmo rio, e é feito da mesma rocha

Fig. 48. É uma das cunhas que empregavam para rachar a madeira, sobre a qual assentavam uma especie de cabo para receber o choque que sobre ella davam. É de diorito e encontrei-a no rio Uatumá.

Fig. 49. Este machado, encontrei proximo a Itaituba. Está um pouco gasto pela acção do tempo. E' feito de diorito.

Fig. 50. Este monolitho representa uma especie de mão de gral, julgo, porém, que tinha outro emprego. Encontrei na tauaquera de S. Raymundo, no Rio Urubu. É uma das reliquias, talvez, da tribu esterminada pelo capitão Costa Favella. E' de diorito.


51
52
51
52
51
52
55
54
54
55
55
53
54
53
53

ESTAMPA VIII

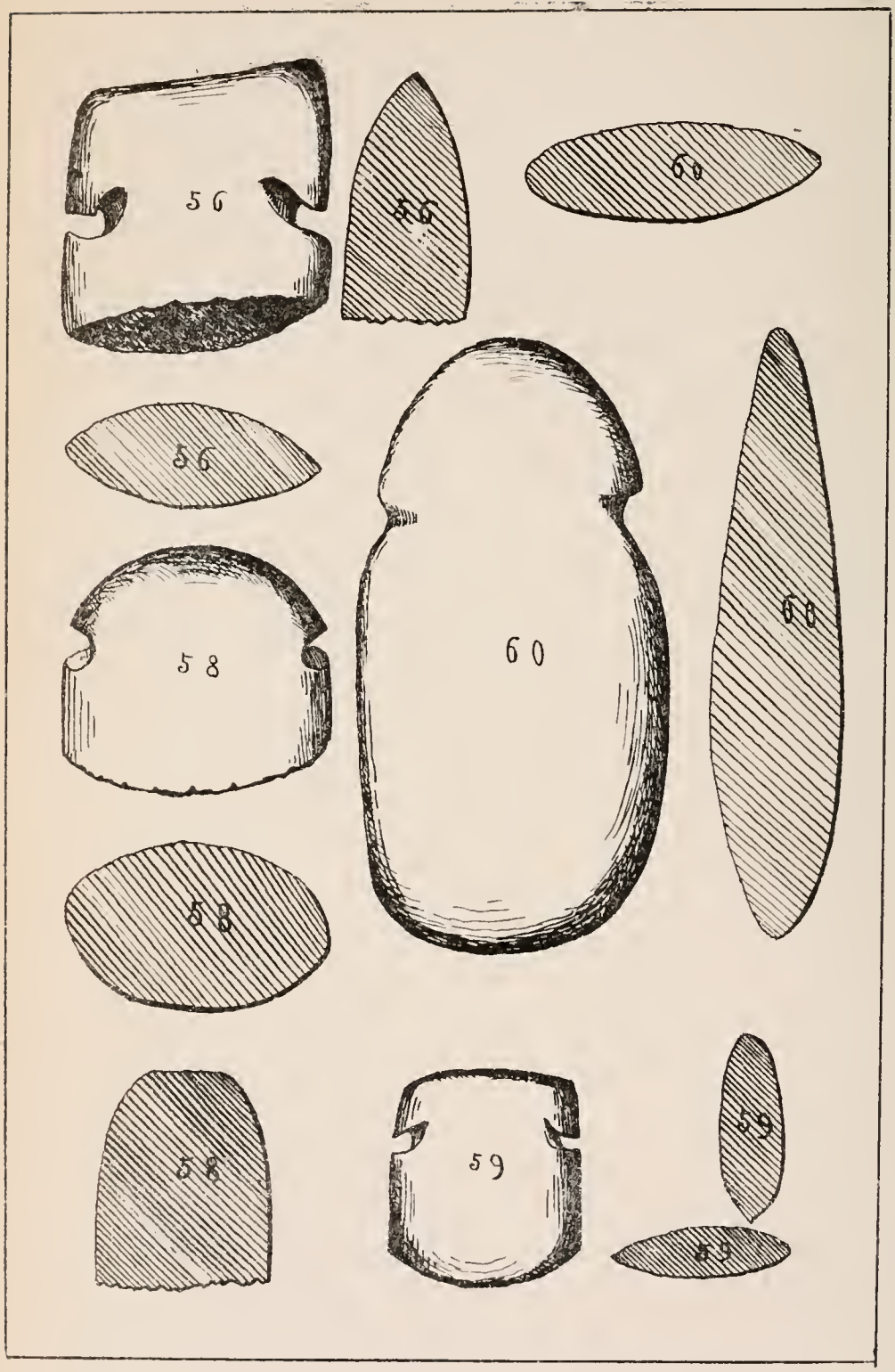
Fig. 51. É um dos machados mais caracteristicos que encontrei pela sua espessura. Foi achado no lago Yuquery-assú, no Rio Trombetas, entre alguns fragmentos de louça, onde deparei com uma cabeça de jacaré de argilla cozida, muito bem feita. É de diorito.

Fig. 52. Ainda é um dos machados encontrados em S. Raymundo. É de trapp perfeitamente polido e muito bem talhado.

Fig. 53. Foi encontrado no costa do Paru e está muito deteriorado pela acção do tempo. É de diorito compacto.

Fig. 54. Parece uma cunha, mas querem alguns tapuyos que seja antes um machado de trabalhar á mão, sem o emprego do cabo. É de diorito, e encontrámol-o na cidade de Obidos, nas proximidades do cemiterio publico.

Fig. 55. Machado empregado nas derrubadas, feito de diorito e encontrado no rio Trombetas, proximo do lago Batata.


56
56
60
56
60
60
58
58
58
59
59
59

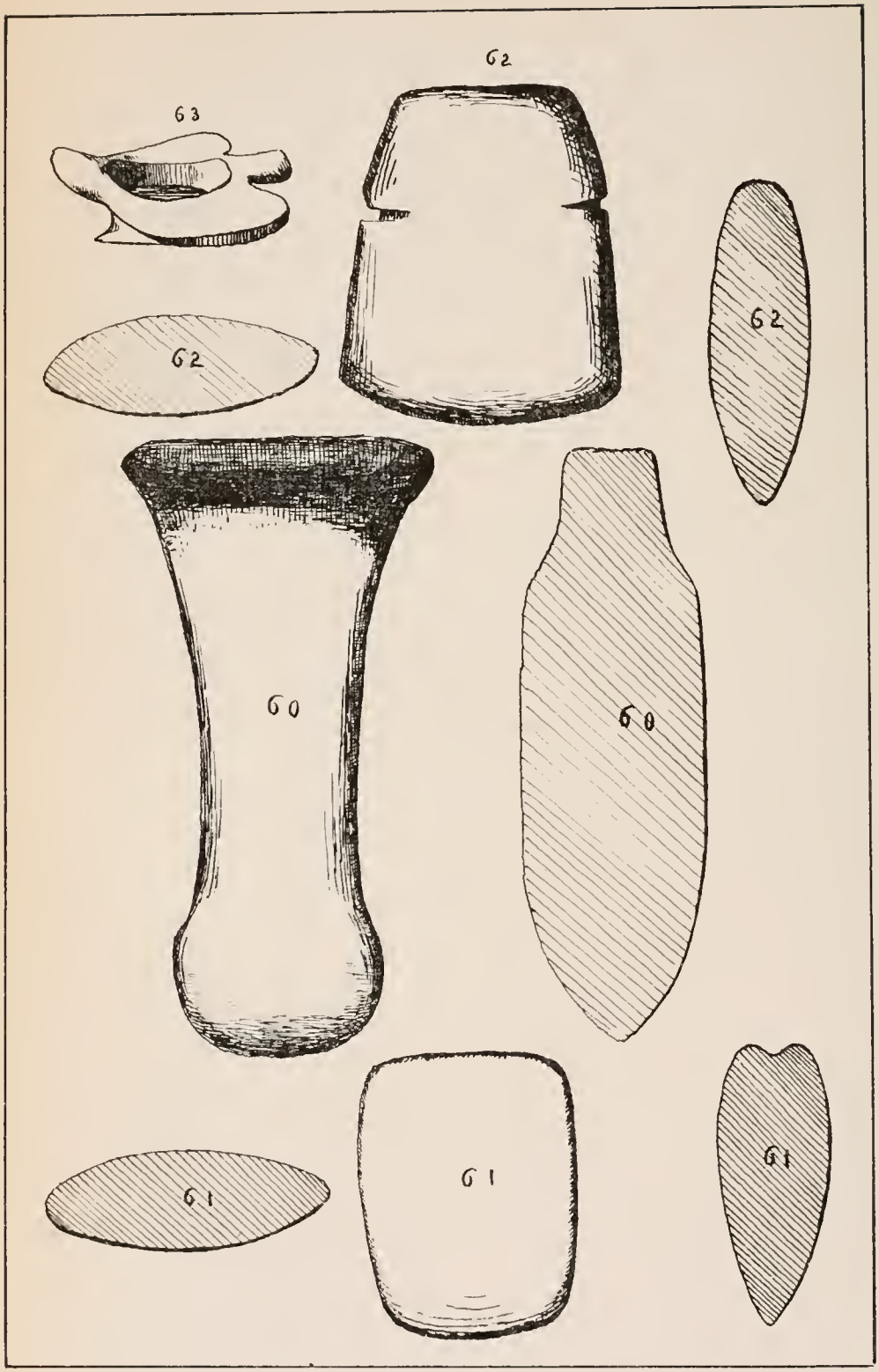
ESTAMPA IX

Fig. 56. Representa um fragmento de um grande machado, de diorito perfeitamente polido e bem trabalhado. Tem uma fórma elegante. Encontrei tambem no Rio Trombetas.

Fig. 57. Este grande machado, é um dos encontrados nos aterros sepulchraes da ilha de Marajó. É de diorito compacto, e, se bem que seja polido, não tem as fórmas regulares.

Fig. 58. Fragmento de um grande machado de diorito compacto, encontrado proximo ao Rio Piracaná, no Tapajós.

Fig. 59. Este machado é da mesma localidade e feito de diorito.


62
63
62
62
60
60
61
61
61

ESTAMPA X

Fig. 60. Este machado, unico que encontrei no Rio Capim, é de diorito e parece ser uma das reliquias da briosa tribu Tupynambá. Já gasto um pouco pelo tempo, apresenta comtudo fórmas inteiramente differentes de todos que estudei. É de diorito.

Fig. 61. É uma outra cunha das empregadas com cabo. Encontramol-a no rio Tapajós e é feita de sienito.

Fig. 62. Um dos machados cuja fórma, parece indicar que só era empregado no falquejo da madeira. É de diorito e encontramol-o na tauaquera de S. Pedro Nolasco, no rio Urubú, dentro do recinto das ruinas do extincto forte que ahi existiu.

Fig. 63. Devo a um amigo, a acquisição d'este utensilio, encontrado na ilha de Marajó, n'um dos aterros sepulchraes. Affecta a fórma de uma ave, com as azas abertas, tendo o dorso artisticamente excavado, não para servir de *vaso de perfumes,* mas para guardar algumas miudezas das mulheres. Mais de uma razão me leva á assim pensar. Em primeiro lugar, o unico ponto do valle do Amazonas onde se encontram estes objectos é na ilha de Marajó, onde sómente, ainda hoje são fabricados. Na freguezia de Breves, as mulheres fabricam de barro cozido e pintado de côres, objectos como estes, que não só usam para guardar joias, agulhas, alfinetes, linhas, etc., como exportam para o mesmo fim, de maneira que é raro entrar-se n'uma casa de tapuyos sem se encontrar estes objectos. Em Cametá consta-me, que por imitação tambem os fazem. Em segundo lugar, se outr'ora houvesse perfumes que se guardassem em vasos, ainda hoje deviam existir, conservados pela tradicção como são ainda conservados outros usos antigos. É verdade que o povo indigena usa de muitos perfumes, porém, todos são extrahidos de vegetaes, que preparam com agua no momento em que d'elles se querem servir, e nunca guardam. Os perfumes empregados são para a cabeça e mesmo para o corpo, pelo que torna-se necessario uma grande vazilha, que geralmente é uma cuia. Outros perfumes usam, como oleos, porém, para estes o vaso é improprio. Por estes motivos, julgo, que os antigos Nheengaibas, serviam-se d'esses vasos para guardar os seus pequenos objectos preciosos. É de diorito compacto e a figura representa uma sexta parte do natural.

1876 JULHO F. II.

2

ENSAIOS

DE

SCIENCIA

POR

DIVERSOS AMADORES

II

APONTAMENTOS SOBRE O ABAÑEÊNGA.
ESTUDOS BOTANICOS.
ANTIGUIDADES DO AMAZONAS.

RIO DE JANEIRO
BROWN & EVARISTO, EDITORES
53 Rua da Quitanda 53
1876

ESTE VOLUME CONTEM:

Apontamentos sobre o Abañeênga, *O colloquio de Lery*, (132 paginas) pelo Dr. B. C. d'A. Nogueira.

Estudos Botanicos, *O Genero Hortia Vand.*, (14 paginas) pelo Conselheiro Dr. G. S. de Capanema.

Antiguidades do Amazonas, *Arte Ceramica*, (40 paginas) pelo Dr. J. Barboza Rodrigues.

APONTAMENTOS

SOBRE O

ABAÑEÊNGA

tambem chamado

GUARANI OU TUPI

OU

Lingua Geral dos Brasís

Segundo Opusculo

O DIALOGO DE LERY

Nota preliminar.

O dialogo.

Explanações.

O DIALOGO DE LERY

NOTA PRELIMINAR

Este dialogo foi copiado de uma edição latina da obra de Lery, que tive em mãos por obsequio de um amigo. Anteriormente tinham sido tomadas varias notas de uma edição franceza mais antiga, e foi pena não ter então copiado o dialogo todo porque parece que n'aquella edição vinham com mais exactidão os vocabulos da LINGUA GERAL e emfim o livro todo conservava mais aquella ingenuidade caracteristica com que fôra escripto de principio. Agora tenho á vista a 5.ª edição franceza muito augmentada e bastante volumosa sem proveito algum, diga-se a verdade ; confrontada esta com a edição latina vê-se que Lery fez nesta alguns accressimos inuteis, já alargando-se em suas queixas contra Thevet, já dissertando sobre as crueldades de povos do mundo antigo que sobrepujavam as dos BRASIS, etc. O dialogo que aqui é transcripto traz a numeração XX na edição latina e XXI na franceza, e o motivo é o seguinte :

Ao capitulo XV da edição latina correspondem os capitulos XV e XVI da franceza, isto é, o primitivo

capitulo XV foi dividido em dois e Lery depois de dizer *comment les sauvages Bresiliens traitent leurs prisisonniers prins en guerre et les ceremonies qu'ils obseruent tant à les tuer, qu'à les manger*, passa á tratar mais detidamente *des cruautez exercees par les Turcs et autres peuples: et nommément par les Espagnols* (queria de certo ou devia dizer tambem *les Portugais*) *beaucoup plus barbares que les Sauvages mesmes.*

Ambas estas edições, uma por ser traduzida, outra, por estar amplificada, parecem, nas transcripções dos vocabulos da lingua indigena, menos exactas do que a primitiva. Nestas duas edições com effeito vê-se, por exemplo, *inubia* em vez de *mubîe;* se pois não enganei-me nas notas tiradas da edição primitiva, lá estava escripta uma palavra que correspondia mais exactamente ao termo da lingua geral *mimby* para designar flauta. Como *inubia* é possivel e natural que fossem adulteradas muitas outras dicções nas subsequentes edições; se isto se dá com uma e mesma obra reimpressa pelo proprio auctor, como não se dará muito maior estropiamento quando forem as phrases e vocabulos transcriptos por outros, mórmente outros que não fossem conhecedores das cousas e dos nomes mencionados no livro original? Sem a menor duvida devia concorrer isto, junto com muitas outras cousas, para fazer crêr na enorme multiplicidade de linguas que attribuiram aos indios, e muito principalmente aos da America do sul.

Examinando-se as phrases apanhadas por Lery no Rio de Janeiro, reconhece-se immediatamente que era a LINGUA GERAL, e a LINGUA GERAL tal qual era fallada não só na costa, mas pelos GUARANIS no Paraguay sem nenhuma differença fundamental á não ser a da orthographia.

Nestes apontamentos vão reduzidas á orthographia, proposta para o ABAÑEÊNGA, as phrases e vocabulos do dialogo, e serão explicadas nas notas subsequentes apenas aquelles que menos facilmente se adaptarem ao idioma e por isso precisarem de alguma interpretação. Se fossem discutidas todas as phrases e vocabulos um por um as explanações se alargariam de modo desconforme. Estes apontamentos, como já foi dito, deviam seguir-se á grammatica e ao diccionario e d'ahi resulta que tacitamente as notas se reportam ao que lá mais convenientemente é explanado.

Todas as vezes pois, que mediante a simples correcção orthographica se reproduz o vocabulo proprio do ABAÑEÊNGA está feito o que compete á estes apontamentos. As explicações etymologicas e determinação do radical pertencem ao diccionario.

No texto original transcripto de Lery a repetição feita entre parenthesis é a da phrase, qual se acha na 5.ª edição franceza ; o texto corrente é o copiado da edição latina.

Nas columnas onde vem as traducções quer latina, quer franceza, o que estiver entre parenthesis, é que foi omittido por Lery e aqui se traduz, porque de tudo isso ha casos.

E' possivel que me engane e erre na interpretação e por conseguinte na correção de orthographia dos vocabulos e das phrases, mas outro virá que conheça mais perfeitamente o ABAÑEÊNGA e corrija os meus erros. Como desculpa dos erros que possa commetter limito-me á tomar para mim as seguintes palavras do Sr. Max Müller : « Não se segue de modo algum, que « quando se ache a chave de inscripções antigas, se « possa desde logo dar explicação precisa de cada dic- « ção e interpretação exacta de cada phrase. Vê-se

« por vezes o mesmo texto hieroglyphico ou cuneiforme
« explicado differentemente por eruditos differentes ;
« e não é raro que alguns delles proponha nova inter-
« pretação de inscripção, poucos annos antes traduzida
« de outro modo. O que se diz á respeito da decifra-
« ção de inscripções applica-se com justeza não menor
« á interpretação de textos antigos.... O unico meio
« seguro de descobrir o sentido verdadeiro das pa-
« lavras nos monumentos sagrados dos Brahmanes,
« dos Zoroastrios, ou dos Judeus é comparar todos os
« trechos em que se encontra a mesma dicção e pro-
« curar para ella um significado que adaptando-se
« igualmente á todas essas passagens, possa tambem
« sustentar-se em vista de razões grammaticaes e ety-
« mologicas. »

É muito pequenina sem duvida esta decifração de phrases para ser comparada com a profunda investigação das inscripções de monumentos, mas nem por isso deixa de ter applicação á ella o que acontece com a outra.

Procurei na transcripção conservar integralmente a orthographia de Lery, mas não foi possivel assim ser *in totum*, porque, por exemplo, na typographia não ha o *s* antigo e semelhante á *f*, e porque, demais, Lery não manteve orthographia uniforme e foi escrevendo, por exemplo, ora *Sauuage* ora *sauvage*.

Já disse que só no diccionario se elucidam as dicções e nas notas que seguem apenas trata-se de harmonisar a orthographia. Comtudo, uma observação é indispensavel, por isso que entende com o nome de tribu com a qual esteve Lery.

Logo no principio do trecho transcripto vem os dois termos TOOUPINAMBAOULTS e TOUPINENKINS que não é possivel discutir e elucidar por emquanto e que

apenas transcrevo na orthographia correcta pelas expressões TUPINAMBÁ e TUPINIKÊ. O primeiro, como indiquei no prolegomeno, parece-me significar *gente da terra*, e o segundo *os da terra visinha*, mas não é possivel affirmar com segurança que assim estejam bem interpretados. A unica cousa que fica bem certa e positiva em vista destas denominações dadas por Lery é que o nome de TUPINAMBÁ não era exclusivo dos indios encontrados na Bahia, nem tão pouco o de TUPINIKÊ proprio só aos do Espirito-Santo ou Porto-Seguro. Considerando que os incolas, que chegavam á falla com Europeus em qualquer parte da costa, davam-se por TUPINAMBÁS e designavam os visinhos por TUPINIKÊ, os adversarios ou fronteiros por TOBAJÁR, etc., fui levado á interpretar os nomes da maneira acima dita, que não força o sentido nem a escripta dos vocabulos. Limito-me, porém, á enunciar o pensamento, sem pretender affirmar que com certeza seja esse o modo de interpretrar com justeza taes denominações. Fica tambem assente que TUPINAMBÁ, TUPINIKÊ, TOBAJÁR e outros, como nomes de tribus differentes, não são denominações caracteristicas, pois com ellas seria impossivel differençar uma tribu da outra, e apenas se saberia que pertencem á grande familia que fallava o ABAÑEÊNGA.

O nome TUPI por si só sem suffixo algum não é nem póde ser nome de povo. Ha na lingua o verbo *hupir* erigere, tollere, que no infinito absoluto póde fazer *tupir*; ha tambem a expressão *hupi* que me parece contracta do verbo *hub* na terceira pessoa, a qual serve de adverbio e de adjectivo e que inexactamente Antonio Ruiz traduz por verdad, razon, quando a sua significação evidentemente é certò, benè, rectè e tambem rectus, a um. É claro que nenhuma destas duas dicções

podia contrahir-se e mudar a ponto de formar TUPI designativo de alguma tribus ou gens.

O Exm. Sr. Visconde de Porto Seguro nas suas *Annotações* á obra de Gabriel Soares, até certo ponto com razão interpreta TUPI como derivado de *tubyr* patruus. Mas note-se que elles differençavam tio paterno *tubyr* (patruus) e tio materno *tutyr* (avunculus), como se vê no TESORO, e que, para designar com qualquer destas dicções uma multidão ou povo é em todo caso indispensavel addicionar-lhe um suffixo *abá* gens, ou *mbya* populus, mas nunca *mba*, como dá o Ex. Sr. de Porto Seguro. Além disto, supposto que com um destes suffixos se explicasse *tupinambá* a gente ou o povo do tio, ficaria subsistente a difficuldade para explicar os outros nomes terminados em *iké*, *äe*, etc.

Vê-se pois que não é facil interpretar o termo *tupi*, e inda mesmo que se faça esse nome derivar-se de *tub-yb*, o que não é contrario ás regras grammaticaes e prosodicas da lingua, *tub-yb* significando patrum seu parentum dux não póde elle sem suffixo designar tribu ou povo.

Excepto Simão de Vasconcellos, não ha um só autor antigo que mencione tribu tupi algúres; esse designativo foi adoptado por historiadores quando quizeram abranger n'uma só designação as diversas tribus da mesma raça e que fallavam a mesma lingua.

O Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães no seu estimavel livro *Região e Raças Selvagens do Brasil* interpretra *tupi* pequeno raio, e o deriva de *tupá* raio. É evidente que discordamos completamente, tanto mais quanto nem é admissivel a troca de vogaes caracteristicas dos radicaes como sejam *ã* por *í* accentuadas e outras.

Não é este o unico ponto em que discordo do eminente ethnologo e denodado viajor, que tem varado

os sertões das nossas mais remotas provincias, e que gosa de legitima nomeada como litterato e publicista. Si discordo, porém, de S. Ex. n'alguns pontos, principalmente nos referentes á philologia e linguistica (não é possivel perfeito accôrdo de ideias em tudo, mesmo entre amigos intimos), ha outros do seu precioso livro, nos quaes até acho que seriam poucos todos os encomios tributados á S. Ex.

Bem haja a voz autorisada que se levanta em prol desse milhão de seres humanos, esbulhados do seu patrimonio pela gente que se diz civilisada ; bem haja o benemerito da humanidade que apresenta um meio pratico de chamar ao gremio da civilisação esses selvagens, *menos selvagens* (na ingenua phrase de Lery), pelo lado moral quando mais não seja, do que a gentalha dos *cortiços*, porque sem duvida os sanguinarios e brutos selvagens ao menos não são *crapulosos;* e elles vivem nos mattos, isto é, na tréva e não no ámago das cidades cultas, allumiadas pela luz electrica da civilisação. De coração applaudo á S. Ex. por alistar-se no partido dos Gonçalves Dias, Magalhães, Norberto, Ottoni, embora do lado opposto figurem nomes da plana de Lisboa (o Timon Marahense), Visconde de Porto-Seguro e outros.

Mas isto não é da minha competencia e volto á decifração das phrases de bugres.

HISTOIRE D'VN VOYAGE

FAIT EN LA TERRE DV BRESIL DITE AMERIQUE, ETC., ETC., ETC.

. . . . . .

par JEAN DE LERY

natif de la Margelle, Terre de Sainct Sene
au duché de Bourgongne.

—

CHAPITRE XXI

Colloque de l'entree ou arriuee en la terre du Bresil, entre les gens du pays nommez TOUOUPINAMBAOULTS et TOUPINENKINS en langage sauuage et françois.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Es tu venu?	Ere-ioubé?
	Francez
Ouy ie suis venu.	Pa-aiout.
	Tubinambá
Voila bien dit.	Teh! auge, nypo. (The! auge ny-po).
Comment te nommes tu?	Mara pé dérérê ?
	Francez
Vne grosse huitre.	Lery-oussou.
	Tupinambá
As-tu laissé ton pays pour venir demeurer ici ?	Ere-iacasso pienc?
	Francez
Ouy.	Pa.

HISTORIA NAVIGATIONIS

IN BRASILIAM QUÆ ET AMERICA DICITUR, ETC., ETC., ETC.

. . . . . .

a JOANNE LERIO

Burgundo, gallice scripta. Nunc verò primum Latinitate donata et . . . . . .

—

CAP. XX

Colloquium in ipso aditu Brasiliensis oræ inter indigenas TOUOUPINAMBAULTIOS TOUOUPINENKIN brasilicè ac latinè conscriptum.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Tupinambá	
Venisti ne?	Ere-jú pé?	(1
	Francez	
Sic est, veni.	Pa, a-júr.	(2
	Tupinambá	
Bene dixisti.	Ta aguyjé nipó.	(3
Quomodo vocaris?	Marã-pe nde-réra?	
	Francez	
Ostrea magna.	Yryry guasú.	(4
	Tupinambá	
Patriam ergo reliquisti, vt hîc deinceps habitares?	Ere-jakasó piang?	(5
	Francez	
Ita est.	Pa.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Vien doncques voir le lieu où tu demeureras.	Eori deret ani ouani repiac.
	Francez
Voila bien dit.	Auge-bé.
	Tupinambá
Voila donques il est venu par deçà, mon fils, nous ayant en sa memoire helas !	I endé répiac ? aout I endérépiac aout é che raïre Teh (The !) Ouéreté Tenoy (keuoy). Lery-oussou yméen !
As-tu aporté tes cofres? Ils entendent aussi tous autres vaisseaux à tenir hardes que l'homme peut auoir.	Erérou dé caramémo ?
	Francez
Ouy, ie les ai aportez	Pà arout.
	Tupinambá
Combien?	Mobouy? (mabouy?)
Autant qu'on en aura, on leur pourra nombrer par paroles, iusques au nombre de cinq, en les nommant ainsi.	
1	Augépé (augé-pé).
2	Mocouein.
3	Mossaput.
4	Oioieudic (oioicoudic).
5	Ecombo (ecoinbo).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Tupinambá	
Adesdum igitur et locum habitationis tuæ circumspice.	E-jóri nde retām-aguā repiáka.	(6
	Francez	
Bene est.	Aguyjébó.	
	Tupinambá	
Ecce igitur, fili mi, venit in has regiones, nostri memor, papa!	Ñande repiáka o-ú te, ñande repiáka o-ú te, che rayra. Ta a-jur eté, Tenōi Yryry guasú oimoang.	(7
Attulistine capsas?	Ere-ru pe nde karámênguā?	(8
Eo verò nomine comprehendimus quidquid includendis omnis generis vestimentis aptum est.		
	Francez	
Etiam attuli.	Pa, a-rúr.	
	Tupinambá	
Quot?	Mbobyr?	
Unus.	Ojepê.	(9
Duo.	Mokōi.	
Tres.	Mbohapyr.	
Quatuor.	Moyrundy.	
Quinque.	Ambó.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Si tu en as deux, tu n'as que faire d'en nommer quatre ou cinq. Il te sufira de dire *mocouein* de trois et quatre. Semblablement s'il y en a quatre tu diras *oioucoudic*. Et ainsi des autres; mais s'ils ont passé le nombre de cinq, il faut que tu monstres par tes doigts et par les doigs de ceux qui sont aupres de toi, pour acomplir le nombre que tu leur voudras donner à entendre, et de toute autre chose semblablement. Car ils n'ont autre manière de conter.	
Quelle chose est-ce que tu as aportee dedans tes cofres?	Máé pérérout de caramémo poupé ?
	Francez
Des vestemens.	A-aub.
	Tupinambá
De quelle sorte ou couleur?	Maravaé ? (Mara-vaé?)
	Francez
De bleu.	Sóbouy-eté.
Rouge.	Pirenk.
Iaune.	Ioub (ioup).
Noir.	Sou (son).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Si duas tantum habes, quatuor numerare non oportet; satis enim erit si dixeris *mocouein;* Si quatuor habueris sic dices *oioicoudic.* Et sic de reliquis. At verò si quinarium numerum excedant, numerum quem voles totidem digitis tuis, aut si non sufficiunt, sociorum qui tibi adstant, indicare poteris: Non enim habent aliam numerandi rationem.	
Quid in capsis attulisti?	Mbäe-pe re-rur nde karámênguã pypé?
	Francez
Vestimenta.	Aób.
	Tupinambá
Cuius coloris?	Marã-mbäe?
	Francez
Cærulei.	Hoby ête. (10
Rubei.	Pirang.
Lutei.	Júb.
Nigri.	Hún.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
Verd.	Sobouy, massou.
De plusieurs couleurs.	Pirienk (pirienlz).
Couleur de ramier.	Pegassou-aué.
Blanc (et est entendu de chemises.)	Tin.
	Tupinambá
Quoi encores ?	Maé pámo ?
	Francez
Des chapeaux.	Acang-aubé-roupé.
	Tupinambâ
Beaucoup ?	Setápe (seta-pé) ?
	Francez
Tant qu'on ne les peut nombrer.	Icatoupaué.
	Tupinambá
Est-ce tout ?	Aepogno (aipogno)?
	Francez
Non ou nenni.	Erimen.
	Tupinambá
Nomme tout.	Esse non bat.
	Francez
Attens un peu.	Coromo.
	Tupinambá
Or sus donques	Neîn.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Francez
Virides.	Hoby guasú.
Variorum colorum.	Paráb.
Coloris columbini.	Apykasú ñabẽ.
Albi (et de indusiis intelligitur).	Tĩ=ting.
	Tupinambá
Quid præterea?	Mbäe-p'amó?
	Francez
Galeros.	Akang-aóba-rubā. (11
	Tupinambá
Multos?	Hetá-pe?
	Francez
Innumeros.	Ikatu pabẽ.
	Tupinambá
Id ne totum est?	Aipó ñô?
	Francez
Minimé.	Aan-ymā.
	Tupinambá
Omnia nomina.	E henōi mbáb.
	Francez
Expecta paululum.	Koromō.
	Tupinambá
Age igitur.	Eneĩ.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
Artillerie à feu, comme harquebuze grande ou petite: car *mocap* signifie toute maniére d'artillerie á feu, tant de grosses pieces de nauires, qu'autres. Il semble aucune fois qu'ils prononcent *bocap* par *b* et seroit bon en escriuant ce mot d'entremesler *mb* ensemble qui pourroit.	Mocap=mororocap.
De la poudre à canon ou poudre à feu.	Mocap coui.
Pour mettre la poudre à feu, comme flasques, cornes et autres.	Mocap-couiourou.
	Tupinambá
Quels sont-ils ?	Maravaé? (mara vaè?).
	Francez
De corne de bœuf.	Tapiroussou-ac (ak).
	Tupinambá
Voila tres-bien dit.	Augé-gatou-tegué.
Qu' est-ce qu'on baillera pour ce ?	Mâe pé sepouyt rem ?
	Francez
Ie ne les ai qu' aportees, comme disant, je n'ai point de haste de m'en desfaire: en leur faisant sembler bon.	Arouri.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Francez	
Ignea tormenta, cátapultas vtriusque generis. Nam *mocap* omne genus tormẽti significat; maiora etiam quæ nauibus imponuntur ad repellendos piratarum insultus. Pronuntiant autem aliquando per *b* et in scribendo si fieri possit, intermiscendæ essent *m* et *b*.	Mbokáb = mbopokáb = mboropokáb.	
Attuli etiam puluerem igneum.	Mboká-kuî.	
Cornua et alia instrumenta ad puluerem includendum.	Mboká-kuî-yrú = mboká-kuî-ryrú.	
	Tupinambá	
Cuiusmodi sunt?	Marã-mbäe?	
	Francez	
E cornu bovis confiata.	Tapiir-usú-ákua.	
	Tupinambá	
Optime dictum	Añé katú teñé.	(12
Quid tibi numerabitur pro eas res?	Mbäe-pa hepy-rãma?	
	Francez	
Ea instrumenta tantum attuli, quasi dicas, nolo tam citò vendere.	A-rúr-eí.	(13

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
C'est vne interiection qu'ils ont acoustumé de faire quand ils pensent à ce qu'on leur dit, voulans repliquer volontiers. Neantmoins se taisent, afin qu'ils ne soyent veus importuns.	Hé.
	Francez
I'ai aporté des espees de fer.	Arrou-itaygapem.
	Tupinambá
Ne les verrai-ie point?	Nacepiac-icho pén-é? (naoepiac-icho péné?)
	Francez
Quelque iour á loisir.	Bégoé irem.
	Tupinambá
N'a-tu point aporté de serpes à heuses?	Néréroùp guya pat?
	Francez
I'en ay aporté.	Arrout.
	Tupinambá
Sont-elles belles?	Ïgatoupé ? (igatou-pé).
	Francez
Ce sont serpes excellentes	Guiapar-eté.
	Tupinambá
Qui les a faites?	Aua pomognen? (aua pomoquem ?)

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Interiectio est, qua vtuntur dum quis eos alloquitur, quasi respondere velint—Libenter ? et tamen quiescunt, ne importuni videantur.	Hé.
	Francez
Cultros ferreos attuli.	A-rur ita-yapem.
	Tupinambá
Nunquid eos videbo?	Na-hepiag-ichoé-pé-ne ?
	Francez
Quando erit otium.	Mbegué-i-rāma.
	Tupinambá
Nunquid falces attulisti ?	Nd-ere ru-pe guyrapár ?
	Francez
Attuli.	A-rúr.
	Tupinambá
Sunt ne pulchræ?	I-katú-pe ?
	Francez
Eximiæ sunt.	Guyrapar-êtê.
	Tupinambá
Quis eas fabricauit?	Abápe o-moñang ?

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
C'a esté celui que cognoissez, qui se nomme ainsi, qui les a faites.	Pagé ouassou remymognèn.
	Tupinambá
Voila quí va bien	Augé terah.
Helas, ie les verrois volontiers	Acêpiati-mo-mên (acepiach mo mèm).
	Francez
Quelque autre fois.	karamoussee.
	Tupinambá
Que ie les voye presentement.	Tâcépíak taugé
	Francez
Atten encore.	E émbe reingué (eêmpereinguè).
	Tupinambá
As-tu point aporté de cousteaux ?	Eréroupé itaxé amo ?
	Francez
J'en ai aporté en abondance.	Arroureta
	Tupinambá
Sont-ce des cousteaux qui ont le manche fourchu ?	Secouarantim vaé ? (sacouarantiu vaé ?)
	Francez
Non A manche blanc.	En-en. Ivetin.
Á demi raffe.	Ivè pèp.
Des petits cousteaux.	Taxè miri.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Francez	
Ille qui tibi notus est, cuiusque nomen tale est, eas fabricauit.	Paijé-guasú remi-moñãnguér.	(14
	Tupinambá	
Id bene se habet.	Aguyjé terã.	(15
Papæ! Libenter eas viderem.	A-hepiá temomã.	
	Francez	
Alio tempore id fiet.	karambohe	(16
	Tupinambá	
Iam iam videam.	Ta-hepiâg tângẽ	(17
	Francez	
Expecta adhuc.	E-ambé rângẽ, terã, e-ambé rangué.	(18
	Tupinambá	
Attulisti-ne cultros?	Ere-rú-pe itá-kysé amõ?	
	Francez	
Plerosque attuli.	A-rúr etá.	
	Tupinambá	
Sunt-ne cultri capulo diuiso?	Hakuar-ãtĩ-bäe?	
	Francez	
Non. Albo capulo.	Aãn = aãni; yba-ting = yb-tĩ.	
(Plano capulo).	yba-péb = yb-péb.	
Parvos cultros.	Itá kysé-mirĩ.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
Des haims.	Pinda.
Des alaines.	Moutemouton.
Des mirouërs.	Arroua.
Des peignes.	kuap.
Des colliers ou bracelets bleus qu'on n'a point acoustumé d'en voir. Ce sont les plus beaux qu' on pourroit voir, depuis qu'on a commencé à venir par-deçá.	Moürobouyété. Cepiak yponeum (cepiahyponyéum).
	Tupinambá
Ouure ton coffre afin que ie voye tes biens.	E asoïa-vok dè caramémo t'acepiak de maè (easo iavoh de caramemo t'acepiah dè maè).
	Francez
Ie suis empesché ; ie le monstrerai quelque iour que ie viendrai á toy.	Ai mossaénen; acepiagouca irem desve (desue).
	Tupinambá
Ne t'aporterai-ie point des biens quelques iours?	Nâ rour ichop' Irem maé desve ? (nârour icho p' Iremmae dessue?)
	Francez
Que veux-tu aporter ?	Maepe rerout potat? (mae! pererou potat ?)

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Francez	
Hamos.	Pindá.	
Subulas.	Mbotu-mbotu, terã, mboty mboty.	(19
Specula.	Guâruã=áruã.	(20
Pectines.	kygua, terã, kybáb.	(21
Armillas cæruleas. Cujusmodi hic non extant. Eæ quæ pulcherimæ sunt inter eas quas hîc vidimus ab eo tempore quo adferri cœperunt.	Mboy-roby-êtê. Hepiag-ipyr-ëym.	(22
	Tupinambá	
Aperi arcam vt tua bona intuear.	E asóiab-óg nde karamênguã ta-hepiag nde mbäe.	
	Francez	
Occupatus sum ; alio die aperiam ad te veniens.	A ñemo saënã; a hepiag-uká iram ndébe.	(23
	Tupinambá	
Nonne aliquando ad te bona adferam ?	Na-rur-iché-pe i-rã mbäe ndébe ?	
	Francez	
Quidnam vis adferre ?	Mbaë-pe re-rú potá-pe ? (pe = te = täe)	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Ie ne sai, mais toy? Que veux tu ?	Scéh dè? Maé peréi potat? (maépe réi potat ?)
	Francez
Des bestes.	Soô (soo).
Des oyseaux.	oüra (oura).
Du poisson.	Pira.
De la farine.	Ouy.
Des naueaux.	yetic.
Des grandes febues.	Commenda ouassou.
Des petites febues.	Commenda miri.
Des oranges e des citrons.	Margouia ouassou.
De toutes ou plusieurs choses.	Maé tirouén.
	Tupinambá
De quelle sorte de beste as-tu apetit de manger?	Mara-vae soó éréi usceh ? (mara-uaé sóo oreinsceh?)
	Francez
Ie ne veux de celles de ce pays.	Nacepiak, quevon-gouaaire (nacepiah, que von gouaaire).
	Tupinambá
Que ie te les nomme.	A assenou desuoe (aassenon desue).
	Francez
Or là.	Nein.
	Tupinambá
Vne beste qu'ils nomment ainsi, demi asne e demi vache.	Tapiroussou.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Tupinambá	
Nescio ; quid tu ?	Hé ; haë nde ?	(24
Quid vis ?	Mbäe-pe re-ipotápe ?	
	Francez	
Feras.	Soö.	
Aves.	Guyrá.	
Pisces.	Pirá.	
Farinam.	Uî = huî = kuî.	
Rapas.	Jetyg.	
Magnas fabas.	kumandá guasú.	
Fabas paruas.	kumandá mirî.	
Aurea et citrea mala.	Mbarakujá guasú.	
Omnes denique aut plerasque res.	Mbäe tetiruã.	(25
	Tupinambá	
Cuius generis animal comedere aues ?	Marã-mbäe soö eréi-uhêi ?	
	Francez	
Nolo ea comedere quæ hîc proueniunt.	Na-hepiâg kybõ-nguára	(26
	Tupinambá	
Ea tibi nominabo.	A-henõi ndébe.	
	Francez	
Age vero.	Eneî.	
	Tupinambá	
Fera quam sic vocant, quam semi-asinum aut semi vaccam dicere possis.	Tapiir-usú.	(27

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Espece de cerf et biche.	Se-ouassou.
Sanglier du pays.	Taïasou (taiason).
Vne beste rousse, grande comme vn petit cochon de trois semaines.	Agouti.
C'est vne beste grande comme vn petit cochon d'vn mois, rayée de blanc et noir.	Pague.
Espece de liéure.	Tapití.
	Francez
Nomme moi des oyseaux.	Essenon oüra ichesve, (esse non oocay chesue).
	Tupinambá
C'est vn oiseau grand comme vn chapon, fait comme vne petite poule de guinee, dont il y en a trois sortes, c'est assauoir, *Iacoutin*, *Iacoupem* et *Iacou ouassou*; et sont de fort bonne saueur, autant qu'on pourroit estimer autres oyseaux.	Iacou.
Paon sauuage dont en y a de deux sortes, de noir et gris, ayans le corps de la grandeur d'vn Paon de nostre pays (oiseau rare).	Moutou (mouton).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Genus cerui ac damæ,	Súasú = guasú = sáuású.
Aper.	Tãi-asú = tãiñasú.
Rufum animalculum nefrendis magnitudine.	Aguti = akuti.
Fera est magnitudine nefrendis, nigro et albo colore distincta.	Pag.
Genus leporis.	Tapiiti.
	Francez
Nomina mihi aues.	E-heñoi guyrá ichébe.
	Tupinambá
Est auis caponis magnitudine. Eius autem tres sund species, nempè, *Iacoutin*, *Iacoupem* et *Iacou ouassou*. Boni gusti omnes inter cæteras aues.	Jakú. Jaku-ting, jakú-pemb, jakú-guasú.
Syluester pavo.	Mytũ = mutũ.
Sunt autem nigri et leucopæi, et corpus adeo magnum habent ac nostri, auis rara.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
C'est vne grande sorte de perdrix, ayant le corps plus gros qu'vn chapon.	Mócacouà.
C'est vue perdrix, de la grande sorte, presque aussi grande comme l'autre ci dessus nommee.	Inambou ouassou.
C'est vne perdrix, presque comme celles de ce pays de France.	Inambou (ynambou).
Tourterelle du pays.	Pegassou.
Autre espece de tourterelle plus petite.	Paicauêc (piacacu).
	Francez
Est-il beaucoup de bons poissons ?	Seta-pé píra senaé? (setapé-pirá seuaé ?)
	Tupinambá
Il y en a autant.	Nan.
Le mulet.	Kurema.
Vn franc mulet.	Parati.
Vn autre grand poisson qui se nomme ainsi.	Acara-ouassou.
Poisson plat encores plus delicat, qui se nomme ainsi.	Acara-pep (aararapep).
Vn autre de couleur tannee qui est de moindre sorte,	Acara-bouten (atrarabouten).
De tres-petit qui est en eau douce, de bonne saueur.	Acara-miri (atrara-meri).
Vn grand poisson de bon goust.	Oura (ouara).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Est genus perdicis quæ corpus magnitudine caponis habet.	Makaguâ.
Est etiam perdix fera alterius magnitudinem æcquans.	Inambú-guasú.
Perdix est non multum ab iis distans quas in Gallis videmus.	Inambú.
Turtur.	Apykasú.
Aliud genus turturis minoris.	Pykuî.
	Francez
Est ne magnus bonorum piscium numervs?	Hetá-pe pirá hébäe ?
	Tupinambá
Tot sunt.	Nan=nã.
Mulus.	Kurimá.
Mulus altero melior.	Paratí.
	Akará guasú.
Piscis planus delicatior aliis.	Akará péb.
Alius lutei coloris qui minoris est pretij.	Akará pitang.
Maximè parui qui in dulci aqua viuunt, bonique gustus sunt.	Akará mirî.
Magnus piscis boni saporis.	Guará.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Vn grand poisson.	Kamouroupoüy-ouassou.
	Francez
Où est ta demeure? Maintenant il nomme le lieu de sa demeure.	Mamope dérétam? (Mamo-pe-deretam)?
	Tupinambá
Ce sont les villages du long du riuage entrant en la riuiere de *Geneure* du costé de la main senestre, nommez en leurs propres noms : et ne sache qu'ils puissent auoir interpretation selon la signification d'iceux.	(*a*) Kariauk (kariauh). (1 (*b*) Ora-ouassou ouée. (7 (*c*) Iaucu ur assic (Iaue-ur assic). (2 (*d*) Piracam, opem (piracani o-pen). (*e*) Eïraïa (Eiraia). (*f*) Itanen. (*g*) Taracouir apan.
Qui sont les villages en ladite riuiére du costé de la main dextre.	(*h*) Sarapo-u. (*i*) Keri-u. (15 (*j*) Akara-u. (16 (*k*) Kouroumouré. (*l*) Ita-auh (ita-aue). (*m*) Ioirarouem (yoiârouen).
Les plus grands villages de dessus les terres tant d'vn costé que d'autre, sont :	(*n*) Sacouarr oussou-tuue. (*o*) Ocarenti (ocarentin). (6 (*p*) Sa popem (Sapopen). (5 (*q*) Nouroucuve (Nouroucouue). (*r*) Arasa tuu (Arasa-tuue). (*s*) Usupotuve (vsupotuue).

Et plusieurs autres, dont auec les gens de la terre ayant communication, on pourra auoir plus ample cognoissance et des peres de familles que frustratoirement on appele Roys, qui demeurent ausdits villages ; et en les cognoissant on en pourra iuger.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. MODERNA)
	Tupinambá
Magnus piscis.	Kambaropy guasú.
	Francez
Vbinam degis ?	Mamõ-pe nde retama ?

	Tupinambá	
Sunt nomina propria vicorum qui *Ganabarã* sinum ingredientibus ad sinistrum latus apparent, nec mihi commodé explicari posse videntur.	Kariog.	(28)
	Guyra guasú ragué.	
	Pirá-kã mopã?	
	Eira-yá.	
	Itanã?	
	Sarapoy	
Vici in ripâ eiusdem fluuij ad latus dextrum.	Keri-y	
	Akará-y	
	Ita-óg	
	Guararuã	
Maiores vici in continenti ex vtroque latere hi sunt.	Hakuar-usú-tyba	
	Ygarantĩ ?	
	Hapopemba.	
	Arasá-tyba.	
	Ysypó-tyba.	

Ac multi alij ab iis qui cum indigenis commercium habuerunt, cognosci poterunt, et à patribus familiàs, quos falsò reges vocant, qui in illis vicis habitant.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
Combien y a il de grands par deça ? c'est à dire vaillans.	Mobouype toubicha gatou henou ? (móbouy-pe toupicha gatou heuou ?)
	Tupinambá
Ily en a beaucoup.	Seta guè.
	Francez
Nomme-m'en quelqu'vn.	Essenon auge pequoube ychesve (essenon auge pequoube ychesue).
	Tupinambá
C'est vn mot pour rendre attentif celui á qui on veut dire quelque propos.	Nân
C'est le nom d'vn homme qui est interpreté, teste à demi pelee : où il n'y a guere de poil.	E apirau-i ioup (Eapirau-i-ioup).
	Francez
Où est sa demeure ?	Mamo-pè setam ?
	Tupinambá
En ce village ainsi dit ou nommé, qui est le nom d'vne petite riuiere dont le village prend le nom, á raison qu'il est assis pres et est interpreté la maison des *karios* composé de ce mot *karios* et d'*auq*, qui signific maison, et en ostant *os*, et y adioustant *auq*, fera	Kariauk-bé (kariauh-bé).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Francez	
Quot magni sunt in his regionibus, id est, fortes?	Mbobype tubichá katú hini ?	(29
	Tubinambá	
Multi sunt.	Heta-guér.	
	Francez	
Nomina mihi aliquem.	E-henõi ojepê ky aubê ichêbe.	(30
	Tupinambá	
Vocabulum ad reddendum eum attentum cui vis aliquid dicere.	Nan=nã.	
Nomen proprium hominis, quod nomen sic exponas: caput semicaluum, et pilo admodum raro.	Ij-apirábóg-pyr.	(31
	Francez	
Ubi habitat ?	Mamõ-pe hetama ?	
	Tupinambá	
In vico quem ita appellant, est autem nomen fluminis cuiusdam a quo nomen vicùs sortitur, quia ad eum situs est. Significat autem *kariosdomum*. Componitur autem ex voce *karios* et *auh* quae domum significat; extrahendo *os* et addendo *auh*, erit *kariauh*. *Bé*, au-	Kariódg-pe.	(32

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY) Tupinambá
kariauh, et *be* c'est l'article de l'ablatif, qui signifie le lieu qu'on demande, ou là où on veut aller.	
Qui est interpreté garde de medicines, ou à qui medicine apartient ; et en vsent proprement quand ils veulent appeler vne femme sorciére, ou qui est possedee d'vn mauuais esprit ; car *Mossen*, c'est medicine et *gerre*, c'est apartenance.	Mossen ygérre.
La grande plume de ce village Des estorts.	Ourauk oussou auk arentin (ourauh-oussou ou arentin).
Et en ce village, nommé le lieu où on prend des cannes comme de grands roseaux.	Tau-couar-ossou-tuue gouare.
Le principal de ce lieu-là, qui est à dire leur teste	Ou-acan.
C'est la feuille qui est tombee d'vn arbre.	So ouar-oussou (soouar-oussou).
Vn gros citron ou orange, il se nomme ainsi.	Morgouia-ouassou (mo gouia-ouassou).
Qui est flambe de feu de quelque chose.	Maédu (mae-du).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Tupinambá	
tem est articulus ablatiui et significat locum quem petis aut in quem proficisceris.		
Quod significat custodem medicinarum, aut ad quem medicinae pertinent. Eo vero vocabulo vtuntur, quum mulierā velint veneficam designare, aut a cacodæmone agitatam. Nam *mossen* est medicina, *gerre* proprietas.	Mohang-i-guára.	(33
Vici illius maxima penna	Guyrá-guasú okárantĩ.	(34
In quo cannæ ínstar magnarum arundinum leguntur.	Takuár-usú-tyb-i-guára	(35
Praecipuus locus eius vici quod significat caput ipsorum.	O-yb-akang.	(36
Folium ab arbore collapsum.	Hob ij-ar usú.	(37
Ingens malum citreum aut aureum, sic vocatur.	Mburukujá guasú.	
Est flamma ignis.	Moëndy.	(38

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Vne grosse sonnette, ou vne cloche.	Maraca-ouassou.
Vne chose à demi sortie, soit de la terre ou d'vn autre lieu.	Mae-uocep.
Le chemin pour aller aux *karios*.	Kariau-piarre.
Ce sont les noms des principaux de la riuiere de *Genevre* et à l'enuiron.	
Ie suis fort ioyeux de ce que tu est venu.	Che-rorup-gatou derour-ari (che-rorup gatou, derour, ari).
Or tien-toi donc auec le seigneur Nicolas; ainsi nommoyent ils Villegagnon.	Neintéréico pai Nicolas irou (nein tereico, pai Nicolas iron).
N'as-tu point amené ta femme?	Nèré roupé dèré miceco? (nère-roupé d'eré miceco?)
	Francez
Ie l'amenerai quand mes afaires seront faites.	Arrout-iran-chereco angeruie (arrout, iranchèreco augernie).
	Tupinambá
Qu'est-ce que tu as afaire?	Marape de recouran? (merapé d'erecoram?)
	Francez
Ma maison pour demeurer	Cher auc-ouam.
	Tupinambá
Qu'elle sorte de maison?	Mara-vae-auc?

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Magnum tintinabulum.	Mbaraká-guasú.
Res quæ partim emersit e terra aut ex aliquo loco.	Mbaë nohẽm. (39
Via quæ ducit ad *cariós*	Karió-piâr.
Sunt vero ipsi præcipui inter eos qui fluvium Ganabarum incolunt.	
Maxime gaudeo te venisse	Che rory katú nde rúrári.
Mane vero cum domino Nicolao, (sic nominabant Villagagnonen).	Neĩ t-ere-ikó paï Nicolas irũnamo.
Adduxisti-ne vxorem?	Ndére-rú-pe nde rembirekó?
	Francez
Adducam quum expedita erunt negotia mea.	A-rú terã che rekó aguyjé rirẽ (40
	Tupinambá
Quid tibi est negotij?	Marã-pe nde rekó-rãma?
	Francez
Domus ad habitandum paranda est.	Che rog-aguãma.
	Tupinambá
Quod genus domus?	Marã-mbaë óga?

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
Ie ne sai encore comme ie dois faire.	Seth, Daé ehereco rem eouap rengné (seth, dáe cherèco-rem-couap rengnè).
	Tupinambá
Or la donc pense ce que tu as afaire.	Mein tereicouap dé recorem (nein téreie ouap dèrècorem).
	Francez
Aprés que i'aurai veu vostre pays et demeure.	Peretam-repiah iréé (peretanre piac iree).
	Tupinambá
Ne te tiendras tu point auec tes gens? C'est à dire, auec ceux de ton pays?	Nêreico ichope de auem a iromi? (nereico ch-pe de anem a irom?)
	Francez
Pour quoi t'en enquiers tu?	Maraui-amo-pé? (maran amo pè?)
	Tupinambá
Ie le di pour cause.	Aïpo qué (aripo-gué).
I'en suis ainsi en malaise: comme disant, Ie le voudrois bien sauoir.	Che poutoupa gne dé ri (che poutoupagué déri)
	Francez
Ne hayssez vous point nostre principal, c'est á dire nostre vieilllard?	Nenpé amotareum pé oré roubicheb? (nèn pé amotareumpè oréroubicheh?
	Tupinambá
Nenni.	Erymen.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Francez	
Nondum scio quid sim facturus.	Hetyp, ndaëi che rekorã kuaäpa rangẽ.
Tupinambá	
Cogita ergo quid sit faciendum.	E-moang te-rei-kuaäb nde rekó-rãma. (41
Francez	
Postquã vestram regionem videro et aliquandiu commoratus fuero.	Pe retãma repiag ireë.
Tupinambá	
Nonne cum tuís, hoc est, cum popularibus tuis habitabis?	Ndere-ikó-iché-pe nde anãma-irũmo ?
Francez	
Cur illud petis?	Marã-namo pe ?
Tupinambá	
Non sine causa dico.	Aipó ñé.
Id me male habet, quasi dicas, id scire cupio	Che pytupá ñé nde ri (42
Francez	
Nunquid primarium nostrum, siue, senem odio habetis?	Nã peẽ amotáreymé ore rubichába?
Tupinambá	
Minimè verò.	Aanymã.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Si ce n'estoit vne chose qu'on doit bien garder on deuroit dire.	Serécogatou pouyr eím été mo? (séré cogatou pouy èum été-mo?)
	Francez
C'est la coustume d'un bon pere qui garde bien ce qu'il aime.	Secouaè apoau-é eugat engatou resme yporéré cogatou.
	Tupinambá
N'iras tu point à la guerre au temps aduenir?	Nereico icho pirem ouarini? (neresco icho pirem ouariui ?)
	Francez
I'y irai quelque iour.	Asso irénné (assoirenuè)
Comment est-ce que vos ennemis ont nom?	Mara-pé perouagérré rèrè? (marapé peronagérré-rèrè?)
	Tupinambá
C'est vne nation qui parle comme eux auec lesquels les Portugais se tiennent.	Touaiat, siue, Margaiat, (Tou aiat, ou Margaiat).
Ce sont vrais Sauuages, qui sont entre la riuiere de *Mac-he* et de *parai*.	Ouétaca.
Ce sont Sauuages qui sont encores plus Sauuages, se tenans parmi les bois et montagnes.	Ouèanem.
Ce sont gens d'vne plus noble façon, et plus abondans en biens, tant viures qu'autrement, que non pas ceux-ci deuant nommez.	Caraía.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Nisi res esset maxima cura digna, dicendum esset.	Herekó-katu-pyr-éym eté mo. (43
	Francez
Est mos boni parentis, vt quod amat diligenter conseruet.	Hekuai aipóbäe nungá angaturāma i porerekó katu. (44
	Tupinambá
Nōne in bellum posthac es profecturus?	Ndere ikó ichoé pe irā guarini pe? (45
	Francez
Aliquando profiscar.	A-hó irā ne. (46
Quod est nomen yestris hostibus?	Marā-pe pe-robá-guára rera? (47
	Tupinambá
Gens est quæ eadē est cum illis lingua, apud quam Lusitani habitant.	Tobajár, terā, mbarakajár.
Verè sunt barbari et degunt ad fluuium *Mach-he* et *paraï*.	Guatahár.
Hi Barbari caeteros antecedunt; in sylvis et montibus habitant.	Abá anām.
Hi nobiliores sunt, atque etiam cibis, tum aliis rebus ad vitam necessariis præ cæteris omnibus abundant.	Karajá.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Ce sont une autre maniére de gens demeurans par delà les *Touaiaire* vers la riuiere de Plate, qui ont un mesme langage que les *Toúoup. Toupinenkin*	Karios.
La diference des langues ou langage de la terre, est entre les nations dessus nommees.	
Et premierement les *Tououpinambaoults, Toupinenkin, Touaiaire, Tenreminon et Kario* parlent un mesme langage ou pour le moins y a peu de diference entr'eux, tant de façon de faire qu'autrement.	
Les *Karaia* ont une autre maniére de faire et de parler.	
Les *Ouetaca* diferent tant en langage, qu'en fait de l'vne et l'autre partie.	
Les *Oueanen* aussi au semblable ont toute autre maniére de faire et de parler.	

LATINE	BRASIL (ORTHOG, CORRECTA)
	Tupinambá
Est populus qui degit vltra *Touaiare* ad fluvium Platam, cuius lingua eadem est cum *Tououpinambaultíis* et *Tououpinenkin*.	Karijó.
Differentia idiomatis est inter eos quos supra nominauimus.	
Ac primum quidem *Toupinambaultijs*, *toupinenlzin*, *Touuaiarre*, *Tenreminon* et *Karió* ferme eandem habent linguam.	
Karaia diuersam à reliquis habent et viuendi et loquendi rationem.	
Ouetaca Differunt ab vtrisque et viuẽdi et loquendi ratione.	
Oueanem: hi etiam diuersum et victûs et sermonis ab aliis modum habent.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY) Tupinambá
Le monde cerche l'vn l'autre, et pour nostre bien. Car ce mot *i endéue* est vn dual dont les Grecs vsent quand ils parlent de deux. Et toutesfois ici est prins pour ceste maniere de parler à nous.	Teh'oioah poeireca à paauué, iendéue (teh? oioacpoeireca à paauué, iende ue.
Tenons-nous glorieux du monde qui nous cerche.	Ty ierob ak apóau ari (ty ierobah apò au ari).
C'est le monde qui nous est pour nostre bien. C'est, qui nous donne de ses biens.	Apó au ae mae gerre, iendesue (apóau ae mae gerre, iendesne).
Gardons le bien. C'est que nous le traittions en sorte qu'il soit content de nous.	Tyrèco-gatou iendesue (ty rèco-gatou iendesue).
Voila vne belle chose s'ofrant à nous.	Iporenc eté-am reco iendesue.
Soyons á ce peuple ici.	Ty maran-gatou apoau-apé
Ne faisons point outrage à ceux, qui nous donnent de leurs biens.	Ty momourou, mé mae gerre iendesue.
Donnons leur des biens pour viure.	Ty poich apoaue iendesue (ty poih, etc).
Trauaillons pour prendre de la proye pour eux. Ce mot *yporraca* est specialement pour aller en pescherie au poisson. Mais ils en vsent en toute autre industrie de prendre beste et oyseaux.	Ty poeraca apo aué (typorraca apoaué).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Alius alium quaerit, atque id magno nostro bono. Nam vox haec *iende ue* est dualis quo graeci utuntur cum de duobus sit sermo; hic tamen resoluitur voce nobis.	Teijé oio-ehé pororaká-há pabẽ-i jandé-be. (48
Exultemus quod nos homines invisunt.	Ti-jerobiág amboäê ari. (49
Gens est nostri commodi studiosa, quae nobis bona sua largitur.	Aipobäe i meengára jandé-be. (50
Diligenter eam conservemus id est, eam ita excipiamus ut ipsi satisfaciamus	Ti-rekó katu jandé-be (51
Praeclara se nobis res offert.	I porang-etê-mo rekó jandé-be.
Huic populo nos dedamus	Ti morangatu aipobäe upe.
Ne iniuriam faciamus Genti quæ sua bona nobis affert.	Ti momburú yme meengaré jandé-be.
Suppeditemus eis cibos ad viuendum.	Ti poi aipobäe jandé-be.
Laboremus ut praedam pro ipsis venemur. Vox *yporraca* praecipue de piscium venationè intelligitur, sed eam ad alia etiam genera extendunt.	Ti poraka aipobäe upé. (52

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Aportons leur de toutes choses qui nous leur pourrons recouurer.	Tyrrout mae tyrouam ani apé (tyrrout maé tyronam aui apé).
Ne traitons point mal ceux qui nous aportent de leurs biens.	Tyre comremoich meiendémaé recoussaue.
Ne soyez point mauuais, mes enfants.	Pe peroinh auu mecha raire oueh (pe poroinc, etc,)
Afin que vous ayez des biens.	Tapéré coih mae.
Et que vos enfants en ayent.	Toerecoib peraíre amo.
Nous n'auons point de biens de nos grãds peres.	Ny recoib iende ramouyn mae pouaire.
I'ai tout ietté ce que mon grand pere m'auoit laissé.	Opap cheramouyn maè pouaire aitih.
Me tenant glorieux des biens qui le monde aporte	Apoau-mae ry oi ierobiah.
Ce que nos grands peres voudroyent auoir veu et toutes fois ne l'ont point veu.	Iendè ramouyuremiépiae potategue aou-aire. (ienderamouyn-remié-pyac potat egue a ou aire.
Or voila qui va bien, que l'eschange plus excellent que nos grands peres nous est venu.	Teh! oip otarhèté iende-ramouyn recohiare eté, iendesve. (Teh! oip otarhèté inderamouyn recohiare te indesue.)
C'est ce qui nous met hors de tristesse.	Iende porrau-ossou vocare.
Qui nous fait auoir de grands iardins.	Iende-co-ouassou gerre.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Adferamus illis quidquid inuenire poterimus.	Ti-ru mbäe tetiruã ahẽ upé.
Ne illos male excipiamus, qui nobis adferunt bona sua.	Ti-rekó menguã yme jandé mbäe rekoháre. (53
Ne mali sitis pueri mei.	Pe poro-angaó yme che rayré ahẽ upé.
Vt bona consequamini.	Ta-pe-rekói mbäe.
Et vestri etiam liberi.	To-i-rekói peẽ rayre amô.
Nulla bona habemus ab auis nostris.	Ndi rekuábi jandé ramõi mbäe-kuéra. (54
Quæcumque mihi auus reliquerat proieci.	Opa che ramõi mbäe-kuéra a-ityg.
Magni estimans ea bona, quae nobis afferuntur.	Aipóbäe mbäe ri ja-jerobiá·
Quæ cum nostri videre optassent nec tamen viderunt.	Jandé ramôi remi-epiág potá-teiñé aú guéra. (55
Id bene est, quanta potior nostra conditio patrùm nostrorum conditione.	Teijé oi-potar heté jandé ramõi rekobiar-eté jandé-be. (56
Id nobis tristitiam omnem eximit.	Jandê poriahúb-okaré.
Id efficit vt magnos hortos habeamus.	Jandê kó guasú-guára.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Il ne fait plus de mal à nos enfanchonets quand on les tond. J'entend ce diminutif enfanchonets pour les enfants de nos enfans.	En sassi piram. Iendere memynon apé.
Menons ceux-ci auec nous contre nos ennemis.	Tyre coib apouan iende rouagerre ari.
Qu'ils ayent des harquebuses, qui est leur propre bien venu d'eux.	Toere coib mocap ò maéaé.
Pourquoi ne seront ils point forts ?	Mara-mo sentengatou euinamo ?
C'est vne nation ne crainant rien.	Mème-taé morerobiarem (me me-toé morerobiarem.)
Esprouuons leur force estans auec nous autres.	Ty senenc apouau, maram iende irou (ty senene apouau, marem iende irou.)
Sont ceux qui deffont ceux qui emportent les autres, assauoir les Portugais.	Mènre-tac moreroar *ro* roupiare (falto *ro* na edic. franc.)
Comme disant. Il est vrai tout ce que i'ai dit.	Agne-be oueh; (agne he ouch.)
Dieu sons ensemble de ceux qui nous cerchent; ils entendent parler de nous en la bonne partie comme la phrase le requiert.	Nein-tya mouetá iendéré cassariri (nein-tyamouet a iendere cassariri,)

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Non amplius dolent pueruli nostri quum tondentur.	Na hasy pi-rába jandê remimenõ upê. 57
Ilos nobiscum contra hostes deducamus.	Ti-ja rekói aipobäe jandê robaguára ári. (58
Habeant catapultas, quod genus armorum sibi vindicant.	Togue-rekói mbokáb ombäe aë.
Cur non essent strenui?	Marâmo hantã ngatú eymo-ne ?
Est gens impavida.	Mêmê taë morerobiárãm. (59
Experiamur ipsorum vires, dum nobiscum erunt.	Tí haã aipobäe marã iandê irũmo.
Illi sunt qui debelant alios id est. Lusitanos.	Même täe mbororoár orê rupiára.
Quasi diceret, quidquid-dixi verum est.	Añebê häe. (60
Colloquamur de iis qui nos invisunt, quod in bonam partem est accipiendum.	Nein, tiâ mongetá jandê rekahára ri.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
Or donc mon allié.	Nein-che atour-assauep (nein-che-atour assaue).
Mais sur ce point il est à noter, que ce mot. *Atour-assap* et *cotou-assap* diferent. Car le primier signifie vne parfaite alliance entr'eux, et entre'eux et nous, tant que les biens de l'vn sont communs à l'autre. Et aussi qu'ils ne peuvent auoir la fille ni la sœur dudit premier nommé. Mais il n'est pas ainsi du dernier. Car ce n'est q'vne legere maniere de nommer l'vn l'autre, par vn autre nom que le sien propre, comme ma iambe, mon œil, mon oreille e autres semblables.	
	Tupinambá
Dequoi parlerons nous?	Maé-resse iende moneta? (maé resseiende moueta?
	Francez
De plusieurs et diverses choses.	Scéh macrouemresse. (Scéh maé tirouen resse.
	Tupinambá
Comment s'appele le ciel?	Mara-pieng ovak reré? (mara-pieng vah reré?
	Francez
Le ciel.	

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Francez	
Age igitur mi socie: Hic verò notandum est voces *Atour-assap et Cotouassap* differre. Nam prior significat perfectum foedus inter eos ac nos factum esse, quod fit vt bona sint communia, cujus filiam aut sororem ducere in uxorem non possumus. Non ita vero de *Cotouassap*, eâ nam appellatione nominis alicuius vtuntur, ut tibiæ, oculi, auriculæ et alia pleraque eius generis nomina.	Enei, che tyrũ-hábäe. (61
Tupinambá	
De quibus loquemur?	Mbäe rehé-pe ja mongetáne? (62
Francez	
De multis ac variis rebus.	Heé, mbäe tetiruã rehé.
Tupinambá	
Quomodo vocatur cœlum?	Marã piãng ybága réra?
Francez	
Cœlum.	Ybág.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
C'est bien dit.	Agnebe.
	Cyh rengne tassenouh maetirouen desve (desne.)
	Francez
C'est bien dit.	Angebe (auge-bé.)
	Tupinambá
Le ciel.	Mak (mac.)
Le soleil.	Couarassi.
La lune.	Iascé (iasce.)
La grande estoile du matin et du vespre qu'on appelle communement. Lucifer.	Iassitata ouassou (iassi tata ousson.)
Ce sont toutes les autres petites etoiles.	Iassitata miri.
C'est la terre.	Ybouy (vbouy.)
La mer.	Poirauem (paranan).
C'est eau douce.	Vh ete.
Eau salee.	Vh êen.
Eau que les matelots appelent le plus souvent sommaque.	Vh-een buck (vh cenbuhk)
Est proprement pris pour pierre. Aussi est prins pour toute espece de metail et fondement d'edifice, comme:	Ita
Le pillier de la maison.	Ao ita (aoh ita)
Le feste de la maison.	Yapurr yta.
Les gros trauersains de la maison.	Iura-ita.
Toute espece et sorte de bois.	Igourab, seu, ybouirab (Igoura hou y bouirah).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Recte.	Añebê.
	Tëi rangẽ ta henõi mbäe tetiruã ndêbe. (63
	Francez
Recte.	Añebê.
	Tupinambá
Cœlum.	Ybág.
Sol.	Kuârahy.
Luna.	Yasy.
Stella matutina et vespertina, quæ Lucifer vocatur.	Yasytatá guasú.
Aliæ omnes stellæ parvæ.	Yasytatá miri.
Terra.	Yby.
Mare.	Paranam.
Aqua dulcis.	Y-eté.
Aqua salsa.	Y-ee.
Aquæ quas nautæ vocant *Sommaque*.	Y-eẽmby.
Proprie lapis est; accipitur etiam pro quolibet metallo et edificii fundamento, ut:	Itá. (64
Domûs columna.	Og-ytá=okytá.
Fastigium domus.	Ij-apyr-ytá.
Trabes domus	Jurá-ytá.
Omne genus lignorum.	Ybirá.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY) Tupinambá
Vn arc.	Ourapat.
Et neantmoins que ce soit vn nom composé de *ybouyrah* qui signifie bois et *apat* crochu ou partie ; toutes fois ils prononcent *orapat* par syncope.	
L'air.	Arre.
Mauvais air.	Arr-aip (arraïp).
Pluye.	Amen.
Le temps disposé et prest a pleuoir.	Amen poyton (poyton).
Tonnerre.	Toup-en (Toupen).
C'est l'esclair qui le preuient.	Toupen verap.
Les nuées ou le brouyllard.	Ybuo ytin (yory-hu.)
Les montagnes.	Ybueture.
Campagnes ou pays plat ou il n'y a nulles montagnes.	Gnum (Quum).
Villages.	Tave (taue).
Maison.	Auh (auc).
Riuiere ou eau courant.	Vh écouap (uh ecouap).
Une Isle enclose d'eau.	Uh paou (vh paon).
C'es toute sorte de bois et forest.	Kàa.
C'est un bois au milieu d'une campagne.	Káa paou (kaa paon).
Qui est nourri par les bois.	Káa ouan (kaa onan).
C'est vn esprit malin, qui ne leur fait que nuire en leurs afaires.	Káa gerre.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. COBRECTA) Tupinambá	
Arcus.	Uyrapár.	
Et quamvis nomen sit compositum ex *ybouyrab* quod est lignum et *apat* uncum, tamen pronuntiant *orapat*.		
Aër.	Ára.	
Malus aër.	Ár-aïb.	
Pluuia.	Amã=aman.	65
Tempestas pluvia ingruente.	Amã pytũ.	
Tonitru.	Tupã.	
Coruscatio.	Tupã-mberáb.	
Nubes aut brumæ.	Ybytĩ=ybyting.	
Montes.	Ybytyr.	
Campestria loca vbi nulli montes.	Ñũm=ñũ.	
Vici.	Tába=tab.	
Domus.	Og=ok.	
Fluvius decurrens.	Y-akuã.	66
Insula.	Y-paũ.	67
Omne genus sylvarum et nemorum.	Kaä.	
Sylva in media planitie.	Kaä-paũ.	
Qui in syluis educatus est	Kaä o-úbäe.	68
Cacodæmon qui ipsos vehementer vexat.	Kaäguára.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Vne nasselle d'escorce qui contient trente ou quarente hommes allans en guerre. Aussi est pris pour nauire qu'ils appellent.	Ygat. Yguerroussou.
C'est une saine, ou rets pour prendre poisson.	Puissa ouassou.
C'est vne grande nasselle pour prendre poisson.	Iugue (Inguea).
Diminutif, nacelle qui sert, quand les eaux sont debordées de leur cours.	Iugueia (Inquei).
Que ye ne nomme plus de choses.	Nomognot mae tassenom desue (Nomoquot, mae tasse nomi desue).
Parle moi de ton pays et de ta demeure.	E mourbeou deretam ichesve (deret aniichesue).
	Francez
C'est bien dit, enquiers toi premierement.	Augébé de rengué epourendoup (eporen doup).
	Tupinambá
Ic t'acorde cela. Comment a nom ton pays et ta demeure ?	Ia eh, marape de retam rere ? (retani rere ?)
	Francez
Rouen, c'est vne ville ainsi nommee.	Rouen.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. MODERNA)
	Tupinambá
Linter ex cortice arborum triginta aut quadraginta homines ad bellum euntes capiens,; accipitur etiam pro.	Ygár.
Naui.	Ygar usú.
Rete piscatorium.	Pysá-guasú.
Magna cymba ad piscandum.	Jequeá.
Cymba (diminutiuum) quæ usiu est cum fluuii exundanto.	Jequeí.
Quæso ne quid amplius nomines	Nambyi ñote mbäe ta henõi-mi ndebe. (69
Iam de tua patria et habitatione dissere.	E mombeu nde retam ichebe, vel, nde retama rêra.
	Francez
Bene est, primum ergo interroga.	Aguyjebê, nde rangẽ e porandúpa.
	Tupinambá
Hoc faciam, quod est patriæ ac regioni tuæ nomen ?	Ia-é te, marã pe nde retama réra?
	Francez
Rothomagum, urbs quædam.	Rouen.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Est ce vn grand village? Ils ne mettent point de difference entre ville et village á raison de leur vsage, car ils n'ont point de ville.	Tan ouscoupe oum? (Tav ouscoupe ouim?)
	Francez
Ouy.	Pa.
	Tupinambá
Combien auez vous de seigneurs ?	Moboy pe peroubichab gatou ? (Moboii pe reroupichahgatou ?
	Francez
Un seulement.	Augepe (auge pe).
	Tupinambá
Comment a il nom?	Mara-pe sere ?
	Francez
Henry, c'estoit du temps du roy Henry 2, que ce voyage fut fait.	Henry.
	Tupinambá
Voila vn beau nom.	Tère-porrenc.
Pourquoy n'auez-vous plusieurs Seigneurs ? Rois commandans absolument.	Mara-pé peroubichanetáeuin? (mara pe perou pichau-eta-enim?)
	Francez
Nous n'en auõs non plus. Des le temps de nos grands peres.	Moroéré chih-gué. Ore ramouim-aué.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Est ne magnus vicus?	Tab-usú-pe oini?
Nullam ponunt differentiam inter urbem et vicum; quia ipsi nullas habent urbes.	
	Francez
Sic est.	Pa.
	Tupinambá
Quot habetis dominos?	Mboby-pe pe rubixáb katú?
	Francez
Vnicum.	Ojepé.
	Tupinambá
Quod illi est nomen?	Marã pe héra.
	Francez
Tempore Henrici secundi hæc navigatio fuit suscepta.	Henry.
	Tupinambá
Præclarum nomen est.	Téra porang.
Cur non habetis plures dominos?	Marã-pe pe rubixáb etaeym?
	Francez
Non plures habemus. A temporibus maiorum nostrorum.	Ma ro-rekói teñé oré ramõy iabé.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tubinambá
Et vous autres estes qui vous ?	Mara pienh pee? (marapieuc pee ?)
	Francez
Nous sommes contens ainsi.	Oroicôgné (oroicógue.)
Nous sommes ceux qui auons du bien.	Oree-mae gerre.
	Tupinambá
Et vostre prince a-il point de bien?	Epè, noerécoib peroubichab mae ? (peroupichah mae ?)
	Francez
Il en a tant et plus. Tous ce que nous auons est à son commandement.	Oerecoib (oerecouh.) Orémaé gerre ahépé (oreemaegerre-a hépé?)
	Tupinambá
Va il en la guerre?	Oraiuype ogépe ?
	Francez
Ouy.	Pa.
	Tupinambá
Combien auez vous de villes ou villages ?	Mobouy-taue-pe-iouca ny mae?
	Francez
Plus que ie n'en pourrois dire.	Setà gatou.
	Tupinambá
Ne me les nommeras-tu point?	Niresce-nouih-ichopene?
	Francez
Il seroit trop long ou prolixe.	Ypoycopouy.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Vos vero quid.	Marã piang peẽ?
	Francez
Nos eo contenti sumus.	Oro ikó ñé.
Et bene nobiscum agitur.	Oré i mbäe guára.
	Tupinambá
Vester autem princeps bona ne habet?	Häepe no-gue-rekói-pe pe rubicháb mbäe ?
	Francez
Infinita habet. Quidquid habemus in ipsius arbitrio positum est.	Ogue-rekói,ore mbäeguéra asosépe. (70
	Tupinambá
In bellumne proficiscitur?	Guarini pe o sẽ pe?
	Francez
Ita.	Pa.
	Tupinambá
Quot urbes aut vicos habetis?	Mboby taba pe rerikoni raé? (71
	Francez
Plures quam possim dicere	Hetá-katú.
	Tupinambá
Nunquid mihi recensebis?	Nde-re henõi-ichepe-ne?
	Francez
Id nimis longum foret.	I pukú pukú ei. (72

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Tupinambá
Le lieu dont vous estes est-il beau ?	Yporrenc pe-peretani? Yporreue pe-peratani?
	Francez
Il est fort beau.	Yporren-gatou.
	Tupinambá
Vos maisons sont-elles ainsi ? à sauoir comme les nostres?	Eugaya-pe per-auc ! (Engaya-pe-per auce ?)
	Francez
Il y a grande difference.	Oicoe-gatou.
	Tupinambá
Comment sont-elles ?	Mera-vaé ? (maro-vaé ?)
	Francez
Elles sont toutes de pierre.	Ita-gepe.
	Tupinambá
Sont-elles grandes ?	Toroussoupe? (youroussoupe ?
	Francez
Elles sont fort grandes.	Toroussou-gatou (Torroussou gatou.)
	Tupinambá
Sont-elles fort grandes ? à sauoir hautes ?	Vate-gatou-pe ?
	Francez
Beaucoup. Ce mot emporte plus que beaucoup, car ils le preneent pour chose esmerueillable.	Matimo. (Mahmo.)
	Tupinambá
Le dedans est-il ainsi, à sauoir comme celles de par-deça.	Engaya-pe-pet-anc-yim ? (Engaya pe-pet-ancy-nim.)

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
	Tupinambá
Locus vestræ originis est ne pulcher?	I porâng-pe pe retama?
	Francez
Pulcherrimus.	I porã-ngatú.
	Tupinambá
Vestræ domus sunt ne similes nostris?	Anga jabẽ-pe pe róga?
	Francez
Multum abest.	O-ikoékatú.
	Tupinambá
Cuiusmodi sunt ergo?	Marã mbäe-pe?
	Francez
Sunt prorsus lapideæ.	Ita jepé.
	Tupinambá
Sunt ne magnæ?	Turusú-pe?
	Francez
Maximæ.	Turusú katú.
	Tupinambá
Sunt ne multum excelsæ?	Ybaté katú-pe?
	Francez
Multum. Id verò vocabulus admirantis est.	Ybaté rõ. (73
	Tupinambá
Interior pars accedit ne ad similitudnem nostrarum?	Anga jabé-pe tóg ybyi-i.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
	Francez
Nenny.	Erymen.
	Tupinambá
Nomme moi les choses appartenantes au corps.	Esce-non de rete renomdau eta ichesué.
	Francez
Escoute.	Escendoup.
	Tupinambá
Me voila prest.	I-eh.
	Francez
Ma teste.	Chè acan.
Ta teste.	De acan.
Sa teste.	Y can (ycan.)
Notre teste.	Ore acan (oreacan.)
Votre teste.	Pe acan (pèacan.)
Leur teste.	An-atcan (au-atcan.)
Mais pour mieux entendre ces pronoms en passant, ie declarerai seulement les persones, tant du singulier, qui de pluriel. Premierement.	
C'est la première personne qui sert en toute manière de parler tant primitiue que deriuative, possessiue ou autrement.	Ché.
Et les autres personnes aussi.	
Mon chef ou cheueux.	Ché-ave (ché, aue.)
Mon visage.	Ché-voua (ché rouá.)
Mes oreilles.	Ché-nembi.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)	
	Francez	
Non.	Aan-ymã.	
	Tupinambá	
Recita mihi ea quæ ad tuum corpus pertinent.	E-henõi nde reté renõindáb etá ichébe.	
	Francez	
Audi.	E-hendúb.	
	Tupinambá	
Paratus sum.	Ié-te.	(74
	Francez	
Caput meum.	Che akang.	
Caput tuum.	Nde akang.	
Caput suum.	Ij akang.	
Nostrum caput.	Oré akang.	
Vestrum caput.	Peẽ akang.	
Eorum caput.	Áë akang.	
Vt autem hæc pronomina melius intelligantur, personas singularis et pluralis numeri tantùm declarabo. Primùm.		
Est prima persona singularis numeri, quæ in omni sermoni genere, sive derivativo, possessivo aut alio denique inseruit.	Che.	
Caput aut capilli.	Che áb.	(75
Mea facies.	Che robá.	
Meæ aures.	Che nambi.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Mon front.	Chésshua.
Mes yeux.	Ché-ressa.
Ma bouche.	Ché-iourou
Mon nez.	Chẻ-tin.
Mes ıouës.	Ché-retoupaué.
Mon menton.	Ché-redmiua.
Ma barbe.	Ché-redmiua-auè.
Ma langue.	Ché-ape-cou.
Mes dents.	Ché-ram.
Mon col, ou ma gorge.	Ché aiouré (aioueué).
Ma poictrine.	Ché poca.
Mon derriere.	Ché-atoucoupè.
Mes reins.	Ché rousbouy (ché rousbony.)
Mes espaules	Ché-inuanpony.
Mon gosier.	Ché-asseoc.
Mon deuant generalement.	Ché-rocapé.
Mon eschine.	Ché-pouyas soó(che pouyasóo.)
Mes fesses.	Ché-reuiré.
Mes bras.	Chè-iuva (ché inua.)
Mon poing.	Ché-papouy.
Ma main.	Ché-po.
Mes doigts.	Ché-pouen (che poneu.)
Mon estomach ou foye.	Ché-puyac.
Mon ventre.	Ché-reguie (che requie.)
Mon nombril.	Ché-pourou-asseu.
Mes mamelles.	Ché cam.
Mes cuisses.	Ché-oup.
Mes genoux.	Ché-roduponan.
Mes coudes.	Ché-porace.
Mes iambes.	Che retemeu(che retemen.)

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Mea frons.	Che sybá.
Mei oculi.	Che resá.
Meum os.	Che jurúb.
Meus nasus.	Che tim.
Meæ genæ.	Che ratypy.
Meum mentum.	Che rendybá.
Mea barba.	Che rendiba-áb.
Mea lingua.	Che apekũ.
Mei dentes.	Che rãiñ.
Meum collum, mea gula.	Che ajúra.
Meum pectus.	Che potia.
Mea pars posterior.	Che atukupé.
Mei renes.	Che rumby.
Mei humeri.	Che jybá-ypy.
Meum guttur.	Che jaseóg.
Mea pars anterior.	Che rakapé.
Mea spina.	Che pysuã vel pyásuã.
Meæ nates.	Che rebír
Mea brachia.	Che jybá.
Meus pugnus.	Che pöapy.
Mea manus.	Che pó.
Mei digiti.	Che puã.
Stomachus meus aut jecur.	Che pyä.
Venter meus.	Che ryjé.
Umbilicus meus.	Che puruã.
Mammæ meæ.	Che kam.
Coxæ meæ.	Che úb.
Genua mea.	Che renypyã.
Cubiti mei.	Che pó rosẽ (po-rakang?)
Tibiæ meæ.	Che retymã.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Mes pieds.	Che pouy.
Les ongles de mes pieds.	Che pussempé.
Les ongles des mes mains.	Che ponampe.
Mon cœur et poulmon.	Che-gny-eneg (che guy-encg.)
Mon ame ou ma pensée.	Che-encg.
Mon ame apres qu'elle est sortie de mon corps.	Che enc-gouere.
Noms des parties du corps qui ne sont honnestes à nommer.	Che rencouem. Che rementien. Che rapoupit.

Et pour cause de briefueté ie n'en ferai autre difinition. Il est à noter qu'on ne pourroit nommer la plupart des choses. tant de celles ci devant escrites qu'autrement, sans y adiouster le pronom, tant première, seconde, que tierce personne, tant en singulier qu'en pluriel.

Et pour mieux les entendre separement á part : Premierement.

Moi.	Che.
Toi.	De.
Lui.	Ahe.
Nous.	Oree.

LATINE	BRASIL (ORTHOG, CORRECTA)
Pedes mei.	Che py.
Vngues pedum meorum.	Che pysãpẽ.
Vngues mearum manuum.	Che poäpẽ vel puãpẽ.
Cor meum et pulmo.	Che ñyã=ñeang.
Anima mea, aut mens.	Che ang.
Anima mea, post quam è corpori exijt.	Che anguéra.
Nomina partíun corporis pudendarum.	
(Membrum genitale).	Che rakuãi.
(Verenda muliebria).	Che ramatiá.
(Membrum muliebre).	Che rapypy.

Quæ quidem brevitatis causa non fusius persequar. Notandum vero est, nomina rerum accommodari non posse nisi pronomina primæ, secundæ, ac terciæ personæ utriusque numeri attribuantur. Vt autem melius capiantur hoc sit exemplum. Primo

Ego.	Che.	(76
Tu.	Nde.	
Ille, illa, illud.	Ahẽ, aë.	
Nos.	Oré.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Vous.	Pee.
Eux.	Au-ae.
Quant à la tierce personne du singulier *ahe* est masculin, et pour le femenin et neutre *aé* sans aspiration. Et au pluriel *au-ae* est pour les deux gen res tant masculins que femenins, et par consequence peut estre commun.	
Des choses apartenātes au mesnage et cuisine.	
Allume le feu.	Emiredu tata.
Estein le feu.	Emo-goep-tata.
Aporte de quoi allumer mon feu.	Erout che-rata-rem.
Fait cuire le poisson.	Emogi-pira.
Rosti-le.	Essessit.
Fai le bouyllir.	Emoni (emeui).
Fai de la farine.	Fa vecu-ouy amo (Fa-vecu oug amo).
Foi du vin ou buurage ainsi dit.	Emogip-caouin-amo.
Va à la fontaine.	Coeiu upé (coein vpé.
Aporte-moi de l'eau.	Erout-u-ichesue. Che reuni augepe. (Che-renni augepe).
Vien moi donner á manger.	Quere me che-remyou-recoap. (Quereme che remyou racoap
Que ie laue mes mains.	Taie-poeh.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Vos.	Peẽ.
Illi.	Haëbäe. (aõa, aúbäe.)
Quòd ad tertiam personam *ahe* est masculinum, et pro fœminino et neutro *ae* sine aspiratione. Et in plurali *au-ae* est masculini ac fæminini generis et proinde communis.	
De rebus ad domum et culinam pertinentibus.	
Accende ignem.	E-moendy tatá. (77
Extingue ignem.	E-mbogué tatá.
Adfer fomites ad ignem suscitandum.	E-rú che ratá-rã.
Pisces coque.	E-mbojy pirá.
Torre.	E-hesy.
Elixa.	E-möin.
Fac farinam.	Hapég huĩ amõ.
Compone potum.	E-mbojy kagui amõ
Vade ad fontem.	E-kuá y upé.
Adfer mihi aquam.	E-rúr y ichêbe.
Da mihi potum.	Che mbo-yú épe.
Veni vt mihi cibum præbeas.	Koromó che rembiú e-rekó épe.
Manus meas lavem.	Ta-je-pohêi.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Que ie laue ma bouche.	Tae-iourou-eh.
I'ai faim de manger.	Che embouassi.
Ie n'ai point apetit de manger.	Nam che iourou-eh.
I'ai soif.	Che usseh. (Ehe vsseh).
I'ai froid.	Che roü (che rou).
J'ai chaut, ie sue.	Che-reaie (che raic).
I'ai la fieure.	Che racoup.
Ie suis triste.	Che carouc assi.
Neantmoins que *carouc* signifie le vespre ou le soir.	
Ie suis en malaise de quelque affaire que ce soit.	Aicoteue.
Ie suis traité mal-aisément, ou ie suis fort pauurement traité.	Che poura oussoup.
Ie suis ioyeux.	Che roemp.
Ie suis cheu en moquerie, ou on se moque de moi.	Aico memouoch. (Aico inemouoh).
Ie suis en mon plaisir.	Aico gatou.
Mon esclaue.	Che remiac-oussou.
Mon seruiteur.	Chere miboye.
Ceux qui sont moindres que moi et qui sont pour me seruir.	Che roiac.
Mes pescheurs, tant en poisson, qu'autrement.	Che porracassare (che pouracassare).
Mon bien et ma marchandise ou meuble et tout ce qui m'apartient.	Che mae.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Abluam os meum.	Ta je-juruhêi.
Esurio.	Che ñe-mbyähyî.
Non esurio.	Na che jurúhêi.
Sitio.	Che yühêi.
Frigeo.	Che röy.
Caleo, sudo.	Che ryäi.
Febricito.	Che rakúb.
Tristis sum.	Che kaärú hasy.
Carouc tamen vesperam significat.	
Me res quædam excruciat.	A-ikó tebẽ.
Pessimè agitur mecum.	Che poriahúb.
Lætus sum.	Che arüäi.
Ludibrio expositus sum.	A-ikó mênguã.
Res mihi cedunt ex sententia.	A-ikó katú.
Meum mancipium.	Che rembiar-úsú. (78
Meus servus.	Che remi-nguái.
Qui sunt minores me et ad mihi ministrandum nati.	Che bojár.
Piscatores mei.	Che poraká-hár.
Bona mea, merces, suppellex. Denique quidquid meum est.	Che mbäe.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
C'est de ma façon.	Che remigmognem.
Ma garde.	Che-reré couarré.
Celui qui est plus grand que moi : ce que nous appelons nostre Roi, Duc ou Prince.	Che roubichav.
C'est vn pere de famille qui est bon et donne á repaistre aux passans tant etrangers qu'autres.	Moussacat.
Vn puissant en la guerre et qui est vaillant á faire quelque chose.	Querre-umbou. (Querre-muhau.)
Qui est fort par semblance foit en guerre ou autretrement.	Tenten.
Mon pere.	Chè roup.
Mon frere aisné.	Chè requeit.
Mon puisné.	Che rebure.
Ma sœur.	Che renadire.
Le fils de ma sœur.	Ché reue (rure).
La fille de ma sœur.	Ché tipet,
Ma tante.	Ché aiché.
Ma mere.	Aï.
On dit aussi. Ma mere : et le plus souvent en parlant d'elle.	Che si.
La compagnie de ma mere qui est femme de mon pere, comme ma mere.	Che siit (che sut).
Ma fille.	Chè raiit (che rayt).

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Est industriæ meæ.	Che remi-moñãng.
Meus custos.	Che rerekuára.
Qui est maior me, quem nos regem nostrum, ducem, principem denique vocamus.	Che rubicháb.
Est bonus parter-familiâs qui peregrinos viatores excipit.	Che mbosaká.
Potens in bello et in quadam re perficienda strenuus.	Kyreymbáb.
Qui videtur in bello, aut in alia re fortis.	Tantan.
Pater meus.	Che rúb.
Meus frater natu maior.	Che rykëyr.
Meus frater natu minor.	Che rybyr.
Mea soror	Che reindyr.
Filius sororis meæ	Che rïyr.
Filia sororis meæ.	Che jetipé.
Amita.	Che jäiché.
Mater mea.	Aï=haï.
Mater mea, dicunt etiam: et sæpe quidam dum loquuntur de ipsa.	Che sy.
Socia matris meæ, quæ patris etiam est vxor.	Che syyr.
Mea filia.	Che rajyr.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Les enfants de mes fils et de mes filles. Il est á noter qu'on appelle communement l'oncle comme le pere. Et par semblable le pere appelle ses neveux et nieces, mon fils et ma fille.	Che rememynou.
Ce que le Grammariens nomment et appellent verbe, peut estre dit en nostre langue parole; et en la langue Bresilienne *guengaue*, qui vaut autant a dire que parlement ou maniere de dire. Et pour en auoir quelque intelligence, nous en mettrons en auant quelque exemple.	
Indicatif ou demonstratif.	
Je suis, tu est, il est.	Aico, ereico, oico.
Nous sommes, vous estes, ils sont.	Oreico, peico, auraé oico.
La tierce personne du singulier et pluriel sont semblables, excepté qu'il faut adjouster au pluriel *an-ae* pronom qui signi fie eux ainsi qu'il appert.	

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Filii filiorum meorum et filiarum. Notandum est auunculum nomine patris vocari, et patrem nepotes et neptes suos filios ac filias appellare.	Che remi-menõ.
Quod grammatici nostri verbum nominant, apud brasilienses dicitur *gnengave* quod idem est ac loquendi modus. Ut autem aliquam ejus rei notitiam habeamus exemplum in medium proferemus.	ñeêngáb.
Indicativus aut demonstrativus.	(79
Sum, es, est.	A-ikó, re-ikó, o-ikó.
Sumus, estis, sunt.	Ro-ikó, pe-ikó. häebäe o-ikó.
Tertia persona singularis et pluralis similes sunt, nisi quod in tertia *auaé* pluralis numeri pronomen est addendum, quod significat, Illi, ut apparet	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Au temps passé imparfait et non du tout accompli. Car on peut estre encores ce qu'on estoit alors, resout par l'Adverbe :	
En ce temps là.	Aquoémé.
J'estoye alors.	Aico aquoémé.
Tu estois »	Ereicó »
Il estoit »	Oico »
Nous estions »	Oroico »
Vous estiez »	Peico »
Ils estoyent »	Aurae-oico »
Pour le temps parfaitement passé et du tout acompli on reprendra le verbe *oico* comme devant, et y adioustera on cest aduerbe *Aquoemene*, qui vaut á dire au temps iadis et parfaitement passé, sans nulle esperance d'estre plus en la maniere que l'on estoit en ce temps là. Exemple :	
Je l'ai aimé parfaitement en ce temps là, mais maintenent nullement : comme disant : Il se deuoit tenir à mon amitié durant le temps que je lui portois amitié. Car on y peut reuenir.	Assau-oussou-gatou- aquoeméné , quo-uénén-gatou tegné.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
in præterito imperfecto quod resolvitur per ad verbium *aquoemé*, dest :	
Eo tempore.	Akóiramo.
Tunc eram.	A-ikó akóiramo.
» eras.	Re-ikó »
» erat.	O-ikó »
» eramus.	Ro-ikó »
» eratis.	Pe-ikó »
» erant.	Aebäe o-ikó »
Pro præterito perfecto singularis accipiemus verbum *oico* ut ante et hoc adverbium *Aquoé-méné*, quod est temporis præteriti et plusquam perfecti. Exemplum.	Akóiramo-ne.
Eum perfectè amaui eo tempore, nunc vero nullo modo, quasi dicas, debebat amititiam meam colere quando ipsum amabam.	A-hayhú katú akóiramone, ko hinã ngatú teñé.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Pour le temps avenir qu'on apelle futeur *Aico-iren* ie serai pour l'adeuenir. Et en ensuyvant des autres personnes comme devant tant au singulier comme pluriel.	
Pour le commandeur qu'on dit Imperatif.	
Sois, qu'il soit.	Oico, toicó.
Que nous soyons, que vous soyez, qu'ils soyent.	Toroico, tapeico, aurae toico.
Et pour le futur il ne faut qu' adiouster *Iren* ainsi que deuant. Et en commandant pour le present il faut dire *Tauge*, qui est á dire Tout maintenant.	
Pour le desir et afection qu'on a en quelque chose, que nous appelons Optatif.	
O qui ie serois volontiers: poursuyvant semblablement comme deuant.	Aico-mo-men.
Pour la chose qu'on veut ioindre ensemblement, que nous appelons Coniontif, on le resout par vn Adverbe *iron* qui signifie avec ce qu'on le veut ioindre. Exemple:	

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Pro futuro *Aco-irem.* Ero in posterum. Et ita deinceps de singulis personis tam singularis quam pluralis.	A-ikó irã.
In imperativo.	
Sis, sit.	E-ikó, to-ikó.
Simus, sitis, sint.	Toro-ikó, tape-ikó, to-ikó.
Pro futuro vero oportet addere *Iren*, ut ante. Et Imperando pro presenti dicendum est *Tauge*,quod est, Statim.	irã.
	tangẽ.
Pro optativo.	
Quam libenter essem.	A-ikó momã.
Et sic deinceps.	
Conjunctivum resolvimus per adverbium *Iron.*	yrũ.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Que ie soye avec toi.	Taico de iron.
Et ainsi des semblables.	
Le Participo tiré de ce Verbe:	
Moi estant.	Chéré coruré.
Le quel Participe ne peut bonnement estre entendu seul, sans y adiouster le prenom *de ahe et aé*, et le pluriel semblablement *oreé*, *pèe*, *an ae*.	
Le terme indefini de ce Verbe peut estre prins pour vn infinitif mais ils n'en vsent guere souuent.	
La declination du Verbe *Aiout*.	
Exemple de l'indicatif ou demonstratif em temps present. Neantmoins qu' il sonne en nostre langue Françoise double, c'est qu'il sonne comme passé :	
Ie viens ou ie suis venu.	Aiout.
Tu viens ou es venu.	Ere iout.
Il vient ou est venu.	O out.
	Ore iout.
Vous venez ou estes venus.	
Vienent ou sont venus.	Au ae-o-out. (Anae-oout.)

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Tecum sim.	Ta-ikò nde yrũ.
Et sic deinceps.	
Participium.	
Ens.	Che rikó rirẽ.
Quod participium rectè per se intelligi non potest nisi addatur pronomen *de-ahe-it-aé*. Pluralis quoque *Oreé*, *peé*, *an aé*.	che, nde, ahẽ=aë. oré, pëe, häe.
Vox indefinita pro infinito accipi potest. Sed ea rarò utuntur.	
Conjugatio verbi *Aiout*.	
Exemplum indicatiui aut demonstratiui in præsenti tempore.	
Venio aut veni	A-júr.
Venis aut venisti.	Ere-júr.
Venit aut venit.	O-úr.
	Oro-júr, ja-júr.
Venitis aut venistis.	Pe-júr.
Veniunt aut venerunt.	Häe o-ú (häebáe o-ú).

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Pour les autres temps, on doit prendre seulement les Adverbes ci-apres declarez. Car nul Verbe n'est autrement decliné, qu'il ne soit resout par un Adverbe, tant au preterit, present imparfait, plusque parfait indefini, qu'au futur ou temps à venir.	
Exemple du preterit imparfait et qui n'est du tout accompli :	
Ie venoye alors.	Aiout aguoème.
Exemple du preterit parfait et du tout acompli :	
Ie viens, ou estoye, ou fus venu en ce temps la.	Aiout aguoèmène.
Il y a fort long temps que ie vins.	Aiout dimaè-né.
Lesquels temps peuuent estre plustost indefinis qu'autrement, tant en cest endroit qu'en parlant.	
Exemple du futur ou temps à venir.	
Ie viendrai vn certain iour.	Aiout irau-nè.
Aussi on peut dire *iran* sans y adiouster *ne*, ainsi comme la phrase ou maniere de parler le requiert	

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
In aliis temporibus accipere debemus aduerbia quæ post declarabimus. Nullum enim verbum conjugatur, quin per aduerbium resoluatur, tum in præterito, præsenti imperfecto, plusquam perfecto, indefinito et futuro.	
Exemplum præteriti nondum perfecti.	
Tunc veniebam.	A-júr akóiramo.
Exemplum præteriti imperfecti et perfecti.	
Veni aut veneram eo tempore.	A-júr-akóiramo-ne.
Longum tempus elapsum est à quo veni.	A-júr ymã-ne.
Quæ tempora potiùs indefinita sunt censenda.	
Exemplum futuri.	
Veniam certa die.	A-júr-irã-ne.
Possumus etiam dicere *iran* quamvis non addatur *né*.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Il est à noter qu'en adioustant les Adverbes, conuient repeter les personnes, tout ainsi qu'au present de l'indicatif ou demonstratif.	
Exemple de l'imperatif ou commandeur.	
Vien.	Eori, eyot.
N'ayant que la seconde personne. Car en ceste langue on ne peut commander á la tierce personne qu'on ne voit point, mais on peut dire.	
Fai-le venir.	E mo out.
Venez.	Pe ori, pe-iot.
Les sons escrits *eiot* et *pe iot*, ont semblable sens, mais le premier *eiot*, est plus honneste á dire entre les hommes, d'autant qui le dernier *pe-iot* est communement pour appeler les bestes et oyseaux qu'ils nourrissent.	
Exemple de l'Optatif, neantmoins semble commander en desir de priant, ou en commandant.	
Je voudrois ou serois venu volontiers.	Aiout mo.

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
Notandum est etiam quód dum adduntur aduerbia, personæ repetendæ sunt, vt sic in presenti indicatiui et demonstratiui.	
Exemplum imperatiui singularis numeri.	
Veni.	E-jorî, e-jó.
Habet tantum secundam personam. Nam in hac lingua non possumus imperare tertiæ personæ, quam non videmus. Possumus quidem dicere.	
Fac vt veniat.	E-mböúr.
Venite.	Pe-jorî, pe-jó.
Soni *eiot* et *peiot* similem sensum habent, sed prior *eiot* honestius est inter homines, quouiam vltimus *peiot* vsurpatur in vocandis bestiis et avibus, quas domi alunt.	
Exemplum optatiui tamen qui videtur imperare.	
Libenter venissem.	A-jú-témo.

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
En poursuyvant les personnes comme en la declination de l'indicatif. Il a vn temps à venir in adioustant l'adverbe, comme dessus.	
Exemple du conionctif.	
Que ie viene.	Ta-iout.
Mais pour mieux emplir la signification on adiouste ce mot *Nein* qui est vn Aduerbe pour exhorter, commander, inciter, ou de prier.	
Ie ne cognois point d'indicatif en ce Verbe ici, mais il s'en forme vn Participe.	
Venant.	Tovvme (tevvme).
Comme en venant i'ai rencontré ce que i'ai gardé autresfois.	Che rourmè Assovavitin (che - rourme - Assouanitin). Ché - remièreco pouère (che remiereco pouere).
Sang-sue.	Senoyt pe,
Des cornets de bois dont les sauvages cornent.	Inuby-a.

FIN DU COLLOQUE

Au surplus afin que non seulement ceux auec les quels j'ai passé et repassé la mer mais aussi ceux, qui m'ont veu en	

LATINE	BRASIL (ORTHOG. COBRECTA)
Et sic de cæteris personis vt in indicatiuo; habet tempus futurum addito adverbio.	
Exemplum conjiunctiui.	
Veniam.	Ta-júr.
Sed ad implendam significationem addenda est hæc vox *Nein* quæ est aduerbium exhortandi, imperandi, orandi et incitandi.	
Verbum hoc infinitivo caret; attamen ab eo formatur participium.	
Veniens.	Tùramo.
Vt veniens inueni quod aliâs perdideram.	Che rúramo a hobáitĩ che rembi-rekó-kuér.
Hirudo.	Sebóipéb.
Cornua lignea quibus barbari sonitus cient.	Mimby. (80

FINIS COLLOQUII

Insuper ut facilius iudicium de rebus a nobis in hac historia commemoratis ferre possint tum iis quibuscum eundo

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
l'Amerique (dont plusieurs peuuent estre en vie) mesmes les mariniers et autres, qui ont voyagé et quelque peu seiourné en la riuière de Genevre ou *Ganabara*, sous le tropique de capricorne, jugent mieux et plus promptement des discours que i'ai faits ci dessus, touchant les choses par moi remarquées en ce pays-la; j'ai bien voulu encores particulierement en leur faveur, après ce Colloque adiouster à part le Catalogue de 22 villages où i'ai esté, et frequenté familiérement parmi les Sauuages Bresiliens.	
Premierement ceux qui sont du costé gauche quand on entre en la dite riuiére.	1 Kariauc.
Les François appelent ce second Pepín, á causé d'vn nauire qui y chargea vne fois, duquel le maistre se nommoit ainsi.	2 Yaboraci (ybouraci) (Jaucu-ur-assic ?)

LATINE	BRASIL (ORTHOG. MODERNA)
ac redeundo nauigaui, tum ij omnes qui me in America viderunt (e quibus non paucos superstites esse credo) ipsique adeò nautæ, aliique qui vel tantillum ad Sinum *Ganabara* sub Capricorni Tropico vixerunt; in eorum gratiam colloquio catalogum hunc, qui nomina pagorum 22, ad quos non semel aberravi, adjungere visum est.	
Ac primùm quidem hæc sunt corum nomina qui siti sunt ad sinistram ingredienti sinum illum.	Karióg.
Quorum postremum Galli Pepinum nominabant de nauarchi cuiusdam nomine, qui nauem aliquando ad eum pagum onerarat.	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
Les François l'appelent Gosset, à cause d'un truchement ainsi appelé qui s'y estoit tenu.	3 Euramyry.
	4 Piraouassou.
	5 Sapopem.
Beau village.	6 Ocarentin.
	7 Oura-ouassou oueé.
	8 Tentimen.
	9 Cotiua.
	10 Pauo.
	11 Sarigoy.
Vn nommé la Pierre par les François á cause d'un petit rocher, presque de la façon d'um meule de moulin, lequel remarquoit le chemin en entrant au bois pour y aller.	12 (Itá ?)
Un autre appelé *Vpec* par les François parce qu'il y avoit forces cannes d'Indes, les quelles les sauuages nomment ainsi.	13 Upec.
Item vn, sur le chemin du quel, dans le bois la premiére fois qui nous y fusmes, pour le mieux retrouuer puis après, ayans tiré force flesches	14

LATINE	BRASIL ORTHOG.(CORRECTA)
A Gallis Gosset nominatur, de interpretis cuiusdam nomine, qui aliquandiu ibi habitarat.	Eíra-miri.
	Pirá-guasú.
	Sapó-pemba.
Pagus amœnissimus.	Ygaranti.
	Guyra guasú ragué.
	Kotyba ?
	Upabún ?
	Sariguéy ?
Alium præterea Galli petram vocant, ob rupeculam a molâ non absimilem, quæ sylvam ingredientibus iter ad istum pagum indicabat.	
Alium quoque Galli *Vpec* nominant de Indicarum gallinarum nomine, quas barbarî *Vpec* nuncupant.	Ypeg.
Alium præterea sagittarum vicum appellabamus quòd quum primum ad eum iter faceremus, in sylvam ingressi, sagittas multas ad procerissimæ cuius-	

FRANÇAIS	BRASIL (ORTHOG. LERY)
au haut d'vn fort grand et gros arbre pourri, les quelles y demeurèrent tousiours fichées, nous nommasmes pour ceste cause le village aux flesches.	
Ceux du costé dextre:	15 Keriu.
	16 Acara u.
	17 Morgouia ouassou.
Ceux de la grande Isle.	18 Pindo-oussou.
	19 Corouque.
	20 Pirauiiou.
Et vn autre duquel le nom m'est eschappé, entre *Pindo-oussou* et *Pirauiíou*, au quel i'aidai vne fois à acheter quelques prisonniers.	21
Puis vn autre entre *Courouque* et *Pindo oussou*, du quel i'ai aussi oublié le nom.	22
J'ai dit ailleurs quels sont ces villages et la façon des maisons.	

LATINE	BRASIL (ORTHOG. CORRECTA)
dam arboris putrefactæ cacumen emissas defixeramus, quæ in posterùm indicis vices nobis præstarent.	
Qui ad dexteram :	Keriy.
	Akaray.
	Mburukujá uasú.
Qui in Insulam magnam.	Pindob-usú.
Alius præterea cuius nomen mihi excidit, situs inter *Pindo oussou* et *Pirauijou*, ad quem in quibusdam captiuis emendis operam posui.	
Alius quoque inter *Carouque* et *Pindo oussou*, cuius etiam appellatio non occurrit.	
Quæ sit tum pagorum, tum ædium forma alibi demonstrauimus.	

EXPLANAÇÕES

1.—Eram estas as phrases de que usavam geralmente os BRASIS para saudarem-se; fazem dellas menção outros que não Lery só, e tambem achamse mencionadas no TESORO DE LA LENGUA GUARANI. Nem era exclusiva dos tupís e guaranís, e sim usada geralmente pelos incolas do Novo Mundo; esta saudação era tão geral nas duas Americas que Chauteaubriand a adoptou nos Natchez.

2.—O thema do verbo vir (venire) era *júr*. Os TUPIS o conjugavam *a-jur*, *re-jur*, *o-úr*, etc.; os GUARANIS quasi sempre supprimiam o *r* final; mas em GUANABÁRA, PIRATININGA e outras partes do sul costumavam, como nota Figueira e vem no Anchieta, trocar esse *r* em *t*, dizendo *a-jut*, *re-jut*, etc. Igual troca se dava em outros vocabulos terminados em *r*..

3.—Pronunciando á franceza *auge* é *oje*, mas separando-se as vogaes *äu* a dicção podia corresponder á *ayjé*, pois que em Lery a vogal especial *y* é represen-

tado por *u* francez. Em G. Dias vem *augé* como verbo significando basta; na Chrestomathia o Dr. França escreveu *aujé*, Figueira traz *ayé*=*anhé* e todos estes correspondem evidentemente ao *ayé*=*añe* de Montoya. Cumpre, porém, attender tambem á significação dada por Lery e ao seu modo de escrever que tambem se pode interpretar por *aguyjé*—phrase adverbial. *Te* ou *ta* pode ser adverbio ou conjuncção, conducente cada qual ao mesmo significado. Portanto a phrase podia ser *te aguyjé nipó* igitur ita bene est. Figurando de adverbio *nipó* (terceira pessôa de *por*, esse) é frequentissimo em Montoya e ainda hoje no fallar paraguayo; nos escriptos referentes á TUPIS vem *ipó* simplesmente como adverbio. Quanto ao verbo *por* o mesmo Montoya não deu com elle; é verbo que corresponde bem ao y-avoir dos francezes, e *nipó* ou *ipó* traduz-se exactamente por il-y-a; os paraguayos usam muito da phrase negativa *ndi-póri* il n'y a pas.

4.—*Yryry* designando ostra não vem no TESORO, nem achei ainda a dicção de que usavam nas missões do Paraguay para esse fim. E' possivel que os GUARANIS do interior das terras ignorassem a ostra, e assim só se veja esse nome entre os TUPIS na costa? Pelo menos Azara diz expressamente, que, não obstante abundar de peixe o Paraguay, *on n'y trouve ni huîtres ni coquillages.* Quanto ao mais é comica e infantil a admiração dos indios ao verem um europeu chamar-se ostra á moda delles, no que, acharam muita graça, conta Lery.

5.—*Ere jakahó piang?* quer dizer habitationem seu patriam demutasne? Excepto a orthographia nada se altera nesta phrase.

6.—Salvo melhor decifração dos erros typographicos ou de orthographia, a phrase não pode ser outra, attenta a traducção que deu o auctor : *E-jori nde retãm-aguã repiáka* veni ad locum tuæ habitationis futuræ spectandum; o erro de escripta ou typographico está só em *ni* em vez de *m*, e emendada a phrase, o Lery diz *Eori de retam oüam repiãc* que corresponde á interpretação. De erro de escripta basta esta amostra, e não farei muitas outras.

O que mais importa considerar é o verbo *tepiág* usado em todo o Brasil e no Paraguay não; entre os guaranis dali o verbo videre dizia-se *techág* como vem no TESORO. Que em vez de *techág* usavam os TUPIS de *tepiág* ficou vestigio no nome da serra *Para napiakába* que não carece de grande alteração para se vêr que provem de *pará-repiakába* maris conspectum seu aspectum. Mudança de *na* em *re* é muito natural no ABAÑEÊNGA.

7.—Evidentemente ha muito erro de escripta ou typographico nesta phrase. O signal de interrogação depois de *repiak* não tem cabida. Interpretando a escripta pela traducção que della deu Lery a correcção orthographica dada na 4.ª columna pode servir, pois que essas palavras ao pé da lettra dizem: nos ad videndum venit igitur, nos ad videndum venit igitur, filii mei. Ita veni verê, nuncupatus Lery dixit vel meminit. Este modo de fallar dos BRASIS repetindo o que outrem dissera era muito geral e usual em toda a America, e mais caracteristico entre os Araucanos, que davam grande apreço á arte oratoria e eram puristas em linguagem. Dahi resulta um torneio de phrase desconhecido em geral aos nossos litteratos e que dava ás narrativas em ABAÑEÊNGA, em ARAUCANO e outros idiomas certa vivacidade e movimento e mesmo

certa energia, que não tem as phrases ligadas por via de relativos e conjuncções.

8.—Faltou aqui a particula de interrogação *pe*. O vocabulo como se acha no TESORO e como ainda é usado pelos paraguayos é *karamenguã ;* a mudança para *karamemo* não é de estranhar como já viu-se no prolegomeno. Por outro lado como este vocabulo não vem nem no DICCIONARIO BRASILIANO nem no de G. Dias crêr-se-hia que não no empregavam os TUPIS; não é assim ; *caramemo* vem em Lery e Yves d'Evreux, *caramemoa* em *Marcgraf* e *karamemoá* na CHRESTOMATHIA do Dr. França. E o que é mais, é termo que vem em vocabulario OMÁGUA, no KARAIB e até no KIRIRI.

Este vocabulo perdura nas provincias do norte, onde designam o sacco ou alforge da matalotagem por *caraminguá*. Em S. Paulo e Minas o termo usado é *piqua,* que póde provir já de *pykuar*, já de *pyguá* com alguma translação nos seus significados.

9.—A designação do numero 1 ainda hoje é feita pelos paraguayos com o vocabulo *petei*. No TESORO vem *peteĩ = ñepeteĩ = moñepeteĩ = moñepé*. Ora *moñepeteĩ* quer dizer o que o faz de per si só; o TUPI *oyepé* tambem diz elle por si ou elle de per si. E' cousa que faz lembrar o modo de fallar de S. Paulo, do sul de Minas e outras partes, onde para dizerem por exemplo *um ovo* dizem *ovo de per si só*. A expressão *moñepeteĩ*, levando-se em conta o adverbio *teĩ* que a completa, verte-se então pela phrase dos caipiras ovo de per si só no mais que. Seria difficil exprimir em latim ou francez estes torneios de phrase.

As expressões para os numeros 2, 3, 4 podem ser interpretadas *o que faz par* 2, *o que faz apice ou vertice*

3, *o que faz parelhas* 4, quod efficit par, quod efficit verticem, quod efficit paria.

O numero 5 não dão nem Montoya nem Anchieta; a dicção *ambó* quer dizer hominis vel gentis manus e vem não só em Figueira como em outros que tractam de BRASIS.

Para designar numeros superiores á 5 nos auctores tenho visto somente *che-pó* meæ manus 10, e *che-po che-py* meæ manus mei pedes 20. Os numeros entre 5 e 10 já vi algures designarem-se por 1, 2, 3, 4 mais 5, isto é, *ojepé hae ambó* ou *ojepé ambóbé* 6, *mokõi hae ambó* ou *mokõi ambóbé* 7, etc. Os paraguayos hoje só usam dos numeraes espanhoes tal e qual já se acha no catechismo de Montoya.

O que explana Lery acerca do modo de dizerem numeros superiores á 5 parece que tambem se dava com as dezenas, pois já achei *che-pó che-py hae nde-pó* que corresponde á 30, *che-pó che-py hae nde-pó nde-py* que daria 40.

10—Nos qualificativos de côres os vocabulos de Lery em geral só carecem de correcção orthographica para concordarem com os dados por Montoya e os outros. Em *sobouy massou*, porém, dá-se novo exemplo de troca de *gu* por *m* como em *karamemo*. No Tesoro *hoby* siggifica azul e tambem verde; Lery distingue-os, designando-os pelos sufflixos *eté* real, verdadeiro (o azul) *guasú* grande, grosso (o verde). De *hoby* vem *uvú* que empregam os caipiras para dizer azul. Em *pirienk* é difficil dar com o que é de facto. Esta dicção está longe de *pirybytĩ* que quer dizer escuro, de côr dubia (color dubius); por emquanto a solução possivel é suppôr-lhe grande erro de escripta em vez de *parab* multicolor, ou de *pinim* que quer dizer variegado e corresponde ao variorum colorum que dá Lery.

Como se vê nas duas edições donde transcrevemos ha *pirienk* e a variante *pirienlz* ; neste mesmo dialogo acha-se por vezes *k* por *c* e vice-versa; em *pirienc* já é possivel vêr erro orthographico ou typographico de *pinim*.

Em *pegassou-aué* que corrigimos para *apykasú-ñabẽ* faltou o *a* inicial, veio *g* por *k*, *ou* por *u*, faltou *ñ* e á final o *b* está representado por *v* ou antes *u* como á cada passo se vê em Lery. Para evitar repetição fiquem aqui notadas estas trocas de lettras que se reproduzem em todo o colloquio.

11—Até ulterior e melhor explicação pode-se escrever a phrase como está na columna das correcções porque *akang-aób* quer dizer chapéo (roupa da cabeça), e *ubã* significa forrado, portanto *akangaóba-rubã* chapéo forrado. Outras interpretações são possiveis, por exemplo *akangapé* exprime o casco da cabeça, e *akangapé rubã* seria forro do casco da cabeça; mas sem achar dicção usada que corresponda mais exactamente á phrase de Lery é fazer vagas conjecturas ; *chapéos* elles não tinham e por isso (como sempre em casos identicos) multiplicavam-se as expressões para designal-os, já attendendo á fórma, já á materia de que era feito, etc. Por exemplo *carapuça* que o padre D. Vieira deriva de *crespo* por intermedio de *crespuça* parece que mais facilmente se podia derivar do ABAÑEÊNGA onde se acha *akangaó-pysá* expressamente dado por Montoya, ou ainda *akang-apyr-pysá* pileus (litteralmente capitis apicis reticulum) onde para formar *karápysá* é necessario reduzir *ngapyr* á *ra*, contracção admissivel mormente para evitar a repetição de *py* e para tornar sensivel o *r* do thema *apyr*. No mais apenas elidiu-se o *a* inicial, o que é natural, e a accentuada final perdeu o accento. Esta

abreviação da final accentuada é frequente nos vocabulos que do ABAÑEÊNGA passaram para o portuguez como vê-se em *mucama* derivado de *mokamby* quæ mamam præbet, quæ lactat, significando altrix, nutrix e posteriormente ministra. No sentido de ministra na Bahia usam de *mumbanda* em vez de *mucama*, e *mumbanda* vem de *mo-ubã* quæ vestit, quæ vestem induit. O facto de vir *carapuça* no cancioneiro de Rezende, em Fernão Mendes Pinto e outros não deve invalidar a derivação do ABAÑEÊNGA pois que todos escreveram depois de 1500.

Constancio o deriva do grego, mas elle é termo do vulgo, não apparcce em classicos antigos e por fim não vem no ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN de Diez.

12. — Reportemo-nos ao que vem na nota 3; se em *au* existem duas syllabas *auge* corresponde á *aguyjé*, se, porém, ha uma só syllaba então póde corresponder á *aijé*=*añé*; do mesmo modo tambem *tegué* póde ser *teijé*=*teñé*. Ao pé da letra *añe katú teñe* significa elle é bem certo, que o diga, outro torneio de phrase dos nosssos matutos, parece-me, não usual em Portugal.

De passagem fique notado como entra aqui o verbo *é* dicere, verbo de summa importancia no ABAÑEÊNGA que figura n'um grande numero de dicções e phrases, que por vezes corresponde aos defectivos latinos, ait, inquit, e por fim é um verdadeïro verbo auxiliar, com o qual se compõem varios adverbios como *täe*, *ndäe*, *häe*, etc.

13. — *A-rur-eí* frustra vel nequiequam id attuli (trouxe isto debalde, atôa).

Nas outras phrases que se seguem é apenas acompanhar-se a correcção orthographica em vista das observações que já tem sido feitas.

Apenas importa uma observação sobre o nome *itaygapem* que vem mais abaixo; geralmente os nossos litteratos tem escripto *tangapema*. Montoya dá *yapem* que litteralmente significa clava, isto é, maça ou caçete de ponta grossa; *itáyapè* vem a ser lapidis vel ferri clava, applicada aos machados de pedra de que usavam, estendido depois aos machados de aço; dahi menos naturalmente a espada ou culter, como dá Lery, e talvez ainda gladius.

14.— Desta phrase parece que *paijé* era não aómente o medico, o feiticeiro, mas tambem o mestre artifice, o magister artium; a traducção não condiz e carece de sentido.

Na correcção accrescentei ainda a designativa de preterito *kuér* (convenientemente inflexionada pela influencia do som nazal que precede;) á rigor porém podia ficar *paijé-guasú remi-moñã* simplesmente.

15.— *Terã* como vem no Tesoro é um adverbio que traduzio-se por talvez, póde ser (forsitan.) Este adverbío póde provir de *é* dicere e de *he* placere. A phrase como se acha póde traduzir-se por tal e qual póde ser (sic enim erit).

16.— *Karambohê;* a explicação deste adverbio é difficil. Montoya dá-lhe a significação de antigamente, o que parece não mui admissivel no lugar em que está empregado. Entretanto é analogo á resposta que costumam dar os caipiras quando, pedindo-se-lhes qualquer coisa, elles a negam dizendo simplesmente dantes.

17.—Na grammatica de Figueira e em G. Dias vem *taujé* logo. Em Anchieta, Figueira, G. Dias e na

CHRESTOMATHIA vem *ranhê* depressa como adverbio levando o verbo ao gerundio. Correspondem á *tangẽ* fórma absoluta para adjectivo em Montoya, e que tambem serve adverbialmente. A *ta-hepiág tangẽ* serviria a traducção ut id videam opus est vel urget e *ta-hepiág rangẽ* quer dizer id quam primum videam.

18.—Esta phrase carece de estudo, e pode interpretar-se de dois modos : do primeiro modo corresponde á traducção dada ; do segundo a traducção teria uma fórma condicional tu esperarias talvez; *ranguér* é a desinencia de um preterito condicional que vem em Montoya e que Anchieta e Figueira dão na fórma *ramboér*.

No que se segue não ha difficuldades na phrase; succedem-se nomes cuja orthographia apenas é corrigida.

19.—Como no TESORO vem *mbotú* tabanus (*mutuca* geralmente) e o verbo *mbotúg* significa furar, o frequentativo *mbotú-mbotú* podia exprimir bem a subula ; o vocabulo porém mais usado para este fim é *kutukáb* substantivo verbal de *kutúg* que tem quasi a mesma significação ; d'ahi a expressão usada no Brasil *cutucar*. Quanto a *mboty-mboty* a significação mais propria seria botões (vestis globuli, alabastri) mas está *mboty* expressamente empregado para flôr (flos), e para botões apparece o verbal *mbotykáb* que significa o com que se abotoa, aperta, ataca, prende e é traduzido tambem por alamares.

20.—*Guaruã* escripto em geral *aruã* é outro vocabulo deste colloquio que se differença do usado pelos GUARANIS que era *je-echakáb*. No sentido que parece mais litteral *aruã* quer dizer assente, bem parecido, que qua-

dra bem. Este adjectivo tornado reciproco pelo pronome *gu* servia aos TUPIS para exprimir espelho. O termo guarani *je-echakába* (de *je-echág* vêr-se) é aquillo em que se vê. Os GUARANIS ainda empregavam para espelho *ñe-angechakába* de *ñe-ang-echág* vêr-se a propria sombra ou imagem.

21.—Differe tambem um pouco no GUARANI. Nos diccionarios Brasiliano e de G. Dias, vem para pente *kybába* composto de *kyb*-piolho (pediculus) e *ab* cortar, truncar e tambem tirar (carpere). Em Lery lendo-se o que está tem-se *kyáp*; o desapparecimento do *b* de *kyb* na composição não é cousa de estranhar. Quanto ao *kyguá* dos GUARANIS, o verbo *guar* significando tomar (corripere) equivale ao outro quasi no mesmo sentido.

22.—Para braceletes e para collares vem no TESORO outros vocabulos, mas *mböy* significa contas de rosario, avellorios e até acha-se no TESORO o verbo *ñembo-poy* poner-se cuentas.

23.—A *ñemo-saenã* quer dizer estou com pressa (aproperatus sum) ou estou me preparando (me comparo) e não estou occupado. Como está escripto *ai* equivalendo a *é* não tem proposito, pois que *é-mosaënã* no imperativo significa apressa-te, prepara-te, cuida disso (id age igitur.)

24.—Recompondo a phrase pela traducção que dá Lery vê-se que devia estar *hé*, *hae nde?* Na phrase precedente para evitar a repetição da interrogativa *pe* elles preferiam a conjuncção *te*, ou o adverbio *täé*.

25.—No TESORO com o significado varias coisas vem *tetirõ;* nos diccionarios TUPIS *tetiruã*.

26.—A traducção de *na-hepiág* está errada pois que é non video e não nolo comedere. Foi talvez devido á trocar-se no escripto de Lery *vois* por *veux*. *Na-hepiag kybõ-nguára* quer dizer non video quæ hic proveniunt.

27.—Nos nomes de animaes e plantas devia se esperar maiores differenças entre os vocabulos GUARANIS e TUPIS, quando mais não fosse pela simples differença do clima e condições geographicas. Entretanto a maior parte dos nomes dados por Lery vem no TESORO, e outros que ahi não acham-se, são explicaveis pelos radicaes da lingua.

Nem mesmo foi preciso alterar-se muito a orthographia para reduzirem-se os nomes dados por Lery aos seguintes do ABAÑEEÊNGA:

Tapir nome do maior pachyderme americano tomado pela sciencia para caracterisar o genero TAPIRUS. Esse nome os BRASIS deram tambem ao genero BOS na fórma *tapiirã* tapiro similis.

Suasú = *soasú* = *sáuasú* = *guasú* nome generico do cervus no Brasil e Paraguay; debaixo da fórma *suasumé* (em que o suffixo é onomatopaico) foi dado tambem ao genero CAPRA, importado pelos Europeus, e até mesmo estendeu-se, muito impropriamente á uma especie de *felis* na fórma *suasurãn* similis cervo ou talvez *qui cervi villos seu lanam* (sc. habet).

Tãiasú = *tãñasú* nome generico do pachyderme suillio do genero DICOTYLES e estendeu-se ao SUS DOMESTICUS ajuntando-se-lhe um suffixo.

Aguti outro nome adoptado para qualificar um genero de *Roedores* chamado na sciencia DASYPROCTA, aonde escrevem tambem *acuschy;* delle provem o nome vulgar *cotia*, o qual não se deve confundir com *quati* ou antes *kuatĩ*, nome do NASUA. O nome *kuatĩ* não

vem no TESORO nem na fórma *ákuatĩ* mais proxima á etymologia, porém menciona-o Azara e empregam-no os Paraguayos.

Pag era o nome dado geralmente AO CŒLOGENYS PACA.

E finalmente *Tapiiti* nome do LEPUS BRASILIENSIS applicado tambem á alguns CUNICULUS.

Quanto ás aves Lery dá:

Diversos *jacús* (PENELOPES) e o MYTŨ (CRAX).

Makaguá donde o nome vulgar do *macuco* designativo do *tínamus* e outros gallinaceos.

Inambú é o nome dado em geral pelos BRASIS aos CRYPTURUS e á diversas especies do genero PERDIX.

Apykasú e *pykui* nomes dados pelos BRASIS ás COLUMBAS.

Os nomes de peixes dados por Lery não vêm no *Tesoro*, mas concordam com os dados em Piso, G. Soares de Sousa e outros; e deve-se notar que no Paraguay os peixes d'agua doce que havia e ha, differem essencialmente dos peixes do mar; dahi a ausencia de nomes para designar estes no Paraguay. Um dos nomes applicado á grande numero de peixes na costa do Atlantico *akará* é susceptivel de varias interpretações no ABAÑEÊNGA conforme os caracteres geraes dos *akarás;* algumas até conduziriam á derivações do *quichua*, designando cascudo, escamoso, ou armado de barbatanas.

Estas e outras concordancias, quer lexicas quer grammaticaes, confirmam a minha opinião de que os Americanos são mais parentes uns dos outros do que de qualquer outro povo do Mundo Antigo e ainda do Novissimo. A meu vêr nem a anthropologia, nem a ethnographia desmentem esta proposição. Apezar da enorme mistura de hoje não se confunde o caboclo ou bugre com china, ou com africano.

No corpo da interessante, ingenua e veridica *Histoire d'un voyage* ha muitas outras noticias de animaes, plantas, sitios, etc., cujos nomes seria interessante investigar. Mas estes apontamentos só com o *colloquio* já se esteuderam de mais, não obstante ter me esmerado em ser conciso.

28.—Dos nomes de lugares enumerados neste colloquio alguns ainda hoje são faceis de se reconhecerem taes como *Karióg*, *Eirayá*, *Sarapoy*. Os outros é pena não se poderem elucidar. Os que escreveram de *cousas* do Brasil, em geral, bem pouco se occupáram com *cousas* delle e dellas tractavam somente emquanto interessavam como novidade ou como cousa que interessava *ao reino*. Desciam á minuciosidades e á frivolidades contando até as filiações de sujeitos perfeitamente nullos, são prolixos e fastidiosos á narrar inclusivamente milagres, mas omissos e deficientes em relação ás cousas que realmente interessavam. Descripção de lugares e das aldeias de Indios são tão incompletas que á não ser o nome conservado, por outra forma não se pode saber onde e qual foi qualquer das de que se tracte. Mesmo lugares celebres por façanhas, com que se occupam os narradores *de rebus gestis in Brasilia*, não estão sufficientemente precisados. O *Urusúmirim*, onde se deu a batalha decisiva em consequencia da qual tornou-se o Rio de Janeiro definitivamente possessão portugueza, aniquilando-se a França antarctica, foi com effeito na Praia do Flamengo, como dizem? E a *aldeia velha* foi na Praia Vermelha ou no lugar onde está hoje a fortaleza de S. João? Se isto não se pode precisar, quanto mais as aldeias enumeradas apenas e não descriptas em Lery, as quaes *ils changent aussi souvent de place en place?*

Se ellas entretanto conservavam sempre os seus nomes, apezar de mudarem de assento, como diz Lery, são apenas nomes dos quaes alguns ainda hoje podem se reconhecer; de outros nem mais lembrança resta e então mais difficil é a interpretação não só do que significam, porem ainda do modo de se os dizer e escrever exactamente.

Desses nomes das aldeas, o proprio Lery declara que *ne sache qu'ils puissent auoir interpretation selon la segnification d'iceux.*

Em geral esta interpretação e tambem a dos nomes de plantas e animaes é difficil e requer muita prudencia e cautela para não se descahir, pelo caminho dos improvisos, nas inventivas sem criterio. Nestas explanações tambem evitei as interpretações, cujo lugar proprio é no vocabulario, onde quanto é possivel dão-se as significações e o sentido etymologico do que poude entender. Se ellas fossem dadas aqui, estes apontamentos se estenderiam de mais, sem adiantar grande cousa para provar que o que Lery escreveu é o mesmo que se fallava então no Paraguay.

Voltando aos nomes das aldeias: a enumeração feita por Lery neste trecho do colloquio não concorda com a outra que vem no fim. Lá elle conta 22 aldeias e destas ha 3 cujo nome esqueceu e 1 de que apenas dá o nome usado pelos francezes *Pierre* (Petram).

Eliminadas as 4 de que elle não dá o nome indigena, os nomes das 18 restantes, enumeradas no fim, deviam combinar com os que vem neste trecho do colloquio. Assim porem não acontece, e começa logo por enumerar aqui 19 aldeias.

Para evidenciar o desaccordo destes nomes com os do fim annotei os deste trecho pelas lettras do alphabeto, e os do fim pelos numeros 1 á 22.

O primeiro nome de ambas as listas é o mesmo : *kariódg*. A explicação porem que dá não satisfaz. Elle diz que significa casa dos *karijós (karijó-óg* com elisão do *jó*) e elle é o proprio que diz depois, que o nome da aldeia deriva-se do nome de um rio.

Tem-se dado diversas interpretações ao nome *Carioca*. Uma das que mais naturalmente occorrem é a de *kari-óg* casa do branco ou do guerreiro, (gentis albæ vel gentis in bello egregiæ domus). Veja-se o prolegomeno.

Considerando porem o que diz Lery que era o nome de um rio donde proveio o do *tába*, seria possivel interpretar-se *kau-ry-óg* corrente sahida do matto (e sylva torrens exiens); mas para isso força-se a significação de *óg* (que é transitiva) tornando este verbo neutro.

Em todo caso é um dos nomes cuja interpretação depende de mais elucidações como os vocabulos *tupi*, *mandióg*, e muitos outros, cuja decifração acarretará de certo esclarecimentos de summa importancia.

Guyraguású-ragué pennas do passaro grande, avis grandis plumæ é a phrase que autorisa a suppôr-se o que diz o proprio Lery.

Será *Iaucu-ur-assie* o mesmo que *Iaboracy* escripto no fim? Qualquer dos dois é de difficil interpretação.

Piracamopem escripto tambem *Piracau-io-pau* sem nenhuma indicação, póde ter as mais differentes significações conforme forem interpretados os sons.

Eiraya cuia ou cabaça de mel (mellis vas, mellis scyphus) conserva-se ainda bem no nome actual *Irajá*.

Itanem póde ser *itá-nã*, *itá-anã*, *ytã-y* e talvez ainda (attentos os erros de escripta), *y-tauá* ou *y-taguá* e outros significando cousas diversas. O mais proprio porém parece ser *ytã-yá* cuia ou vaso de concha, ou *ytã-guá* enseada das conchas.

Taracouir-apau além de outros modos de interpretar as letras e os sons, póde ser *taraguir-upá* pousio das largatixas. (lagartarum stabulum.)

A *Sarapoy* corresponde sem mudança alguma nas letras *har-apõ-y* rio das espigas, grossas crassarum spicarum fluvius. Mas será elle o mesmo que a aldeia n. 11 do fim, escripto *Sarygoy*? Este significaria rio dos Sarigués.

Keri-u é claramente *keri-y* rio ou agua do somno (somni fluvius vel dormiens unda) soffrivelmente applicavel ao sacco de S. Lourenço em Nictheroy; mas á este sacco cabe tambem a designação de *y-terõ* ou *y-teron* agua torta, rio torcido (aqua seu rivus tortus) donde talvez proviesse o de *Nictheroy*.

Akara-u é sem duvida *akará-y* agua ou rio dos akarás (piscis akará fluvius). Seria o nome do actual *Icaraí?* Este porém póde ser sem mudança alguma *y-karaíb* agua benta, agua santa, agua clara perfeitamente applicavel ao lugar.

Kouraumouré é susceptivel de varias interpretações mas falta tudo quanto possa servir de indicação do que quer dizer, e então seria arbitrario qualquer modo de o explicar.

Ita-auc conserva-se em *Itaóca* e é exactamente *itá-óg* casa de pedra.

Iroiraraucm parece ser a actual *Araruãma* que mereceu o nome *y-aruã* agua transparente ou *y-guaruã* espelho d'agua.

Sacouarr-ousou-tuve é exactamente *takuár-usú-tyba* taquarusú-zal justamente como se diz feijoal, arrozal. etc.

Ocarenti póde ser interpretado de modos diversos mas o sentido que occorre mais naturalmente e *ygar-antĩ* prôa de navio, ou mesmo *okár-anti* ponta da praça.

Hapopem ainda se conserva no nome *Sapopemba* designando lugar, e é o nome muitissimo apto de um

ficus abundantissimo em serra abaixo, que deita raizes de grande altura e por largo ambito, e que como uma parasita chega á abraçar-se com outros troncos de arvores formando rede em roda dellas. *Sapopemba* quer dizer raiz trançada, ou ainda alastrada e deve-se notar que além de *pem*=*pemb* illaqueatus, involutus e talvez involvens e sparsa, ha tambem *peb*-planus e *pen*-angulatus, angulosus, epithetos que podem qualificar o *ficus*.

Nouroucouve é susceptivel de varias interpretações.

Arasa-tuve é claramente *Arasá-tyb* correspondente a Arasá-zal a portugueza.

Usupotuve tambem é sem duvida *ysypó-tyb*, em portuguez cipoal ou cipozal, e parece ser ainda actualmente no nome *Sapetiba*.

Passando aos outros nomes de aldeias que vem no fim e que differem dos dados aqui temos ainda:

Eura-miri que póde ser *guyrá-mirĩ*, passaro pequeno, eïra-miri, abelha pequena etc.

A' *Piraouassau* o que mais naturalmente occorre é *pirá-guasú* peixe grande.

Para *Tentimen* não occorre significação alguma immediata.

Cotiua não carece de trabalho algum para se tornar *ko-tyb*, que significa lugar ou pousio de roças, applicando á *kó* roça a mesma terminação *tyb* que já vimos que corresponde á portugueza al (feijoal) e á latina *etum* (frutetum.)

Pauo parece ser *hupáb-ún*, pouso negro ou *hupáb-ũĩ* pouso ou lugar atoladiço e conserva-se em *Pavuna*.

De *Upec* o propio Lery deu o significado que é pato, em Abañeênga *ypeg* (anas, anser).

De *morgouia-ouassou* para *mburukujá-guasú* com que designavam laranja não é difficil a passagem.

O mesmo acontece com *pindo-ousson* que se torna facilmente *pindo-usú* ou *pindob-usú*.

Corouque e *Pirauiiau* com pequena mudança nas letras podem significar diversas cousas e nada autorisa que se prefira qualquer uma.

29.—Antonio Ruiz de Montoya emprega sempre um *i* final nos casos chamados « terceira pessoa relativa » por Figueira e, tanto Anchieta como este, empregam ora *i* ora *u;* por exemplo dão *sóu=sói* it, eunt, *seikëi=seikëu*, intrat, intrant, *heni=hini* est, sunt.

30.— Não é *ojepé-ky* e sim *ojepé teĩ* a phrase mais geralmente usada. *Ky* significa pouco, *ojepé ky* póde ser um pouco, algum, um só ; *aubé* quer dizer ao menos. A traducção *verbo ad verbum* póde pois ser: *nomina aliquem saltem mihi.*

31.—Escripto este nome de modo que signifique caput pilis defectum (o pellado), devia ser *ij-apiráb-oópyr;* o *r* final elide-se usualmente, mas ainda assim considerando que o *u* de Lery é *v*, respeitando as outras lettras fica a expressão *i apiravi ioup*: esta, adaptada á nossa orthographia, corresponderia á *Ij-apiráb-i júb* significando ille qui capitis pilos flavos (habet) ; dando-se á *au* o som *ó* a expressão ficaria *E apiró i iúb* que não póde significar nada á não accrescentar-se-lhe alguma coisa.

37.—Cumpre notar que os GUARANIS e ainda hoje os paraguayos em expressões como *kariög-pe* elidem o consoante final quando se lhe segue a locativa *pe* ou outra pospositiva qualquer. Assim dizem *che-ró-pe* em vez de *che-róg-pe* ou *che-roga-pe* in domu meà ; *oká-pe*

em vez de *okár-pe* ou *okára-pe* domum extra, foris; *karió pe* na carioca.

33.—*Mohâng-i-guára*=*Pohâng-i-guára* litteralmente qui medicamen prœbet, medicator (o medico, o curandeiro).

34.—Não é facil verificar esta phrase nem tão pouco adapta-la ao significado que lhe dá o auctor, tanto mais quanto divergem as escriptas das duas edicções transcriptas aqui. O nome da aldeia *okarantĩ* qne elle traduz por village des Estorts (aldeia dos assaltos, ou do ajuntamento de povo para combate) não póde significar isto e sim pontas da praça ou praça cercada de pontas. A' muito puxar portanto admittindo-se que a expressão toda seja *guyrá guasú okárantĩ*, ella significaria a praça estaqueada do passaro grande.

35.—O infinito do verbo *tyb* jacere (jazer) servia tambem como substantivo significando jazida, pousio, pouso, logar; ainda é muito usual e perdura hoje como desinencia em muitos nomes geographicos; esta desinencia corresponde exactamente á latina etum, á portugueza al, como se vê em *takuá-tyb* arundinetum (cannavial), *pindó-tyb* palmetum (palmeiral, aliás palmar,), e em outros nomes que já vem na nota 28. A desinencia *guára* como se verá na grammatica corresponde á um participio.

36.—*Yb* significa *arbor* e tambem dux, princeps (chefe, principal); *ybakan* = *ybakang* póde pois significar arboris vel arborum caput (copa de arvore) ou *ducum caput* (o cabeça, o chefe dos chefes). O determinativo *o* preposto á *ybakang* está na regra correspondendo á ille qui (aquelle que é, o que é) e desse modo figura em muitas dicções

como *o-pi-bo* qui in pelle, sc. nudus (o nú), *o-pó-bo* qui in manibus sc. est, (de gatinhas) etc.

37.—Approximando-se a escripta ao que designa Lery, a phrase não póde ser outra e litteralmente *Hób-ij-ár-usú* quer dizer ille cui folia cadunt grandè.

38.—Os do Paraguay chamavam á isca (fomes) *aórugué*, isto é, semustus pannus (panno que foi queimado). *Moendy* litteralmente quer dizer incendere, accendere, ignem succendere, lucem facere, e por consequinte pela regra do infinito póde ser qui vel quod ignem incendit, sc. fomes.

39.—*Mbae-nohẽ* quer dizer saca coisas, justamente como saca-trapo, tira-duvidas, que sendo phrases empregam-se como substantivos e como nomes proprios. A traducção de Lery não é bem intelligivel e não satisfaz.

40.—De dois modos póde ser o começo da phrase: *a-rú terã* adducam fortasse, ou *a-rur-irã* adducam verè. O final do periodo que Lery escreveu *angerure* deve ser *ange-rirẽ*=*angirẽ*. Entretanto em vista da resposta seria mais conforme á regra syntaxica se estivesse *a-rur-irã che-rekorám é rirẽ* adducam posterius quum quod me esse dicatur (hei-de trazer depois que decidir como ha-de ser minha vida).

41.—Na traducção, para corresponder á phrase toda e ficar esta completa faltou alguma coisa, isto é, ut scias, correspondente á *terei kuäab* ; a phrase completa portanto diz : cogita ergo ut scias quod sit faciendum.

Na phrase precedente a expressão *seth* que occorre por vezes, eu aqui interpretei pela negativa *hetyp* non licet fazendo vêr a possibilidade do erro de *h* em vez

de *p* e da quéda de uma vogal entre as duas consoantes finaes.

42.—A dicção *ñe=je* além de pronome reciproco, tambem, quer em Anchieta, quer em Figueira, vem como particula adverbial, significando debalde, acaso, sem fim; no TESORO porém vê-se que é o verbo dizer na phrase diz que. Assim todo este trecho *aipó ñe che pytupá ñe nde ri* litteralmente é: isso diz que é o porque estou afflicto diz que com tigo.

43.—O chamado optativo desta lingua é quasi sempre difficil de traduzir-se. Para verter mais ao pé da lettra esta phrase dever-se-hia dizer utinam res non esset reservanda (vel reservata). O final da traducção dicendum esset não vem explicito na phrase do ABAÑEENGA.

44.—A correcção aqui limita-se á repetição da phrase com orthographia differente da do original. Quanto ao mais muitas duvidas se dão. Para significar costume o TESORO dá *tekuátyb* e não *tekuáb ;* dá tambem *tekuâi* mas então na phrase caberia o absoluto *tekuâi* ou o reciproco *guekuái* mas não o relativo *hekuâi.* Além disso falta depois de *nungá* a pospositiva *pe* ou *ri.* Se estivesse pois *tekuâi aipó nungá ri angaturama i porerekó* corresponderia mais exactamente á traducção.

45.—Se é o verbo *ikó* que se acha nesta phrase, *ndere-ikó-ichoé pe iram* significa não estás ou não estarás tu para, mas se fosse o verbo *hó*-ir, então *ndere-hó-ichoé pe iram* significaria não vais ou não irás tu para. O adverbio *iram* servindo de suffixo verbal para designar futuro era usado pelos TUPIS mas não pelos GUARANIS, e em

Montoya *oirã* significa amanhã. No final da phrase alem de faltar a interrogativa *pe* parece que cabia mais justamente a designativa de futuro do infinito que ficaria *guarini-haguãma pe.*

46.—O verbo *hó*-ire é escripto por Anchieta e Figueira *ço*, e a primeira pessoa do indicativo que ambos escrevem *a-ço*=*a-hó* nunca foi empregada por Montoya que escreve sempre *a-há* como ainda hoje dizem e escrevem os paraguayos.

47.—No diccionario, em via de execução, tem-se procurado dar e vão-se dando as interpretações possiveis dos nomes de tribus; pareceu porém opportuno apresentarem-se aqui alguns, aquelles que são dados por Lery.

Tobajar quer dizer adversus, adversarius, litteralmente o fronteiro. (Escapou na 4.ª columna um erro, escrevendo *robá-guára* em vez de *robajár* que corresponde ao *rouagerre* do original).

Mbarakajá, traduzindo *mbaraká* por fistula, tibia, (gaita, flauta), significaria *aulœdus*, *tibicen* (gaiteiro, frauteiro); mas elles chamavam á viola e aos instrumentos de corda *mbaraká* e aos de sobro *mimby*. Por outro lado *mbarakajá* é tambem o nome do felis pardalis (o gato bravo.)

Guatahár. Na descripção que o proprio Lery dá desta tribu *courant comme un levrier*, nas margens do do Parahyba, nas pags. 54 e seguintes apresenta-se justificação sufficiente para que se interprete *guatahár* como ambulator, cursor (andejo, corredor). A denominação usada geralmente de *Goitacaz* desviou-se muito da originaria.

Abá anãm: Aos *sauvages encores plus sauvages* quadra perfeitamente o nome de *abá anã* gens fera, agrestis, rudis, bruta; *abá* significa *gens* mas notando-se que Lery

escreveu *oue* este *e* que representa a vogal neutra póde ser o *a* surdo de *ába*-capillus e então pode contrahir-se e formar *ab-anã* capilli crassi. Todas estas tribus, segundo Lery, exceptuados os *karajár*, *guatahár* e *abáanã* fallavam a mesma lingua que a dos *tupis*; mas na pag. 335 falla dos *Aba-anam* em companhia dos *Tupinambás*, de modo que se deprehende serem alliados, e *anam* com effeito significa parente. Fallariam com effeito lingua diversa? Da pagina citada não parece.

Karajá—Ficam em pé as duvidas sobre os radicaes *kara* e *kari* que demandam ulterior estudo para se vêr a significação de *karajá*, *karijó* e outros. Justamente por serem radicaes que, como *tupi*, figuram em grande numero de nomes, torna-se difficilima a interpretação.

De *karajá* não trata Lery no corpo da narrativa; é possivel que os *Caraia* que aqui menciona sejam os *Caraïv* (erro de *a* por *v*) sobre os quaes se estende.

D'outro lado os *Tamoyos* alliados dos francezes deram-se á estes por *Tupinambás* e chamavam aos alliados dos portuguezes *Margaia (mbarakájá)*, quando estes nas chronicas portuguezas são *Tupinambás*, *Tupinikés*, etc.

48.—Para dizer uns aos outros devia estar *ojo-ché* mas *ojo-aë* pode tambem servir, dizendo uns e outros mesmo; o participio *pororaká-há* é o que occorre para approximar-se ao que está escripto por Lery, mormente attendendo-se ao dativo *jandêbe* do pronome pessoal da primeira do plural chamado *inclusivo* porque comprehende os que fallam e aquelles á quem falla-se. Lery o chama *dual* erradamente.

Os dous pluraes da primeira pessoa, chamados,

um *exclusivo* e *inclusivo* o outro, vejo-os em mais de cem dialectos ou linguas americanas. E' um caracter grammatical muito geral e que não poucos autores distinguem erroneamente em plural e dual.

O trecho que aqui está é uma phrase que se não pode traduzir litteralmente nem em latim, nem em portuguez; procurando-se porem imita-la, quereria dizer: *Digam embora, de uns para outros ha procuramento (ou procurança) de recursos entre nos e vos ou entre elles e nos.* No-em-tanto assim apparecem dois dativos *ôjô-ché* e *jandêbe*; se porém *poraká* fosse para supino ficaria a phrase *Teijé ojo-aé porakábo pabê jandebê* Igitur alii alios benefacere quæramus nos omnes ad invicem. O supino *porakábo* podia dizer-se tambem *porakápa* e qualquer dos dois por mudança do *p* ou *b* em *u* podia tornar-se *poirecaua.*

Quanto ao *teh* do principio não pode ser senão a particula adverbial *teijé* que nos vocabularios TUPIS vem significando basta, e que de certo aqui é o modo permissivo do verbo *é* que leva o verbo subordinado ao gerundio e em geral ao modo infinito.

49.—Póde-se interpretar *apo au* de dois modos: *amboäe* o outro, os outros, ou *aipoäe=aipó-abá* esse homem, esses homens. Do primeiro modo ficaria a phrase *ti-jerobiág amboäe ári*, mas apresenta-se *ári* em vez de *ri=rehé* que é o que convinha no caso; do segundo resultaria *ti-je-robiág aipó abá ri* credatur his hominibus; na primeira fórma a traducção em vez de his hominibus, seria aliis.

50.—Conforme a nota precedente significaria esta phrase gens hæc nobis largitatrix e parece subordinada á precedente principalmente empregando *aipobäe* que encerra o relativo gens quæ.

51.—Nesta e nas seguintes phrases onde vem o dativo *jandêbe* existem equivocos ou no caso deste pronome pessoal, ou no verbo; cingindo-se á traducção dada por Lery tem-se de mudar ora o dativo para outro caso, ora o verbo para a passiva ou reflexiva. Subordinando porém este permissivo á phrase seguinte, todas as outras se succedem como complementos, mas estas em vez de virem no permissivo seria mais regular virem no futuro do infinito. *Ti-jé rekó katú jandêbe* ut illi se bene gerant nobiscum *i-porang eté mo rekó jandêbe* nobis oporteret *ti morangatú aipobäe upé* boni essemus apud illos etc, porque todas as outras phrases que seguem estão no permissivo. Note-se porém que o infinitivo cabia mais que o permissivo.

52.—Em vista da traducção falta no final da phrase a pospositiva de dativo *upé* no texto de Lery.

53.—Para cingir-se á traducção é necessario alterar o participio do verbo *rekó* que deve ser *rekóhár* e e não *rekoháb*.

54.—O suffixo de preterito do infinito, dos participios etc, em geral é *kuér* mas os TUPIS usavam de *puér* como vê-se em Anchieta, Figueira e outros. No mais é com muita duvida que interpreto *recoib* ora como *rekói* ora como *rekuáb*.

55.—Esta phrase como se vê da mesma traducção é ligada á precedente e o prova o participio passivo do preterito *tembi-epiág potá-kuéra*, sem outro verbo que o reja.

56.—Não foi possivel perceber e coordenar esta e

as phrases que se seguem ; a traducção de Lery não exprime cousa perceptivel nem guia a interpretação. Ligando esta com as duas seguintes e forçando de algum modo a construcção que não fica exacta, eis como parece possivel tal ou qual interpretação. *Teijé, oi-potár-hé te jande ramõi rekobiár-eté jandêbc jandé poriahúb-okaré, jandé kó guasú-guéra.* Que o digam (ou debalde) quizeram pois os nossos avós trocar realmente comnosco a nossa condição já livre de lastima, as nossas roças grandes. A designação de tempo preterito, como é de costume na grammatica do ABAÑEÈNGA está nos preteritos *okarér e guéra*, o primeiro infinito de verbo, e o segundo ligado á substantivo.

Tudo isto porém carece de reconsideração.

57.—Da traducção de Lery parece haver o verbo *piráb* raspar a pelle e, como diz elle, tosquiar. Sendo assim, a phrase ao pé da lettra diz : não dóe o raspar a pelle aos nossos netos, o que póde servir suppondo que o indio alludisse aos meios adquiridos, pelo contacto com os Francezes, para cortar os cabellos, sem precisarem mais de os arrancar com dôr. Quanto ao mais é caracteristica esta naturalidade do que diz Lery aqui e em toda a narrativa; n'isto se patenteia a sinceridade do ingenuo filho de la Margelle, que faz contraste com a pedantesca *effronterie* de Thevet, o comosgrapho do Rei, o qual estropia o que copiou, e ainda em cima inventa.

58.—Esta e as duas phrases que seguem, correctas como se acham adaptam-se á traducção dada por Lery. A differença unica é que sendo a 1ª. pessoa do plural o sujeito de *rekó* nesta primeira phrase faltou o pronome *ja*. Podia ficar *ti-rekói* na 3.ª pessoa mas a

traducção seria á franceza *qu'on mene* e não *menons* qual se acha escripto. Sendo em francez *oi=oa* era possivel que aqui estivesse o participio *rekoáb*, mas oppõe-se á isso o torneio da traducção, e na segunda phrase seria inadmissivel esse participio. Além disso, mesmo na primeira phrase o participio activo devia ser *rerekoáb* e não *rekoáb*.

59.—A traducção exacta é: todos, digamo-lo, serão soberbos ou impavidos. Nas duas seguintes phrases a traducção dada por Lery mais ao menos confórma-se com a escripta.

60.—Esta phrase póde ser como a escrevemos e ainda das seguintes maneiras *añebé aguié*, *añebé ae ëi* com pouca differença nas significações.

A phrase que segue concorda com a traducção.

61.— Dois nomes de mais variada escripta aqui se nos apresentam. Attendendo á orthographia franceza, segundo Lery, um delles é *aturasape* ou *aturasave*, e o outro *kotuasape* ou *kotuasabe*. Yves d'Evreux já se differença e apresenta o primeiro *tuasape* ou *tuasabe*. No Figueira e na Chrestomathia (Dr. França) vem *atuasaba* significando compadre. No diccionario portuguez-brasiliano e em Gonçalves Dias vem *tuasaba* ou *toasaba*. Southey escreveu como Lery, Martius no diccionario tupi como G. Dias com a differença de não cedilhar o *ç;* e assim o mais é repitição destes.

No Tesoro vem *kotyguara* — o do meu lado, do meu partido e á este corresponde proximamente *kotuasábae*, pois ha os participios em *guára* e *hábäe* que se identificam por vezes em significação. Quanto ao outro nome nota-se no Tesoro o adjectivo *tyr* junto, acompanhado, e

delle derivado o verbo *tyrũ* acompanhar que no infinito póde fazer *tyrũmo* ou *tyrũnga*, donde podem provir participios *tyrungábae*, *tyrungára*, *tyruhár* aquelle que acompanha.

62.— Na phrase de Lery falta tanto a interrogativa *pe* como a designativa de futuro *ne*.

Daqui por diante é mais facil a confrontação das orthographias, mais simples a verificação dos vocabulos que vem nos diccionarios e que são mesmo conhecidos por se terem empregado em obras diversas. Escusam portanto notas mais minuciosas e longas.

63.— Quer na edição latina, quer na franceza não vem traducção da segunda parte deste trecho. Quanto á traducção, correcta a orthographia como na 4.ª columna, pode ser: opus est primum nominare res varias tibi. Neste colloquio apresenta-se, aqui outra vez, exemplo do verbo *é* com *rangẽ* levando o verbo subordinado *(henôi)* ao permissivo em vez de o levar ao gerundio como vem nas grammaticas de Anchieta, Figueira e Montoya.

64.—Lery confunde *itá* lapis et quolibet metallum com *ytá*-edificii fundamentum ou antes tignum, fultura, sublica, trabs. Pouco acima tambem chama ao mar *paranam* quando este significa flumen e *pará* é que é mare.

65.—*Amã* propriamente significa nubs, se bem que os TUPIS o empregavam tambem dizendo pluvia; porem para pluvia e pluere o mais proprio é *okyr*.

Tupã-nombre que aplicaron á Dios, diz Montoya. A questão tão debatida, se povos no estado de barbaria tinham ou não a noção de Deus, não tem razão de ser, á meu vêr. A *causa ou causas incognitas de pheno-*

menos inexplicaveis naturalmente se applicavam nomes conforme a impressão produzida pelo phenomeno, e dahi a chusma dos deoses mythologicos; a duvida e em seguida a negação é que presuppõe exame, discussão de phenomeno, e final subordinação delle á lei, independentemente da causa. As dicções para dizer qui tonat, qui pluit, qui lucet, etc., tem servido sempre no começo para exprimir *Deus* e dahi explica-se como *Tupã* significou simultaneamente tonitru e Deus. Os Aryas tambem applicaram á noção *Deos* os nomes do *céo*, do *sol*, da *aurora*, etc.

66. — Montoya dá *y-akang* fons (litteralmente fluvii caput), *y-kabakuã* fluvius decurrens; mas *akuã* significa tambem qui currit e pode por conseguinte ter o sentido que lhe deu Lery. Querendo attender-se mais de perto á orthographia de Lery o verbo *kuáb* é transire (passar) e então foi-se a traducção que dá Lery, pois ahi ficaria aquæ transire, vel, transitus.

67. — *Paũ*, que Montoya traduz por medio entre dos, intervallo, propriamente é nesga, pedaço, porção (interjectus, frustum, portio). A' vista disso *y-paũ* deveria significar lacus e não insula, pois com a mesma dicção formados existem *kaä-paĩ* (isla de monte) que quer dizer silvæ interjectus (sc. in campo), *ñĩ-paĩ*=*ñumbaũ* campi interjectus. Assim parece que insula, isto é, terræ interjectus deveria ser *yby-paĩ*, e Montoya fez aqui alguma confusão, como em outras partes. Quanto ao mais *ybaũ*=*ypaĩ* com o significado de *insula* corresponde ao KARAIBA *oùbio* que tem a mesma significação (Dict. de R. Breton). Creio pois que, visto dar Montoya *ybaĩ* como ilha, é que neste termo deu-se contracção de *yby-paĩ* elidindo-se do meio *yp*. O termo *capão* designando

porção de matto no meio de campo, e tão geral no Brasil, vem de *kaä paĩ* e não de *kaä-puã* como explicam geralmente; *puã* quer dizer levantar-se e *kaä puã* nada significaria.

68.—Nem *kaä anã*, nem *kaä nä*, nem *kaä guybo*- podem dar o significado *educatus in sylvis* e á este sentido se adaptaria mais facilmente o termo seguinte *kaaguára* que o auctor traduz por cacodœmon. Por causa da traducção dada infere-se a phrase como se acha na columna das correcções. Alem disso *kaaguara* significa comedor ou bebedor d'herva, e para designar o morador dos mattos seria *kaa-riguára*.

69.—Corrigida a prase nos termos em que se acha na quarta columna, quer ella dizer ao pé da lettra: Deniqne eas res tantummodo tibi dicam.

70.—Estas duas phrases parecem ligadas e, postas na forma correcta, significam *verbo ad verbum*: elle possue de nossos bens acima. Compondo a phrase para dar-lhe traducção que corresponda á que vem em latim deveria mais ou menos estar na forma *ogue-rekói katueté, oré mbaé-kué ahẽ upe guára*.

71.—Para se adaptar á traducção dada não ha remedio senão suppôr que houve grande erro da parte de Lery na transcripção das palavras do indigena. Até mesmo falta a interrogativa *pe* depois de *mboby*, que devia estar *mboby-pe*.

72.—Esta phrase foi muito alterada; como está ella, é susceptivel de outras interpretações.

73.—Está escripto no original *Matimo* e *Mahmo*. Tractando-se de altura evidentemente não pode ser senão *ybaté* e isto serve de mostrar á que ponto é possivel chegar o erro de escripta. Em vez de *Mati* ou *Mah* na pergunta precedente vem *Vate* que guia a interpretação.

74.—*Ié-te*, litteralmente, *diga-se pois*; o *h* que aqui se acha é sem duvida erro por *te*, justamente como viu-se anteriormente em *mahmo*. Si na traducção estivesse dize-lo a phrase seria *erëi* ou melhor *terëi*. Simplesmente *ie* não pode ser, e então estaria antes *he*, como nas pags. 20 e 21.

75.—Lery previniu que ia escrever só as primeiras pessoas do singular e do plural dos pronomes, mas apenas antepoz á cada nome da lista o possessivo da primeira pessoa do singular *che*. Os nomes são os mesmos dos vocabularios TUPIS e GUARANIS com differença só de orthographia e parte delles já foi examinada no final do prolegomeno em confronto com de Laet.

76.—Em Anchieta, Montoya, Figueira e mesmo outros vem os mesmissimos pronomes apenas com variantes no modo de escrever. Lery porem traz a novidade de dois pronomes da terceira pessoa *ahẽ* masculino, *aë* feminino (e neutro, diz elle). Isto é importante, tanto mais quanto nenhum grammatico menciona distincção de generos nos substantivos e nos jadectivos.

77.—Os erros de escripta são notaveis em algumas destas phrases ad domum et culinam pertinentibus, como: *emiredu tata* por *emoendy-tata* e outras que taes. Em *fa vecu-*

ouy amo por *hapeg kui amo* apresenta-se *f* em vez da aspirada *h*, quando é sabido que elles não tinham os sons *f*, *l*, *r* (aspero), o que motivou o dizer simplorio de Simão de Vasconcellos que as Brasis não tinham nem *fé*, nem *lei*, nem *rei;* apresenta-se *v* por *p* e os sons *cu-ouy* em vez da guttural *g* (final de *hapeg*) e *kui* ou *hui*.

A phrase traduzida em latim *da mihi potum* não foi traduzida na edição franceza. Por causa talvez de confusão possivel do verbo *ur* venire com *u*-edere, esse, bibere não usavam compor este e seus compostos com as prepositivas *mo* e *ro*. Entretanto aqui apresenta-se *che mbo-y-u* unico modo de interpretar *da mihi potum* ou antes *fac me potare*. Os paraguayos dizendo ainda hoje *e meẽ chebe y-mi* præbe mihi aquæ tantillum indicam que em certos casos evitavam o verbo *u* no sentido de bibere, potare.

78.—A' respeito deste vocabulo e do seguinte ha muito que considerar, mas estas notas já se estenderam de mais, e estão alem dos limites. As designações para escravo, prisioneiro, captivo, criado caçador, criado pescador, etc., tem sido tomadas umas pelas outras, expressas de modo differente e até algumas figuram como nomes de tribus. Como exemplo veja-se a semelhança que ha entre *bojar* que Montoya escreve *boyâ* com *mbayâ*, numerosa tribu do Chaco.

79.—A amostra de grammatica que dá Lery, confirma o que é essencial em Anchieta, Montoya e Figueira e fornece mais alguns dados para o syntaxe. Desgraçadamente todos elles quizeram afeiçoar á latina a construcção do ABAÑEENGA e isso tem servido desde então até agora para difficultar o conhecimento exacto

da lingua. Assim acontece por exemplo á respeito de conjugação, que é um dos caracteres fundamentaes das linguas de flexão e por tanto da latina e suas descendentes, e que no entretanto, no rigor da palavra, não existe no ABAÑEÊNGA e nas linguas americanas (pelo menos nas do sul). Com effeito no ABAÑEÊNGA o radical do verbo permanece integro e as determinações de pessôa, tempo e modo são feitos por via de prefixos e suffixos inteiramente distinctos, se bem que alguns intimamente ligados ao verbo de modo que simulam verdadeira conjugação.

Considerações destas, porém,só podem ser desenvolvidas em lugar conveniente e não cabem nestes apontamentos. Notarei apenas que os suffixos para designar tempo e modo, e mesmo os prefixos pessoaes, os quaes constituem a principal differença de um grande numero de dialectos, reputados geralmente como linguas differentes, aqui no Lery não se differençam dos de Montoya e Figueira e acham-se como que entremeio dos dois.

80.—Remata Lery o colloquio, passando disparatadamente da conjugação de verbos para vocabulario, do qual dá mais dois nomes, e repetindo em seguida a enumeração das aldeias de Guanabara que, como já viu-se, differe da lista inscripta no corpo do colloquio, pag. 32.

O Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães obsequiou-me no final do seu precioso livro O SELVAGEM com uma menção honrosa destes *apontamentos*. Não tenho expressão com que agradecer ao nosso distincto ethnologo a lisonjeira apreciação que teve a bondade de fazer dos meus estudos, e sinto não ter autoridade para lh'os retribuir. Farei apenas uma observação.

O seu livro O SELVAGEM, quando mais não fosse, quando não tivesse muito merito em si e valia de primeira monta, é o unico em que vem cousa que aproveita efficazmente aos estudos linguisticos, pois vem linguagem, isto é, vem discurso, phrase, e emfim grammatica. A' S. Ex. cabe de certo a gloria de ser o primeiro d'entre os viajores modernos que não se limita á dar listas de nomes, inteiramente incapazes por si sós de darem noção da indole da lingua. Qual é o auxilio que presta por exemplo aos estudos linguisticos o grosso GLOSSARIA LINGUARUM BRASILIENNIUM? quasi nenhum, e até ás vezes presta des-serviço.

Com effeito fundados na semelhança dos sons vão muitos procurar filiação e parentesco entre as linguas, não só impossivel, como absurdo, como acontece a proposito do radical de *kara* que existe em grande numero de linguas de caracter inteiramente diverso, e mediante o qual pretendem aparentar muitas linguas americanas até com o tronco indo-germanico.

Bem haja S. Ex. que põe de parte as listas de nomes e trata de dar noticia de *linguagem*, e assim nos offerece preciosos specimens do ÑEENGATU'.

Quanto á observações sobre este dialecto do ABAÑEÊNGA, são muitas as que desejaria fazer, e não é possivel inseril-as em um canto destes apontamentos. Só me limitarei a uma reflexão:

O ÑEENGATU' tal qual o apresenta o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães desvia-se do ABAÑEÊNGA em sentido analogo ao desvio que se dá no GUARANI fallado no Paraguay, isto é, ambos já alteraram muito a construção grammatical e o lexico, um segundo o portuguez, o outro segundo o hespanhol.

Além disso o ÑEENGATU' approxima-se muito do TUPI dos catechismos. O Sr. Dr. João Barbosa Rodrigues, com o seu distincto espirito de observação, se bem que fizesse as suas explorações Amazonicas por amor de estudos botanicos, colligiu notas preciosissimas dos fallares de indios com que tratou, e dellas se vê que no valle do Amazonas ainda fallam-se dialectos do ABAÑEÊNGA menos eivados de PORTUGUEZ, do que o ÑEENGATU' fallado no Baixo Amazonas e especialmente no Pará ou antes Belém e suas immediações. Muitas malocas, não catechisadas, com as quaes tratou o Dr. B. Rodrigues fallam dialectos que em tudo lembram a derivação OMÁGUA, e portanto filiam-se ao ABAÑEÊNGA ramificando-se delle por modo diverso do do ÑEENGATU'.

Já estavam no prelo estes *Apontamentos* quando recebi o livro do Ex. Sr. Dr. Couto de Magalhães, e senti porque nas Explanações tinha occasião de me referir á elle com proveito, se bem que nem sempre estejamos de accordo, como é muito natural em trabalhos em que tantas difficuldades se encontram, o que de modo algum póde diminuir o subido merito do SELVAGEM.

Estudos Botanicos

ESTUDOS BOTANICOS

CAVACO

Eu tive um dia a infantil velleidade de dar impulso ao estudo da botanica na minha terra, esbarrei, porém, com um terrivel veto, capaz de extinguir a mais robusta sciencia e o mais fogoso enthusiasmo; *magna auctoritate* me foi declarado que eu era *engenheiro e não botanico!* Durante a minha longa labutação com electricidade, e cercado de raios e coriscos nunca soffri tamanho choque. Fui pretencioso, confesso-o; nunca tinha publicado além-mar cousa alguma que em lettra redonda attestasse ao mundo a minha aptidão para a cousa. Eu não sabia que era necessario soltar aos ventos com maximo desplante os maiores absurdos, e ter a coragem de assegurar aos estranhos á materia, que esses absurdos são as mais brilhantes chispas de profundo saber. Verdade que a coragem não é o meu fraco; se me virem em campo reparem bem que me abrigo com escudo de fino aço maior do que eu; apresentar-me atraz do envoltorio de filó, é cousa de que só a lembrança me produz calafrios.

Por conseguinte ninguem espere de mim trabalhos botanicos; um intruso e curioso não póde produzir cousa que preste. Peço perdão ás notabilidades competentes da minha terra de lhes charlatanear pelas suas seáras, e espero apenas que attendam que só apresento vadiação em horas vagas, rabiscadelas em viagem sobre a tampa de meu bahú, emquanto dava descanço aos meus animaes de sella e de carga.

Tambem prometto não me metter muito lá pela botanica transcendente, nas altas regiões aristocraticas desses colossos que consomem seculos para ser alguma cousa; eu procurarei conservar-me cá por baixo, no meio do lixo das praias, no lôdo de nossas lagôas e rios, pelos charcos, nessas regiões infimas emfim, onde dominam o carangueijo, o sapo e outras bicharias, de que tem nojo a gente de gravata lavada.

Agora seja-me permittido dar uma pequena explicação á quem sarcasticamente perguntar com que direito tenho o arrojo de intrometter-me em cousas que não são da minha conta. Ahi vai: *são reminiscencias do passado; amores de outr'ora!*

Quando criança eu sabia uma porção de nomes latinos de plantas, andava fazendo travessuras pelos jardins do velho Riedel, homem distincto que toda vida lidava com plantas e só conversava nellas; a força de tanto ouvir chamar tudo por genero e especie me ficou grudada muita cousa por dentro do craneo.

Depois fui para Vienna estudar na Escola Polytechnica; um dos meus primeiros conhecimentos foi com o lente de botanica e director do respectivo jar-

dim, Endlicher, o malungo de Martius na *flora brasiliense;* era sujeito que entendia do riscado, *testes ei genera plantarum*, e mais algumas cousinhas de bom quilate. Tinha elle em casa reuniões ás segundas feiras que rescendiam á hervas á valer; eu pouco faltava: não era planta mas bicho exotico, estava pois alguns furos acima dos nacionaes. Lá appareceu um anno em que as horas lectivas da Escola não iam de encontro ás do curso botanico de Endlicher, e lá fui eu para os bancos phytologicos, com hervario e jardim botanico á minha disposição.

Acabei o meu curso de — engenharia, já se vê — por que o de botanica foi de *horas vagas*, por isso não conto.

Depois dei com os ossos em Munich; fui na universidade estudar mineralogia e chimica analytica practica. Ali vivia o venerando Martius, maniaco por botanica como é publico e notorio; esse deu comigo na sua aula, no seu horto botanico, e carregou-me para seu hervario e laboratorio de palmographia; até chegamos á brigar por causa de embryão, micropyle, e fiapos pollinicos de um coqueiro!

Ora, amizade de Endlicher e de Martius, dois cursos de botanica, frequente vadiação com microscopio, já que não podia ter cosmorama em casa, remexidelas em hervas seccas entre papeis, tomar ares em jardins onde tudo andava rotulado, a mania de embarafustar por quanto *caldarium* havia nos lugares por onde eu passava, tudo isso besuntou-me um canto do cerebro com botanica, e por mais que eu procure curar-me d'essa mazella não o consigo. Considerem pois a mi-

nha hervanarice como molestia incuravel, e convençam-se de que nada procuro ganhar com ella.

Agora peço venia para fazer continencia á quem de direito.

Li algures, em livro de um malandro de philosopho, o seguinte:

« Brilhar entre seixos é uma triste gloria, luzir entre brilhantes é alguma cousa. »

Prefiro a retaguarda dos brilhantes, á ser generalissimo dos seixos. Façam o mesmo todos que aspirarem á gloria, e á nome limpo em sciencia.

O GENERO HORTIA VAND

Ha uma arvore preciosa que se encontra empregada na materia medica popular, já de longa data classificada, mas cuja descripção ainda está incompleta em relação ao fructo, e vai se tornando cada vez mais errada. Como tive occasião de colher fructo maduro dou aqui a rectificação.

Aproveito a opportunidade para fazer algumas observações sobre o nome vulgar desta arvore, que varia segundo as localidades, e confunde-se com o de outras plantas.

Mais geralmente a *Hortia* se designa no Rio de Janeiro com o nome de *Páo para tudo.* Na serra da Estrella foi me dado como *Casca d'anta;* em Capivary fui achal-a qualificada de *Quina-quina*, e na Bahia encontrei-a ainda muito empregada pelo Dr. José Firmino de Araujo debaixo do nome de *Casca de camamú.* O Dr. Freire de Cisneiros, de saudosa memoria, correndo as antigas boticas desta côrte com um fragmento dessa droga deparou em uma com amostra analoga entre os alcaides do uso de passados tempos, rotulada *Casca de Guiné.*

Este ultimo nome poderia fazer suppôr origem africana, tem, porém, a sua explicação no facto de que esta casca nunca falta no sacco de pandorico conteúdo dos negros curandeiros e feiticeiros, em um estado que revela frequente uso, e é realmente um dos ingredientes com que fazem milagres. De mistura com esta casca no mesmo sacco encontram-se raizes de *Petiveria tetrandra*, e *Anona longiflora*, toxicos temiveis igualmente designados como *Guiné*.

Para-tudo é nome com que se designam plantas muito diversas pertencentes ás familias de Magnoliaceas, Canellaceas, Rutaceas e Synanthereas, mas o que é curioso notar-se é a uniformidade das propriedades que attribuem aos *Para-tudos*. Em primeira plana figura a efficacia dessa planta para acalmar colicas, depois applicam-na para diarrhéas e indigestões, e uma ou outra propriedade mais que se lhe attribue varia segundo as localidades. As plantas que conheço com este nome são *Drymis Granatensis*, *Cinnamodendron axillare* (tambem *casca de cutia*, não se confunda com *Stifftia chrysantha*) *Hortia brasiliensis*, e *Gomphrena officinalis*. E' provavel que ainda existam outros *Para-tudos* em provincias por onde não tenho andado. Ao menos ha mais um do genero *Cassia* mencionado no precioso formulario do Dr. Chernoviz.

Casca d'anta em Minas cresce frequente. A *Drimys, Granatensis*, variedade da *D. Winteri*, ali tem esse nome; era exportada como *casca de Winter*. No alto das serras do Rio de Janeiro tambem existe e fui encontral-a, á beira mar em abundancia, o que era negado por S. Hilaire, em Cananéa. A' *Hortia* só ouvi dar esse nome na serra da Estrella por velhos caçadores, e por alguns moradores das margens do rio Parahyba. Re-

cebi ultimamente outra *Casca d'anta* de Minas que differe da de *Drimys*.

Quina quina só em uma localidade ouvi, e ainda ahi o nome mais corrente é *Para-tudo*. Tenho com esse nome a *Coutarea speciosa* vinda do norte tambem conhecida como *Quina do Rio* (no Ceará quando se falla do Rio, entende-se o S. Francisco).

Casca de camamú é o que conservarei em trabalho posterior sobre as propriedades da mesma, porque foi o nome debaixo do qual encontrei rehabilitada por pessoa professional essa droga da nossa antiga materia medica, quando tive de experimentar em mim a sua efficacia. Desde então tornou-se-me uma inseparavel companheira de viagem.

Passemos a descripção do fructo:

Hortia. Genus apud Bentham, Hooker Genera Plantarum, incertæ sedis forsan ad Galipeas relatum, ob fructum ac semina imperfecte cognita.

Ut fructus maturos legi, diagnosis generis ita corrigenda.

Bacca pulposa, 5 (abortu 4) locularis, pericarpio subcoriaceo glanduloso punctato, pulpa granulata.

Semina duo in quovis loculo superposita, pendula anatropa, loculi parietibus adherentia, testa crustacea atra, hilo lineari ventrali, albumine oleoso-carnoso.

Embryo centralis, cotyledonibus maximis planis, hilo parallelis.

Radicula supera subglobosa.

S. Hilaire nas *Plantes usuelles des Bresiliens* em 1824 descreve a *Hortia brasiliana* Vell. encontrada rachitica nos campos de Goyaz. A sua descripção é como todas do mesmo autor conscienciosa e completa. Elle observou uma baga com polpa carnosa, e semente já de vez; mas modesto como era, não quiz ir de encontro á Velloso que qualifica o fructo de capsula, e deixou passar o erro d'este.

Endlicher no seu *Genera plantarum* admitte a capsula. Bentham e Hooker igualmente revelam desconfiança até na descripção da semente, pois perguntam se esse genero não caberia de preferencia entre as *Galipeas*. O embryão justifica inteiramente a posição que lhe foi dada na secção das *Toddalias;* sinão tivesse endosperma, quadraria entre as *Aurantiaceas*, com as quaes se confunde a nova planta de *Hortia* ao germinar.

O que, porém, não posso comprehender é como Engler em 1874 na *Flora Brasiliensis* de Martius dá o fructo de *Hortia* como *drupa!* Além d'isso menciona um septo que divide os compartimentos do fructo; é cousa que não pude observar mesmo nos dispermos.

Vamos ensaiar uma justificação de Velloso. Colher fructos maduros na matta é difficil, eu os obtive da serra do Sambê do Rio Bonito, pelo cuidado de um distincto empregado da Repartição dos Telegraphos, o Sr. João M. Furtado de Mendonça, o qual fez cercados por baixo da arvore para preservar os fructos que cahiam, da voracidade das pacas e cutias que parece os esperam. Velloso talvez não tomasse essas precauções e levaram-lhe fructos verdes, quando muito conservados em aguardente.

O fructo da nossa *Hortia* é pyriforme e pentagono ou abortivamente tetragono (*Fig.* 1 e 2); os gomos salientes são obtusos, a casca é lisa, desigual e cheia de grandes olhos oleosos, como a da laranja. Uma destas fructas que conservei por algum tempo no alcohol mostrou uma linha saliente sobre cada protuberancia; ora, isto observado em fructo verde, póde dar lugar á suppôr que elle se transformará em capsula, por apresentar indicios de dehiscencia.

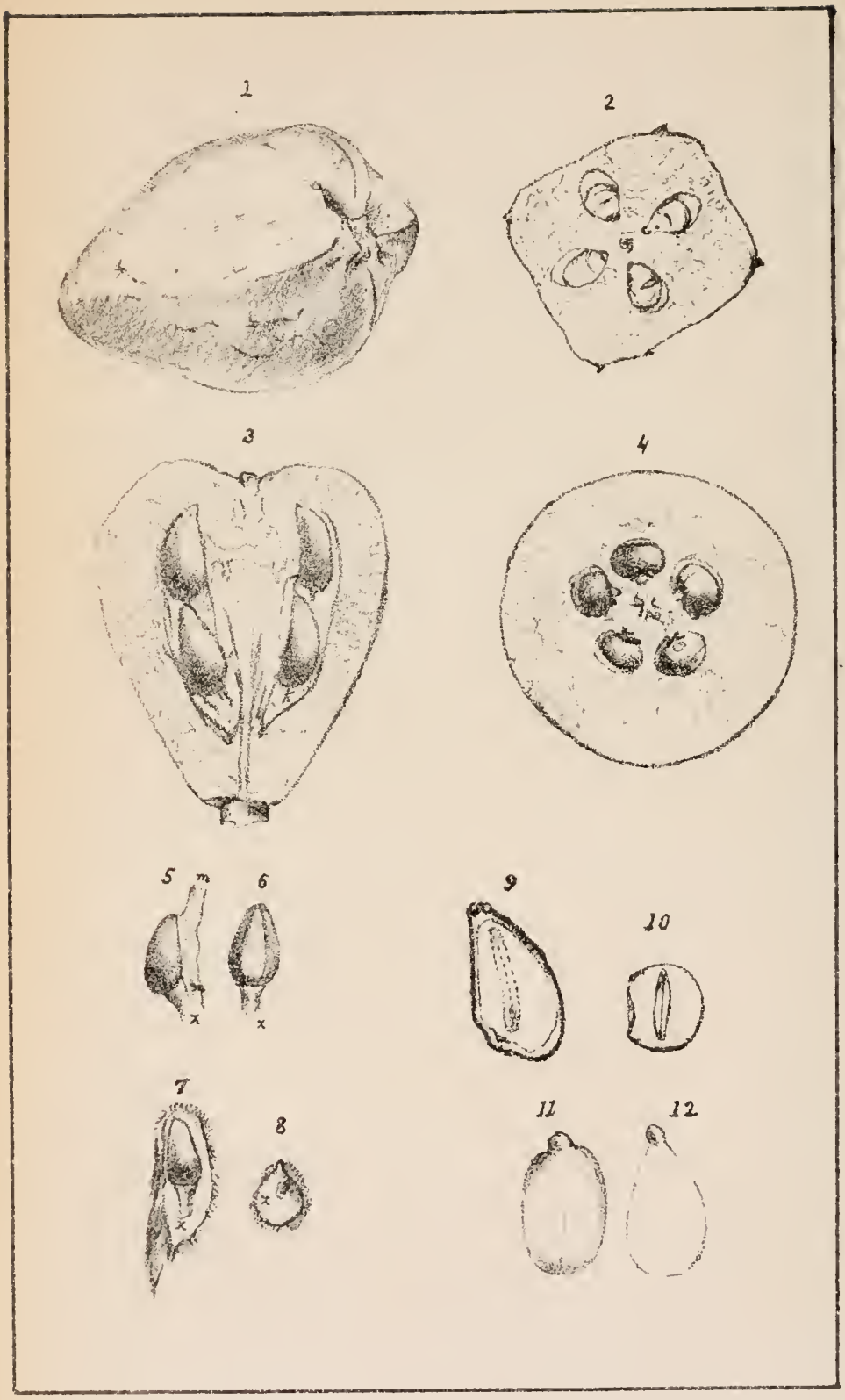
Obtive em Capivary um fructo inteiramente redondo, cuja secção se vê na figura 4. Não pude verificar se pertence á especie distincta ou se é variedade.

Os fructos têm cheiro forte, gosto amargo e apimentado e são muito succulentos.

As sementes nas fructas frescas adherem em todo o seu comprimento pelo hilo á parede do compartimento, proximas ao centro, sem que haja comtudo placenta distincta. Nos fructos conservados, porém, a adherencia é só na parte inferior em torno da chalaza, o que facilmente póde conduzir á erro na apreciação da posição da semente. O funiculo, comtudo, não adhere á semente porque entre ambos se ácha a pellicula que constitue uma especie de arillo.

Parece que alternam na sua adherencia, logo que haja duas sementes no compartimento, ficando uma pela direita e outra do lado esquerdo.

Deixando-se seccar a fruta depois de ter sido conservada em alcoohol vê-se facilmente, no funiculo e tecido que o cerca, embaixo uma expansão que representa a inversão da chalaza, e desta continua ainda um apoio achatado *(Fig.* 7 e 8*)*; é o mesmo que parece nas figuras 5 e 6 um podosperma roliço.


1
2
3
4
5
m
6
x
x
9
10
7
8
x
x
11
12

Explicação das figuras

1.ª Fructo tetragono colhido no Rio Bonito (1874).

2.ª Secção transversal do mesmo, mostrando os quatro pequenos vergões sobre os cantos salientes que alternam com os compartimentos.

3.ª Secção longitudinal com os compartimentos, contendo as duas sementes.

4.ª Secção transversal de um fructo redondo colhido em Capivary (1870) com 5 compartimentos.

5.ª e 6.ª Semente vista do lado: 5 com a massa contendo o funiculo e a rhaphe *m m;* em 6 vê-se o hilo, em ambos o podosperma falso *x x* que se destaca depois de maceração em alcohol.

7.ª e 8.ª Um compartimento mostrando a inserção lateral da semente.

9.ª Secção longitudinal da semente apresentando embaixo a chalaza, no cimo a cicatriz do micropyle e a posição do embryão no endosperma.

10.ª Secção transversal, mostrando o parallelismo do embryão ao hilo.

11.ª e 12.ª Dois embryões com differença nos cotyledons.

ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

ARTE CERAMICA

Se nas armas e instrumentos de pedra, nota-se a paciencia e o tempo que era preciso empregar para chegarem á aperfeiçoar qualquer d'estes instrumentos, na louça depara-se com um espirito creador, guiado pela phantasia, imprimindo na mão do artista ás vezes uma firmeza digna de inveja. É que a liberdade permittia o emprego do tempo com a arte e com a industria. Se a luta ás vezes occupava os guerreiros, sobrava comtudo tempo para as matronas e as donzellas, prepararem os *camutys* para o *cachiry* e o *tarubá*, com que eram recebidos os victoriosos, e as *igasáuas*, onde se recolhiam os ossos dos infelizes mortos nas batalhas.

Orgulhosas, com suas mãos talvez distribuissem aos valentes as bebidas enebriantes, emquanto uns dansavam e outros cantavam a *paranduba* de suas proezas, cheios de si por suppôrem extinctos os inimigos que pisavam o solo livre que os vio nascer.

Que a liberdade protegia a industria é fóra de duvida ; comnosco tambem assim pensa o ethnologo americano Carlos Reau, (*) quando assim se exprime:

« In former times, when the aboriginal inhabitants of this country were still in possesion of their own lands, and their mode of living had not been changed by the intrusion of the pale-faced Caucasian, the art of pottery was practised by them to a considerable extent. »

A escolha e o preparo da argilla se já denota um estado mais culto do que o da infancia de um povo, o desenho da gravura e da pintura de seus utensilios, serve de cadinho para aquilatar o gráo de adianta-

(*) *Annual report of the Smithsonion institution.* 1867, *Indian pottery*, Pag. 346.

mento á que tem attingido. A comparação, quer do emprego de certa qualidade de argilla, quer da gravura, ou da pintura da louça de então, com a fabricada hoje, nos dá uma triste idéa, não só da intelligencia, como do estado decadente do infeliz tapuyo. Escravisado, a familia desmoralisada, educado com principios viciosos, o filho do selvagem, só vive para o patrão, d'elle é seu trabalho, d'elle seu suor, e d'elle todos os passos de sua vida. Como empregar a intelligencia, como ser artista, se desde os verdes annos, vive n'uma athmosphera pervertida, onde a embriaguez impera, para facilitar o commercio d'aquelle que o educa.

Se no estado civilisado, o indio decahio, por estas causas, como não encontrar-se no gentio, que vive nas selvas, a civilisação extincta, perpetuada por herança e tradicção?

Já disse no capitulo anterior, que quando desceu o Amazonas o Padre Acunã, com o Capitão Pedro Teixeira, ainda encontrou uma civilisação adiantada, quando comparada com a de hoje, e que despapareceu com a entrada dos *capitães de bandeira* pelas aguas do soberano dos rios. As ciladas, a escravidão, as *caiçaras*, o ferro e o fogo, que empregavam os colonos portuguezes, satisfazendo á sua cega ambição, contribuio para a dispersão das tribus, que subdivididas, nomadas, aterrorisadas, só procuravam vingança, despertando-se-lhes um odio contra os *cariuas* (brancos) que passando de raça em raça chegou até nossos dias, com o desprezo do trabalho, legado por aquelles que não mais poderam trabalhar, porque pouco era o tempo para fugir dos invasores. A falta de trabalho trouxe a ociosidade, que foi legada por aquelles que tanto se destinguiram na arte ceramica. A maior parte dos gentios

de hoje são descendentes de tribus outr'ora catechisadas.

Em apoio do que avanço, deixo fallar um missionario consciencioso e insuspeito o padre João Daniel, que viveu no Amazonas mais de 18 annos. Tratando das tropas de resgate autorisadas pelos *Fidelissimos* Reis de Portugal diz :

« Se transportavam á cidade, onde se vendiam em publica praça, e o preço se lançava no thesouro, assim para as despezas da tropa, etc., etc. » (*)

Eram estes *escravos* os gentios encontrados prisioneiros de guerra por outros, e que tinham como taes de ser mortos pelos vencedores. As tropas de resgate tirava-lhes a morte gloriosa do guerreiro, para dar-lhes em troca os ignominiosos ferros da escravidão. Quantos não imitaram Catão !

Se por um lado o governo autorisando, contribuia para a dispersão do povo indigena, por outro, as bandeiras acabavam a obra, póde-se dizer de exterminio.

« Começou logo a ambição a reinar (**) nos brancos e com a capa da Tropa de resgates para os miseraveis encurralados se estendiam aos livres, e a quantos podiam haver; umas vezes induzindo aos Regulos a darem assaltos uns aos outros e apanharem os que podessem para os entregar aos brancos: outras vezes induziam aos mesmos Regulos a venderem os seus vassallos. E muitas vezes davam de repente os mesmos brancos nas povoações, e como n'ellas moram os Tapuyas muitos juntos em cada casa, as cercavam, e entravam logo dentro, onde amarravam quantos achavam e conduzindo-os ao arrayal affirmavam ser dos encurralados, para o que não lhes faltavam testemunhas falsas e desta sorte captivavam innumeraveis. Uma das leis destes resgates, determinava que só fosse em certo districto : porém,

---

(*) *Maximo thesouro descoberto no Rio Amazonas. Rev. do Inst. Hist. Braz.* Tom. II. Pag. 469.

(**) Obra e pags. citadas.

não se dando por satisfeitos, não só sahiam fóra dos limites, mas não havia rio em que não entrassem, nem povoação que não assaltassem; e quantos cada um podia maneatar, tantos contava por seus escravos, etc., etc. »

Ainda hoje reina a escravidão no Valle do Amazonas; ainda se vende o indio, e o tapuyo. A escriptura da venda tacita, é um titulo de devida. Não ha quem não deva; um criança de dous annos já deve ao patrão, ás vezes oitocentos mil reis. Parece incrivel, mas é a pura verdade. Infelizmente esta desmoralisação introduzida pelo regatão, já echôa na Europa, já um estrangeiro observador escreveu o seguinte, em uma nota :

« *Regatão*, derived from « resgatar » to *liberate* the prisioners of war of the indians, whose lives were forfeited. On this pretext the Regatões, at the same time the pedtars of those regions, not only kept up a very flourishing and lucrative slave trade, but they practised all sorts of cruelties and crimes in the huts of the savage and half-civilised inhabitants of these countries. On several occasions Liberal deputies have warmly spoken, in the Chambers at Rio de Janeiro against this inescusable abuse, which still continues, though on a minor scale; but in vain. The distances are too great, and the political influence of the interested parties is too powerful for a successful persecution of the criminals in these out-of-the-way places. To this day Portuguese merchants keep, on the borders of the Japurá, Purus, Teffé, etc., a great number of aboriginal families in such degree of dependence that it differs from real slavery only by the circunstance that their masters wisely refrain from selling such useful domestic animals ! » (*)

Foi assim que despovoaram o antigo *reino do Urubu*, hoje o deserto e desconhecido rio d'este nome

(*) *The Amazon and Madeira rivers*, by Franz Keller. London. 1874. Pag. 28.

onde de uma só vez mataram 700, captivaram 400 indios e incendiaram 300 malocas. (*)

Da louça destes desgraçados, que pagaram com a vida e a escravidão a morte que fizeram no Sargento mór Antonio Arnaud Villela, mais adiante tratarei.

A matança do rio Urubu em 1664, é uma das provas, de que a decadencia da população indigena, data do descobrimento d'este solo.

Então a população d'este rio e a sua industria era tal, que era conhecido como *Reino do Urubu.*

A civilisação estendia-se desde a America septentrional até a meridional, provada pelos monumentos dos Estados-Unidos, Mexico e Perú. Tractando da louça de barro do Perú e Guatemala, em uma nota aos commentarios, do Popol Vuh, diz o autor das *Ruinas de Palenqué*, que como arte ceramica é superior á do Egypto e da Etruria.

A' pags. CLXVI dos mesmos *Commentarios*, diz ainda, que a louça das nações da Florida são « de um notavel preparo, d'uma riqueza de côres e de fórmas igualmente admiraveis. »

Com effeito comparadas, tambem a louça que a voracidade do tempo respeitou enterrada, com a dos povos da antiguidade e do mundo antigo, vê-se que não só ficavam muito aquem, como muita semelhança existe não só nas formas como nos desenhos ornamentaes.

Não farei a historia da arte ceramica, darei apenas noticia da que examinei nas minhas explorações, fazendo as considerações que entender necessarias.

(*) Vide *Explor.* e *Est. do Valle do Amazonas. Rios Urubu* e *Yatapu*, Rio de Janeiro. 1875. Pags. 6—7 e *Compendio das eras de Baena*. Pags. 115.

A louça antiga que se encontra soterrada, é representada por utensilios domesticos e pelas urnas mortuarias *(ygassauas)* (*).

Pela quantidade de fragmentos que se encontra, vê-se que essa industria não só occupava muita gente, como era muito apreciada, o que denota tambem o capricho dos arabescos com que ornavam o mais insignificante objecto. Entretanto era essa industria exclusiva das mulheres, como nos prova a historia, a tradição indigena, e o costume ainda hoje seguido em todo o valle do Amazonas. Sempre vi a mulher occupada n'esse labor, que é deshonroso para o homem, segundo dizem.

Em toda a America, foi sempre a mulher a oleira, como poderiamos provar, soccorrendo-nos de diversos autores.

Oleira d'outras eras, por tradicção, é ainda a mulher que nas horas de descanço, emprega-se n'essa industria.

Como hoje, então devia haver artistas mais perfeitos, que se occupassem no fabrico da louça, e tivessem mesmo esta industria como meio de commercio. Sendo geralmente a louça feita por cada um para seu uso particular, não havendo fabricas, com tudo ha familias cujas mulheres só n'isso se occupam para trocar a louça por outros generos, com as mais preguiçosas. Outr'ora julgo que se dava a mesma cousa; porque, nas terras pretas, signal sempre ou de roça ou de aldeia, onde se encontram centenas de fragmen-

---

(*) Corruptella de *iucáçaua*, do verbo *iúcá*, matar com a terminação verbal *áua*, *abá* de Anchieta que faz *çáua* ou *çaba*, por terminar o verbo em vogal; significa o lugar onde se mata, ou se enterra um morto e as vezes o instrumento.

tos dispersos por largas extensões, apparece sempre um ponto onde a acumulação de fragmentos é tal que denota o lugar em que havia a fabrica. Os restos que se encontram, não são só os da louça quebrada em uso, são principalmente os da que se quebrava no processo da queima.

Estes fragmentos, estudados com attenção, apresentam diversas fórmas de panellas, de alquidares, e de potes *(camotys)* com fórmas muito correctas. Entre esta louça, encontram-se tambem muitas figuras, quer humanas quer de animaes, que serviam para os brincos das crianças e não representam idolos, como alguns querem. Para provar que serviam de brinquedo, basta dizer que achei entre estas figuras, tambem diversas panellinhas, que tinham o mesmo fim.

Ainda hoje, as tapuyos, quando fabricam a sua louça sempre fazem algumas figuras, com que presenteam aos *curumis,* (*) que as rodeiam.

Os *mundurucús,* fazem, não de barro mas dos foliolos de palmeiras, uma grande variedade de brinquedos muito engenhosos para seus filhos, como vi.

Esta louça é ornamentada por gravuras e por pinturas. Quer n'um ou n'outro processo nota-se que os desenhos são quasi sempre compostos de linhas mais ou menos rectas e curvas ou quebradas que pela combinação apresentam desenhos não só trabalhosos, como filhos de uma intelligencia creadora e esclarecida.

Antes de tratar do modo porque gravavam, pintavam e ornavam seus vasos, convêm dar não só o processo empregado na factura d'elles, como da materia prima que empregavam.

(*) Meninos.

Era esta a argilla, hoje conhecida por *tabatinga*, (*) que como melhor era a preferida. Com este nome, ha comtudo no Amazonas diversas qualidades, umas mais ou menos inferiores, alem das conhecidas por *tauá piranga, tauá juba*, que não tem emprego na olaria. Hoje o tapuyo procura tambem a tabatinga, mas como não capricha na obra que faz, apanha onde a encontra sem fazer muito caso da qualidade; d'ahi a inferioridade de sua louça. Empregavam a tabatinga pura ou misturada com o pó da pedra-pomes, que desce do Perú, pelas aguas do Amazonas, as cinzas do *cauichy* (**), ou as das escamas do *pirarucu*, *(Sudas gigas)* as do casco das tartarugas, dando-se hoje preferencia as da casca do *caraipé (Moquilea utilis)*. Estas cinzas reduzidas á pó impalpavel e amassada com argilla, tem por fim evitar que se arrebente a louça na occasião da queima, e faz consistencia, para não se tornar muito porosa.

A mistura d'outras substancias á argilla, para não tornal-a quebradiça ao fogo ou mesmo ao sol, não é exclusiva do Amazonas; é conhecida desde épocas immemoriaes. Já Pharáo, não querendo deixar sahir o povo de Israel do Egypto, ordenando aos prefeitos de suas obras, disse:

« Não torneis a dar palha, como antes, á este povo para fazer tijollo, sejam elles mesmos os que ajuntem a palha. » (***)

Este systema da olaria primitiva, foi empregado pelos portuguezes, nas obras da edificação da cidade

(*) Corruptella de *tauá* argilla e *tinga* branca.

(**) Uma especie de esponja d'agua doce, que cresce nos páos que durante a enchente vão ao fundo. As cinzas contem muitas particulas silicosas.

(***) Exodo. Cap. V. ver. 7.

e dos fortes, conhecida por *taipa de pilão*. São os *adobos*, que nas provincias de Minas e S. Paulo, ainda hoje em algumas localidades usam. A substancia que entra no preparo da argilla depende sempre do character mineralogico da localidade onde habita o povo ou a tribu. Assim, empregavam na Europa a areia, o carbonato de cal, scorias volcanicas, e o amyantho, que tambem era empregado nos vasos chinezes.

Na America do Norte, geralmente a louça antiga encontrada é feita de argilla, misturada com cinzas de conchas, como nos referem diversos viajantes e exploradores.

Do conhecimento da boa argilla e da substancia empregada na mistura, depende a boa qualidade da louça, que a de então levava a palma. No amassamento e na intima ligação da substancia á argilla, consistem a sua delicadeza e duração. Na finura do grão e no peso, sobresahe a antiga louça. Encontrei fragmentos seccos ao sol, que chegavam, lançados n'agua a fluctuar, como a louça dos antigos gregos.

A louça moderna além de muito pesada não tem o grão tão fino, e o motivo da sua inferioridade está no ser mal escolhida e amassada a argilla e na substancia empregada, que não prestando-se a reduzir-se a pó impalpavel, pouco se liga e é muito mais pesada do que a empregada outr'ora, que como vimos eram as cinzas do *cauichy* e as das escamas do pirarucu e ás vezes mesmo o pó da pedra pomes, ou o da louça queimada.

A tabatinga que não é mais do que finas particulas de feldspatho decomposto, misturadas com mais ou menos silica, torna-se preferivel conforme a maior ou menor porcentagem que tem, d'estas substancias.

A boa tabatinga, que se encontra nas terras de

aluvião do Amazonas, servia pois, para as oleiras de então, fabricarem os seus utensilios, que passaram até nós, para vingar a injustiça que se lhes faz, dando-se-lhes uma intelligencia pouco acima do instincto do animal.

Oleiras do passado, artistas d'outras eras, ainda não tivestes nos vossos descendentes, filhos da civilisação, quem imitasse as obras que sem modelo, bem acabadas sahiram de vossas mãos!

O processo que empregavam no fabrico da louça é ainda o mesmo, que a tradicção trouxe até aos tapuyos. (*) Toda ella era fabricada a mão, com o auxilio de alguns instrumentos sahidos da natureza.

Estes instrumentos, são: a *cuípéua*, a *itapuquity*, alguns espinhos de tucumá, (*Astrocaryum tucuma*, Mart.) dentes de cutia, e pequenos canudos de taquara.

A artista trabalha assentada no chão, ou em um pequeno tamborete, porque todo o processo é feito no chão ou sobre algum banco. Tive occasião, de vêr fabricar diversas peças de louça, em muitos lugares do Valle do Amazonas, e nunca vi trabalhar-se senão no chão.

Em todas os *tejupares* (**) de tapuyos vê-se sempre grandes bolas de argilla de 2 a 3 decimetros de diametro, que são as provisões para quando falte a louça.

Quando querem fazer qualquer peça, tomam uma d'estas bolas e depois de molhada, amassam-a bem,

---

(*) Conhecem a boa argilla, provando-a; se tem um sabor azedo, como dizem, é a de melhor qualidade. Quando não tem mistura de areia, é esta a preferida.

(**) Corruptella de *Teyi*, gentalha, e *upab*, pousio, morada. E' a *oca*, miseravel, fóra da maloca.

dentro de uma vazilha, que commumente é um casco de tartaruga *(Podocnemis expansa)*. Depois de bem amassada, misturam o pó do carvão da casca do *caraipé*, tornando a amassar-se até ligar-se bem este pó com a argilla.

Preparada assim a massa, tomam uma porção correspondente á precisa para o tamanho do fundo do vaso que pretendem fazer e assentando sobre uma fôrma para o fundo, estendem por compressão a massa sobre ella, até darem o tamanho preciso.

Esta fôrma, os mais civilisados fazem de madeira, mas em geral é d'uma porção do casco da tartaruga que cortada circularmente, offerece uma dupla vantagem; a da fórma semi-concava, onde estendem a argilla, que dá assim uma concavidade ao fundo do vaso, e a da facilidade que apresenta em girar sobre a face exterior ou convexa, que facilita o trabalho. Geralmente passam areia fina sobre ella para não ligar-se á argilla. Preparado por compressão o fundo, fazem uma especie de corda ou torcida de argilla, do comprimento pouco mais ou menos da circumferencia do vaso, com um diametro proporcional á grossura que querem dar ao objecto, e unindo esta especie de corda ao fundo, com os dedos da mão esquerda vão ligando a massa, emquanto com a direita seguram a corda e imprimem á fôrma um movimento giratorio da direita para a esquerda, á medida que a parte lateral vai se levantando. D'este modo, sobrepondo e ligando, as cordas de argilla, vão levantando os lados, que, segundo o diametro que querem, apertam ou alargam mais a dita corda. Trabalham pela parte interna os quatro dedos da mão esquerda, e pela externa o polegar, que de vez em quando são molhados para melhor alisar e não pegar na argilla.

Terminada assim uma volta, tomam a *cuipéua*, (*) que é uma concha ou geralmente um pedaço de cuia arredondado, e, molhado n'agua alisam as saliencias que deixam os dedos quer pela parte interna quer externa. Assim, levantando os lados e alizando chegam a concluir o vaso. Quando este tem de apresentar a parte superior abobadada, diminuindo a corda de argilla, trabalham com os quatro dedos da mão esquerda voltados para cima, e com os da direita vão ligando a argilla, servindo os da esquerda de amparo. Terminado o vaso, deitam-o á sombra a seccar por espaço de 2 ou 3 dias e quando está quasi secco, servem-se então do *itapuquety*. (**)

Tem este nome um pequeno seixo rolado, ou um caroço de *inajá* (*Maximiliana regia*, Mart.) com que alisam o vaso, dando-lhe algum lustre, antes de ser queimado. Se o vaso é liso, está assim prompto para ir para o fogo e depois servir; mas, se querem ornado, soffre então ainda outro processo.

Já disse que por dous modos ornavam os seus vasos: por gravura, ou pela pintura. Hoje, porém, este uso decahio, só apparece alguma louça, pintada extraordinariamente com diversas côres; fabricada pelos civilisados de Breves e Cametá. Os indios Cautanichis do Purus, são os unicos que pintam ainda sua louça. Conforme o ornato feito por gravura, assim eram os instrumentos empregados.

As bordas dentadas eram feitas comprimindo-se a argilla entre o dedo polegar e indicador, como ainda hoje se usa, ou comprimindo-se a argilla com um canudinho de taboca. Com os espinhos de tucumá,

---

(*) *Cui*, cuia e *péua* chata.

(**) *Itá* pedra, *puquity* esfregar.

faziam a gravura chamada *tamuatá pirêra*, isto é, em fórma de escama; com os dentes de cutia ligados a um osso, (Est. I, fig. I.) geralmente de macaco, faziam as outras gravuras. Além da gravura de pontilhado e de linhas, ornavam sua louça com figuras de animaes ou humanos que eram feitas fóra e depois ligadas. Faziam tambem circulos, que eram feitos pelo córte horizontal dos canudos de taboca. Empregavam tambem um pontalete de madeira, ou talvez antes de osso para os furos com que tambem ornavam as diversas peças e faziam os olhos e ouvidos de suas figuras.

Ainda com a louça fresca, faziam tambem ornatos, feitos pela compressão de tecidos de palha de palmeiras ou de *arumã*, que variavam como variam os mesmos tecidos.

Todos estes desenhos pedem não só muito cuidado como paciencia e um estudo particular para que as figuras terminem sempre simetricamente, a ponto de não se saber o lugar em que foi começado.

No desenho de linhas, a sua combinação ás vezes imita os tecidos de palha, pelo que dão-lhes diversos nomes, alem do *tamuatá pirera*, ha a *miasáua*, que é o cruzamento das linhas obliquamente formando quadrados. Nos tecidos de palha das *tupés* (esteira) de miasáua formam o *japá*, que serve de porta aos tejupares, ou de tolda ás *igarités* (*) no cruzamento das linhas do tamuatá pirera, o ponto central onde se dividem as linhas é chamado *pacú* (**), e quando

---

(*) *Igara*, canôa, e *eté*, verdadeira.

(**) Por assemelhar-se á divisão das escamas do peixe d'este nome.

faz alguma volta esta é chamada *curuary*. Um dos desenhos faceis, é o *tapururapé* (*), que é uma linha quebrada em zig-zags, é o mais usado, seguindo-se logo o *acutyranha* (**) que é o mais facil e o mais simples, pois affecta a fórma de dous apostrophes unidos. O *saracura pepóra* (***) é de bonito effeito, mas pouco usado; n'este caso está o *muruicháua apecá* (****) que pela difficuldade de fazer-se por meio de linhas, sempre é feito pela compressão do tecido, que é sempre ou de *uarumá* ou de *iacytara* e empregado nas *urupemas*, (*****) e nos *tipitys* (******). E' semelhante ao tecido do assento das nossas cadeiras.

Quanto á pintura, era empregada, como ainda hoje, depois da louça lisa pelo itapuqueté, antes de ir para o fogo. As tintas empregadas são o gesso, que tambem chamam tauatinga, o urucú (bixa orelhana), o carajurú, (bignomia chica), a oca, *tauá juba*, e algumas tintas que fabricam de seivas vegetaes, e tomam a còr preta, expostas ás evaparações ammoniacaes da ourina, como o *cumaty* ou em contacto com as particulas ferruginosas, que contém a terra como a *aryuauá* (qualca). Alguns misturam o leite da sorva (callophoratino) na tinta, para a tornar mais brilhante e segura, como fazem ainda os Catanichys e como faziam os habitantes de Marajó. A pintura

---

(*) *Tapurú*, bicho e *apé* caminho.

(**) *Acuty*, cutia e *tanha* dente.

(***) Pégada de saracura; passaro d'este nome.

(****) Assento de chefe.

(*****) Penciras.

(******) Cylindro de palha, empregado para espremer a massa da mandioca. Muito conhecido.

era feita ou com um pincel de pello animal, ou com o feitio de cipó.

Pisam bem a extremidade de um cipó, e depois descascam-o, de maneira que fórma assim um excellente pincel.

Todos estes processos que encontrei representados na louça antiga, tive occasião de vel-os empregados pelos tapuyos, que os aprenderam de seus antepassados.

Lisa, ornada, ou pintada, soffre depois o processo da queima, que é o seguinte: depois de secca a louça, á sombra, é exposta ao sol e quando bem secca, levam-a ao calor brando do fogo acabando por mettel-a dentro de uma fogueira. Coberta de lenha, exposta a um calor intenso, quando está vermelha, tiram-a e deixam-a esfriar. Se a querem vidrar, é então a occasião propria. Tomam um bolo de resina de jutahy (hymœnea courbaril) mais conhecida pelo nome vulgar de *jutahy icica*, e com elle esfregam a parte interna, que absorvendo a resina derretida pelo calor, deixa uma camada semelhante ao verniz, que depois com o uso perde. Na louça de Breves e Cametá, emprega-se tambem a resina do jutahy, porém, dissolvida em alcool, como verniz.

Por este processo fabricam não só panellas, como potes, (camutys), jarras, ygasáuas, alguidares, figuras para guardar miudezas, etc., como os fornos (yapona) para seccar a farinha d'agua. Estes demandam muito cuidado no seccar, porque pelo seu tamanho, ás vezes 2,^{m}5 de diametro, com muita facilidade se quebram.

Este é feito sobre um tupé ou sobre folhas de bananeiras, cujas fórmas e nervuras sempre ficam impressas. Quasi sempre depois de secco ao sol, fazem fogo sobre elle, no mesmo lugar em que foi fabricado.

O uso de envernisar a louça com resinas, estende-se tambem aos indios da America do Norte, aos antigos egypsiacos, e outros povos da antiguidade.

Outras peças que exigem muito cuidado no fabrico e na queima são as *igassáuas* (*) que as ha de duas especies, as para agua e deposito de bebidas enebriantes ou não, como o *cachiry* (**), o *tarubá* (***), a *tiquyra* (****), a *maniquera* (*****),a *caisuma* (******), e as que serviam outr'ora de urnas funerarias, cujas fórmas são diversas A palavra igassaua, por isso tem duas etymologias, a que já dei para mortuarias e a que se lê na nota abaixo. Não é no tupy a unica palavra, que tem dous significados, temos exemplos, que para os que se têm familiarisado com a lingua logo os encontra.

A maneira de fabrical-as é a mesma das demais louças, apenas esta, quando não são lisas, são mais ornadas, não só com gravuras, como com figuras.

Estas figuras são feitas em separado e depois ligadas, quando a argilla, ainda fresca, como se deprehende das que se encontram soltas, ainda com signaes de terem sido grudadas. N'estes depositos funebres, era

---

(*) Y que se pronuncia *ig*, agua e *sara*, que é o verbo *carregar* significa vasilha de carregar agua.

(**) E' a bebida extrahida por decoção depois de fermentado o beiju-assú, com batata roxa, ralada.

(***) Bebida feita tambem com o beijú-assú, que depois de fermentado dissolvem n'agua e coam.

(****) E' a aguardente extrahida do beijú-assú fermentado.

(*****) E' o tucupy (caldo de mandioca) da macachêra ou aypim, engrossado com cará, batata, farinha, etc. Este processo culinario é chamado *moagica*, d'onde originou-se o verbo *mugicar*, significando engrossar.

(******) *Lã de folha.*

onde a mulher artista mais caprichava, talvez por ser a ultima obra que preparava, para o ente caro que partia para a vida de além-tumulo, muitas vezes, com o coração despedaçado pela saudade, e pelo amor sem mais uma esperança. Penso que não se despediam para sempre do finado com o seu enterramento, que mais tarde preparavam-lhe ceremonias funebres, perante a igasáua.

Dous motivos tenho para assim pensar: um o costume de algumas tribus de indicar o sexo na parte externa da mesma igassáua; outro, o de enterral-as quasi á superficie da terra. Um indicava a urna que então era preciso e outro facilitava a exhumação. Entre as igasáuas grandes, ás vezes encontram-se tambem pequenas, o que prova que para as creanças havia tambem essas urnas.

No lugar do extincto forte de S. José do Rio Negro, levantado em 1668 por Manoel da Motta Falcão, onde hoje é a praça de Tenreiro Aranha (*), no desbarrancamento da margem, encontrei uma pequena igasáua entre outras grandes, já partidas. Foi ahi o cemiterio da primitiva aldeia. Na ladeira do Bairro dos Remedios, em Manáos, se encontram tambem algumas igasáuas, já inutilisadas, como vi.

Tratando da arte ceramica antiga, fui levado a comparal-a com a moderna, dando os processos empregados, pelo que não posso tambem deixar de fallar no fabrico dos cachimbos, industria que julgo moderna, não usada pelos indios primitivos. Tanto não usavam, que nunca foram encontrados entre a louça antiga, se bem que na lingua geral exista a palavra

(*) Primeiro Presidente da Provincia do Amazonas.

petyuáua, significando cachimbo. Entre os gentios, só é usado o cigarro de tauary (couratary).

Hoje fabricam-o do seguinte modo: Amassada bem a argilla, sem caraipé, até tomar uma consistencia forte, dá-se a uma certa porção, com os dedos, uma forma espherica e aperfeiçoa-se depois a tomar a de um cachimbo. Depois alisa-se com uma pequena taquara de forma lanceolada, que repetidas vezes passam no rosto para engordural-a e dar um certo brilho na argilla.

Com um dos lados da taquara, fazem então os cordões circulares que costumam ter e com a ponta os desenhos com que os adornam. Feitos os ornatos, deixam seccar um pouco e depois abrem, não só o furo para o *taquari*, como o receptaculo para o fumo. Feito isto, passam ao processo da queima, que consiste em seccal-o á sombra e depois enchel-o de cinza mettendo-o em cinza quente e depois ao fogo. Quando está vermelho, tira-se do fogo. Geralmente os cachimbos são pretos e como que envernisados, o que se obtem expondo elles depois de frios, á fumaça do pau d'arco, (tecoma) e quando bem pretos pela fuligem que apanha quando ainda quentes, sendo esfregados com um panno.

Entre a louça antiga, nunca encontrámos nenhuma envernisada de preto que parece mostrar que, então, não era usado esse processo.

Expendi o que vi e o que observei nas minhas explorações no Amazonas, resta-me depois de algumas considerações, apresentar a louça que encontrei.

O gráo que tinha attingido no valle do Amazonas a industria do oleiro, toda exercida pelas mulheres; a semelhança que se encontra, quer nas fórmas, quer nas gregas ornamentaes, da louça com a dos Estados-

Unidos e com as do Norte da Europa, parece ser ainda uma prova, de que um povo em contacto com outro Europeu emigrou para o Amazonas. A peça do berbequim de que tratei no primeiro capitulo e que adiante representarei, veio me robustecer n'esta crença; não só pela analogia entre ella e as encontradas nos *mounds* dos Estados-Unidos, como pelo uso de um instrumento, que não parece ser tão natural, para deixar de ter sido feito por imitação.

O uso que faziam das panellas, prova que n'aquella época usavam mais das comidas cozidas, do que nos tempos que correm, pois os gentios, alem do *muquem*, só fabricam vasilhas para o tucupy e para as bebidas que animam os seus *porassés*. Geralmente suas comidas são frias.

Este uso de hoje é mais uma prova de que o povo volta ao estado primitivo.

Não fecharei este capitulo, sem mais algumas palavras sobre as gregas ornamentaes, que se vê em toda a louça, do povo primitivo do valle do Amazonas, que dividido em tribus, oriundas comtudo do mesmo tronco, a necessidade da divisão fez tambem adoptar, tendo a mesma lingua, dialecto, uso e costumes differentes. Si estudar-se, com cuidado, a evolução da arte ceramica, no povo que se extinguio, deixando uma pallida imagem da sua industria nos descendentes, que ainda vivem foragidos pelas florestas, ou debaixo do jugo da civilisação, ver-se-ha que tendia á um estado progressivo e com elementos para illustrar uma época. Si não havia muita correcção nos desenhos, com que illustravam seus artefactos, havia comtudo o genio que manejava o buril, que representava gregas, que ainda hoje os modernos copiam dos utensilios gregos e etruscos para ornar as suas manufacturas de Sèvres.

Aquella semelhança que se nota entre as gregas dos vasos da antiga Europa, com as do Amazonas, não se nos diga, que é propria da infancia de um povo ; que é a maneira de se exprimir a arte, que é a unidade que prendia os élos da cadeia da origem dos povos. Unidade de idéas representadas, não póde existir entre dous povos de origem, costumes, clima, tudo differentes.

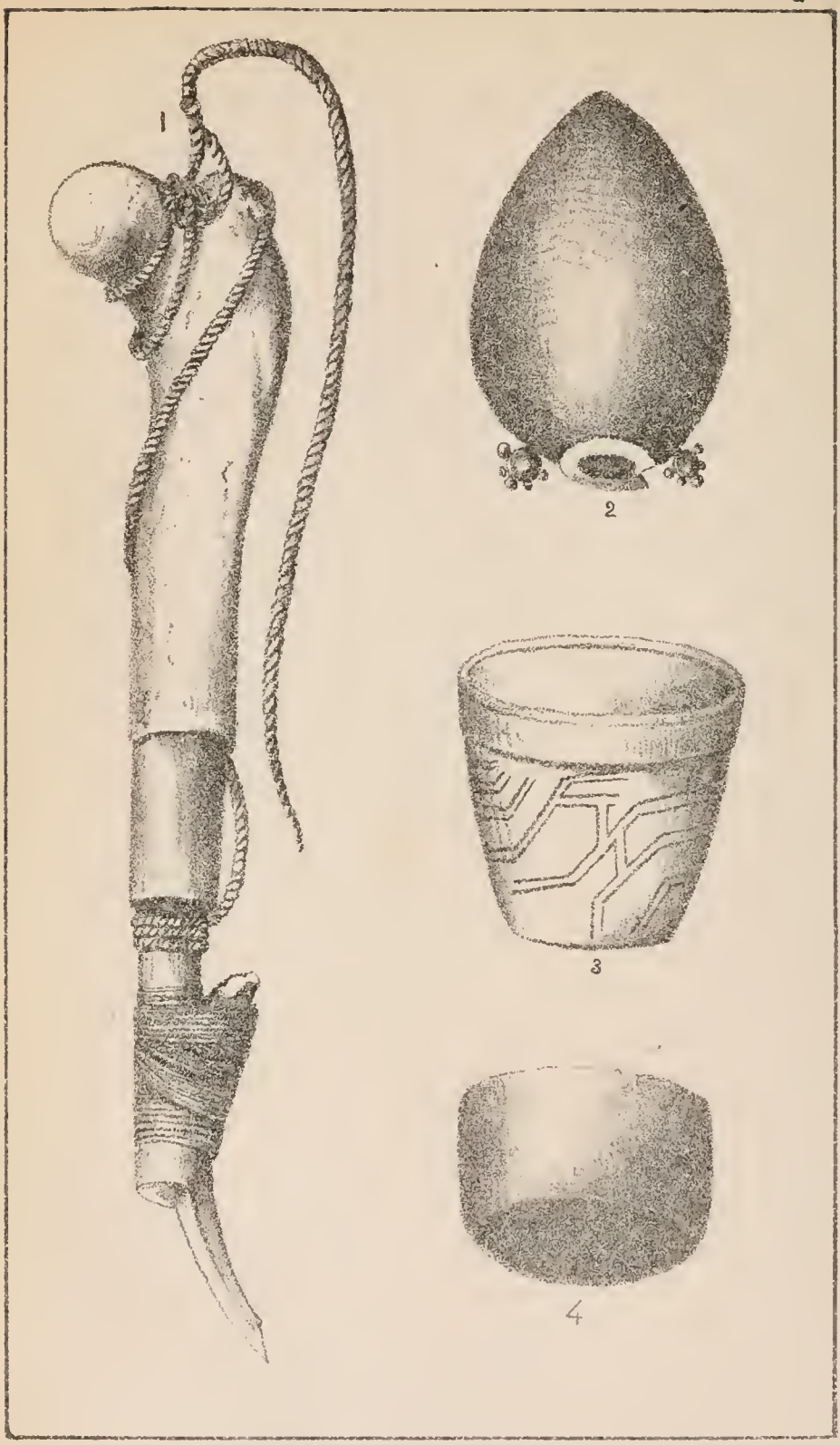
A natureza, a vida que passam, tudo os faz affastarem-se d'esses principios da doutrina evolutiva, que, querem que exista entre todos os povos em estado selvagem. As gregas ornamentaes, que tão grande papel representam na industria do povo primitivo do Amazonas, não parecem partilhar d'essa unidade, antes querem nos mostrar, que um mestre houve que apresentou o modelo, embora fosse um povo altamente intelligente e creador. Que nas primeiras armas de defesa, houvesse unidade, acredito, o páo, a pedra é o que mais facilmente deparavam, mas, com o correr dos tempos tendo inimigos diversos á bater, diversos seriam os instrumentos mortiferos, diversas seriam as formas adoptadas.

Que haja unidade na fórma da louça, vá, mas nos desenhos ornamentaes, não creio. Ainda hoje entre duas tribus, oriundas do mesmo tronco, vê-se que separando-se, não modificam os desenhos, sem achar um modelo.

Os desenhos das gregas, nos provam ainda o contacto com um povo estranho, adiantado em civilisação. Qual foi elle, não o sei, mas, penso que havendo entre outros usos, pontos de contacto com os Normandos, é de crer que foi esse o povo introductor da civilisação Amazonica.

ESTAMPAS

E SUAS EXPLICAÇÕES


1
2
3
4

ESTAMPA I

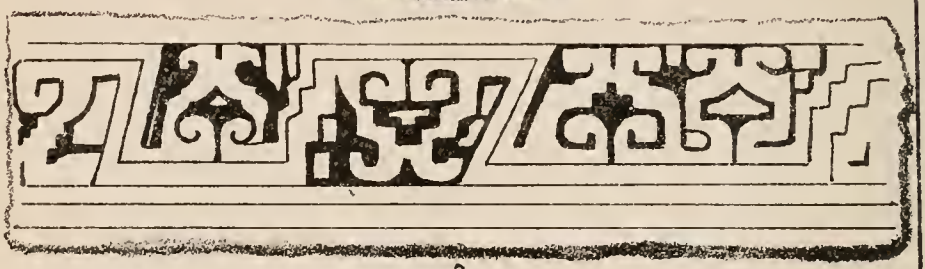
Fig. 1.ª Representa uma faca, *quicé*, como lhe chamam os indios, ou o instrumento com que se serviam para gravar os ornatos na sua louça. E' composto de duas partes: do cabo e da parte cortante; o primeiro feito de uma tibia de macaco e a segunda de um dente de cutia encravado e ligado por fios de algodão torcido, ás vezes coberto de serol. Usavam e algumas tribus ainda usam tambem para abrir ornatos nos seus *cuidaris*.

Figura 2.ª e 4.ª Representam duas *igasáuas* que desenterrei no largo do Imperador, antigo do Pelourinho defronte da porta do quartel; onde foi o antigo cemiterio dos Tarumás, tribu que habitava o Rio Negro, quando o capitão Costa Favella e o missionario Frei Theodosio n'elle penetraram em 1668. A primeira é oval, com uma abertura de 0,23, de bordos retorcidos, ornada essa abertura por dous enfeites globulosos. Tinha 0,60 de altura, 0,01 de espessura, e 0,7 no maior diametro. Era de argilla vermelha, lisa e sem desenho algum. Enchiam-a de terra preta no meio da qual enterravam os ossos, como verifiquei, differençando-se bem a terra que a enchia da que a rodeava. Era enterrada com a bocca para baixo.

A n.º 4 era cylindrica, com o fundo achatado, feita de argilla cinzenta, com mais de 1 metro de altura, 0,025 de espessura e 0,75 de diametro. Era enterrada com a abertura para cima, tapada com uma tampa, ornada de desenhos feitos pela compressão de tecido de palha. Só pude aproveitar metade. N'ellas enterravam os corpos, o que prova que depois eram exhumados, para mudarem-se os ossos. Não tinham endicação de sexo.

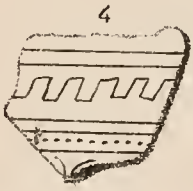
Fig. 3.ª Representa uma outra que desenterrei na subida do bairro dos Remedios, em Manáos. E' de argilla cinzenta, com as dimensões, pouco mais ou menos das da fig. 4.ª, ornada exteriormente com um bordo saliente na bocca e de desenhos, por gravura, de linhas mais ou menos obliquas.

1

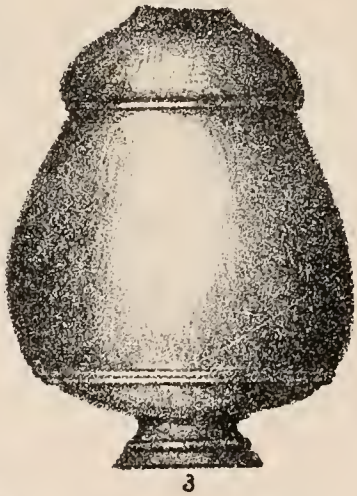


2

4



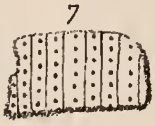
5



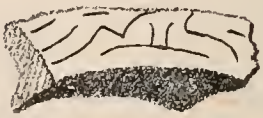
3

6

7



9



8

10

ESTAMPA II

Fig. 1.ª E' uma pequena panella, desenterrada, acima de Cudayás, no rio Solimões.

Entre muitos fragmentos conseguimos esta perfeita, que nos dá uma idéa muito favoravel dos antigos Omáuas ou Omaguas, depois conhecidos por Cambebas, cujas denominações, significam cabeça chata. Para differençar-se dos anthropophagos, tinham o costume de quando pequenos achatarem a cabeça. Este utensilio cujo ornato é todo gravado, naturalmente a dente de cutia, quando fresca ainda a argilla, como se deprehende dos sulcos que formam as gregas, quer da sua parte superior quer da inferior, denota não só muito engenho no artista como grande paciencia. A symetria que se nota; a arte com que foi proporcionada e aberta, a ponto de não se saber onde principiou ou acabou o desenho, prova grande habilidade e uma longa pratica em trabalhos semelhantes. Parecendo que a arte ceramica estava mais adiantada em Marajó, vê-se comtudo no Alto Amazonas, uma tribu disputando com vantagem e primazia, a palma artistica. Leva o artista Amazonico de vencida o Paraense, não só na fórma do desenho, como no trabalho e cuidado especial que era preciso empregar na sua gravura. Para melhor fazer-se idéa do desenho, representa a fig. 2, parte do desenho do bojo da panella.

Se n'um objecto tão vulgar empregavam tanto trabalho, quanto não empregariam nos depositos dos ossos ou dos corpos d'aquelles que lhes eram caros ?

E' feita de argilla fina e cinzenta, amassada com canichy. Mede 0,2 de diametro, 0,15 de altura, e 0,001 de espessura.

Fig. 2.ª Representa uma parte do ornato da panella acima.

Fig. 3.ª Representa uma igasáua que desenterrei na barranca da Praça Tenreiro Aranha, antigo cemiterio que havia junto do extincto forte de S. José do Rio Negro.

E' de uma forma elegante, de argilla vermelha, lisa, com tampa e pé. Mede de altura 0,6, e de diametro 0,4 e de espessura 0,01.

Fig. 4.ª Representa um fragmento, um terço menor que o natural, da borda interna de um utensilio domestico. O desenho é feito por gravura, com muita regularidade e elegancia. A argilla é escura e misturada com canichy. Achado no Rio Urubu.

Fig. 5.ª Representa um fragmento, um quarto do natural, do bojo de uma panella. E ornado por gravura, feita com dente de cutia. E' de argilla vermelha. Encontrada na raiz da serra Maçumimy, no rio Anibá.

Fig. 6.ª Outro fragmento de uma vazilha maior, feito da mesma argilla com a mesma gravura, apenas mostrando que para ella tinham um instrumento que terminava em tres dentes de cutia. Encontrado na mesma localidade.

Fig. 7.ª Parte do bojo de uma panella, ornado por gravura de linhas e pontilhado, com dentes de cutia. E' de argilla vermelha, amassada com canichy. E' da mesma localidade.

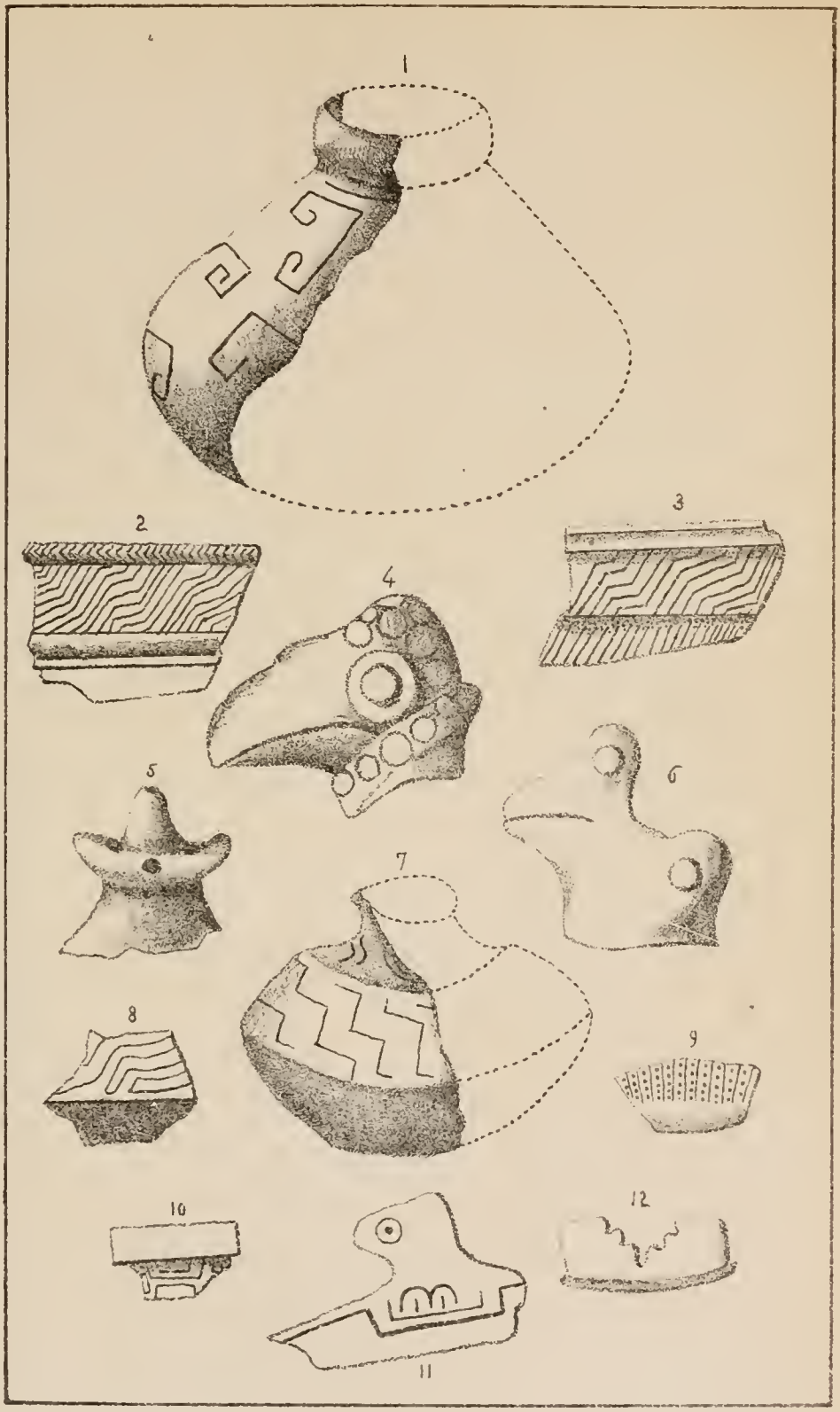
Fig. 8.ª E' uma porção, um quinto menor, da borda interna de um vaso grande, ornado por gravura, feito, com a parte circular de um córte transversal de uma taquara. E' de argilla cinzenta. Encontrei no Rio Urubu.

Fig. 9.ª Representa um fragmento do beiço de alguma panella. Tem desenhos gravados e é feita de argilla vermelha.

Fig. 10.ª Bordo de uma igasáua, para agua, de argilla cinzenta amassada com areia, fina. Encontrei no Rio Urubu.

N'esta estampa estão comprehendidos os fragmentos de louça que encontrei, não só no rio Urubu, como no seu affluente o Rio Anibá. Por elles vê-se, que não era infundada a crença que havia do adiantamento do povo do Reino do Urubu destruido pelas armas portuguezas, só para vingar a morte de um seu sargento-mór.

As missões que o virtuoso Frei Theodosio ahi fundou como as de S. Raymundo e S. Pedro Nolasco, procurando reunir os restos das tribus dos Guanavenas, Caboquenas e Bururuus, não deram resultado; porque, apezar do forte que fizeram na segunda para os defender, não impedio que os naturaes vingassem por sua vez, a perda de quasi 2,000 companheiros sacrificados, e abandonassem o rio que de então para cá ficou deserto, temido e respeitado pelos civilisados. Depois dessa época desoladora, fui eu o primeiro que n'elle penetrou, trazendo estas poucas reliquias que ficaram da grandeza d'aquelle rio.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

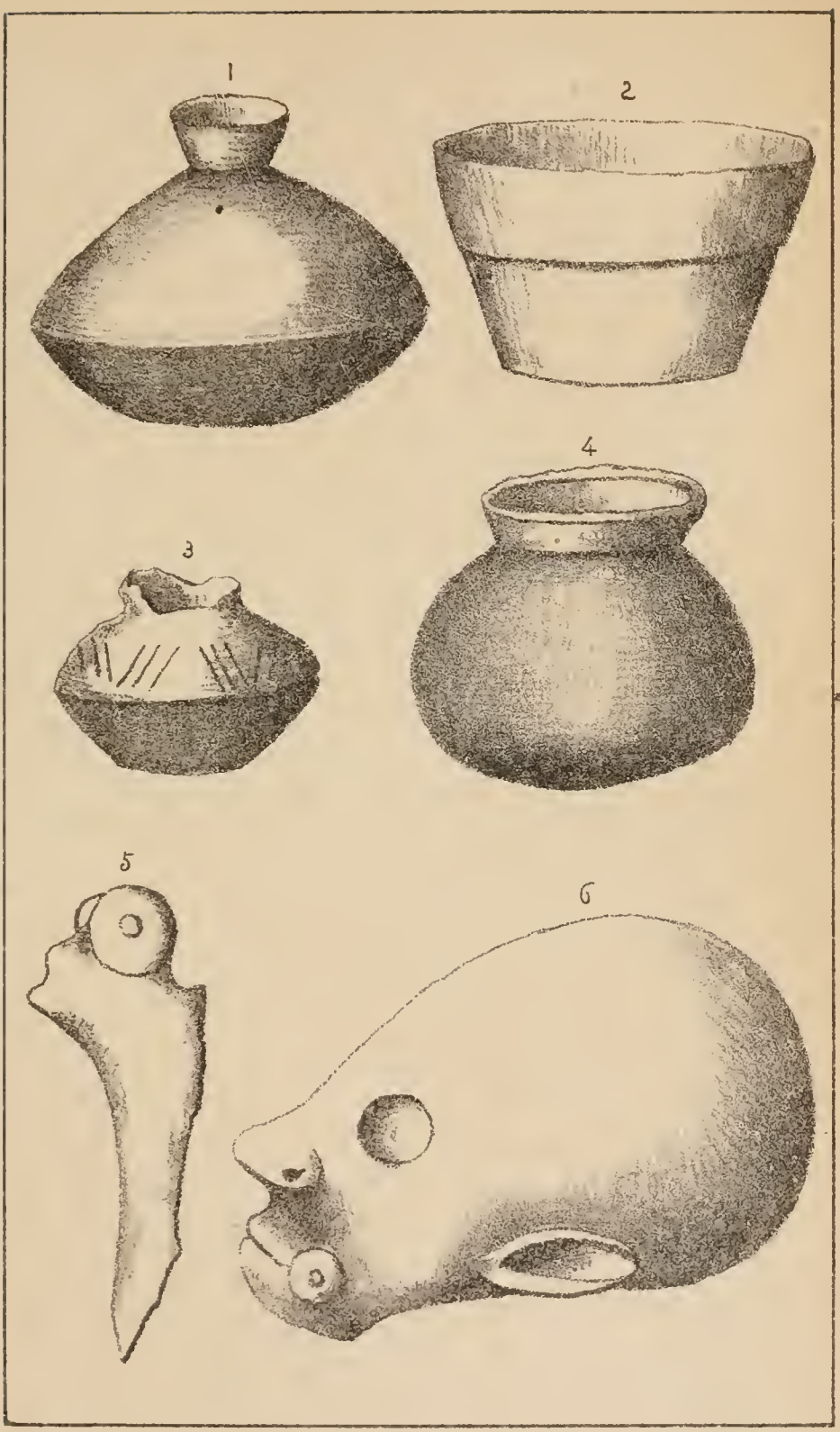
ESTAMPA III

Esta estampa representa diversos fragmentos de louça domestica, que encontrei no Rio Uatumá. Por ella se vê, que tambem usavam os bordos de suas vasilhas, ornados de figuras. Ahi a louça é toda ornamentada por desenhos gravados, quer com dentes de cutia, quer com pontaletes de madeira. Toda a argilla empregada é a vermelha, porém, tão bem preparada, que, quer na consistencia, quer no amassamento excede á das nossas fabricas. Tão delicada é, que a sua espessura nunca mede mais de 5 milimetros. As figs. 1.ª e 8.ª da Est. III e fig. 5.ª da Est. IV., representam bordas de panellas e outros vasos, assim como algumas figuras que os ornavam.

As fig. 7.ª da Est. III e 3.ª da Est. IV dão a fórma de dous camutys, que desenterrei proximos á povoação de Sant'Anna.

Fig. 4.ª Cabeça de urubu, que servia de ornato, na borda de alguma vasilha. E' de argilla cinzenta.

Fig. 11.ª Bordo de um vaso, de argilla vermelha, cujos desenhos são gravados.


1
2
3
4
5
6

ESTAMPA IV

Fig. 1.ª E' um *camuty*, onde se guardavam as bebidas para os festins, que geralmente eram cobertas por uma rêde de fios, para se poder ter suspensa ao tecto das casas.

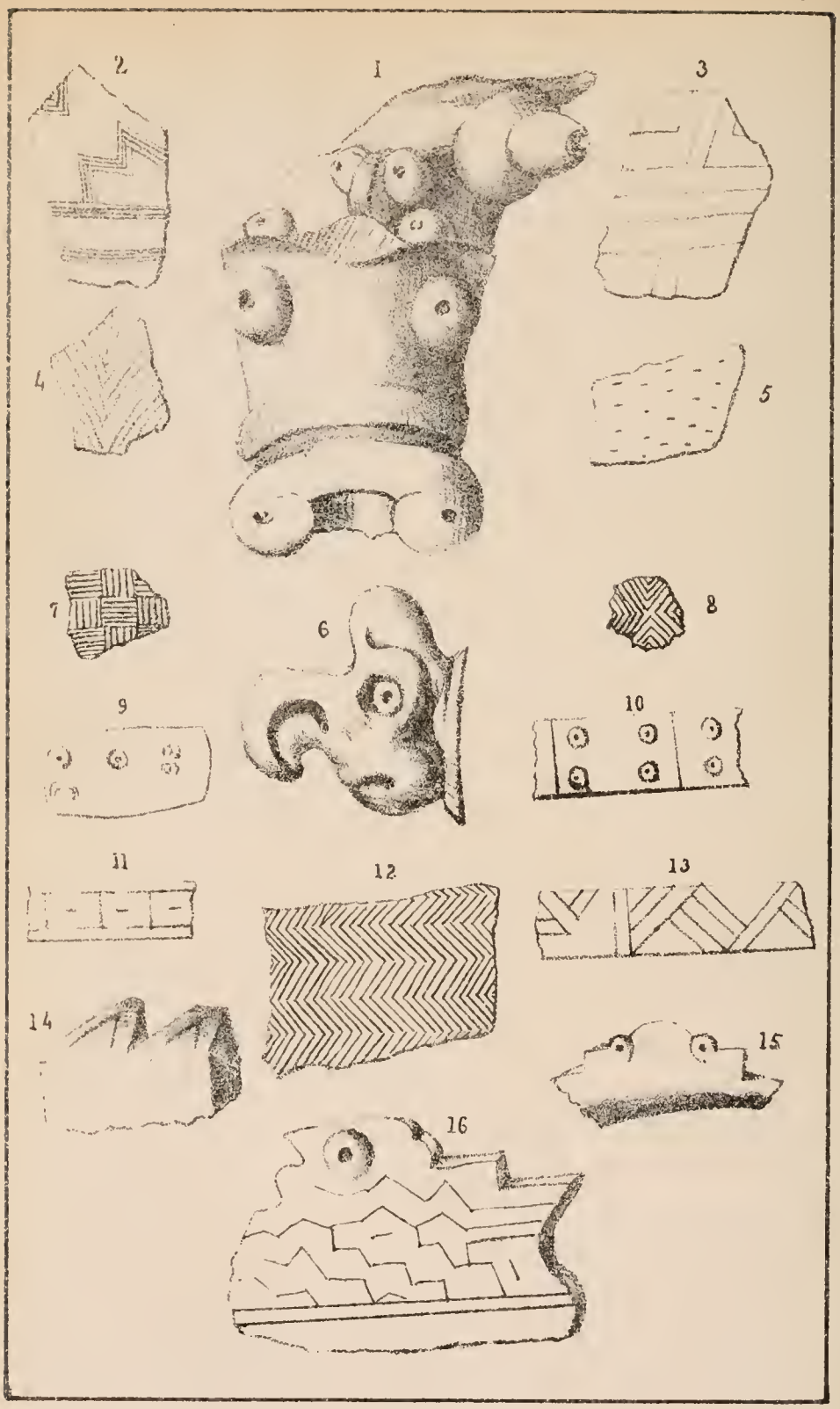
E' de argilla escura e sem desenho algum. Encontrado junto á vasilha que representa a figura.

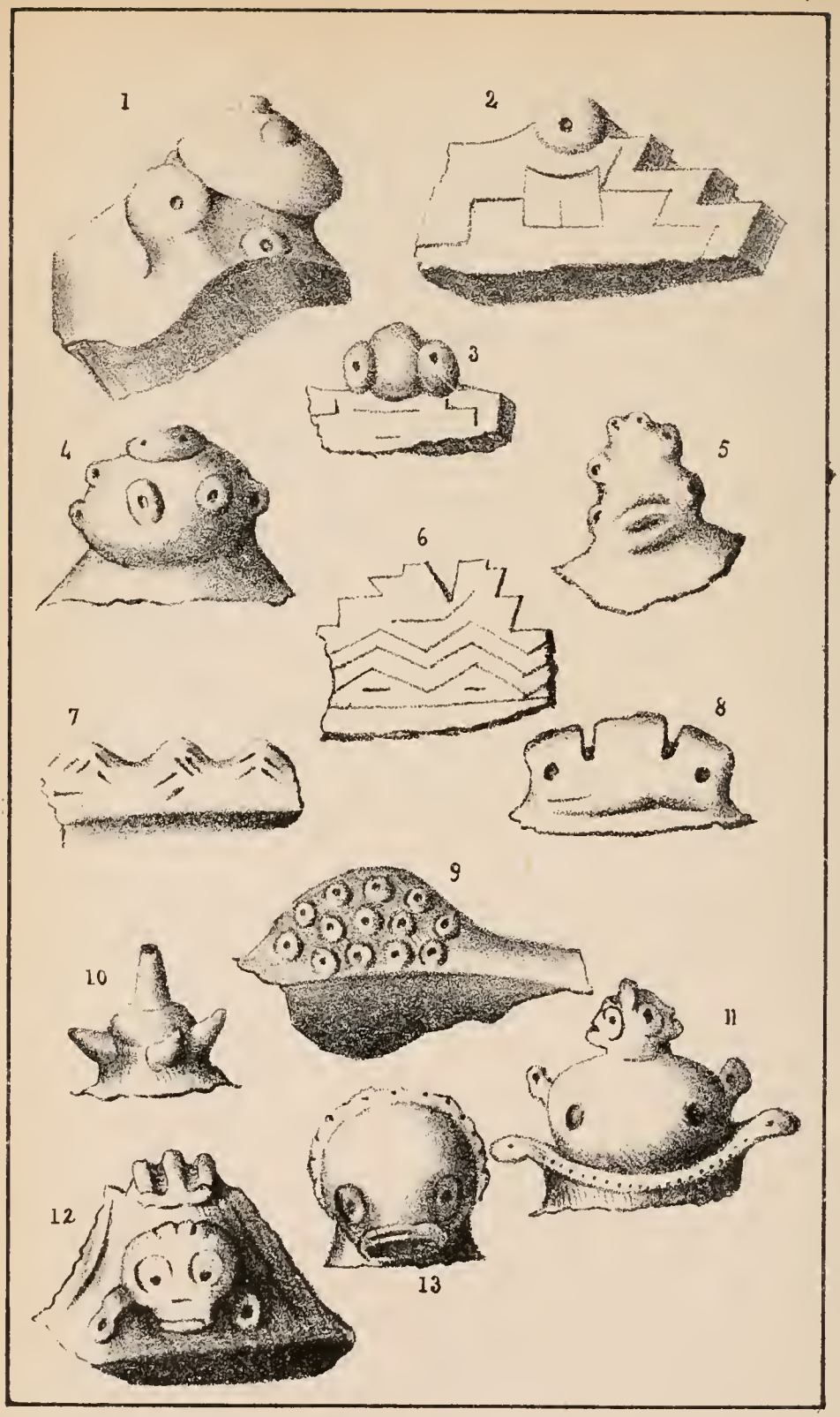
Fig. 2.ª Representa uma grande vasilha de fórma conica, com uma facha saliente de 0,14 de largura, na parte superior. Tem o diametro da bocca 0,65, o do fundo 0,30 e de altura 0,35. E' lisa, de argilla escura, com 0,01 de espessura.

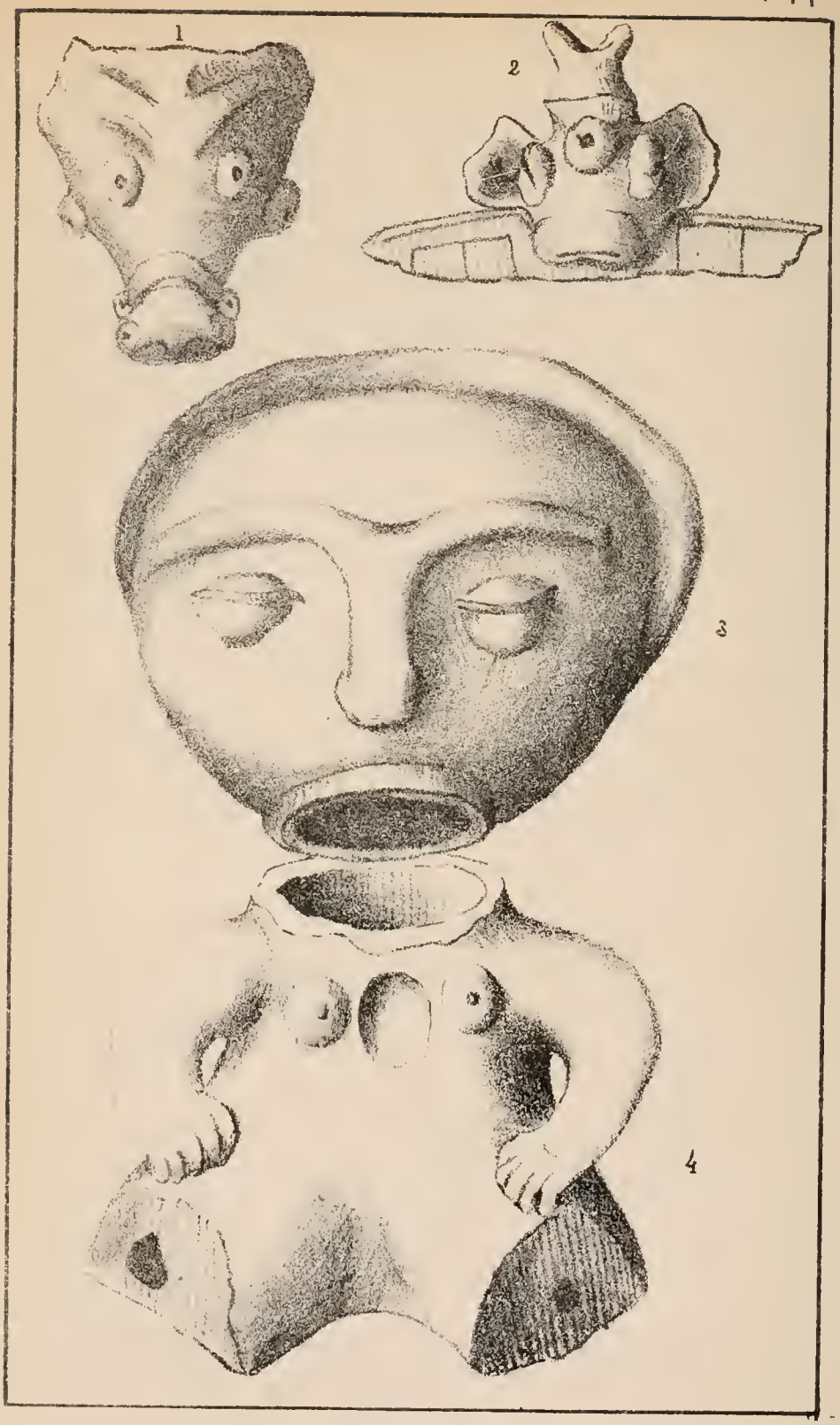
Parece-me que pertenceu á extincta tribu dos Uabôys, que outr'ora habitaram o Rio Yamundá. Desenterrei na restinga das cabeceiras do Rio Uauinchá, affluente do Yamundá, provincia do Pará.

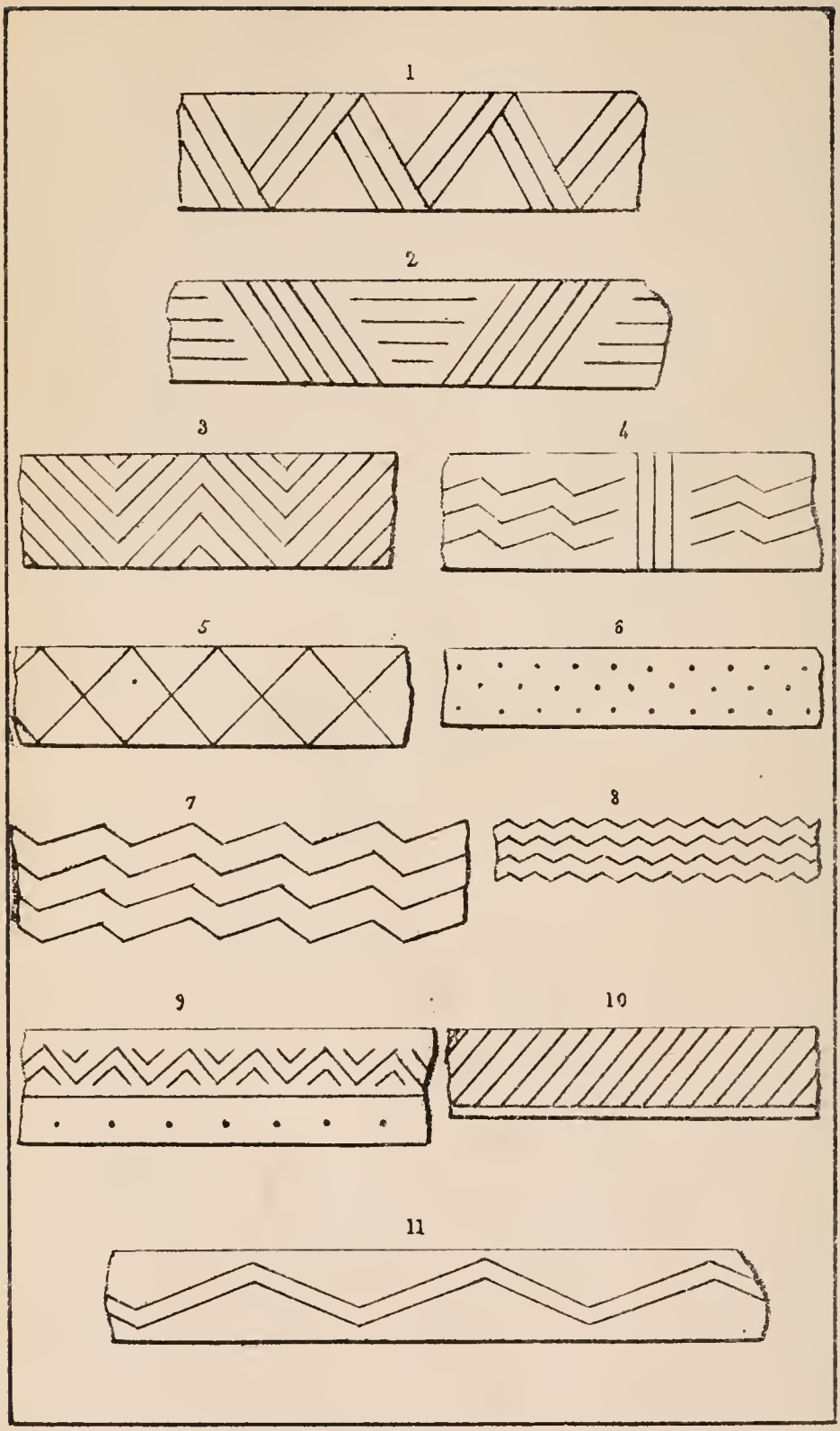
Fig. 4.ª Representa outro camuty geralmente empregado para se guardar farinha. Foi encontrado na mesma localidade.

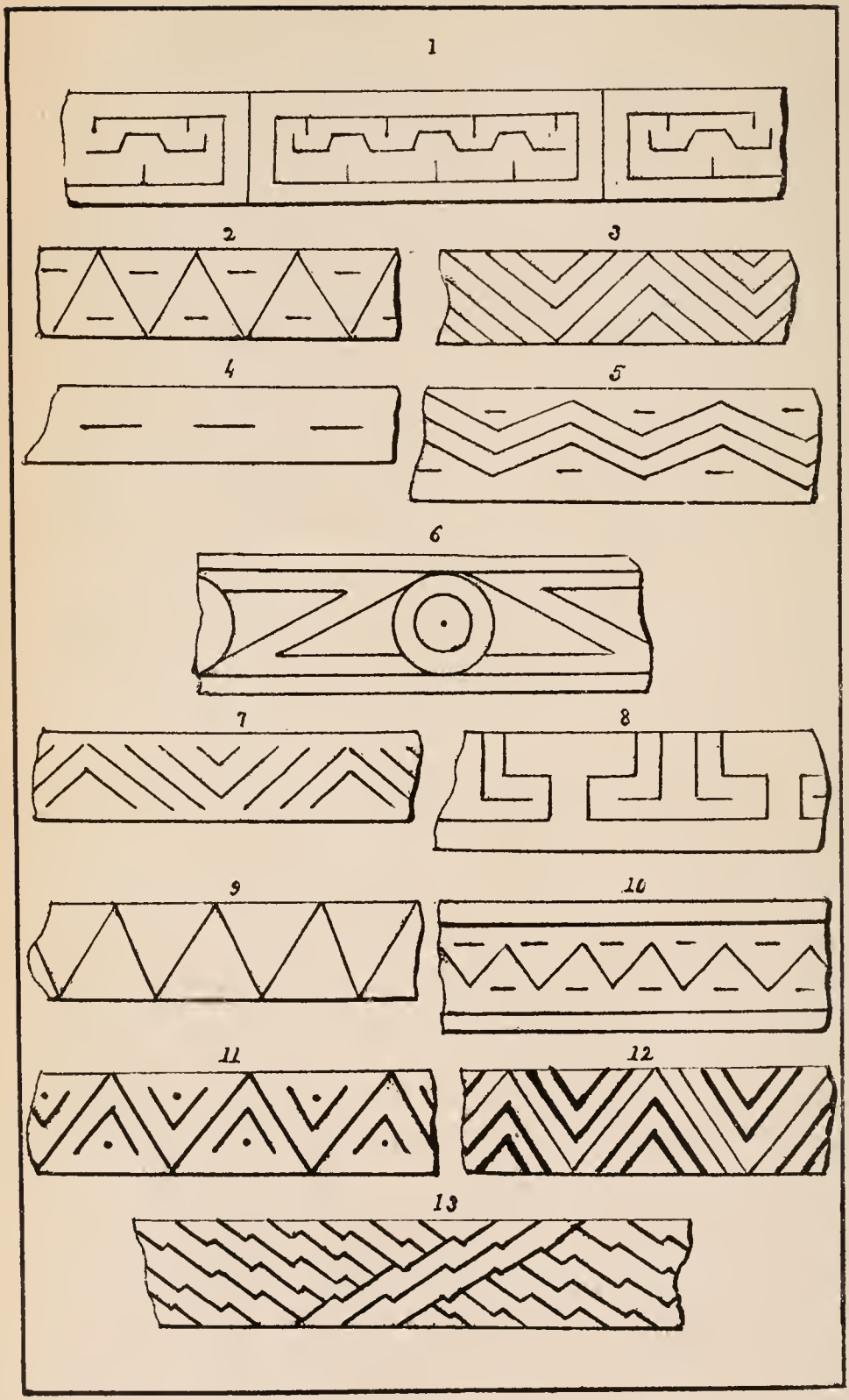
E' tambem de argilla escura, sem ornatos. Estes tres objectos foram remettidos por mim para o Museu Nacional por intermedio do ministerio da Agricultura, e figuraram na ultima Exposição. Não quero crêr que de *proposito* occultassem o nome do descobridor d'elles, mas se bem que d'isso não provenha gloria para mim, como figuraram como objecto de estudo, cumpre-me dizer que a nota que tinham de *achado no Alto Amazonas*, não é exacta. São das cabeceiras do rio Uauinchá, affluente do Yamundá, que desagua no *Baixo Amazonas*.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

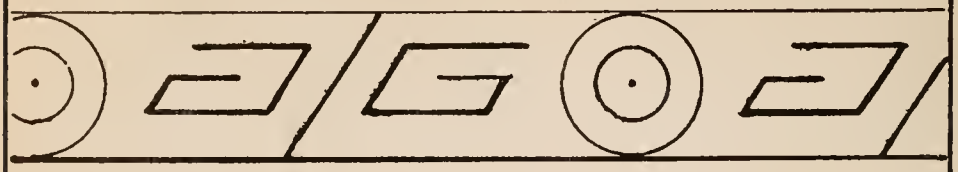

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13


1
2
3
4

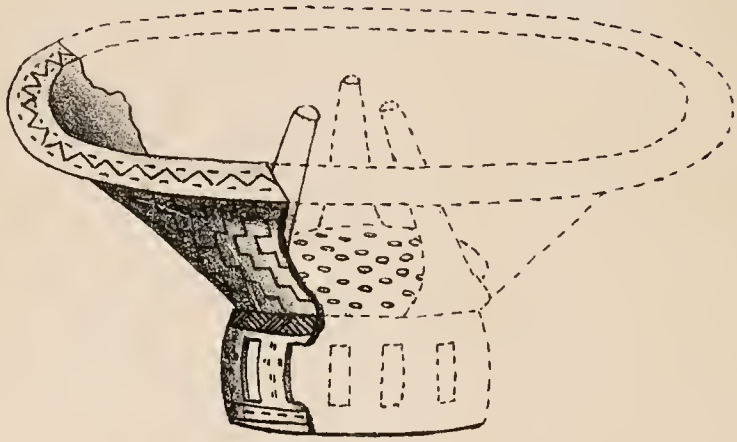

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13

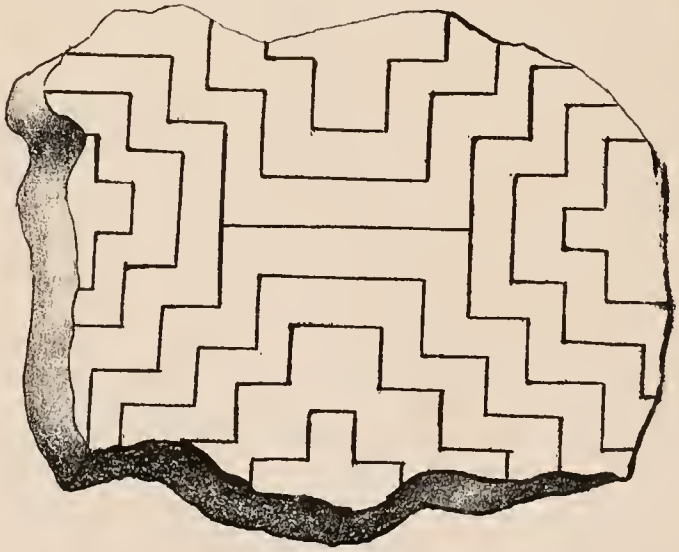
1



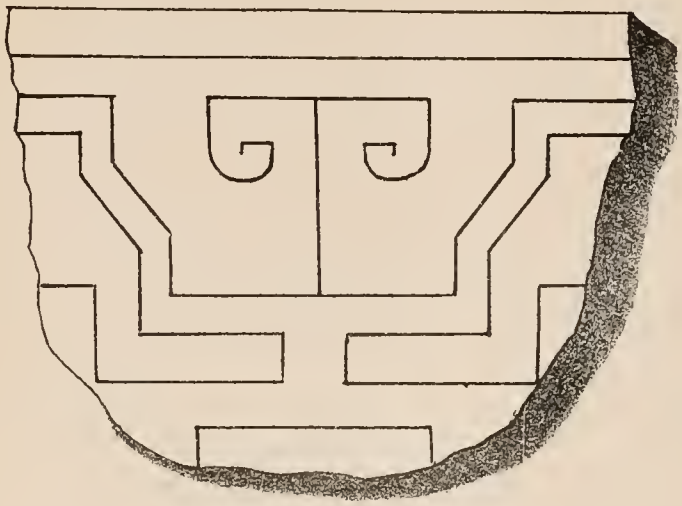
2



3

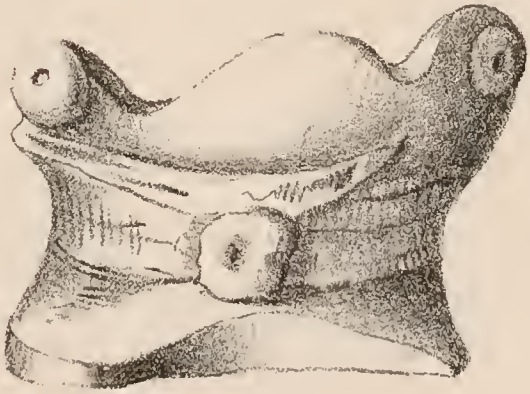


1



2

3



ESTAMPA V, VI, VII, VIII, IX, X, XI

Representam estas estampas não só os desenhos gravados e por compressão, da parte externa de differentes fragmentos de vasos, que encontrei na tauquéra das Amazonas, e no aterro sepulchral do lago Paru, como differentes figuras que ornavam não só os utensilios domesticos, como, as suas igasáuas.

Por estas, se vê, que a arte de esculpir, estava muito mais adeantada do que em Marajó e que suas allegorias, têm um estylo que revella já grande progresso na arte.

Seguindo o uso d'outras tribus de ornar os bordos de seus utensilios com figuras, faziam-as comtudo com mais gosto, desenho e correcção. O preparo da argilla, pura ou com auichy, era tão bem feito, que alguns fragmentos que lancei n'agua fluctuaram.

Pela licção da historia, descobri, que a localidade onde se encontra esta louça, foi a em que habitou a tribu immortalisada por Francisco Orellana, com o improprio nome de Amázonas, pelo que dei-lhe o nome de *tauaquéra das Amazonas*.

Para maiores esclarecimentos sobre a louça e localidade lêa-se o o meu relatorio a este respeito. (*)

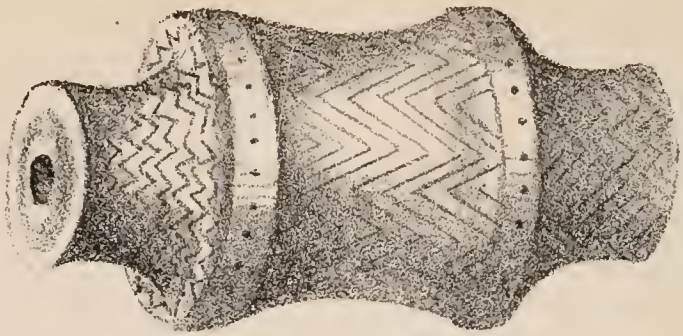
A perfeição que se nota em algumas figuras e desenhos, não parece filha da evolucção da arte, parece antes querer attestar o contacto com um povo mais civilisado.

Estes fragmentos que intrinsicamente nada valem, são documentos preciosos, que aqui ficam gravados, para os sabios especialistas darem a sua ultima palavra. Forneço este pequeno contingente; maiores apparecerão, que darão mais luz, para esclarecer este ponto ainda tão obscuro.

As gregas ornamentaes que se vê representadas nas Est. VIII, IX e X dão uma prova, que desmente aquelles que tanto têm calumniado os indigenas de outras eras, baseados em escriptores, suspeitos, que procuraram justificar a crueldade com que eram então tratados esses filhos das selvas, menos selvagens do que os seus civilisadores. Não eram *animaes* como se tem dito.

(*) *Expl. e Est. do Valle do Amaz. Rio Yamundá.* Rio de Janeiro 1875. Pag. 89 e seguintes.

1



2

ESTAMPA XII

Fig. 1.ª Representa a peça do berbequim, de que já tratei no 1.º numero destes *Ensaios*, á pags. 116—117, reduzido á metade do natural. (Vide n. 1.º Est. 1.ª, fig. 9.ª) E' de argilla pura queimada, ornada por gravura feita com pontas de espinhos, formando o *tamuatá-pirera* ou escama de tamoatá.

Um furo a trespassa de lado a lado, por onde passava a pua que furava o machado. O bojo offerece uma concavidade propria para nella passar-se a corda do arco do berbequim, para fazer girar a pua.

Entre outros fragmentos de louça, encontrei esta peça, enterrada no alto da serra do Piquiátuba, proximo á cidade de Santarem, na provincia do Pará.

Fig. 2.ª Representa uma das igasáuas do aterro sepulchral da ilha dos Camutys, no Rio Anajás, na ilha de Marajós. No estylo, afasta-se inteiramente das que se encontram nos cemiterios antigos.

E' de argilla cinzenta, muito bem trabalhada, delicadamente pintada de vermelho e preto, sobre um fundo branco ornada com relevos que indicam não só os olhos, bocca e nariz, como os braços, pés, seios, umbigo e sexo. Pertencia ao sexo feminino. Sua forma e a delicadeza da pintura, prova o alto gráo de adiantamento que tinha a industria entre os Nhungaybas.

Servia para guardar ossos, mede de altura 0,80, de diam. 0,45 e de espessura 0,01. Está no muzeu paraense.

1
2
3
4

Fig. 1.ª E' uma outra encontrada na mesma localidade, do mesmo estylo, porém, com fórmas differentes, indicando tambem, os orgãos dos sentidos, os pés, o umbigo e o sexo. Pertencia ao sexo masculino, e pelo seu tamanho creio que guardava os ossos de algum curumy. (*)

E' toda ornada de caprichosos desenhos em espiraes, pintados de vermelho sobre um fundo branco. A tinta vermelha empregada julgo ser *caragirú*, (bignonia chica) e a branca, a tabatinga (**) desmanchada com leite de sorva.

Está no muzeu paraense e mede a metade do tamanho da precedente.

Fig. 2.ª Representa uma parte de uma igasáua, desenterrada do aterro sepulchral da ilha das Pacovas, no lago Arary, na ilha de Marajós.

Aproximando-se na fórma, ás precedentes, affasta-se comtudo nos desenhos, que são caprichosos e muito correctos, feitos com tinta encarnada. O preparo da argilla é bom, e contém alguns grãos de areia fina. Pertencia ao sexo feminino, mas não indica os pés, e provavelmente havia de indicar os orgãos dos sentidos.

Fig. 3.ª Tem a mesma fórma, porém, o desenho do contorno é um pouco differente, assim como inteiramente differentes são os ornatos, feitos por meio da pintura. Compõe-se estes de lonsangos e rectangulos, mais ou menos unidos, feitos com tinta encarnada, separados por linhas quebradas finas e parallelas, da mesma côr. Julgo que tinha a fórma pouco mais ou menos da da fig. 2.ª, Est. XII. E' feita de argilla escura, com o grão fino, misturada com areia fina. A porção que pude examinar mede no maior diametro 0,80 que perece indicar que servia, para receber um corpo assentado e não simplesmente os ossos.

Raras são as igasáuas que se podem desenterrar perfeitas, quasi todas estão reduzidas a pequenos fragmentos, que se encontram misturados com diversas pequenas figuras, que serviam de ornamento não só das tampas, como das orelhas, (*namby*). Poderosa, guerreira e valente, primava a tribu dos Nhungaybas, principalmente na arte ceramica. Além das igasáuas com as fórmas aqui representadas, existem no Baixo Amazonas, nas cabeceiras do rio Maracá, em uma

---

(*) Menino.

(**) *Tauá*, argilla, *tinga*, branca.

especie de gruta, acima de um grande lageado, algumas enterradas, donde o distincto 1.º tenente Lisboa, tirou algumas que figuram no muzeu paraense e que com cuidado examinei. Não tendo podido desenhal-as, deixo de aqui represental-as, porém, o farei mais tarde. Estas não têm o feitio de potes, mas representam figuras humanas em posições sedentarias, servindo a cabeça de tampa, ou de animaes. Só guardavam as ossadas, que nellas ainda se conservam, mas em estado que a decomposição dos ossos mostram uma alta antiguidade. São de argilla queimada e com ornatos e indicação de sexo.

Fig. 4.ª Curiosos objectos, não raros, mas usados só na ilha de Marajó são as impropriamente chamadas *dragonas*, que se encontram nos atterros sepulchraes do rio Arary.

Como o *cueyú* dos actuaes gentios, servia este objecto para recatar a parte vergonhosa das mulheres. Era preso por tres cordões dous passavam pelas verilhas e prendiam-se nas costas e o terceiro por entre pernas a unir-se aos primeiros. Affecta a fórma triangular, é convexo, feito de argilla muito fina e bem amassada, pintado todo de branco tendo na parte exterior desenhos feitos ou com tinta preta ou encarnada.

Os desenhos são compostos de linhas rectas, ou quebradas, formando angulos, alguns concentricos, que não tinham um só modelo e variavam conforme o gosto do artista.

Eram usados em todas as idades porque vi-os de differentes tamanhos.

Por esquecimento não se assignou o artigo *Estudo Botanico*, que é do Conselheiro G. S. de Capanema, e *Antiguidades do Amazonas*, que é do Dr. João Barboza Rodrigues.

3

ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

ATTERROS SEPULCHRAES

III

Atterros sepulchraes

Como mais uma prova, de que a civilisação do Valle do Amazonas e quiçá do Brazil, parece ter vindo da America septemptrional, se apresentam os atterros que denominamos *sepulchraes*, porque n'elles como em sarcophagos eram depositados os mortos.

Os atterros, *mounds* dos Norte Americanos, serviam de tumulos, pelo que elles dão-lhes o nome de *burial places*.

Antes de tratar dos atterros que se encontram no Valle do Amazonas, cumpre rapidamente historiar a sua existencia nos Estados-Unidos, para se poder estabelecer um parallelo.

Subindo, em 1819, as aguas do rio Missouri, com destino ás montanhas Rochosas, uma commissão de engenheiros cujo chefe era o coronel, então major, S. H. Long e demorando-se em S. Luiz para reparar o vapor em que iam, os Srs. Thomaz Say e T. R. Peale, ambos membros da commissão, aproveitaram-se d'essa

circumstancia para estudarem os atterros das visinhanças da cidade, que lhes chamavam a attenção. (*)

O primeiro volume do Relatorio da expedição Long, publicado em 1823, em uma nota da pagina 59, trata dos estudos que fizeram. Mais tarde, o Sr. R. C. Taylor, d'elles tambem se occupou (**) assim como o Sr. S. Taylor. Aproveitando-se do material dos estudos destes distinctos archeologos, os Srs. Squier e Davis, escreveram um importante trabalho, com o titulo de *Ancient monuments of the Mississippi Valley*, que veio esclarecer este ponto da historia da gentilidade. Em 1853 o engenheiro civil I. A. Lapham, publicou o resultado dos estudos que fez sobre o assumpto, descrevendo e representando todos os atterros que encontrou no estado de Wisconsin, que explorou como membro da *Sociedade dos Antiquarios Americanos*. Este estado comprehende o terreno limitado pelos parallelos 32° 30' e 47" de Lat. N. e meredianos 87° e 93° de Long. de O. de Greenwich.

O que são estes atterros?

Para se poder fazer um estudo comparativo entre os que têm sido tratados, por sabios investigadores e os de que vae tratar o humilde autor, darei uma noticia em primeiro lugar d'aquelles.

Encontra o viajante ou o explorador geralmente á pouca distancia das aguas de um rio ou de um lago, pequenos outeiros cobertos de vegetação, que observados, pela vista perspicaz do observador interessado no progresso da sciencia, não deixa de apresentar fórmas

---

(*) Annual report of the Smithosian institution. *Ancient mounds at St. Louis*: Washington 1861. Pag. 386.

(**) *Silliman's journal.*—Vol. XXXIV. 1838.

extravagantes, não feitas pelo acaso que logo lhe prendem a attenção. São geralmente formados de areia e cascalho, sobre um leito de argilla como os que se encontram nas visinhanças do lago Michigam (*), tendo de 5 a 400 pés de extensão as vezes com 50 de altura. Suas fórmas são conicas ou quadrilongas e o mais das vezes affectam a de alguns animaes como lagartos, tartarugas, passaros, etc. O mais notavel é que alguns apresentam a fórma de uma cruz, (**) como as que se encontram na margem sul do Rio Milwaukee. Esta fórma como que parece attestar que os indigenas de então, estiveram em contacto com os normandos, ou com seus descendentes. Um signal christão, n'elles se vê representado; será elle obra filha do acaso ou do capricho dos executores? Cremos que não, porque este costume de enterrar-se os mortos em monticulos era tambem usado pelos scandinavicos, que na época da sua chegada á America, já começavam a deixar o paganismo.

D'esta era ainda se encontram vestigios na Suecia, representados por monticulos de pedras e monolithos que representam, não só altares, como recintos de assembléas, muralhas e sepulchros.

« A ces quatre classes de monuments, escreve Paulo Victor (***), on en ajoute une cinquième: celle des *monceaux de terre*, très nombreux dans le Nord, qui, selon leur disposition et leur forme, presentent des tombeaux, des lieux d'assises, des remparts, etc., les collines artificielles lorsqu'elles sont élevées à la memoire des rois et des héros, sont quelquefois entourées de plusieurs rangs de pierres concentriques, etc. »

(*) *The antiquities of Wisconsin*, by I. A. Lapham. 1853. Pag. 5.

(**) Obra citada Pags. 18 e 20 Tab. VIII e X.

(***) *Coup d'œil sur les antiquités scandinaves.* Paris 1841. Pag. 18.

Os atterros sepulchraes da America do Norte são d'esta ultima classe, provada pelas mumias e ossadas, que n'elles se tem encontrado.

Aquellas que se tem desenterrado foram encontradas n'uma posição encolhida como de quem está sentado.

No Brasil, comtudo, refere-nos Barlaeus, (*) foi encontrado no interior de Pernambuco, por Elias Herkman, enviado pelo Conde de Nassau, um monumento de pedra, que vem confirmar o juizo que faço sobre este assumpto.

Diz elle:

« Itaque devitatis montium acclivibus, incessere per planiora, ubi duo lapides molares exactæ rotunditatis et stupendæ magnitudinis visi; quorum diameter sedecim erat pedum, crassities vero tanta, ut terræ superficie vix media lapidis pars attingi extremis digitis ab erecto posset. Alter alteri superincumbebat, major minori.

« E centro, miro spetaculo, frutex se attollebat Karawata. Quo fini hos congesserint Barbari, in tantâ harum rerum ignorantiâ, non facile dixerim.

« Visi iteriem magnæ molis lapides humano labore congesti, quales etiam in Belgio Drentia regio habet, quos nulla vectatione, nulla hominum vi illuc deportari potuisse ob magnitudinem credas: ea forma, ut aras referre videantur. »

A natureza do paiz em que viviam os indigenas, modificou o plano e o desenho, que para seus sepulchros tinham recebido dos sectarios de Thorr. Os animaes que os rodeavam, foram os modellos de que se serviram para pôr em execução a idéa recebida.

(*) *Barlaeus resgestæ in Brazilia.* Pag. 217 et 218. Amstelodami. 1647.

Uma causa qualquer, fez com que o povo ou parte d'elle que ahi existio por largos annos abandonasse o terreno e emigrasse para o sul. Por terra ou pelo oceano chegou á região Amazonica, onde ainda hoje se nota a identidade destes costumes.

Os *mounds* e *burial places* da America do Norte existem no Valle do Amazonas; com as modificações que soffrem os costumes, como as linguas, com a dispersão dos povos. Que na horda que se estabeleceu na America haviam christãos, que não eram todos pagãos, o prova as differentes cruzes de metal achadas nas excavações Americanas. Espalhando-se o uso das sepulturas Odinas, abraçado pelo paganismo da gentilidade, derramou-se tambem o signal da redempção do genero humano. Este signal que se vê representado em muitos objectos indigenas, para alguns parece filho do acaso, como o desenho mais facil e natural de fazer-se, mas para mim parece querer indicar antes o vislumbre de uma época da christandade, que se perdeu na noite dos tempos da terra da liberdade.

A natureza do sólo e a differença do clima, o afastamento do povo que introduzio a civilisação, o correr dos tempos tudo isto fez com que o povo emigrado perdesse a crença no martyr do Golgotha e alterasse os costumes. Os atterros sepulchraes Amazonicos apresentam algumas differenças dos *burial places* do Norte, na maneira de enterrar-se os mortos.

Descrevendo aquelles, mostrarei os pontos de contacto que existem entre elles e a differença que apresentam. A unidade de costumes que resulta da comparação entre os atterros brazileiros e americanos, comparada com os costumes da velha scandinavia, nos dá uma prova da influencia que a patria dos skaldas teve sobre os incolas do novo mundo.

Provado está hoje que os atrevidos navegantes scandinavos, chegaram a America e n'ella se demoraram tanto que deixaram seus costumes perpetuados pelos tumulos, pelas fortificações, pelos templos, etc.

Restava saber se chegariam estes costumes á America do Sul, nisso se empenham os *Antiquarios do Norte*, mas nada conheço que trate d'este assumpto em relação ao Brasil, pelo que apresso-me em expôr o resultado dos estudos que tenho procurado fazer a este respeito, sempre que meus trabalhos botanicos o permittem.

Poucos são os lugares em que encontrei estes atterros no Valle do Amazonas; apenas posso mencionar os da ilha de Marajós antiga Joannes (*) o da costa do Obydos e o de uma ilha que existe no lago Parú, entre os rios Yamundá e Trombetas. Os mais notaveis são os da ilha de Marajós, estando os outros quasi destruidos pela cultura.

Os da ilha de Marajós, em numero de quatro, estão situados na ilha de *Camuty* no rio Anajás, perto da fazenda de S. Luiz; nos campos da fazenda da Fortaleza; no campo perto do lago Guajará e na ilha das Pacovas, no lago Arary, ao Sul da foz do igarapé das Almas.

Comquanto não seja novo o achado destes atterros, pois não só dahi tem se extrahido muitos fragmentos

---

(*) Este nome deriva-se do da tribu *Juiona*, posteriormente chamada dos *sacácas*. A origem do nome sacáca nasceu da palavra *sacacon*, que repetiam commumente quando trabalhavam no fórte da Barra, querendo dizer que *apressassem o trabalho*. Os indios d'outras nações ouvindo sempre esta palavra, começaram a appellidal-os de *sacácas*, que depois estendeu-se, á toda nação Juiona.

de urnas e mesmo algumas inteiras das quaes o professor C. F. Hart já deu uma noticia (*) como mesmo fossem incidentemente mencionadas pelo Sr. Dr. Couto de Magalhães, (**) comtudo ninguem ainda ligou importancia á sua fórma, nem pensou nas relações que existem entre elles e os da America do Norte.

O illustrado Sr. Dr. Couto de Magalhães, attribue estes atterros á necessidade que tiveram os indios, de então, para evitar as inundações produzidas pelas cheias, de atterrarem a localidade, para sobre ella habitarem, não podendo se estenderem muito por causa das guerras. Mas o erudito escriptor ha de permittir que discorde de sua opinião.

Outro, julgou ou era o motivo que tinham para assim proceder. Se compararmos os atterros de Marajós, com os dos Estados-Unidos, veremos que geralmente em terrenos alagadiços eram elles levantados e alguns são tão pequenos, que, quando muito darão lugar á construcção de uma tyupar sobre elles. Não é crivel, que se destacasse da tribu uma familia para viver separada da della muitas leguas distante. Além disso, aquelles que têm viajado o sertão do Amazonas, que estudaram os diversos usos das tribus selvagens, sabe que nunca os gentios moraram sobre a selpultura dos seus.

Aquelles como os Mauhes e os antigos Omaguas que enterram seus mortos nas casas que habitam, sob a rêde em que o morto viveu, abandonam a casa que serve de tumulo ao finado e construem outra ás vezes

---

(*) *The American naturalist.*—V.1871. Pags. 259. *The ancient indian pottery of Marajós Brasil.*

(**) *Região e raças selvagens do Brasil.* Rio de Janeiro 1874. Pags. 54—55.

bem longe da primeira. Geralmente a gentilidade tem um cemiterio separado da maloca (*)

A superstição, creio, era o motivo que levava o homem de então, a fazer em toda a America cemiterios na proximidade d'agua ou em lugares alagadiços.

Como os Athenienses que levavam o obulo para pagar a barca de Caronte assim acredita o indio na vida de além tumulo, com as mesmas necessidades da deste, pelo que é costume quando se enterra um morto vertir-lhe os trajes guerreiros, com todas as suas armas e deitar-se provisões de bocca a seu lado. Precisando bater-se, tem de alimentar-se; não terá então de beber?

Se as suas malocas, são sempre nas proximidades d'agua, pela necessidade que della têm, tambem fazem seus tybyretás (**) proximos d'agua para que esta não falte aos mortos.

As muralhas, pallissadas ou baluartes que protegiam as aldeias, que se encontram nos Estados-Unidos na mesma região dos *mounds* e *burial places*, nos provam, que a vivenda era separada do cemiterio. Este costume chegou, até hoje entre os nossos gentios.

Os Uasahys do Rio Jatapú, os macus, etc., ainda hoje circulam as aldeias com uma dupla ou tripla pallissada de madeira que as protegem.

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, isto mesmo confirma dando noticia de um monumento muito separado dos atterros.

Seu *Ensaio Anthropologico* á pag. 60 diz:

(*) Aldeia.

(**) Cemiterio.

« E' uma especie de forte circular de terra, que existe na ilha de Marajó, na citada fazenda dos Cajueiros, propriedade do Dr. Joaquim José de Assis. Este monumento é evidentemente *contemporaneo*, ou posterior aos atterros da mesma ilha. »

Não tivemos infelizmente occasião de vêr este monumento, pelo que não podemos entrar em considerações.

Começaremos, pois, a tratar dos atterros sepulchraes que se encontram na ilha de Marajó. Antes, porém, de descrevel-os, obriga-me o dever, entrar em algumas investigações, para sabermos por quem foram erguidos esses monumentos, que daqui a alguns annos talvez tenham desapparecido.

Desde o anno de 1616, estavam os Portuguezes senhores do Pará; tinham já sulcado as aguas do Amazonas até o Perú, porém, não conheciam ainda a ilha dos Nhangaybas, (*) porque uma barreira de ferro se antepunha aos seus desejos, a valentia dos seus habitantes.

Foi preciso que o temor os excitasse.

Por vezes tinham querido conquistar a ilha; com sacrificio repelliam as sortidas dos Nhangaybas que sempre voltavam victoriosos, porém, nunca poderam escravisal-os.

Diz o padre Antonio Vieira na sua carta de 11 de Fevereiro de 1660:

« Por muitas vezes quizeram os governadores passados e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embaraço tão custoso do Estado, empregando na empreza todas as forças delle, assim de indios como de portuguezes, com os cabos mais experimentados; mas nunca desta guerra se tirou outro effeito mais que o repetido desengano de que as nações Nhangaybas eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautella, pela astucia e pela constancia da gente, etc. »

(*) Hoje de Marajó.

Temeram os Portuguezes a união dos Nhangaybas com os Hollandezes, com quem commerciavam e julgando-se então perdidos, porque teriam de abandonar o territorio conquistado, tentaram fazer um pequeno esforço, uma guerra decisiva. Preparavam-se para ella, quando o padre Vieira, em 1658, com a sua palavra, avassalou-os á corôa portugueza. E' significativa a resposta que deu o tucháua Piyé, ao Pahy assu quando este lhe fez jurar fidelidade e prova porque razão o odio do indio pelo portuguez, ainda hoje transpira no tapuyo.

Disse elle:

« Que sempre foram os indios amigos e servidores dos portuguezes, mas se esta amizade e a obediencia se quebrou, foi por parte delles, por isso, isto que nos dizes, vai dizel-o aos portuguezes, pois são elles e não nós quem tem faltado a fé e a amizade. »

D'essa data, começou a ser conhecida a ilha e as nações que a habitavam. Não usavam, então mais, de armas de pedra, pelo que vê-se, que os atterros, datam de uma época muito mais remota. Foram seus ascendentes quem os fizeram. E quem seriam elles? De quem descenderia esse povo fallando outra lingua, bravo, como nenhum do Amazonas, ousado, intelligente e tão inimigo da escravidão? Era oriundo do mesmo tronco, de tantas tribus dominadas pelos conquistadores? A sua civilisação, vinha pela imigração Peruana? Diz o Director do Museu Nacional em uma cartinha ao *Jornal do Commercio*, aproveitando-se das informações do Sr. Ferreira Penna: (*)

(*) A *Constituição* de 8 de Maio de 1874.

« Naquella ilha quer me parecer, que se fixou por largos annos a tribu mais industriosa e mais culta de quantas povoavam ao principio o Brazil e tenho que alli é que por mais tempo se hão conservado os vestigios e as pallidas tradições da civilisação Andina transferida para essa porção da America, etc. »

Quanto a mim parece-me que não ha base, para se sustentar essa opinião. Vejamos se a historia auxilia os meus estudos.

A primeira imigração que appareceu no Perú, 15 seculos A. C. foi no reinado de Manco Capac I, a dos Atumu Runas, (*) segundo a tradicção, que hypotheticamente se pensa, que descendo o Apurimac, veio ao Amazonas Peruano. Nessa época, já notaveis edificios mostravam o adiantamento dos Incas, que sabiam respeitar os monumentos de seus antepassados e trabalhavam a pedra com instrumentos de ferro, que denominavam quillay (**)

Outras imigrações houve no Perú, porém, nenhuma dellas, fez o povo expatriar-se para o lado do Brazil, pelo contrario apparecem no Perú imigrações partidas do Amazonas, entre ellas, cousa notavel, uma com alguns individuos *pretos*, segundo refere Brasseur de Bourbourg. Esta côr julgo ser artificial.

As grandes imigrações para o Perú, os seus grandes desastres datam do anno 1000, da nossa era, pouco mais ou menos e do lado do Brazil, é que parece que partiram, atravessando os Andes. Até então, nenhuma imigração desceu ao Amazonas, segundo todos os historiadores que tenho lido, como Garcillaso, Herera, Velloso, Balboa, etc. Vejamos com o estudo dos factos,

---

(*) Montessinos, *Memoires sur l'ancient Perou.* Pag. 6.

(**) Velasco, *Histoire du royaume de Quito.* Liv. II, § 7. Art. *Armes.*

se a civilisação dos Nhangaybas, foi trazida pela invasão hespanhola.

O que encontrou Pizarro? Templos, monumentos, arte, industria, calendario, etc., civilisação, que vestigios não deixou em Marajó.

Onde estão os idolos de ouro, onde está o signal da fundição dos metaes, onde estão as ruinas dos monumentos, que haviam de deixar? A simples idade da pedra polida, com a industria de então se apresenta. Como admittir, que um povo, em tão alto gráo de civilisação occupe um paiz, sem deixar mostras de seu adiantamento?

Comparemos agora o que apparece em Marajó com o que existe daquella época no Perú. Onde apparece o uso de atterros sepulchraes no Perú? Onde estão as igaçauas? Não ha prova material, que justifique a civilisação andina, assim como a historia não parece querer justifical-a.

Os Nhangaybas não descendem dos Peruanos e se fôrmos a procurar a sua origem, com as reliquias que nos legaram, forçosamente somos levados a buscal-a entre as tribus que descendem ou estiveram em contacto com os Normandos. Estarei talvez em erro, mas com os factos.

Além dos pontos de contacto com os Normandos, temos as inscripções, que como vimos no capitulo anterior e como veremos quando dellas tratarmos, parece marcar a marcha de um povo mais atrazado ou decahido do que os Incas.

Além das considerações que fiz, temos ainda, as circumstancias de não se encontrar no alto Amazonas, vestigios da passagem dessa imigração e a do dialecto, tão differente, que fez impressão, quando não tinha impressionado nem o dos Omaguas nem o dos Tapajós

e dos Muras, tribus descidas do Perú por occasião das conquistas de Manco Capac, ou hespanhola.

Infelizmente este dialecto desappareceu, que quanto a mim era a unica chave que poderia abrir a porta da verdade.

A phantasia sempre faceira, não póde sobraçar a sciencia que pela seriedade repelle aquella.

Com os factos, com a lição critica da historia, deve o historiador preparar-se para o estudo de nossas antiguidades e não de gabinete, tomar como realidade aquillo que a phantasia inspira ás vezes tão differente como é a *aranha de uma larva*.

Subindo o Amazonas o primeiro atterro sepulchral que se encontra é na costa de Obydos, entre a fazenda *Capella* do Dr. Casemiro de Assis e a *Caryramba* (*) do capitão Machado Angico.

Encontrando ahi fragmentos de louça de barro, começei a estudar a disposição do terreno e a sua structura e cheguei a avaliar o seu tamanho, pouco mais ou menos, apesar de estar quasi todo destruido pela cultura e coberto hoje de grossa capoeira.

Sobre um leito natural de argilla ergue-se o atterro feito de cascalho, terras pretas e areia, já coberto pelo humus e quasi todo destruido. O resto, porém, que se encontra ainda pôde me dar uma idéa approximada da fórma, que era de um Y deitado. Tem de comprimento 85 mettros, de largura 10, não podendo calcular a altura que hoje quasi desppareceu. Dirige de SE para NO. (Vide a Est. I, Fig. 1.ª). Informaram-me algumas pessoas antigas, que outr'ora

---

(*) Corruptella de *carybamba*, passaro deste nome do genero *Caprimulgus*.

ahi existia um longo monticulo que as enchentes destruiram, onde se encontrava não só igaçauas como tambem ossadas humanas e figuras de pedra. Hoje infelizmente, só se encontram fragmentos de louça de barro que pela sua disposição e grossura, vê-se que foram de igaçauas e não de utensilios domesticos. As terras da sua circumvisinhança, alagam-se pela enchente e cobre-se de uma vegetação baixa, onde predomina a pitomba e o sabão de soldado, *(sapindus)*, e o urucury (*Attalea excelsa*, Mart.)

Creio que ahi foi o cemiterio dos ascendentes dos antigos Pauxis, que tinham a sua aldeia na costa fronteira onde hoje é o cemiterio publico da actual cidade de Obydos. Nas escavações que nella se fazem abrindo sepulturas tem-se encontrado não só fragmentos de louça, como panellas inteiras e machados de diorito.

Quando em 1874 se abriam os alicerces para o muro que devia fechal-o, ahi encontrei os ditos vestigios que provaram-me ser esse o lugar da antiga aldeia depois missionada pelos Capuchos da Piedade que durou até 1758, época em que foi elevada á cathegoria de villa pelo Governador Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Habitavam a barranca elevada da margem opposta e julgo que enterravam seus mortos em igaçauas no atterro sepulchral de que tratei e iam fazer suas pescarias no antigo lago Tucumá, hoje lago Grande, no lugar denominado hoje Páu mulato, onde se aldeiavam, como prova o Sernamby que ahi existe. Nesta época o lugar em que hoje se vê o atterro sepulchral não era mais do que uma ilha circulada pelo Amazonas e o lago Grande mais do que o braço que a rodeava. Ainda hoje este lago não é mais do que um deposito

das aguas do mesmo rio que com elle se communica. O Sernamby dista uma legua do atterro sepulchral, em uma linha recta ao sul. Quando tratarmos destes monturos do resto das pescarias e da cosinha, veremos que ainda hoje os indios seguem este uso, com pouca modificação.

Continuando-se a subir o rio Amazonas, encontra-se na margem esquerda, no lugar denominado Costa do Parú, pouco acima da foz do rio Trombetas os signaes de uma extincta aldeia, que denominei *tauaquera das Amazonas* pelos motivos apresentados em um outro escripto. (*) Nesse ponto, segundo a historia, foi que se encontrou o aventureiro Francisco Orellana em 1541 com uma tribu que o hostilisou a que deu o nome de Amazonas, por vêr entre homens algumas mulheres, Os descendentes dessa tribu, que por largos annos habitou nessa paragem, como se deprehende da quantidade, por assim dizer infinita, de fragmentos de louça domestica que ahi existe, tambem tinham o seu atterro sepulchral, distante do ponto de vivenda.

No lago Parú que corre quasi parallelo á costa do Amazonas, a qual tira o seu nome do delle, encontra-se uma peqnena ilha, onde está o atterro sepulchral.

Esta ilha que quasi some-se debaixo d'agua nas grandes cheias, vai-se a ella a pé enxuto na vasante.

Hoje é um dos pontos em que se reunem os tapuyos quando vão á salga do pirarucú, e ahi fazem as suas feitorias. A distancia que medeia entre ella e a *tauaquera*, não chega a uma legua.

Este lago pela abundancia de peixe foi sempre um dos pontos das maiores pescarias e diz a tradição

(*) Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Jamundá. Rio de Janeiro 1875, pg. 87.

que outr'ora houve nelle um pesqueiro real. Em outro trabalho já fiz vêr que o actual lago, era outr'ora um braço do Amazonas.

Nesta ilha, pois, levantou o povo de outr'ora um atterro, onde enterravam seus mortos em igaçauas, cujos restos ainda hoje se vê espalhados pelo terreno. A fórma que affecta este atterro é pouco mais ou menos o de uma tartaruga. (Vide Est. I, Fig. 2.ª)

Este atterro é grande, mas em consequencia da enchente que ainda cobria parte delle não pude determinar bem, quer a sua fórma, quer as dimensões. Muitos fragmentos de louça e machados encontrei ahi. Da louça de barro e dos desenhos della, já tratei no capitulo anterior.

Tendo noticiado estes atterros amazonicos, estabelecerei agora os pontos de contacto que encontro entre elles e os americanos e as differenças que apresentam.

Na America de Norte os atterros são sempre a beira dos rios ou lagos, em lugares alagadiços, raros ou em campos, no Amazonas tambem o são. Os de Marajó, são em lagos, em campos alagadiços, o de Obydos, a margem do rio e do Parú em uma ilha dentro do lago.

Nos *burial places* enterravam os mortos em uma posição assentada, nos atterros do Amazonas em igaçauas, onde os mortos eram mettidos, encolhidos, assentados dentro dellas. Geralmente, porém, serviam só de jazigo perpetuo para as ossadas, assim tambem usavam no Amazonas, porém mettidos em igaçauas. Ainda hoje algumas nações indigenas seguem este costume, sepultam os mortos e tempos depois rocolhem os ossos, que depois de limpos são guardados nas igaçauas que se interram em cemiterio especial. Os Pariquis, os Arauaquis, os Mundurucus, etc., ainda hoje

assim o fazem. Os antigos Manáos e Barés e outros mettiam os cadaveres encolhidos dentro das igaçauas, que enterravam em cemiterio proprio, como pelo tamanho e fórma pude verificar, como já vimos no capitulo anterior e depois separavam os ossos que eram guardados em outras igaçauas.

No enterro dos mortos, apparece esta differença, que julgo foi modificada pela emigração. Em vez de prepararem a sepultura no atterro, sepultavam as igaçauas ossiferas, quasi unidas umas ás outras e em camadas, que attestam a duração da tribu na mesma localidade.

Os *mounds* além dos conicos haviam os de fórmas de animaes, os do Amazonas tambem effectuam estas fórmas.

Encontram-se armas de pedra, fragmentos de louça nos sepulchros americanos, nos brasileiros encontram-se tambem estas armas com as mesmas fórmas.

Emfim, são tantos os pontos de contacto, que depois de maduramente pensar neste assumpto cheguei quasi a fixar minha opinião a respeito.

Estes atterros ainda me levam a fazer uma boa idéa, do estado de civilisação de então, comparando-a com a dos tapuyos descendentes dessas gerações ha seculos extinctas.

Dão elles idéa de uma sociedade mais numerosa, mais intelligente e mais laboriosa do que a de hoje. Para levarem avante a construcção de um só desses atterros, era mister não só uma grande população, como a facilidade de meios de subsistencia que era preciso ter á mão ; o que me leva a crêr que já eram agricultores, porque a pesca e a caça dispersa a tribu diariamente e só um povo agricola poderia emprehender taes obras.

As fórmas e os desenhos que ornam as suas igaçauas, como já vimos, demonstram que era tambem um povo já em caminho para o templo da arte. Mas, a quantos seculos levaram a effeito essas obras? Nenhuma tradição encontro entre os nossos indigenas, e tendo a lavoura de nossos tempos, distruido o que nos podia servir de guia. isto é, a vegetação, não posso senão me valer de uma autoridade. Sendo, como parece, contemporaneos dos Estados-Unidos, pelas fórmas animaes que apresentam, nunca terão menos de 500 annos, pelo calculo que fez o Sr. Lapham, servindo de base para elle as arvores que existem sobre os mesmos atterros.

Por essa idade vê-se que a civilisação amazonica, sendo posterior á do Perú, não foi comtudo introduzida por elle, porque então já devia existir o uso de fundir os metaes, que não se encontra nas antiguidades do Amazonas.

Estes atterros sepulchraes são os mais antigos cemiterios que se encontram, porque os outros posteriores, sendo sempre em terrenos elevados, quasi sempre tambem á margens de rios ou lagos, são feitos em terrenos naturaes.

Nas barrancas de Serpa, hoje Itacoatiara, em Manáos, no Tapajós, no Uauinchá affluente do Jamundá, no Urubú, etc., encontrei cemiterios destes sempre em terrenos naturaes.

Procurei ir ao Rio Maracá, onde constava-me haver preciosas reliquias sobre este assumpto, mas infelizmente, a epidemia que ahi reinava m'o impedia. Comtudo algumas informações pude obter do 1º tenente da marinha imperial Lisboa que explorou este rio em 1872.

As igaçauas que ahi se encontram, e que elle

trouxe, estão proximas a um grande lageado que ahi existe, mettidas em cavernas naturaes.

Estas igaçauas examinei depois no Museu Paraense. Umas tem fórmas humanas, em attitude sedentaria, com a indicação do sexo, outras de animaes com ornatos de phantasia.

O costume de enterrar os mortos em lugares elevados, nas proximidades de corrente d'agua perpetuou-se até hoje, porém, como a população é menor, e as tribus entregam-se mais a caça e á pesca do que a agricultura, deixaram de fazer os atterros.

IV

Sernambys

Depois do que escreveu o meu amigo o Exm. Sr. Conselheiro Dr. Guilherme Schüch Capanema sobre os *Sambaquys* no 1º numero d'estes Ensaios, nada tenho a dizer ácerca dos que existem dissiminados pelo sul do littoral, que, mesmo não os conheço, apenas tratarei dos Sernambys do Norte, que a isto me leva a analogia que entre elles acho, com os kjoekkemmodings da Dinamarca e Estados-Unidos. Por demais estão conhecidos os Sambaquys, no mundo scientifico, com o estudo que d'elle fez o mesmo Conselheiro em 1874, depois de um estudo esforçado. (*)

A importancia archeologica e ethnographica que tem o Sernamby, está quasi sempre ligada a um facto geologico, como veremos quando entrar na descripção

(*) Este escripto foi publicado em allemão no *Mitheilungen aus justus porthes geographischer anstalt über Wichtige new esforschungen auf den gesammtgebiete der geographie von Dr. A. Petermam.* VI 20 band. 1874, pg. 228.

dos do Rio Amazonas. Não trataria d'este assumpto, sobre o qual já tive occasião de escrever, se não se prendesse a elle um facto que parece dar alguma luz ao descobrimento do Brazil, em tempo anti-Colombiano.

Antes de entrar na appreciação dos Sernambys, como tenho de comparal-os aos kjoekkemmodings dinamarquezes, cumpre mostrar o que são estes. Denominam os dinamarquezes *kjoekkenmoedding* os grandes montes de conchas que se encontram proximo ao seu littoral, dirivado de *hjoekken* cozinha e *moedding* resto, monturo, entulho, etc., Datam as suas primeiras investigações do anno de 1845. A primeira commissão que investigou os seus mysterios, foi composta dos Srs. Forchammer o pae da geologia na Dinamarca, Worsae, celebridade archeologica e Steenstrup zoologo e botanico muito distincto, que apresentaram seis relatorios, publicados de 1850 - 56, dirigidos á Academia de Copenhague.

Acham-se estes restos de cozinha, hoje longe da costa o que denota o deslocamento do mar, e encontram-se n'elles instrumentos de pedra, ossos de animaes, espinhas de peixe, restos de louça e outros objectos que provam que são montes artificiaes feitos com os restos das conchas que comiam, segundo uns, em épocas geologicas. Entre nós havendo as naturaes, formadas pelos berbigões. (*Cryptogramma macrodon*, Lam.) existem tambem os artificiaes todos, porém, pertencentes a um periodo comparativamente moderno. Quer uns, quer outros, sempre nos provam a emersão da costa ou o deslocamento do rio.

Nos Estados-Unidos, segundo refere o Dr. Jeffries Wymen, existem os de Mount Dessert, Crouch's Cove, Eagle Hill e Cotuit Port, além do que existe em Da-

mariscotta, examinado pelos professores Jackson e Chadbourne, o da ilha de S. Simão, na Georgia, descripto por Lyell e os de New-Jersey e Keyport, descriptos por Charles Raw. Como nos da Dinamarca, nos dos Estados-Unidos sempre o homem apparece, ao lado da emersão da costa. Vem sempre os seus instrumentos, com o seu costume provar que então o oceano ou o rio d'onde tirava o alimento estava a seus pés.

Se bem que a fórma que os Sernambys apresentem, seja a de todos os monturos feitos pela mão humana, comtudo o uzo que deu lugar á sua formação nos dá uma idéa de costume dos Dinamarquezes, o que parece ser comprovado pela fórma e materia dos instrumentos que n'elles se encontram. O achado destes kjoekkenmoeddings, só em lugares onde os traços normandos se encontram, é um facto, que vem dar luz sobre os Sernambys do Amazonas.

Nenhuma noticia até o presente existia sobre estes montes de conchas, no interior dos rios, fui eu quem primeiro noticiou em um Relatorio dirigido á S. Ex. o Sr. Ministro da Agricultura, em 1872.

Estes montes de conchas, são conhecidos por *Sernambys*, (*) nome que dão os indigenas á toda e qualquer porção que se encontre de conchas (*itan*) quer pelas margens dos rios, quer pelas praias.

A palavra Sernamby, hoje corrupta, póde ter duas traducções; uma exprime perfeitamente o pensamento do indio, outra parecendo traduzil-a melhor, nada explica. Quanto a mim, quer dizer: *restos da vazante*

(*) Dão tambem, pela semelhança, este nome aos restos que se perdem no processo da coagulação da gomma elastica. (*Siphonia elastica*) que formam a borracha ordinaria.

e não *orelha de carangueijo*. Com effeito, quando estudei o caracter do indio, uma das cousas que mais me chamava a attenção era a propriedade na applicação das phrazes, que sempre caracterizava a expressão do pensamento. A contracção das syllabas, deu a suppressão de lettras, que a difficuldade phonetica fez com que o civilizado formasse uma palavra quasi differente da primitiva. Sernamby, diriva-se de *seryc*, vazante da maré, e *sembyr* restos e não *sery* carangueijo e *namby* orelha. Parece ser esta a verdadeira traducção, mas, esta nada exprimindo em relação ao objecto, affasta-se do genio da lingua que tão bem aqui explica a origem. Com effeito é sempre depois que vaza a maré, que nos pontos onde encontrei os Sernambys ainda influe, que se encontram as conchas, que ficam pelas praias como, *restos* ou *como refugo da maré*.

Os molluscos da classe conchifera que formam estes monturos, não são d'aquelles de *vida social*, como o marinho berbigão que formam montes quando ficam em secco, quando ha emersão da costa do oceano; não, as especies que tive occasião de examinar, vivem solitarias e só apparecem na vazante do rio, em muito pequena escala. São por conseguinte artificiaes estes montes, e mostrando a quantidade que então havia, faz ver que foram erguidos por uma tribu que annualmente ia á sua pesca.

Na foz do Amazonas, onde ainda o mar tem influencia, onde os molluscos marinhos se apresentam, existiram out'ora tambem grandes depositos d'elles, naturaes e artificiaes.

Transcrevo aqui integralmente um manuscripto antigo, que tem por titulo « Memoria sobre duas minas

de conchas de Sernamby, pelo ajudante Pedro de Figueiredo Vasconcellos.

« No meio do secco Miridumba, que dá passagem para a Bahia do Atapú, para a parte do N, em distancia de 1[2 legua, entrando pelo mato para o dito rumo, estão 2 minas de Sernamby, que a maior terá de circumferencia 40 braças e de profundidade 25 palmos, e a segunda terá de circumferencia 15 braças, e de profundidade 20 palmos.

« Nestas duas minas pois, trabalhando os moradores de Cintra a mais de 80 annos, se não tem percebido diminuição sensivel. Nellas se acham, além das cascas de Sernamby, peixes petrificados, ossos de corpos humanos, pedaços de louça de barro de cozinhar, e outra de louça branca, muitos ossos de animaes terrestres, buzios grandes e pequenos, cascas de ostras e de outros muitos mariscos. Outras mais minas destas cascas ha, da outra parte do Atapú, e me dizem por toda costa que d'aqui vai até o rio Gurupi, se encontram outras. Ellas se acham na sua superficie cobertas de uma pequena codêa de terra, e sobre esta se achão nascidas algumas arvores de pequena grandeza, e as suas raizes lançadas á superficie da terra. As differentes qualidades de cascas de peixes, de insectos e pedaços de louça dão uma certeza phisica de que o Oceano cobria esta terra, pois que estes mariscos não se criam senão nelle ; a sua prodigiosa e infinita quantidade dá mais a certeza de que o dito Oceano cobria largo tempo estas situações, pois que este ainda hoje lhes está vizinho, e entre as muitas cousas que ainda hoje se vem encostar pelas praias, são sempre em quantidade estas cascas. Algumas outras destas minas se encontram em partes altas, e distantes do már ; mas nem por issso se lhes deve dar outra cauza para sua formatura, senão a do Oceano. Esta raridade é um prodigiozo manancial donde se pode extrahir cabedal immenso na factura da cal, etc. »

Por esta memoria, vê-se que sendo natural o banco de Sernamby, houve emersão da costa, mas quer me parecer que um povo ahi se reunia annualmente, indo á pesca dos molluscos, e voltando para

talvez com festas fazerem seus banquetes. (*) O costume do partirem para a pesca, para a caça, ou para o apanho dos fructos annualmente, para depois fazerem festas ainda hoje se vê perpetuado entre os gentios e os tapuyas.

Os Mundurucús festejam annualmente a mãe dos animaes, que consiste na reunião do povo das diversas malocas em uma, onde passam dias comendo a caça muqueada de mezes de caçada; os Pariquis reunem-se para comerem fructas que trazem para as malocas, e os tapuyos ainda hoje, no tempo do piquiá, do uixi, do pajurá, abandonam suas casas e vão para as mattas onde passam o tempo d'essas fructas, comendo-as e reduzindo-as a oleo para suas iguarias ou para alumial-os. Com a salga do pirarucu dá-se tambem o mesmo facto, de abandonar seus commodos pela vida nos lagos durante o tempo da secca. Tinha pois a população de outr'ora o mesmo costume, que se perpetuou, porque a materia de que se compõe o resto de seus banquetes é não só duradouro como tambem porque dando pouca comida fornecia muito entulho, o que se não dá com os fructos. Com a diminuição sensivel que tem tido as aguas do Amazonas, foram desapparecendo as conchas, e a civilisação atravessando as suas margens, foi acabando com esse costume, que me parece foi ligado pelos antepassados dos que habitam nossas florestas. A idéa do diluvio que tem quasi todas as tribus com que tratei, a idéa do Creador, expressa por Tupana, e a da de um filho d'este, *Rairu*, dos Mundurucus, parece que veio por aquelles, que desceram a America, vindos do Norte da Europa.

(*) Além d'este Sernamby, existem outras minas nos actuaes mangues proximos á Salinas, que provam ainda a emersão da costa.

Os kjoekkemmoddings, que só se encontram na Dinamarca, quando na Europa muitos são os paizes banhados pelos seus differentes máres, indicam o resultado do uso peculiar do povo de Odin, que tambem apparece representado na America do Norte, em certos lugares onde o mesmo povo habitou ou passou, e assim sempre que apparecem esses restos de cozinha, acham-se objectos que nos lembram a sua origem. No Brazil, onde appparecem os Sambaquis, quasi todos naturaes, em alguns encontram-se vestigios humanos, que muito nos faz lembrar os costumes normandos. No Amazonas apparecem os *Sernambys*, todo da feitura de homem, que mais ainda nos recorda o uso skandinavico. O primeiro que examinei foi na base da Serra Taperinha, no rio Ayayá, (*) onde está assentado o engenho do meu amigo e Exm. Sr. Barão de Santarem. (**)

Distante da margem do rio, onde rarissimos são os molluscos que se encontram, na base da serra onde hoje nem as maiores enchentes attingem, ahi existe a mina de Sernamby.

Quando se estabeleceu o engenho, sendo preciso agua para mover suas machinas, buscou-se uma pequena lagôa que ahi ha, e para trazer-se as aguas foi necessario abrir-se um canal. Na abertura d'este encontrou-se o Sernamby, que depois tem sido aproveitado para o fabrico da cal, d'ahi o nome de mina. N'essa occasião foram encontrados, entre o mesmo Sernamby alguns ossos humanos principalmente craneos. Examinando, excavando em alguns lugares, pude tambem encontrar não só machados de diorito,

---

(*) Colhereira, (Plataléa).

(**) Rio Tapajós, por J. Barbosa Rodrigues. Typ. Nac. pg. 36.

como fragmentos dos mesmos, de louça, alguma com fuligem, espinhas de peixe-boi, ossos de passaro, etc., que existiam encravados nos diversos stractus de que se compõe a mina de Sernamby.

Estudando vi que as conchas são modernas, ainda com representantes nos rios Amazonas e Tapajós, e que apresentaram só tres especies dos generos *Castalia*, *Unio e Hyarea.*

Estão quasi todas em decomposição, promiscuamente, em stractus, separados por pequenas camadas horisontaes de humus, que mostram que o deposito foi feito em varias épocas. Differentes depositos ou monticolos d'estes, existem espalhados, todos com a fórma conica, tendo a base do maior mais de 25 metros de diametro. Serrada vegetação os cobre, deixando transparecer aqui ou alli a sua superficie. Examinando a structura geologica do terreno cheguei ao conhecimeuto de que outr'ora o Amazonas corria quasi pela fralda da serra, deixando uma pequena margem onde os indios tinham formado o Sernamby. Uma ou mais enchentes cobriram essa margem quando já o Sernamby estava feito, e retirando-se depois deixou-o rodeado de terras de alluvião, que formam hoje vargem, ficando o terreno primitivo coberto por um igapó. N'esse deslocamento do rio, formaram-se differentes ilhas, o Ayayá tomou outro curso, formou-se o furo Ituqui e novo aspecto tomou ahi a natureza. Estes deslocamentos e formações e distruição de ilhas ainda é de nossos dias. Examinando o alto da serra encontrei as *terras pretas*, onde existiram as malocas, e n'ellas encontrei diversos instrumentos de pedra, como machados, (Vide Est VI fig. 37, do 1° numero destes *Ensaios*) assim como fragmentos de louça, iguaes aos que encontrei

no Sernamby. Habitava ahi a tribu que formou o deposito, o que mais me certificou o achado de algumas conchas na mesma terra. Desciam do alto da serra para a margem, por um fundo vallo, artificial, que os encobria, o que parece indicar que procuravam ahi andar sem serem vistos, talvez por alguma tribu inimiga que nas proximidades existisse.

Dou aqui um traço vertical que mostra a posição do Sernamby e a structura do terreno que o rodeia.

Este deposito é todo artificial e a enchente que em parte o cubrio, foi tão gradual que não destruio a sua fórma primitiva. O encontro das espinhas, dos ossos de passaro, mostram que ahi se reuniam, de volta da pesca e da caça e não eram tão barbaros, porque já uzavam as comidas cosidas em vasilhas de barro bem preparadas, o que se deprehende dos fragmentos com fuligem que encontrei.

O encontro das ossadas humanas nos stractus do Sernamby, faz vacillar meu espirito, não tendo encontrado nenhum facto que justifique a sua presença entre esses restos, sem duvida alguma de cozinha.

Seria algum cadaver abandonado ou sepultado ahi? Serviria esse deposito tambem para sepultura?

Creio que não; os indios que tanto fogem dos mortos, não banquetearíam sobre as suas sepulturas. Não ha exemplo de uma tribu que tenha este uso.

Serviriam os corpos d'essas ossadas de iguaria para seus festins, mostrando assim que eram anthropophagos?

Tambem não o creio. As tribus ribeirinhas, são echthiophagas e carpophagas, rarissimas são as que se entregam ao alimento da carne humana. Profundo véo, cobre este mysterio que se tivesse tido mais tempo, alguma excavação m'o descobriria. Quero antes

pensar como o Conselheiro Capanema, que fosse algum morto ahi abandonado como lixo. E' tambem o que se deprehende d'esta phrase relativa aos indios do interior do littoral do Sul: « Pois se algum indio morria no tempo da pescaria, servia de cemiterio a *ostreira* na qual depositavam o cadaver e depois o cobriam com conchas. » (*)

Outro Sernamby tambem existe retirado das margens do actual Amazonas a uma legua para o interior da margem direita, no sitio denominado *Pau mulato*, proximo á margem do lago grande de Villa Franca. Este lago outr'ora denominado Tucumá, e depois das Campinas, foi o antigo leito do Amazonas, que por ahi passando, costeava a actual Villa Franca, marginando depois a Serra do Piquiatuba. que não é mais do que o prolongamento da Serra da Taperinha. Tinha então o Rio Tapajós outra foz á algumas milhas do Sul, com uma largura excessivamente grande em relação á que tem hoje.

N'essa época, o mesmo povo construio o Sernamby do *Páu mulato*. Esta tribu foi a que tambem construio o aterro sepulchral do *Cariramba*.

Está situado o Sernamby á margem do lago, já coberto em parte pela vegetação, e occupando uma grande extensão. Parte está soterrado pela mesma alluvião que tambem soterrou o da Taperinha, porém como o terreno ahi ficou mais baixo, e as enchentes annuaes cobrem esse espaço, a parte conica superior tem sido destruida e espalhada pela circumvizinhança. As conchas do Sernamby do *Páu mulato* tambem são bivalves e da mesma especie dos generos já citados, primando o Unio.

(*) Madre de Deos, *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*, etc., lib. I, n. 31.

Como no da Taperinha ahi tambem os instrumentos de pedra, os fragmentos de louça se encontram; então já com a superficie decomposta pela acção dos agentes naturaes á que estão expostos.

Julgo que este monturo é contemporaneo do da Taperinha, e que a mesma enchente que actuou sobre um, aterrou o outro, destruindo tambem a ilha em que existiu a tribu das Amazonas, ligando-a á terra firme por meio da alluvião. Uma grande enchente cobriu terrenos onde hoje a maior raras vezes tem attingido.

Estes Sernambys, ou restos de cozinha, mostram um costume que não era geral no Amazonas, pois se o fosse, havendo facilidade no apanho dos molluscos, como os mesmos monturos o provam, geral devera ser tambem o encontro d'estes. Perpetuam pois estes restos de cozinha, o costume de um povo que ahi existiu, ou por largos annos ahi viveu em época anti-colombiana.

Razões me levam a crer, que aquelles que fizeram esses monturos, vinham emigrados do Norte, onde deixaram os mesmos monturos e atterros sepulchraes, perpetuando sua estada, além d'outros signaes que parece tambem deixaram como traços de sua passagem, logo que pizaram nas terras Sul Americano; quero fallar das Inscripções.

De quando datam esses monturos, hoje monumentos archeologicos? Nem a tradicção nem os factos nol-o podem responder. Julgo, porém, serem contemporaneos dos aterros sepulchraes e muito anteriores ao anno de 1500, porque depois do anno de 1543, foi que ligou-se a ilha, onde Orellana encontrou com as Amazonas, ao continente. O abandono é do seculo XVI.

Que a invasão dos descendentes dos colonos Nor-

mandos, foi antes da grande alluvião Amazonica, nos vem provar as inscripções das quaes passamos a tratar; por conseguinte são os nossos Sernambys muito mais modernos do que os kjoekkemmodings Dinamarquezes.

V

Inscripções

O viajante que sóbe o rio Amazonas, ao chegar á Itacoatiara, (*) olhando para a margem esquerda, pouco abaixo da cidade d'esse nome, vê sobre as rochas que formam a alta encosta umas figuras gravadas; o regatão que penetra para o centro, sempre da margem esquerda, encontra em alguns lugares outras figuras, sempre gravadas nas rochas, mas, quer um quer outro passam indifferentes por essas reliquias d'outras eras, sem se quer parar para observal-as.

Entretanto quanto não tem ahi o archeologo e mesmo o ethnologo que estudar!

Representam essas figuras, quasi todas symbolicas, o passatempo do indio ocioso, ou representam ellas uma inscripção, para nós indecifravel? Se umas são filhas do ocio e ao mesmo tempo da habilidade

(*) *Ita*, pedra, *coatiara*, pintada.

do indio, quando descançava das fadigas da caça ou da pesca, outras parecem attestar que não o ocio mas sim a necessidade levou a sua mão a gravar pacientemente figuras, que para mim são inscripções. Entre as figuras que se encontram no Valle do Amazonas, desde a Guyana Ingleza até á margem do rei dos rios, de duas fórmas se encontram ellas feitas: por gravura e por pintura. Estas modernas como veremos, são os fructos da ociosidade, que nos perpetuam o gráo de adiantamento do povo de então, mas, aquellas são provas de que uma necessidade houve que levou, não um, mas talvez muitos homens, por dias consecutivos de um trabalho assiduo, infadonho e rude, a abrir a face das rochas. Por muito ocioso que fosse o incola, admitte-se que levasse elle dias mesmo mezes, occupado n'um trabalho que lhe molestaria o braço, e que não lhe dava proveito algum?

O indio ocioso atira-se á rede, fuma o seu tauary, mas não se emprega n'um serviço que mostra não ociosidade, passatempo ou divertimento, mas sim um trabalho paciente. Comprehende-se que nas figuras pintadas, feitas em minutos houvesse um passatempo, mas não n'aquellas gravadas, onde o tempo, a constancia, a força mostram a assiduidade e um trabalho mais duro do que a caça e a pesca. O individuo que as gravou, não fel-as por distracção, algum motivo o levou a isso.

Convem dar aqui uma ligeira idéa da formação das margens actuaes do Amazonas. Conhecem-se n'ellas os igapós, as vargens e as terras firmes. Os igapós são os terrenos de alluvião moderna, cobertos em geral quasi annualmente pelas aguas, apezar de ás vezes serrada matta as cobrir, primando quasi sempre n'ella as *cecropias* (embaubas) as *bombax* (bar-

riguda) as *baetris* (marajás), algumas, *leguminosas*, muitas *ipomœas*, a *urania Amazonica* e muitas plantas sarmentosas, além das *gramineas* (canarana e mury). Logo depois de uma alluvião que altêa o terreno ficando pela vazante um pouco em secco, a primeira vegetação que se apresenta são as gramineas, seguidas logo das cecropias e das *salix Humboldtiana* (Ayuranas).

Logo depois do igapó, segue-se a vargem, que é o terreno que vae alteando, mas que annualmente conforme a enchente tambem vae ao fundo. Ahi a vegetação é mais forte, por ser o terreno mais antigo, apparece o *Astrocaryum mnrumuru*, as *geonomas*, as *bauhinias*, as *myrtaceas* (pau mulato), a *bombax ceïba* (munguba), o *Astrocaryum january*, a *raphya taedigera* (jupaty) a *Walschagellia* (acapurana), a *syphonia elastica*, a *hura braziliense*, (assacu) a *mauritia flexuosa*, e muitas outras plantas como o louro (*cordia*) a muiratinga, o arapary (*caesalpinia*) e muitas *bauhinias* e *leguminosas*

Estes terrenos ás vezes, minados pelas aguas são arrebatados pelas correntes, e formam as *terras cahidas*, que vão mais longe formar uma ilha, augmentar uma margem, atterrar um canal, etc., de fórma que constantemente as margens apresentam aspecto diverso. Vi n'uma noute, no Arapiranga, o Amazonas arrebatar um terreno elevado com 500 pés de cacáu.

Mr. G. Gravier na segunda sessão do Congresso dos Americanistas, que se celebrou em Nancy, no dia 19 de Julho de 1875, tratando das inscripções da *Dighton Writing Rock*, que existe no Estado de Massachusset, no territorio de *Berkeley*, condado de Bristol, assim se exprime : « L'homme à l'ètat barbare, dont les déplacements sont déterminés par la guerre ou

par la faim, n'a jamais rien fait de pareil. Les peuplades que nous avons trouvées dans l'Amérique du Nord, savaient graver sur les arbres quelques signes hiéroglyphiques pour signaler une victoire on le résultat d'une chasse; mais ignorant l'uzage des métaux, ils n'eurent jamais l'idée ni les moyens de tracer sur le granit un souvenir durable de leurs aventures. Cette particularité porte naturellement à conclure que toutes les inscriptions lapidaires de l'Amérique du Nord, sont l'œuvre des races étrangères plus ou moins civilisés. »

Essas figuras que parecem pela sua naturalidade e pelo que representam, serem feitas por mão infantil ou pela do curioso guiado pela natureza, comparadas, apresentam tal unidade de pensamento que me parece não foi só o que a imaginação na infancia da arte produz, o que levou o artista a representar. Essas figuras comparadas, e aquilatado o trabalho, mostram-se como inscripções.

Mais uma razão, se me antolha, para assim pensar.

Habitadas como foram outr'ora, e como seria nos tempos prehistoricos as margens do Amazonas, porque não appareceram artistas gravadores na margem direita? Se a natureza, o passatempo levava uns a gravar, porque não empellia a outros?

O indio, como a criança, começa sempre os seus desenhos por linhas rectas, que combinadas quando a arte progride, produzem uma variedade de modelos, que mais aperfeiçoados chegam a attestar certa civilisação.

Como vimos na arte ceramica, todos os desenhos, quer gravados, quer pintados, não são mais do que a recta aproveitada e combinada com arte. E' sempre n'um periodo mais avantajado, que apparece a applicação

da curva, ou a sua combinação. Na serie das gregas que apresentei, que combinadas formam os mais bellos ornatos, não se vê a curva senão já n'um gráo de muito adiantamento. Se as figuras não passassem de mero divertimento por desenfado, deviam ser do mesmo estylo das da louça porque os mesmos talvez seriam os gravadores.

Mas, não; a mão que gravou a rocha a ser contemporanea da que cinzelou a argilla, affastou-se do estylo para representar uma idéa, que parece ser a mesma em todas. Não pódem essas figuras deixar de ser inscripções, senão commemorativas de um feito notavel, guias de uma população que emigrava.

E tanto mais razão me parece que tenho, quando n'uma das modernas vejo uma data, que de proposito, por mão civilizada, foi notada, como adiante veremos.

A linha que as inscripções gravadas segue são sempre de um só lado do rio; a direcção que toma, comparada com o estudo geologico, indica claramente que essas figuras são inscripções que serviram de guias a um povo que emigrava em dous ou mais bandos.

Se comparar-mos os costumes que tenho descripto, attendendo-se aos instrumentos, á louça, aos atterros e aos sernambys, com a direcção das inscripções, vê-se que foi do Norte que desceu a emigração; do Norte onde foi a Vinlandia.

A posição que occupam hoje as inscripções, abstrahindo-se o estudo geologico, a attribuir-se a gravura á emigrados desceram por terra.

Entretanto assim não é. As inscripções que hoje estão longe da margem do Amazonas, outr'ora eram banhadas pelas suas aguas.

Vejamos; a margem esquerda do Amazonas desde a foz do rio Negro até á do rio Uatumá, é considerada como terra firme por todos os geographos: e entretanto, todo este espaço não existia outr'ora, e era occupado pelo Amazonas que muito posteriormente, com as suas alluviões unio as ilhas que existiam; formou a actual margem, mudando as fozes dos Rios Uatumá, Anibá, Urubú e Matary e conservou alguns lagos.

Assim as ilhas de Matapy, Arauató, Ayby, onde hoje está Itacoatiara, Canacar, Panema, Uretu e Cucuar, que existiram até 1785, pouco mais ou menos formam todas unidas, a margem esquerda hoje cortada por alguns furos nas enchentes.

Transcrevo aqui o que publiquei no Diario do Grão-Pará de 20 de Fevereiro de 1875, á respeito de uma parte d'essa margem.

Quando, escreveu-nos nosso illustre amigo Sr Dr. João Barbosa Rodrigues, dirigi-me a S. Ex. o Sr. ministro da agricultura, depois da arriscada exploração do Urubú, ao tratar do curso deste rio e da sua constituição geologica, fiz ver que todo o terreno comprehendido entre o braço do Amazonas chamado Arauató e a actual foz do mesmo Urubú, era de alluvião moderna, que ainda hoje se alaga e que outr'ora não existia, devendo então o Amazonas passar pelo espaço comprehendido entre o Arauató e a villa de Silves, desaguando nesse tempo o rio em questão pouco acima do Arauató e o seu affluente Anibá mais abaixo.

Pela diminuição sensivel que tem tido as aguas do rio-mar elevaram-se os terrenos e formaram ilhas, cujos canaes depois de se fecharam, ou só pela enchente dão passagens ás aguas do Amazonas. Demonstrando que o Urubú só tinha uma foz, que se commettia erros considerando o Arauató como desaguadouro do Urubú, como querem todos os autores que por informações escreveram sobre esse rio, fiz ver que ainda hoje existiam nove canaes (Cana, Santo Antonio, Cainamá, Arauató, Uixityba, Carão, Canaçary, Curuçá e Pyra-

mirim) e não seis, como diziam os mesmos autores, mas que contribuem com aguas do Amazonas para o augmento do volume do lago Saracá, (Rio Urubú) e não dão sahida em época alguma ás aguas negras deste rio para o Amazonas.

Tal era minha opinião baseada nos estudos a que procedi, quando inesperadamente veio-me ás mãos o *Mappa da capitania de Mato Grosso*, de que já dei noticia, e que confirma o meu juizo. Ainda no seculo passado apresentava-se o terreno como eu disse acima. Demonstra o *mappa* que então de S. José do Amatary ás barreiras hoje chamadas Carará-ucú, formava o Amazonas um vasto archipelago, que se lhe estendia pela margem esquerda, composto de nove ilhas, por entre as quaes largos canaes levavam as aguas do Amazonas, que iam banhar as fraldas das serras agora denominadas Jaraquy e Uatá-pocú, que marginam a parte N do lago Saracá, de hoje, e ahi formava uma ampla bacia em que havia sete pequenas ilhas, na mais oriental das quaes ficava a aldeia Saracá.

A primeira, de que o referido mappa não dá a denominação, faz hoje parte do lugar — Amatary — e era separada da ilha do Matapy por um canal que é hoje o — Furo de Santo Antonio. Separava-a da ilha do Arauató o canal que hoje existe com esta denominação que tambem a dividia da do Ayby com o canal deste nome ou da Trindade. Nesta ilha ficava a aldeia Itaquatiara. Um outro canal, o Canaçary de hoje, distanciava a ilha Ayby de outra sem nome, que era separada da do Canacar por outro canal que já não existe. Seguiam-se-lhe immediatamente as ilhas Panema e Uretú, entre as quaes corria um largo canal que ainda hoje dá passagem a vapores e que chama-se Paraná-mirim de Silves ; ahi desagua o rio Urubú. A esta segue-se a ilha Cacuar divididida em tres pelos furos Urucará e Cucuiary. A maior dellas era a do Ayby, defronte da qual desaguava o rio Anibá.

Estes canaes, considerando-se-l'ho pela escala do mappa que chega quasi a meia legua de largura, deviam então offerecer facilima navegação aos mais possantes barcos, até aos maiores vapores que hoje sulcam em todos os sentidos o rio-mar. A acção das aguas do Amazonas porém, fez desapparecer alguns e estreitou por tal fórma outros, que só durante as enchentes podem navegal-os pequenas montarias, que

pelo verão ficam totalmente seccos. Assim todo o archipelago não fórma hoje mais que uma vastissima ilha, limitada ao norte pelo rio Urubú, as sul pelo Amazonas, ao oeste pelo Paraná de Silves (Amazonas) e a leste só no inverno, pelo Arauató. Depois de ter creado este novo terreno, vai o Amazonas destruil-o, em demanda de seu antigo leito, e antes que tenham-se passado alguns annos ha de a ilha de Silves estar outra vez no Amazonas. Os terrenos proximos ao furo Carucá estão tão destruidos que é impossivel que uma ou duas grandes enchentes mais, não consigam abrir passagem por ahi e unir o pretendido lago Saracá ao Amazonas.

Tendo encontrado a confirmação plena da opinião que baseava em estudos mais ou menos especulativos, escrevi esta noticia que serve de complemento á que dei ha tempos sobre o Urubù. Fui o primeiro que explorou este rio, e deve-se-me relevar que occupe-me com tudo quanto com elle tiver relação, mórmente tendo por fim fazel-o bem conhecido.

As inscripções que existem, nos mostram a marcha do povo emigrado, desde o Norte até á foz do Amazonas, onde os Neengaybas, essa tribu de costumes e civilização adiantada com sua linguagem differente, parecem ser os ultimos descendentes.

Como temos visto a semelhança entre os uzos e costumes do povo que habitou o Amazonas com os dos Normandos é grande, e parece que foram seus descendentes que para o Sul emigraram.

Creio que depois de interrompido o caminho que tomavam os Normandos estabelecidos na America do Norte, para Europa, em procura d'outro, aventuraram-se aos mares tomando para o Sul.

Costa á costa, desceram ás Bahamas, e posto que as correntes e os ventos alizios lhes fossem contrarios, de ilha em ilha chegaram as Antilhas e á Trindade e tocando no continente, pelo Orenoco e pelo Ezequebo

appareceram no Amazonas, atravessando as serras, ou descendo pelo Caciquiare e Rio Negro.

O que era esta marcha, para os ousados navegantes, que atravessavam da Dinamarca á Islandia, desta á Groelandia e vinham á Helluland it Mickla, (terra do Lavrador), Litla Helluland, (Terra Nova), Marckland, (Nova Escossia) e chegavam á Vinlandia, Estados-Unidos?

O caminho a percorrer era menor, e pouco tempo tinham a terra fóra das vistas.

No Amazonas, costeando sempre a margem esquerda demoraram-se entre o rio Jamundá e a Serra da Escama.

Na Costa do Parú, deixaram vestigios, com os muiraquitans das pretendidas Amazonas e no atterro sepulchral, que fica no lago proximo. D'ahi seguiram atravessando para outra margem e encontrando uma ilha que ahi devera existir, e que mais tarde foi o casco que servio para a formação da Costa dos cacoaes, a que fórma hoje a do lago Grande, e n'ella se demoraram. O atterro sepulchral e os sernambys o confirmam.

Descendo ainda foram dar á foz do Rio Tapajós.

Cumpre notar, que a geologia mostrou-me que, toda essa região comprehendida entre o lago Grande e Villa Franca, no Tapajós, não existia. Essa grande lingua de terra que vem do rio Arapiuns á Ponta Negra foz actual do Tapajós, onde estão os lagos Carariacá, do Veado, furos Arapixuna, Jary, etc., tudo isso não existia então. Por conseguinte a marcha então foi da ilha fronteira a Obydos (que não existe hoje) á ponta de Villa Franca onde desagua o Rio Arapiuns, que confluia com o Tapajós, e ahi levados pela corrente foram dar á Santarém, onde ainda se

demoraram. Que a foz do Tapajós era outr'ora entre Villa Franca e a ponta do Cururu, já tive occazião de o dizer. (*)

Parecendo os sernambys estarem longe do Amazonas, estavam á sua margem então, na mesma direcção e caminho da Serra da Escama, ultimo ponto das inscripções.

Esta marcha que dou ao povo vindo do Norte e que terminou em Marajós, é toda marcada pelas inscripções, pelos atterros e pelos sernambys.

Passo a dar aqui as inscripções, que se encontram desde a Guyana Ingleza até o Amazonas, mostrando antes como são e como me parece que foram feitas. Como disse, duas especies de figuras existem, umas pintadas e outras gravadas ; estas são as antiquissimas e aquellas as modernas. Tratarei por ordem geographica d'aquellas em primeiro lugar que me parece se prendem á marcha do povo que supponho e em segundo das pintadas que datam de pouco mais de um seculo.

As figuras que se vê gravadas, são abertas nas rochas, quasi todas de grés, formadas de areia grossa cimentada por uma argamassa quasi sempre de sexquioxido de ferro. São rochas extremamente duras, difficeis de gastar-se, a não ser por decomposição ou trituração.

A fórma das figuras e o que representam, vê-se pelas estampas e são formadas por sulcos fundos, ás vezes de 2 pollegadas de profundidade, cujo leito é liso e concavo, semelhante á face interna de uma metade de um entrenó de *bambú*.

Esta fórma claramente indica que foi feita por

(*) Rio Tapajós. 1875.

um instrumento roliço de pau, pedra ou ferro por fricção, auxiliado pela agua e a areia. O parallelismo que conservam as duas linhas marginaes, que terminam os sulcos que formam as figuras, mostram que o instrumento corria em todo o comprimento das partes componentes.

Este processo moroso e fatigante, que duraria dias a obter o resultado, que ainda hoje se observa, não podia deixar de ser feito senão com um fim util e não por passatempo.

A profundidade dos mesmos sulcos, que tem atravessado os seculos e desapparecido com a acção dos agentes naturaes que tem actuado sobre tôda a rocha, indica que esse trabalho procurou perpetuar algum facto notavel.

Exprimirão ellas um pensamento? E' fóra de duvida que sim, sem que representem letras. Cada figura é um symbolo e combinadas produzirão um pensamento, cuja decifração ainda não teve uma chave. Se comparar-mo-las com as inscripções runicas, nada ha de semelhante, mas no entretanto encontram-se figuras de reptis, como cobras que se vê tambem em alguns cipos dos descendentes de Odin.

Devo ao meu amigo, Sr. Dr. Charles Brown, (*) as informações que tenho sobre as inscripções da Guyana ingleza, estudadas por elle quando commissionado pela Sociedade Geologica da Guyana. Encontrou elle diversas inscripções no Rio Quitaro, perto da aldeia de Karahanang, na Serra de Paracaina, no rio Correntyne, no rio Berbice e nas cachoeiras de Marlissa. São gravadas em rochas de granito, quartzo porphyro e gneiss.

(*) O jornal da Sociedade authropologica Ingleza, publicou sua observações sob o titulo *Indiam pictures Writing.*

Levando eu em 1874, o mesmo Sr. á Serra da Escama, no Amazonas, onde tinha eu descoberto algumas inscripções, achou elle tanta analogia entre estas e as encontradas por elle na Guyana, que disse-me, não duvidar affirmar, que uma emigração da Guyana houve para o Amazonas e calculou a sua idade em 1000 annos, pouco mais ou menos idade que tinha achado depois do estudo que fez nas da Guyana. Essa idade achada pelo Sr. Brown, vem em meu auxilio.

Eis o que ultimamente disse o mesmo Sr.:

« A few days after our return, in company with our friend Dr. Barbosa Rodrigues, the Government botanist from Rio de Janeiro, who at the time was making collections on the Amazon, we visited the isolated hill called Serra da Escama, which lies close to the town, in order to view the Indian picture—writing on some rocks upon its summit. Following a good cart-rood until it terminated at a quarry, some distance of the hill's southern side, we struck of up an open grassy slope to its clear top, 300 feet above the river, where amongst a few scathered trees lay large blocks of coarse, ferruginous sandstone upon which were depicted numerous inscriptions of scroll-work, and, in one or two instances, rude representations af bird's heads.

These forms were very similar to those seen in British Guiana, but instead of being cut in very hard rock were deeply grooved in soft ones, evidenthy because there were no harder rocks in the neighbourhood. One block shouwed plainly that a large portion of it had cracked, and subsided to a slighthy lower level, since the writing was made upon it; while a large basin chaped cavity, formed by subsequent weathering, attest the great antiquity of the sculpturing. (*)

(*) B. Brown. Fifteen thouzand miles on the Amazon and its tributaires. London. 1878, pg. 217.

Datam as inscripções do anno 800 á 1000, época anterior á descoberta da America e que quasi coincide, com a do desapparecimento dos povos da Vinlandia. Outra prova apparece na analogia que existe, entre as nossas inscripções e as Norte-Americanas. A tradicção nada nos esclarece; os indios actuaes não tem a menor idéa de quem as fez, e só um ponto de contacto encontro nas respostas dos indios nossos com os da Guyana.

Quando a elles se pergunta quem fez essas gravuras rospondem: Tupana.

Além das inscripções da Guyana Ingleza, que se estendem até proximo ao rio Capú, no Trombetas, existem as do rio Negro, em Venesuella e as que ficam perto de Sta. Izabel, S. José e Castanheiro, em territorio nosso. As mesmas inscripções levam-me a crer que em dous ou mais bandos desceram os emigrantes; guiando ellas o caminho aos mais atrazados.

Um bando vindo do Orenoco, desceu pelo rio Negro e outro subindo pelo Ezequebo, chegando a Serra da Paraima, desceu pelo Rio Urubú, até Itacoatiara.

Uma especie de poço aberto na rocha viva, e enfeitado internamente por inscripções que existe na Serra da Escama leva-me mais longe esta hypothese, a marcar ter sido ponto de reunião ahi dos emigrantes.

Apresento em primeiro lugar as inscripções da Guyana Ingleza e em seguida algumas do Rio Negro.

Não faço descripção, porque a vista melhor comprehende, mas farei algumas observações sobre a que se encontra no Itacapa'n, no Rio Negro. (Vide a estampa).

No primeiro capitulo d'este tosco trabalho, fallando das inscripções, fiz ver que uma que dava muita

luz, a mesma crença de que o Brazil foi visitado pelos Normandos, e d'elle nasceu a civilização que se vê expressa nos restos soterrados, era uma que representava uma embarcação, com fórmas não conhecidas. Com effeito a data da gravura sendo superior a 800 annos, não era possivel, que os indios habitantes do Rio Negro tomassem por modelo, as que appareceram depois da primeira que passou em 1541, conduzida por F. Orellana. A' America não tinha ainda apportado Christovão Colombo, quando o artista representava na pedra barcos que então uzavam.

E' sabido que os antigos dinamarquezes, esses *Soekongar*, ou reis do mar, tinham as suas embarcações solidas e feitas com luxo, ás vezes até com dourados e esculpturas. Chamavam-se *drakar*, por terem não só na prôa como na popa, figuras as vezes de dragões.

Ora, comparando as fórmas da gravura da estampa com as das embarcações antigas da Dinamarca, vê-se que são muito semelhantes.

E' um drakar, com o seu dragão na frente, que se a gravura não mostra esculptura, indica uma figura, que nada tem de semelhante com os gurupés das nossas embarcações.

As figuras que se seguem são copiadas das que Wallace, encontrou no rio Uaupés (*). Como se vê, estas parecem querer indicar, serem feitas sem uma significação, porque representam, apenas figuras humanas e de animaes como as fazem a infancia, ou um povo barbaro, e não ter significação; mas, o indio indolente por natureza, não empregaria largo tempo em graval-as só por passatempo, para distrahir-se as

(*) *Travels ou the Amazon and Rio Negro.*

faria com a linda tinta vermelha, que preparam com o sipó Caragiru.

Seguem-se as da Serra da Escama. Fica esta Serra proxima do Amazonas, na cidade de Obydos a 300 pés acima do rio.

No seu cume em diversas rochas esparsas estão gravadas as inscripções, pela maior parte hoje destruidas pela alavanca do cavoqueiro. Entre ellas encontrei uma, profundamente cavada, com mais de um metro de diametro em fórma de poço, que penso que servia de reservatorio para agua dos que ahi se estabeleceram. O trabalho de perfurar a rocha e depois ornar a face superior e interior com desenhos, dá uma idéa muito lisongeira do povo que ahi se demorou.

Esse reservatorio poderia ser para o de aguas pluviaes, para d'ellas se aproveitarem, visto como a agua do rio é difficil de para ahi ser levada,

Se foram os emigrantes, parece que o primeiro bando ahi se demorou largo tempo, e talvez cansado de esperar, seguiu para a margem fronteira e d'ahi foi ao Tapajós, onde os primeiros Sernambys se encontram, deixando a inscripção para guial-os.

As inscripções do alto da Escama vão desapparecendo, debaixo do marão do calceteiro, para calçar as ruas de Obidos, onde em alguns lugares se encontram pedras com signaes de inscripções.

Quando ahi estive, instei para que se acabasse com esta destruição, porém sem resultado. Cabe aqui dizer o que disse o mesmo Sr. Gravier, da destruição de rochas semelhantes : « Le pionnier des savanes n'est pas un artiste ; il ne voit sur les rocs que des griffonnages insignifiants, tracés sans but au hazard de l'outil, par des paresseux Indiens. Aussi, quand le sol est en culture, l'homme de science arrive trop

tard pour détromper le colon; la precieuse épave, comme un vulgaire bloc de granit, a pris place dans un mur ou dans les piles d'un pont. » (1)

Depois d'estas inscripções não apparecem outras no baixo Amazonas, senão as que se vê nas rochas do alto da serra do Ereré, (1) na parte denominada Aruchy, que não são gravadas e sim pintadas. Estas tem de existencia hoje cento e treze annos e foram feitas em 1764, segundo consta da data ahi feita com a mesma tinta das figuras, e seis annos depois de ser a missão de Gurupatyba elevada á villa.

Foram feitas pelos indios de alguma das tribus Guarauará, Cuçary, Curiuré ou Jacypuia que ahi habitavam, aldeados pelo padre jesuita Manoel da Costa, que pertencia á missão de Gurupatyba, que o mesmo fundou, e que durou até o anno de 1692, epoca em que passaram os Capuchos da Piedade a tomar d'ella conta, em virtude de uma Ordem Regia d'essa data, passada a pedido dos padres da Companhia de Jesus.

A tinta empregada foi a feita com o extraido do cipó Caragiru (*Bignonia chica*) que ahi abunda, dissolvido em azeite de yandiroba, (*Garapa Guyanensis*).

A tradicção fallada conta uma historia referente á expertezas dos jesuitas, que não passa de uma fabula, pois a propria data encarrega-se de a desmentir, visto como os jesuitas n'essa epoca já tinham sido espellidos do Parà; salvo se se referem ao Padre Brasileiro Domingos Caetano de Lima, que era n'essa epoca o vigario d'ahi.

---

(1) *Congrès des Americanistes de Nancy*. Vol. I, pg. 169.

(1) Corruptella de *Erery*, ostra, nome tirado talvez da presença dos fosseis, Brachiopodes, que no campo proximo se encontram.

Contam que as duas figuras que representam o sól e lua, os protegia na época em que se dirigindo á metropole, queixaram-se a S. Magestade que «estavam passando mal, dormindo sobre pedras duras e furadas chamadas *cunhãmucus* e comendo bichos ferozes chamados *yurarás*. »

A metropole compadecendo-se d'elles abarrotou-os de presentes, não sabendo que *cunhãmucus*, eram donzellas e *yurará*, tartarugas.

Pregavam então a doutrina do Crucificado na gruta de Tatupaoca, (1) obrigando os indios a satisfazer sua cobiça, com a capa da religião.

Impunham um tributo com o qual podiam resgatar seus peccados e que consistia em certo numero de potes de oleo, e arrobas de salsa, etc., que deviam depositar ora debaixo da figura do sol, ora da lua. Dous ou tres dias depois de pago o tributo, é que podiam ir ver se Deus acceitara a offerta.

Se esta era pequena, encontravam-a no lugar, se grande eram absolvidos, cuja prova era o desapparecimento da offerta.

Eis como contam a fabula, querendo-se attribuir sua feitura aos missionarios, o que não é exacto. Não duvido que elles assistissem a esse trabalho, o que prova a data escripta, mas o que é fóra de duvida é que o missionario que datou, estava então reunido a grande numero de individuos, onde haviam não sómente homens, como mulheres e crianças. Prova-se isto pelas marcas que entre as figuras, existem, de mãos de homens, mulheres e crianças, que molhadas na tinta, eram calcadas sobre a rocha, que é

---

(1) *Ita*, pedra, *tupan*, Deus, *oca*, casa, isto é, Igreja.

argillosa, deixando assim impressas as suas fórmas e que como a inscripção tem resistido á acção do tempo.

As fórmas das figuras vê-se na estampa.

Não sendo contemporanea, das inscripções de que acabo de tratar, marcam comtudo ellas uma época ou um feito talvez notavel, mas, que por mais esforços que fizesse nem a historia, nem a tradicção me revelou.

Aqui as consigno para que com o tempo não se percam, ou desapparecendo a data outra interpretação se dê a ellas.

Antes de terminar este escripto, cumpre notar que grande analogia ha entre os desenhos das inscripções e alguns da louça de então, principalmente com a encontrada na antiga aldeia das pretendidas Amazonas e as da ilha de Joannes, onde a cruz figura muitas vezes. Póde-se tomar como o desenho mais infantil, mas ante as provas que existem, não revelarão ellas signaes do christianismo dos Normandos?

Os muirakitans uzados só pelas Amazonas, encontrados tambem no Orenoco, não é uma prova de emigração ?

A jadè ou obsediana está provado existir, na America, só no Mexico, e como veio ella apparecer artisticamente trabalhada na mão da tribu que Orellana encontrou ?

No tempo anti-colombiano a jade foi uzada na America do Norte, muitos annos antes, do apparecimento dos *pelles vermelhas*; esta unidade de uzo, não mostra um commercio entre as duas Americas, antes uma emigração ?

Para mim é fóra de duvida, que a comparação entre as inscripções Norte Americanas, com as do Amazonas, mostram, a existencia e a marcha de um

povo de costumes iguaes, quando mesmo não comparar-mos, as armas de pedra, a louça e os Sernambys.

Concluo aqui este ligeiro trabalho, fructo dos meus estudos no Amazonas.

E' imperfeito, mas oxalá, possa elle ser continuado, por outro observador consciencioso, e que tenha as luzes que faltam a seu autor.

Rio de Janeiro Maio de 1877.

J. Barboza Rodrigues.

Explicação das estampas

EXTAMPA I

Fig. 1. Representa um corte vertical dando a idéa approximada do *Sernamby da Taperinha*. *a*. Sernamby ou monte de conchas, onde se encontram além de instrumentos de pedra, espinhas de peixes, e ossos humanos. *b*. Terrenos de alluvião moderna cobertos de mattas. *c*. Canal artificial, atravessando o Sernamby. *d*. Terrenos de alluvião antiga, praia primitiva banhada pelo Amazonas. *e*. Nivel actual das aguas do Amazonas. *f*. Encosta da serra da Taperinha, na qual existe um vallo, que desce do alto á antiga praia e sobre a qual existio o aldeamento, dos que fizeram o Sernamby.

Fig. 2. Representa um plano imaginario do rio Amazonas, para mostrar a sua estructura geologica. *a*. Terrenos antigos, leito do Amazonas, estendendo-se em alguns lugares ás margens, formando as *terras firmes*. *b*. Margens formadas posteriormente sobre as quaes estende-se a *vargem*. *c*. Margens da alluvião moderna, que formam os *igapós* e ás vezes vargens. *d*. Ilha de formação moderna, que ás vezes é destruida pelas aguas. *e*. Terras firmes cobertas de floresta. *f*. *Terras cahidas*, isto é, margens de formação moderna, que minadas pelas aguas destacam-se e são levadas pelo Amazonas. Ha uma crença, que diz ser isto produzido pelas excavações feitas pelo *tatu-assu* ou *mboia-assu*, a cobra grande.

ESTAMPA II

Fig. 1. Inscripção encontrada no rio Correntyne, acima da cachoeira Wonotobo. Fig. 2. Inscripções em um braço do Rio Correntyne. Fig. 3. Inscripções encontradas acima da cachoeira Christmas, no rio Birbice. As figuras sem numeração são encontradas em differentes lugares, perto de Marlisa, no rio Berbice.

ESTAMPA III

Inscripções encontradas no rio Ucayary, vulgarmente conhecido por Uaupes, nome que tira da tribu desse nome que nelle habita.

ESTAMPA IV E V

Estas inscripções muito reduzidas encontram-se no alto da serra da Escama, em Obidos, abertas em differentes rochas todas esparsas, julgo, porém, que estavam sobre uma só rocha, que a alavanca e o marrão do cavoqueiro despedaçou, não só para o calçamento das ruas como para a construcção dos alicerces das casas da cidade.

As que aqui represento são as unicas que existem.

ESTAMPA VI

Representam as inscripções, que se encontram na parte norte das serras do Ererê e Aruchy, espalhadas em differentes alturas das rochas. As figs. *a* e *b*, representam o sol e a lua, de que falla a tradicção, tendo o primeiro $0^{m},21$ de diametro e a segunda $0^{m}20$. As figs. *c d e* estão unidas quasi ao solo.

Em geral todas as figuras não tem menos de dez centimetros.

I.

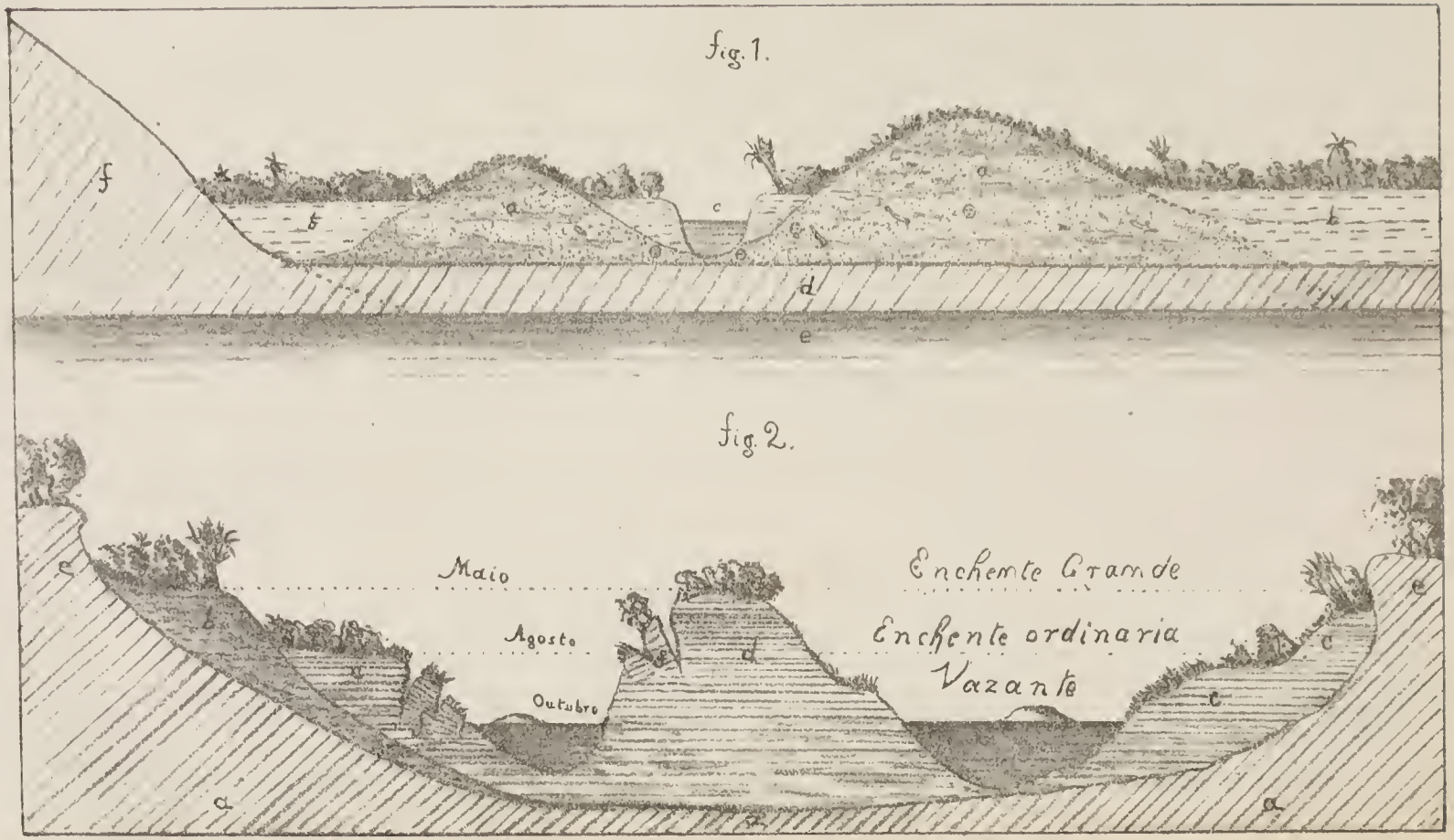
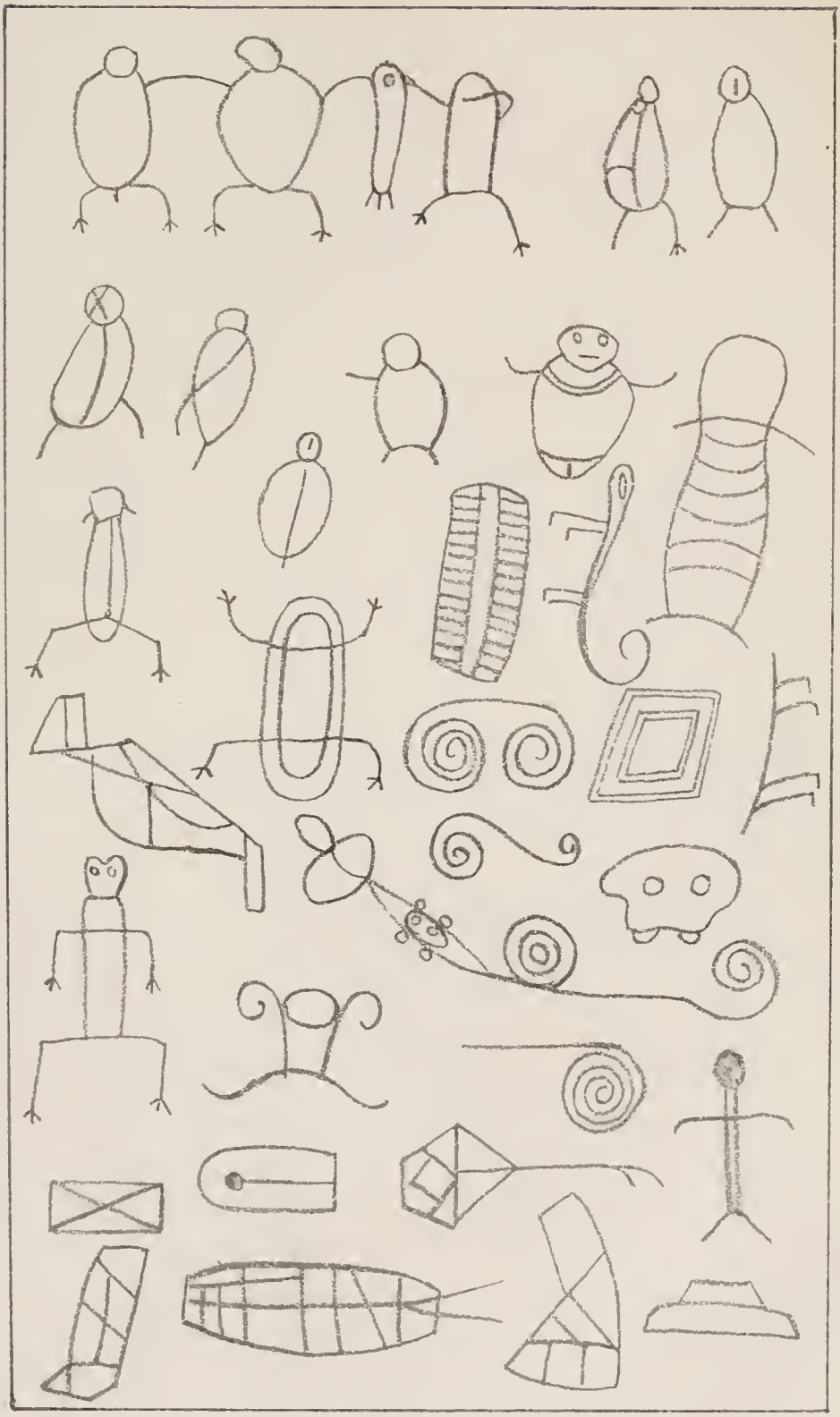


fig. 1.
f
b
a
c
a
b
d
e
fig. 2.
Maio
Agosto
Outubro
Enchente Grande
Enchente ordinaria
Vazante
c
b
d
c
c
a
a

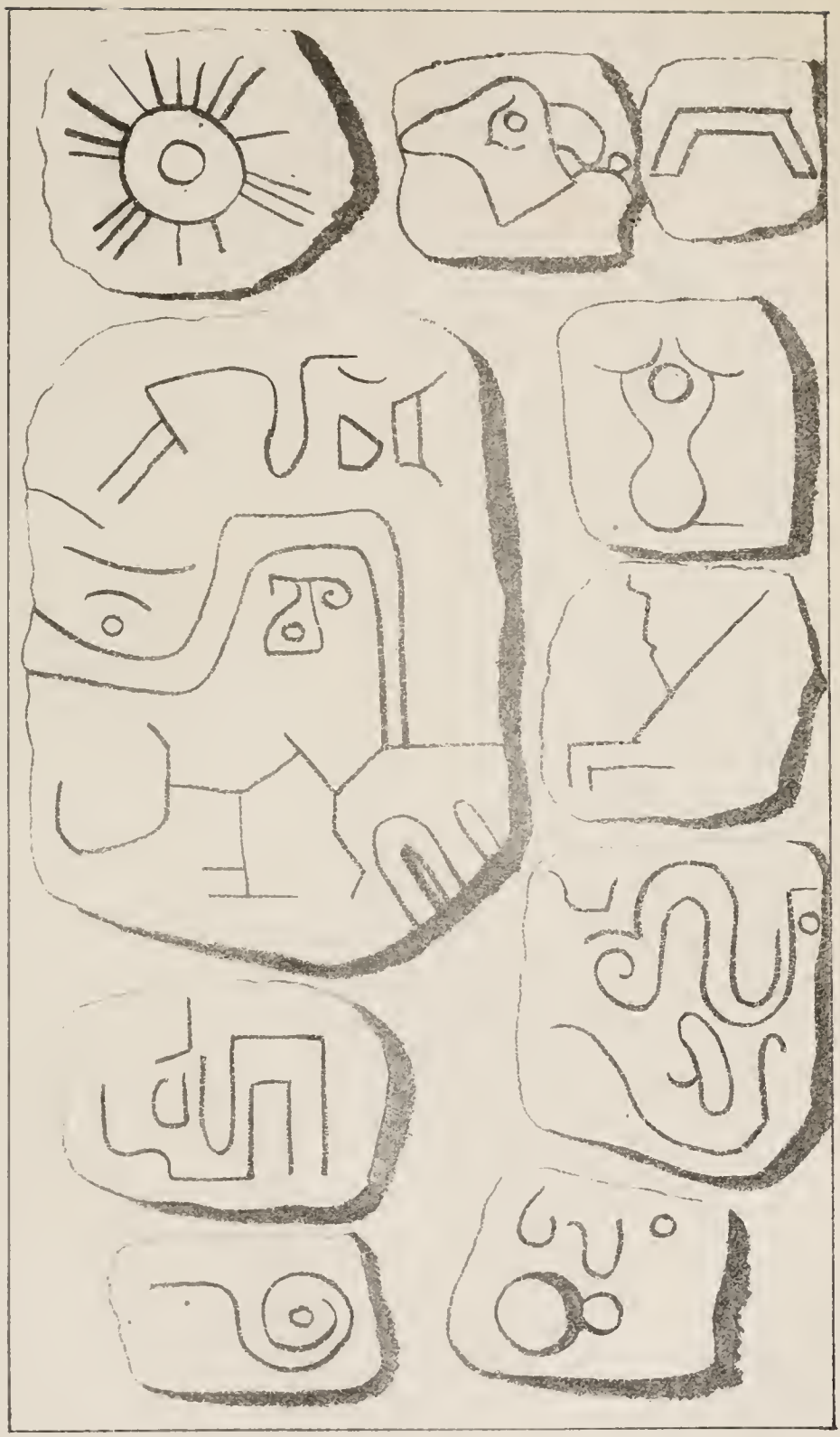
II.

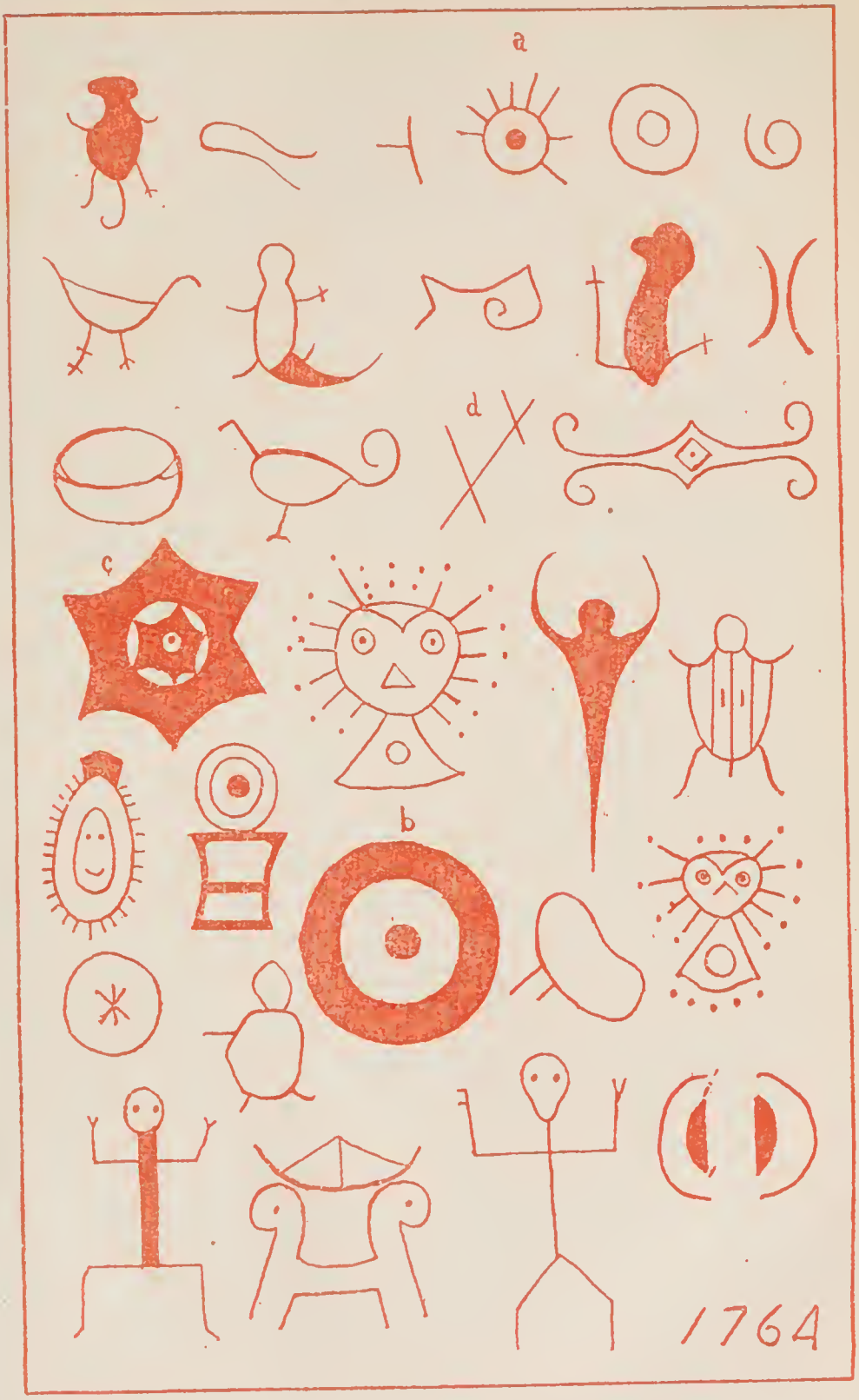
III.



IV.

V




a
d
c
b
1764

OBSERVAÇÕES

SOBRE AS

Duas urnas (Est. VII, figs. 3ª e 4ª) descriptas e figuradas pelo Sr. Domingos Soares Ferreira Penna em seu artigo — **Apontamentos sobre os ceramios do Pará,** inserto na revista **Archivos do Museu Nacional.**

Deparando no vol. III dos *Archivos do Museu Nacional* do anno de 1877, publicado em Fevereiro de 1879, com umas observações sobre o que escrevi sobre duas urnas da ilha de Marajó neste trabalho, passando n'ellas de relance os olhos a principio pareceu-me um forte castello inexpugnavel, mas apenas encetei a leitura, vi que o que parecia ser dura rocha não eram mais do que cartas de jogar, tão bem combinadas que escondiam o desapontamento e o despeito, mas tão fracamente cimentadas que não só os descobrimos pelas fendas, como o seu desmoronamento os patenteia.

Dando graças á minha boa estrella, que assim proporcionou-me o ensejo de publicar mais dous objectos de Marajó, farei a meu turno observações sobre o escripto em questão, que não faria talvez se não se tratasse de um escripto com o cunho official.

Não para defender-me, mas para que se possa bem patentear a natureza da acusação, e o leitor

lavrar a seu talante a sua sentença citarei *ipsis verbis* os trechos necessarios.

O illustrado Sr. Dr. Couto de Magalhães nas suas *Raças Selvagens do Brazil*, unidas posteriormente ao seu *Selvagem*, dá o nome de *Atterros*, ás eminencias ou collinas artificiaes antigas de cemiterios que se encontram não só na ilha de Marajó, como em outros pontos do Brazil e posteriormente propuz o de *Atterros sepulchraes* para esses mesmos cemiterios parecendo-me que devia distinguil-os bem dos que são feitos em lapas e grutas, como os do Rio Maracá, no Pará e o da Serra do Castello, no Espirito Santo, e os dos terrenos naturaes, que ainda se dividem em antigos e modernos.

A pag. 48 do citado volume lê-se:

« A's que se acham em pequenas eminencias ou collinas artificiaes, como no Pacoval e nos *Camutins*, tem os mais entendidos dado o nome de —atterros e atterros sepulchraes,— palavra e expressão que só podem significar um pantano, uma baixa ou um valle que se nivellou, intupindo-o com terra e cadaveres humanos. »

Que a denominação *atterros* foi bem dada pelo Sr. Dr. Couto de Magalhães o justifica o autor dizendo á pag. 49 que a ilha « é uma vasta planicie cuja superficie não se eleva sensivelmente acima das aguas que a rodeiam.... não tem montes nem collinas.... No verão fica enchuto e secca excepto em alguns lagos e no immenso pantanal *mondongos*, etc. » Para se elevarem as pequenas eminencias e collinas artificiaes, acima das enchentes annuaes, haviam de ter carregado terra os habitantes de um ponto para outro para altearem o espaço que desejavam ver sobranceiro

ás aguas. *Atterrar* não significa só *nivelar*, *entupir* um espaço completamente, significa tambem *altear* um ponto qualquer por camadas de terra, se tambem não erra o velho Moraes. Ora alteando-se um ponto de uma planicie que se alaga no inverno, com camadas de terra trazidas de « uma excavação, do outro lado do igarapé Camutins, semelhante ás que são feitas na construcção das estradas de ferro » como nos diz o illustrado Sr. Derby (*), parece-me que esta collina ou monte alteado annualmente, deve ter o nome de aterro, quando mesmo, como Atlas, esses montes fossem trazidos ás costas dos naturaes.

Muito propositalmente adoptei o nome de aterro, para que se não confundisse com os *cromlechs*, *dolmens cairns* de pedra ou mesmo com os *mounds*, que dão tambem uma idéa de fortificação. Poderia denominal-os *acervos*, *collinas*, *montes*, mas preferi o nome de aterros por caracterisar o facto de serem elevados sempre em logares que se alagam.

Vejamos se mal denominei esses atterros com o adjectivo *sepulchral*. O que é um sepulchro? Uma sepultura mais ou menos distincta para uma ou mais pessoas. Um monte de terra que se eleva annualmente no meio de uma planicie que se alaga, formado de stractos de urnas mortuarias, que formam um cemiterio, não é o sepulchro da aldeia que devera existir? É um cemiterio, mas pela fórma monumental, este deve forçosamente tomar o nome de sepulchral por que se afasta do vulgar.

« Quando, porém se lhes mostra, na ilha de Caviana ou na mesma ilha de Marajós, no meio de

(*) *O Vulgarisador*, n. 7 pag. 60.

uma vasta planicie, por toda a parte egual depositos semelhantes, sem que haja ahi o menor signal de aterro, nem de elevação, nem depressão do terreno não lhes occorre um nome que a isto possam explicar. E' verdade, o *aterro sepulchral* é um monumento, o cemiterio vulgar não o é, por isso procurei um nome que á primeira vista exprimisse o objecto e o distinguisse. Nas minhas *Antiguidades* não tratei dos cemiterios vulgares, e sim d'aquelles que davam alguma noção dos seus constructores.

Aventurei-me a propor o nome de *aterro sepulchral*, para os monumentos elevados em terrenos alagadiços formados de terra movediça e de igaçauas ou urnas mortuarias, mas tive o dissabor de vêl-o despresado pelo de *Ceramio*, que segundo o articulista « exprime, por sua etymologia, um local em que abundam artefactos de barro, como Pacoval, Santa Izabel, Camutins, Maracá etc., e por sua applicação entre os gregos, — *jazigos onde repousam os ossos ou cinzas de homens distinctos por seus serviços.* Ainda n'este ultimo sentido o nome *Ceramio* é plenamente applicavel aos chamados *Aterros sepulchraes*, pois não resta duvida que as urnas mortuarias que *n'estes se tem encontrado pertenciam unicamente a pessoas, que por qualquer principio, gozavam de certas honras e distincções entre as populações indigenas.* »

Querendo adoptar para os meus *Aterros sepulchraes* o nome de *Ceramio*, passo a ver se elle preenche o seu fim, se exprime characteristicamente a formação, a composição, a estructura, etc., etc. A archeologia é hoje uma sciencia, por isso n'ella tudo deve ser exacto e preciso ; os nomes creados para os seus monumentos devem perfeitamente characterisal-os.

Etymologicamente *Ceramio*, vem de Κέραμος, ar-

gilla de oleiro, de κκιο, queimar e ἔρα terra, por conseguinte comprehende tudo quanto a arte ceramica produz, ou mesmo as olarias. Um cemiterio monumental por conter urnas de barro cozido póde ter esse nome? Como differençar-se um cemiterio antigo de uma olaria? *Ceramio*, que o autor modificou, como diz, da palavra latina *Ceramicus*, historicamente segundo Plinio, era um golpho, na Caria, provincia da Asia menor e se deriva de *Ceramium*, que mais se aproxima da nova palavra creada, significa a praça de Roma onde morou Cicero. *Ceramici* é que era, é verdade, um grande terreno onde houve algumas olarias e que mais tarde desappareceram, para n'elle se edificarem grandes templos, theatros e porticos formando assim a mais bella praça de Athenas, o melhor passeio onde o povo se reunia. Parte d'este terreno, com a edificação, ficou extra-muros da cidade e formou outra praça onde havia o jardim da Academia, conservando o mesmo nome. Na praça, pois, intra-muros é que quando havia alguma guerra o povo se reunia e á sua custa faziam-se funeraes e orações publicas pelos soldados mortos pela patria que nem todos eram illustres, e que nos campos, longe d'ahi tinham sido enterrados. Dirivando, mesmo, das olarias o nome da praça e não de Ceramos, filho de Bacho e Ariana, como alguns querem, pergunto eu que relação havia entre os mortos e os enterrados longe d'essa praça, com as officinas, *Kerameion*? O povo perpetuou a lembrança das olarias, conservando o nome para o da nova praça, tinha razão; mas devemos nós adoptar um nome, que já no tempo dos funeraes nada significava, para um cemiterio indigena só porque contem vasos de barro?

Eram as cinzas dos mortos guardadas em urnas

de barro superpostas e estratificadas em algum templo d'essa praça? Existe algum acervo assim feito, que os nossos nol-a recorde? Creio que não.

Não resta duvida que as urnas mortuarias são de pessoas que gozavam de certas honras e distinção, como saber-se? Onde apparecem os pergaminhos e os titulos de nobresa? O que se encontra? milhares de urnas, com desenhos e fórmas differentes, de varios tamanhos, de differentes sexos e idades, contendo algumas fragmentos de ossos. Como saber-se *que na republica d'esse povo a classe superior não se confundia jámais com a inferior nem mesmo depois da morte ou no silencio dos sepulchros?* (1) Pelo tamanho dos vasos? Pela desenho e colorido? Pela fórma? Pelo sexo? Pela idade? ou pelos ossos?

Reconhecer-se-hão como os dos soldados de Duclerc achados no Rio de Janeiro? Qual o distinctivo que dá a conhecer os illustres? Onde está o cemiterio da plebe? É o dos terrenos naturaes? Mas ahi as urnas tambem offerecem os mesmos distinctivos. A admittir-se que só ahi se sepultavam os que tinham honras e distincções havemos de admittir ou que toda a tribu ahi existente era illustre, porque não só os homens o eram, como as mulheres e as crianças, ou então era uma especie de exercito de generaes commandados por alguns soldados, como indica os milhares de individuos ahi enterrados. Essa multidão era illustre, onde está a que o não era? Pela proporção deve ser muito menor, porque não ha vestigios d'ella, quando naturalmente devera ser maior.

Quizera adoptar o nome que officialmente se propõe, mas não o posso; não vejo analogia entre os

---

(*) *Arch. do Mus. Nac.*

potes de Marajó, com as orações da praça de Athenas; não posso reconhecer as honras que tinham ao mortos do Pacoval, nem tão pouco na palavra vejo sua significação. Entrei n'estas observações, como entra um pai quando vê um filho atacado, ainda que seja por outrem mais illustrado do que elle, defendendo-o.

Para justificar ainda mais a minha repulsa, vem este periodo, a pag. 49: « este nome tem a vantagem da generalidade, isto é, abrange em sua significação toda sorte de depositos de urnas, louça e mais utensis de argilla ». A vantagem que tem o nome *Ceramio*, é a da confusão, é a de com os objectos de argilla construir uma nova torre de Babel.

O estrangeiro que chegar ao Brazil e quizer examinar um atterro sepulchral *(Ceramio)* tem de cahir em muitas decepções. Supponha-se um peruano que chega a Manáos. Ha aqui algum *ceramio*? Pergunta. —Muitos, respondem. Levam-o ao cemiterio da Praça do Terreiro Aranha; não é. Levam-o á olaria do Sr. Coronel Papajós; não é. Faz uma viagem, vê uma *tauaquera*; não é. Faz segunda e terceira e muitas viagens assim, sempre com decepções, para afinal depois de muitas despezas chegar a ver o que deseja, muito longe d'ahi. Os fragmentos de louça que indicam nas terras pretas a antiga aldeia, (tauaquera,) não é o cemiterio, (tybyritá) o cemiterio não é a olaria e a olaria não é monumento archeologico para o qual dei uma denominação, que não tinha. *Tauaquera*, *tybyrita* e *atterro sepulchral*, não podem ser synonimos, para serem abrangidos pelo nome commum de *Ceramio*.

Magna aqui é a questão, o articulista ataca-me directamente os fóros de observador, apresenta-me como um escriptor que sem critica toma qualquer informação e intriga-me com o estrangeiro. Parecerá a quem

ler o artigo vêr ante si uma muralha, que se eu tentar transpol-a ficarei esmagado, mas não passa de papelão pintado.

Não estive em Marajó, não vi os aterros sepulchraes, mas tenho desenhos e a planta do Rio Arary, e do Pacoval, levantada e informada pelo 1.º tenente J. M. Mancebo, que foi ao Pacoval com o autor do artigo. D'ahi offereceu-me o mesmo senhor alguns objectos e muitas informações de pessoas insuspeitas tive e que não as aceitei sem quarentena.

Cumpre notar, que as minhas *Antiguidades* não é um trabalho descriptivo, entram os objectos e os monumentos para comprovarem a opinião que formo da civilisação anti-Columbiana no Amazonas.

A pag. 74, diz-se que para *sanar incorrecções deu* (pag. 57) *uma descripção circumstanciada*, e passa a apresental-as:

1.º *A urna maior* (Est. XII fig. 2) *não é pintada de preto, côr que dificilmente ou rarissimas vezes se achará em artefactos dos antigos indios... as côres que mostrava* era *vermelha ou rosea* e *acinzentada* ou *pardo claro.*

2.º As dimenções não são exactas.

3.º A urna menor não pertencia ao sexo masculino.

4.º *Ha uma novidade digna de nota,* na urna menor, *a urna mostra uma grande fractura na bocca,* emquanto que eu a representei *inteira mesmo nos lugares em que o original está quebrado,*

5.º Fiz uma *restauração, commettendo uma falta irreparavel.*

Passo a forçar as muralhas do grande castello uma a uma.

§ 1.º *A urna não é pintada de preto:* Nas vesperas de minha partida de Belem para o Rio de Janeiro,

depois de ter examinado as igaçauas de Maracá depositadas no Museu Paraense, sabendo que existiam duas de Marajó em casa do photographo Sabino, para lá me dirigi acompanhado do 1.º tenente J. Marques Mancebo. Ahi chegando disse-me o mesmo photographo que tinham sido levadas para o Museu, encontrando ahi sómente uma especie de bacia de rosto da mesma procedencia, que disse-me o mesmo senhor ser a base da urna menor, o que não acreditei, apezar de ser louça de Marajó.

No dia seguinte fui ao Museu, e me communicaram ainda não terem chegado. N'esse mesmo dia recebi do Sr. Mancebo, não só uma boa photographia de ambas, como as medidas em *palmos* e as informações que eu pedira. Note-se que esse senhor viu as igaçauas e por ellas tirou as medidas. Quanto á côr disse ser a encarnada e a preta costumada em quasi toda a louça de Marajó. Não podia duvidar da palavra desse amigo que me tinha dado louça do Pacoval, pintada de preto, *branco e vermelho*, côres que tambem existem em alguma louça que está no Museu Paraense. É verdade que a urna não tem pinturas pretas, engano facil de dar-se sabendo-se das côres de quasi toda a louça e vendo-se na photographia desenhos negros muito differentes em tom dos mais que ornam o fundo da igaçaua, mas tambem não é pintada *em relevo* de *cinzento* ou *pardo-claro*, como o diz na *circumstanciada* discripção a pag. 57 como adiante veremos. Se cahi nesse facil engano, admira-me que quem é tão conhecedor da louça de Marajós, diga que *dificilmente* ou *rarissimas vezes* se encontra essa côr na louça antiga. Nos *Archivos do Museu Nacional* (*)

(*) Vol. I, pags. 21-25. Est. III-IV.

estão descriptos e representados alguns objectos do Pacoval, todos de côres *vermelha* e côr de *terra de Umbria quasi preta*, que provam o contrario.

Quando disse preto, (atratus) disse em geral, não especifiquei a qualidade. Preto não é só o *nankim*, que tem tambem gradações do cinzento e do pardo claro até ao negro. As tintas negras, quer dos civilisados, quer dos selvagens são sempre producto de um vegetal, assim o *cumaty* indigena, e os *noirs* de *vigne*, de *pêche*, de *Prusse*, dos francezes tambem o são. Todos são pretos, mas com gradações diversas. O preto das igaçauas é sugeito a esta gradação, assim vê-se no mesmo objecto do pardo claro ao negro, conforme a camada da tinta e a porção que foi estragada pela acção do tempo. O selvagem não usa outra côr sinão a branca, a vermelha, a roxa e a preta, feitas de *tauatinga*, *urucu*, *caragiru*, *caa-piranga*, e a que obtem com a fuligem da fumaça dos cocos, e das resinas. Esse preto é semelhante e obtem a mesma gradação das aguas do Rio Negro, que negras como tinta no centro do rio, á medida que se aproximam das margens tomam a côr de café pouco mais ou menos, e tornam-se cristalinas n'um copo. Um objecto que foi pintado de preto, mas a que o tempo esclareceu a côr, dando-lhe quasi outra, não devia dar-lhe senão a côr que tivera.

§ 2.º Aqui, como no § 1.º, confesso, as dimenções que dei não são exactas, mas exactas tambem não são as suas, porque cometteu uma falta imperdoavel como a de não dar a medida do maior diametro ou do bojo da urna, que é de 0,^{m}31.

As medidas n'este caso, não dão motivos, para um artigo especial, quando não se quer fazer questões, porque é uma cousa secundaria. Medidas nunca fizeram characteres genericos, quando muito entram no

especifico, porque variam com as circumstancias, tanto que não se me poderá apresentar outra urna com o mesmo desenho, porém, com igual dimensão. As minhas medidas não tiram as fórmas, nem a fazem muito maior; differença de alguns centimetros.

§ 3.º Um erro typographico, mudou *femenino* para *masculino*, que passou por não terem sido as provas correctas por mim, que me achava em Minas Geraes, quando foram publicados os *Ensaios de sciencia*. Mas tendo eu representado o sexo feminino, serei tão innocente, que por não estarem vestidas as urnas não podesse distinguir os sexos? Ou não saberei distinguir o orgão feminino do masculino? Creio que sim. Sei pintal-o, mas não sei distinguil-o, quando mesmo esteja claro e bem representado, como o está na photographia e viu no original o Sr. Mancebo. Poderão dizer que então o erro não foi só a palavra *masculino*, estendeu-se a estas—*algum curumy*. Curumy, criança, no tupy, como em todas as linguas, é empregado por ambos os sexos, e usado no Pará e no Amazonas sempre no masculino, quer se refira ao menino quer á menina.

§§ 4—5 A urna tinha uma parte da bocca quebrada e eu restaurei-a. Que falta irreparavel! Tinha um lado perfeito, como se vê na Est. VII. fig. 4, dos mesmos *Archivos*, e por elle restaurei o outro, por meio de linhas de pontos, como o fiz nas outras *figuras*; mas ao passar para pedra foi completamente restaurado. Disfigurou a urna? Omittiu-se alguma cousa ou accrescentou-se? Por um lado perfeito não se póde avaliar o outro, ou seria tão differente o outro lado, que essa restauração disfigurou? Senão disfigurou o objecto porque é falta irreparavel?

Falta irreparavel, imperdoavel e mesmo scientifi-

camente criminosa, é dizer que a urna tem *dupla face* e não a descrever ou representar, quando diz que é *caracter que a distingue de todas as outras*. Descreveu ambas as faces? Não. Phantasiando uma Atheniense, cobre a urna com vestes requissimas, sem descrever os desenhos, dizendo apenas que são *ligeiros relevos*, sem dizer o que figuram ou o que elles representam. Diz que pertencia a uma mulher *casada*. Admittindo mesmo que a civilisação da *illustre* defunta, conhecesse o sacramento do matrimonio, como sabe que só em *certas circumstancias* a mulher casada usava do distinctivo na igaçaua? Em que circumstancias? Porque só ao tocar a nubilidade e depois do casamento? Só n'essas duas épocas a mulher tem pudor? Chegada a nubilidade a *cunhãmucu* perde o pudor, para adquiril-o mais tarde?

Na circumstanciada descripção lê-se que as duas faces são *perfeitamente iguaes* em côres, ornatos, fórma, estylo, em *tudo finalmente*. Nego, é apenas semelhante. Quando mesmo fosse um lado moldado por outro haviam de haver differenças.

Passo a provar; examinei no Museu Nacional a urna e posso corrigir algumas incorrecções da circumstanciada descripção. Os desenhos que a descripção dos *Archivos* diz ser em *relevo* são em *gravura*, depois do fundo pintado de branco. A cór *cinzenta* ou parda claro, não é mais do que a argilla do terreno que entranhou-se na gravura, destruindo a tinta vermelha que a cobrio e que em muito poucos logares ainda se vê; em relevo só existem os olhos, o nariz, as sobrancelhas, os peitos, o umbigo, os pés, os braços, a facha e a tanga, cuja pintura é tambem feita por gravura sobre ella. Para mostrar que não é igual, basta só citar-se estas dimensões: do umbigo

á ponta da facha de um lado mede 0,^{m}055, e do outro 0,^{m}065; do bico de um á outro peito de um lado 0,^{m}15, de outro 0,20; do angulo interno de um á outro olho passando-se a medida por sobre o nariz 0,^{m}1, de um lado e 0,09 de outro; os desenhos além de não guardarem as proporções não são semelhantes por que compostos de linhas que se unem mais ou menos em angulos, esses não são iguaes e os lados não proporcionados. Na tanga vê-se em ambos os lados seis linhas de pontos grandes, mas o numero delles não são iguaes nas duas faces. Falta irreparavel commetteu em não ter figurado ambas as faces, ou ao menos de lado, para que se vissem ambas as faces de perfil, e não sei *como escapou* á sua perspicacia *este character de primeira ordem e tão importante que falta gravissima seria omitil-o em qualquer descripção por mais laconica que esta fosse.*

Griffando differentes palavras da explicação e não descripção que acompanha as minhas figuras parece querer mostrar que em todas ha incorrecções. *Vermelho* sobre *fundo branco*, o fundo (não o do vaso), mas o fundo artistico, é pintado de *branco*, eu o affirmo, e os desenhos são de tinta *vermelha* ou *encarnada*, ha *delicadeza* n'elles, e se não *estão no museu Paraense*, era de presumir e assim me informaram que para lá iam.

Disse que julgava ser a tabatinga *desmanchada em leite de sorva*, porque ainda hoje os indios isso uzam. As panellas de fundo branco pintadas de preto (dirão pardo, côr de café ou que quizerem), dos Catauichys, são pintados assim de branco.

Quanto ás considerações quasi do final do artigo do *Archivo do Museu*, não se podem entender commigo porque no trabalho a que o auctor se refere não fiz uma só descripção.

No corpo do artigo não fallei das urnas e apresentei-as, com uma curta explicação e não *descripção*, para a simples vista fazer esclarecer as idéas que expendi e sinto ter tido occasião de apresentar algumas faltas da circumstanciada descripção do auctor que tiram-lhe uma particula do merito do seu escripto.

Terminando o artigo, o auctor busca atirar sobre mim a odiosidade do estrangeiro, intrigando-o.

Tratava-se de archeologia, e porque cargas d'agua havia de ir buscar a minha opinião em um artigo botanico, n'uma *Revista de Horticultura*? Para mostrar a minha incoherencia, cahindo em faltas descriptivas quando não admitto o concurso dos estrangeiros, (charlatães)! Não cahi em incoherencia, porque não fiz descripção alguma, e se pequei foram faltas que não disfiguram o objecto.

O meu estrangeirismo não vae aos sabios estrangeiros, nem áquelles que procuram este rico torrão para trazer as suas luzes e o seu trabalho, vae áquelles que menos habilitados do que muitos dos nossos patricios, aqui chegam e apregoando-se notabilidades, empolgam as melhores commissões, em quanto que o brazileiro é atirado para o canto, e que depois de reflectos vão para suas terras chamando-nos tollos e macacos e redicularisando as nossas instituições, os nossos costumes; chegando a entrar até em individualidades. Clamo contra aquelles que se aproveitam do trabalho do brazileiro para apresental-o como seu, e acho humilhante para o brazileiro buscar antes o que é estrangeiro, desde o homem até ao ultimo artefacto, preferindo-o, posto que ás vezes inferior aos productos da terra. A opinião do brazileiro rarissimas vezes em sciencias, é admittida na Europa, emquanto nós, tendo os homens

illustres no paiz sempre procuramos escudar nossas opiniões sobre cousas do paiz na de estrangeiros, que por aqui passaram a *vol d'oiseau*. Venham os Martius, os Saint-Hilaires, os Agassix, os Harts, e outros, mas não os Biards, os Browns, os Joberts, os Trails etc., e as Lidias Poscoffs. Quando disse ser uma humilhação para brazileiro, foi no sentido de estimulo, para que todos trabalhando levantem o edificio da sciencia brazileira, e nos seus congressos possam dar leis que sejam respeitadas na Europa. Ahi as nações se respeitam mutuamente, porque não procurarmos ser a ellas igual? O estrangeiro que aporta ás nossas praias, conhece a nossa natureza, o nosso solo, as nossas antiguidades? Traz muitas theorias, muito estudo de gabinete, traz o que podemos e o que temos aqui, porque lemos e estudamos nos mesmos livros que elles e não somos menos intelligentes. Temos mais o que elles não conhecem, o grande livro da natureza; pois bem, estudemos as suas paginas, para quando algum aqui chegar, antes delle soletrar as primeiras palavras, possamos lel-o para elle ouvir. O que elles vêm fazer façamos nós, e unidas as luzes de ambos, façamos um facho que illumine a abençoada terra do Cruzeiro. A sciencia é cosmopolita, os seus obreiros são irmãos, do concurso de todos nasce o progresso, por isso devemos trabalhar para que não vivamos sempre como filhos—familia na sciencia.

A diviza que tenho e legarei com a pobreza a meus filhos é *Deos, patria e caridade;* não praticar uma só acção sem ser baseado nos preceitos do Evangelho, trabalhar para o engrandecimento da terra natal ainda que com sacrificio de vida, e estender a mão e perdoar até aos inimigos.

Não posso deixar de aqui notar, que no mesmo volume dos *Archivos do Museu* a pag. 141, vem uma nota (*) explicativa, que parece me dizer respeito, posto que não se cite o meu humilde nome. No meu Relatorio publicado em 1875 intitulado *Rio Jamundá*, a pag. 51 dei a traducção da palavra *muyra kÿtã*, ou como vulgarmente se diz *muïrá quitan* dirivada de *mbyrá*, páo, madeira, e *kÿtã* nó, pela semelhança que tem a verdadeira jade, com as resinas. N'uma nota se diz que *muito de sciencia* usa da orthographia *mirá kitá*, porque *suppõe injustificavel a significacão de nó de pau*. Quando tivesse razão, o illustrado autor, porque a sua sciencia aqui o enganou, não ganhava alviçaras. O Sr. José Virissimo, posto que Paraense e escrevendo no Pará, cahiu no mesmo erro dizendo na nota a pag. 184, das suas *Primeiras paginas* que o autor d'estas linhas dando aquella significação, tinha errado e que, com a tradicção, elle a traduzia «por *pedra de gente*, de *mirá* gente e *itá* (*itan* no Pará) pedra.»

Aqui ha erros de pronuncia e erros de significados; erros de pronuncia porque em todas a parte, quer no Pará, quer no Amazonas, tratando-se d'essa pedra ouve-se perfeitamente a pronuncia de *muiráquitan*, como o mesmo Sr. escreve. A pronuncia de *mbyrá* affasta-se muito de *mira* e *kÿtã* de *itá* e erros de significado porque *itan* significa *concha* e nenhum tapuyo mesmo muito civilizado confundirá *itá* com *itan*.

Não tendo em conta a pronuncia o autor do artigo sobre o STEMBETA'S, entendeu escrever *mirákytá* e o traduzio dividindo simplesmente a palavra *mirá—ki—itá* com a significação engenhosa, porém sem

(*) Nota 2.

razão de ser, de *pedra do chefe do povo*. Vejamos se tenho razão; *Mbiá* ou *mirá* significa *gente*, antes *vulgo* e não *povo* que é *taua* ou *taba* (povos *tabetá*); *Ki* não é palavra tupy e rarissimas vezes encontrada no quichua, por conseguinte é um enxerto feito na lingua geral sem razão, porque difficilmente se encontrarão palavras tupys compostas de alguma *quichua*. Ou adoptam a palavra toda; como *murumuru* ou não a adoptam; *Itá* significa *pedra*, mas, a pronuncia longa da ultima syllaba, *itan*, daria outro significado, *concha*, como já vimos.

O tapuyo se quizesse exprimir *pedra do chefe do povo* não precisava do soccorro quichua diria simplesmente: *tanatuchauitá* ou *tabatuchabità*. Pelo que acabamos de ver a unica traducção que tem a palavra *myrakÿtã* é *nó de pau*, que perfeitamente nos pinta a apparencia da jade com algumas resinas. Um outro engano apresenta o illustradissimo autor dizendo ser o myrahÿta pedra facial, isto é, de pendurar-se no beiço como o *tembetá*, dando as duas palavras indigenas como synonimas, com a passagem para o sul. Não só a myrakytã não passou para o sul, como só se estendeu á região entre o Jamundá e o Tapajós. O verdadeiro myrakytã é um adorno de pendurar-se ao pescoço, perfurado sempre para esse fim, e não para trazer-se introduzido no beiço. O tembetá não existe no Valle Amazonico senão no Tocantins. As fórmas de animaes que apresentam os myrakytã, e os furos nada denotam que possam ser facial. Tembetá é uma cousa e myrakytã outra.

Não podia deixar de neste ponto tocar, tendo sido eu o que primeiro no Brazil tratou desse ornato e lhe deu a importancia que merecia, importancia que foi justificada pelo sabio Conselheiro

Fischer, Director do Museu Mineralogico de Baden, unico que na Europa tem-se occupado com a *jade*, e que em carta ao autor não só approva sua opinião, como rende-lhe alguns elogios. Para mostrar a differença entre o *myrakytã* e o *tembetá*, basta dizer-se que um é sempre de *jade*, *jadeite* e *chloromélanite* e outro de quartzo compacto, feldspatho, de resina de jutahy ou de páu.

A tribu dos *Uaupes* descendente das pretendidas Amazonas, que conserva ainda os usos do povo que usou esse enfeite em tempos historicos, hoje nos dá o exemplo, trazendo o myrakytã pendurado ao pescoço.

O Museu Nacional possue esses objectos, que hoje são todos de quartzo, e d'elles nos falla tambem Wallace.

Appendice

Como os costumes hodiernos, assim são differentes os monumentos archeologicos que se encontram no Norte e no Sul do Brazil. Na minha ultima excursão ao sul de Minas Geraes, tive occasião de encontrar alguns objectos que aqui represento, para servirem de estudo comparativo. As moletas que se não encontram no norte, são communs no Sul; os machados que todos são mais ou menos dentados ou entalhados lateralmente na região do Amazonas, nos tropicos não apresentam depressão alguma, e a argilla de que são feitas as igaçauas é mais grosseira e estas não apresentam desenhos, e, quando os tem, são muito imperfeitos.

O uso da alimentação entre os Mineiros, tendo por base a farinha de milho, é herdado da gentilidade d'ahi, e d'esse uso nasce o apparecimento constante das moletas de pedra, que no Amazonas não são conhecidas, porque a farinha ahi é feita de mandioca e esta é amassada com as mãos.

Um facto importante devo aqui mencionar, e que vem confirmar o que expendi sobre a marcha do povo que emigrou da America do Norte para o Brazil. O Dr. Leemans descrevendo os objectos encontrados na

Guyana Hollandeza e conservados em Leide, no Museu Real de Antiguidades, diz:

« Les haches de la Guyane néerlandaise se distinguent à ce qu'il me paraît, de presque toutes les haches des autres pays tant de l'Ancien que du Nouveau Monde, par cette particularité, qu'elles portent à la partie supérieure des deux faces latérales une entaille plus ou moins profonde, mais toujours parfaitement reconnaissable. » (*)

Figurando estes machados, vê-se que elles são iguaes em tudo aos do Amazonas, o que prova a estada ou a passagem do mesmo povo que se derramou pelo baixo Amazonas. Os instrumentos das outras Guyanas e os do Perú, são differentes, e iguaes só se encontram na região dos *mounds* nos Estados Unidos. Esta observação do Dr. Leemans, parece confirmar, que razão tenho, quando digo que a civilisação anti colombiana do norte do Brazil, foi trazida pelos descendentes de Odin ou pelo povo que com elles por largos annos esteve em contacto.

Não é fóra de proposito mencionar aqui a crença que ha em Minas sobre as *pedras de raios* ou de *coriscos*, os *Dondersteenen* da Guyana. Os naturaes acreditam que as cunhas e machados de pedra são outros tantos raios que se encontram soterrados, que annualmente sobem uma braça para a superficie da terra e que no fim de sete annos um novo raio vem buscar aquelle que se acha á flor da terra, pelo que, quando os encontram tratam logo ou de inutilizal-os ou de lançal-os ao rio, para evitar a a proximação das faiscas electricas.

(*) *Congres des Americanistes* de Luxembourg. II, pags. 294-295.

Fig. 1. Representa o fundo de um vaso com os bordos quebrados, achado no Pacoval, da ilha de Marajó, é de argilla vermelha, fina e bem trabalhada, e mede 0,m145 de diametro na bocca, 0,12 de diametro no fundo, 0.09 de altura e 0,0t de expessura. Internamente tem um fundo pintado de branco, sobre o qual regular e caprichoso desenho orna-lhe todo o interior. Este desenho, que mostra a pericia do artista, pela dificuldade de execução, é feito de linhas vermelhas, sobre as quaes em alguns logares foram os claros cheios com tinta preta, que com o tempo está côr de sepia. N'esse desenho vê-se representado o signal do christianismo, que pela maneira representada, não parece indicar o acaso, como o cruzamento de duas linhas o podem.

Fig. 2. Representa o desenho do interior do vaso acima; as linhas, mais claras assim como os contornos, são vermelhas e a parte escura indica a parte preta.

Fig. 3. É uma especie de panella, feita da mesma argilla, com 0,18 de diametro na bocca, 0,m125 de diametro no fundo, 0,m07 de altura e 0,01 de expessura. É pintada interna e externamente de branco, tendo em roda do lado externo, desenhos regulares feitos por gravura. Sobre as linhas abertas, o artista passou outras de tinta preta. Quer o desenho quer a sua execução não é feita a capricho. Foi encontrado no mesmo local.

Fig. 4. Representa uma igaçaua, que desenterrei na fazenda *Correnteza*, proximo do Rio Sapucahy, districto do Carmo do Rio Claro em Minas Geraes. É de argilla grosseira, sem desenhos, muito forte, com o aspecto de ser de ferro, medindo no maior diametro 0,34, de altura 0,30, sendo 0,05 de gargallo, e de expessura 0,008. Encontrei-a cheia de ossos humanos de adultos, todos quebrados, o que indica que exhumados os ossos da terra eram limpos e quebrados para n'essas urnas serem guardados, em um cemiterio especial, que não posso deixar de aqui noticiar. Tinha visto em uma vargem da fazenda Jerubiaçaba de meu irmão João Baptista Barbosa Rodrigues, que confina com a da Correnteza, um espaço de 30 metros, cheio de pequenos circulos, dos quaes o maior podia ter trez metros de diametro. A superficie dos circulos é nivellada pelo terreno adjacente, e em volta dos mesmos ha vallas de um metro pouco mais ou menos, de largura e profundidade, onde as aguas da chuva se empossam, não podendo ter esgoto. Estudando o terreno, vi não poder ser feito pela acção das aguas, nem devido á structura do terreno, e sim obra humana. Chamam a esse terreno que se encon-

tram, quando se derrubam as florestas virgens, *covas de mandioca*, pela semelhança que offerece com os monticolos que fazem para essa Euphorbiacea. Com esse nome são conhecidos tambem em Minas os terrenos nas vargens humidas, escavadas pela passagem do gado no seu pastio. N'esses terrenos artificiaes sempre se encontram fragmentos de louça de barro.

Derrubando-se uma matta virgem entre dous outeiros na fazenda da Correnteza, depois da *queimada* encontraram-se as covas de mandioca n'um espaço plano de uns vinte metros. Convidado para ir vel-as, ahi encontrei innumeros fragmentos de louça, resultantes da acção do fogo e da quéda dos troncos. Procedendo a uma escavação nos mesmos circulos encontrei a igaçaba em questão, apenas com os bordos quebrados, enterrada de lado, com a bocca para fóra. Estes cemiterios são muito caracteristicos.

Fig. 5. Machado de guerra, encontrado no Carmo do Rio Claro, de serpentina (?), muito polido, em fórma de crescente, com um lado partido, com 0,108 de comprimento, tendo o punho 0,063 de largura, e 0,015 de expessura.

Fig. 6. Ponta de flecha de cristal, finamente lascado, representada de tamanho natural e encontrada proximo á ponte do Parahybuna, em Minas Geraes. É a maior e o mais bello specimem que se tem encontrado no Brazil, que me conste. Foi achada perfeita, mas, por acaso cahindo-me das mãos partio-se nos dous logares indicados na estampa.

Fig. 7. Representa uma moleta de diorito perfeitamente polida, e cylindrica adelgaçada para o cume, com 0,46 de comprimento e 0,05 de diametro na base. Encontrada no Descalvado.

Fig. 8. Representa outra moleta de diorito, polida; menor e mais grossa, cylindrica adelgaçada para o cume e semi globulosa na e. Mede de comprimento 0,^{m}36.

Fig. 9. Representa ainda outra moleta de diorito, não polido, encontrada na cidade de Alfenas. Mede 0,19 de comprimento e 0,07 de diametro na base. É a unica que se conhece d'esta fórma.

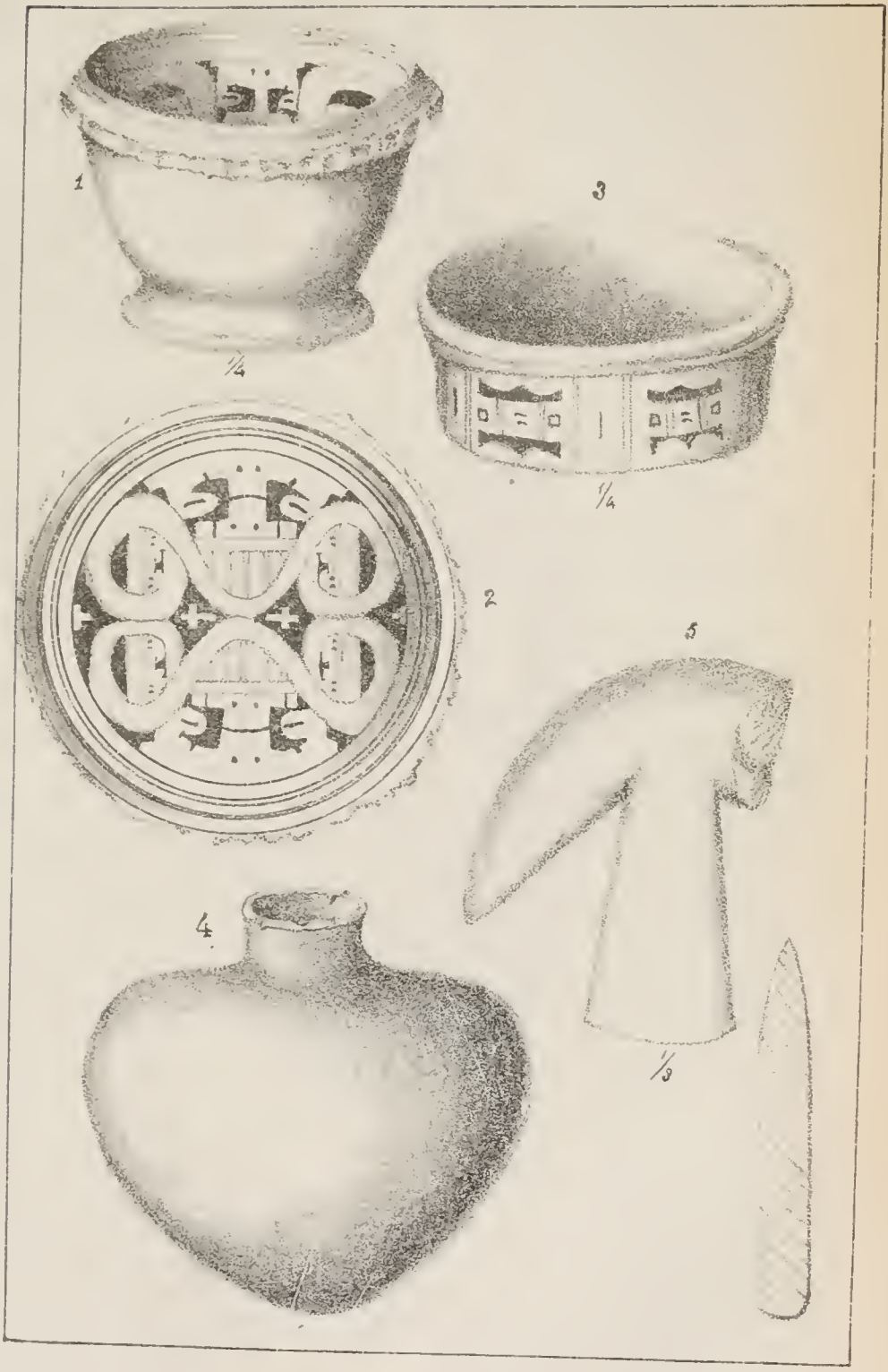
Fig. 10. Representa uma especie de alvião, feito de diorito polido terminando de um lado em gume de machado e do outro mais adelgaçado, porém obtuso. É comprimido lateralmente, semi-concavo de um lado e convexo do outro, tendo ahi quasi no centro uma elevação escavada, que servia para n'ella encostar-se o cabo a que se prendia. Este instrumento unico que se conhece, foi achado em

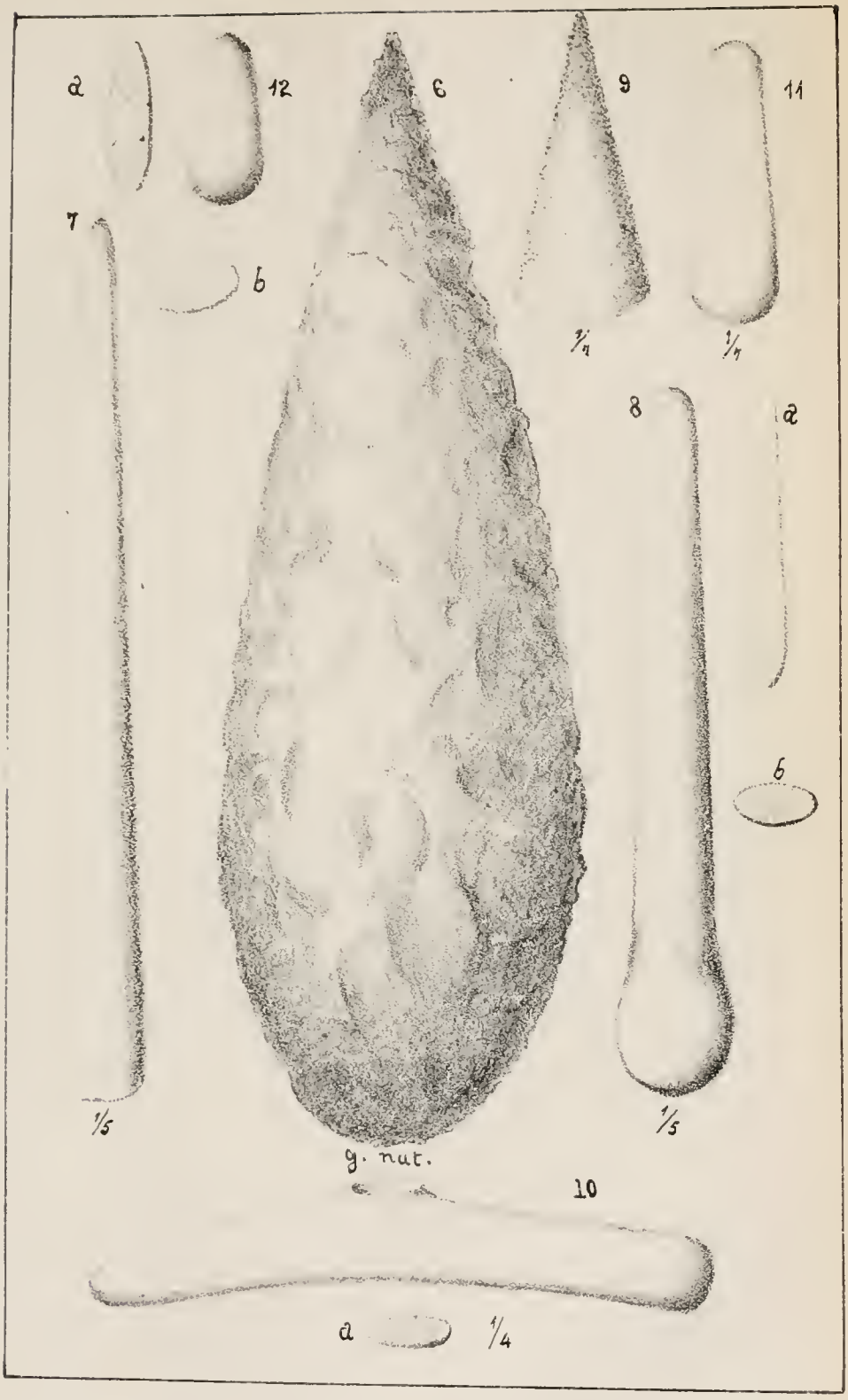
S. Gonçalo da Campanha, tem 0,26 de comprimento sobre 0,04 de espessura e 0,05 de largura.

Fig. 11. É um machado de diorito compacto, perfeitamente polido com 0,22 de comprimento, 0,06 de largura, e 0,03 de espessura. Parece ser usado sem cabo.

Fig. 12. Com esta fórma se apresentam quasi todos os machados do Sul, feitos de diversas rochas e apresentando diversos tamanhos em geral, desde 0,08 até 0,16 de comprimento. Eucontrei alguns em diversas localidades do Sul de Minas Geraes, e vi a metade de um (a parte do gume) na *Agua Comprida* em S. Gonçalo da Campanha, que servia de peso de uma arroba.

Todos os objectos mencionados n'este appendice estiveram expostos na *Exposição Industrial Fluminense*, e foram premiados com uma medalha de ouro.


1
1/4
3
1/4
2
5
4
1/3


a
12
6
9
11
7
b
2/1
1/1
8
a
b
1/5
1/5
g. nat.
10
a
1/4

APONTAMENTOS

SOBRE O

ABAÑEENGA

TAMBEM CHAMADO GUARANI OU TUPI

OU

LINGUA GERAL DOS BRASIS

ÑANDE RUBA

OU

A ORAÇÃO DOMINICAL

EM

ABAÑEENGA

Ñande rúba

OU

A ORAÇÃO DOMINICAL EM ABAÑEENGA

Estes apontamentos, quando foram começados, coordenaram-se para serem publicados nos Ensaios de Sciencia, creados pelo Exm. Sr. conselheiro G. S. de Capanema. Tendo porém sobre-vindo occurrencias e estorvos que embaraçaram ao meu amigo, e que interromperam a publicação da Revista, na qual elle admittia os meus apontamentos, transtornou-se o plano traçado. Depois que foi publicado o 2º fasciculo dos Ensaios tive occasião de imprimir alguma cousa nos Annaes da Bibliotheca Nacional, por fineza que devo ao muito distincto e digno Director da Bibliotheca, o Illm. Sr. Dr. Ramiz Galvão.

Entretanto como não posso refundir totalmente o que já estava escripto (falta tempo e vagar), embora se dê algum de conchavo, e appareça alguma repetição de cousa já dicta, com tudo entrego á imprensa a continuação dos apontamentos, alterando apenas uma ou outra cousa, que seria á proposito, si o 3º fasciculo seguisse immediatamente ao 2º, mas que, havendo tam longo intersticio de tempo, seria descabida.

Continuarão pois á ser publicados estes apontamentos (sempre que fôr possivel) não só para se irem pondo de accordo as variadas orthographias das cousas attinentes ao Brasil e á America do Sul, que parecem differentes sem o serem, como para se explanarem algumas outras considerações, mormente relativas á lingua e grammatica.

Em seguida ao COLLOQUIO DE LERY, deviam versar estes apontamentos sobre a DOCTRINE CHRESTIENNE EN LA LANGUE DES TOPINAMBAS, que vem na VOYAGE DANS LE NORD DU BRESIL, FAIT DURANT LES ANNÉES 1613 ET 1614 PAR LE PÈRE YVES D'EVREUX, reimpressa por Mr. Ferdinand Denis, que tanto se interessa pelo nosso Brasil e o ama mais do que muitos filhos desta terra, que a menospresam, e envergonhando-se de serem brasileiros, preferem *estrangeirar-se.*

Transcrevendo porém a oração dominical que vem na pagina 272 do livro reimpresso por Mr. F. Denis, pareceu mais conveniente reunir de uma vez outras formulas do PATER NOSTER, compara-las, discuti-las, e depois continuar os apontamentos com o mais que vem em Lery, em Yves d'Evreux etc. Assim pois agora segue a collecção dos PATER NOSTER que poude apanhar.

No entretanto é bem pouca cousa o que se depara nos escriptos e esse pouco é quasi repetição de duas ou tres formulas primeiras, feitas, uma por portuguezes (Anchieta e os padres do Brasil),outra por padres hispanhóes (Montoya e os do Paraguay) e outra afinal dos francezes, que parece já echo da dos portuguezes.

Alem destas orações em TUPI e GUARANI existe ainda alguma em OMÁGUA, dialecto da lingua geral, que differe menos do ABAÑEENGA do que o hispanhol e o portuguez entre si. Depois disto, das linguas falladas em toda a superficie do Brasil, do Uruguay, do Para-

guay e de Corrientes, em partes da Bolivia, do Perú, e nas Guayanas, exceptuando o KAIRIRI e o KIRIRI irmão um do outro, e o CARAIBA ou GALIBI, todos tres com algum parentesco com a lingua geral, restam curtos vocabularios só e não ha mais orações que não sejam as da LINGUA GERAL; e os vocabularios que ha são desacompanhados de grammaticas.

Exceptua-se apenas a lingua dos Botocudos ou Aymorés, da qual existe um pedaço truncado de elementos grammaticaes, feito pelo benemerito e nunca assaz louvado Guido Marliere, que foi pai para com os miseros Botocudos tão escorraçados, os quaes depois da morte delle só acharam novo amigo, posteriormente, em Theophilo Ottoni.

Dos modernos viajantes, como o incansavel Hartt tão cedo morto para a sciencia, o Sr. Barbosa Rodrigues e outros ha varios vocabularios, mas não alguma outra formula nova do Pater.

Assim tem-se para se compararem quasi só as formulas do PATER NOSTER em tupi e guarani.

As differenças entre umas e outras mormente prestando-se attenção á orthographia, que variava conforme os auctores, vem a ser em ultima analyse nenhumas, porque, por exemplo em portuguez podemos dizer: « *Padre* nosso que *estás* no céo, *pai* nosso que *és* no céo, que *habitas* ou *moras* no céo, que *existes* no *céo*, ou no *empyrio* ; podemos mudar para o plural *que estais, que sois, que morais no céo;* podemos empregar, em vez de orações subordinadas, participios ou substantivos verbaes, dizendo *morador, habitante, habitador do céo* etc., sem que por isso deixe a prece dominical de estar em portuguez e bom. É exactamente o que acontece com o PATER NOSTER vertido do ABAÑEENGA por diversos au-

ctores no Paraguay, em S. Paulo, no Maranhão, no Pará, etc.

Começaremos pela formula que vem logo no principio do CATECHISMO EN LENGUA GUARANI POR NICOLAS YAPUGUAY CON DIRECCION DEL P. PAULO RESTIVO DE LA COMPAÑIA DE JESUS EN EL PUEBLO DE SANTA MARIA LA MAYOR—AÑO DE 1724.

Essa formula e algumas outras são precedidas da formula do PER SIGNUM CRUCIS tambem vertida para a lingua indigena.

A orthographia seguida nesse CATECHISMO é a do P. Antonio Ruiz de Montoya, ainda hoje usada pelos Paraguayos com uma ou outra mudança, e da qual pouca differença tem a que foi adoptada nestes apontamentos. Com effeito essas differenças se reduzem ás seguintes:

O ỹ *gruesso* de Montoya é a vogal especial do ABAÑEENGA, representada por *y* nestes apontamentos.

O *y* semi-consoante de Montoya vem nestes apontamentos representado por *j* o qual precedido ou seguido de sons nazaes pode sôar e se escreve como *ñ*.

O *ç* quer de Montoya quer dos escriptos portuguezes, é *s* nestes apontamentos; alguns *ç* dos portuguezes são o *h* de Montoya e destes apontamentos.

O *c* e *q* de Montoya e de quasi todos os que escreveram de cousas do Brasil nos representamos invariavelmente por *k*.

Os sons nazaes de Montoya na nossa orthographia são annotados com til *ã ẽ ĩ õ* ũ, exactamente como Montoya fez no caso especial do ỹ *gruesso*, quando é tambem nazal, o qual elle representa por ỹ̃, e neste ponto combina com a annotação aqui adoptada.

Afora disto temos ainda o *spiritus lenis* figurado aqui mediante os apices e que Montoya não discriminou.

Afinal emprega-se nestes apontamentos o circumflexo sobre a vogal dominante dos dipthongos.

No mais accentuam-se á portugueza: as vogaes abertas com o accento agudo, as fechadas com o grave e ficam sem signal as mudas, por ex : *abá* homo, *ȧba* capillus, *tètè* corpus, *tè* falsus, erratus.

«Rezo
«Que compuso
«El Ven. Padre Fray Luys de Bolaños
«De la Orden Serafica de San Francisco
«Y mandado guardar por la Sinodal
«de este Obispado de el
«Paraguaỹ

« Santa Cruz raângaba rehe oreamotareỹmbara he-
« gui orepĭçĭrõ epe Tupâ oreyara, Tuba, hae Taỹra, hae
« Espiritu Santo rera pĭpe. Amen Jesus. »

«Padre nuestro

« Oreruba ỹbape ereîbáe ymboyerobiarpĭramo nde-
« rera marangatu toico, tou ndereco marangatu orebe,
« tiyaye nderemimbotara quie ỹbĭpe ỹbape yyayeñabê,
« orerembiú arañabonguara emeê curiorebe, hae nde-
« ñỹrô anga ore yñangaipabaecuera upe ore rerecome-
« guâhara upe oreñỹrônunga, eypotareme angaipa pĭpe
« oreá, orepĭçĭroepe catu mbae pochĭ agui. Amen Jesus.»

Reduzida esta formula á orthographia adoptada nos apontamentos e sotoposta *ad verbum* a traducção temos:

Santa Cruz raangába rehé, oré amotar-eỹ-mbára
Sanctæ crucis signum per, nos diligunt non qui (his)

hegui oré pysyrõ epe, Tupã oré jára, tuba, häe
ex nos libera tu, Deus noster domine, patris et

tayra, häe espiritu santu réra pypé. Amen Jesus.
filii et spiritûs sancti nomine in Amen Jesus.

Oré rúb, ybá-pe ere-ĩ-mbäe, i-mbo-je-robiári-
Noster pater, cœlo in tu es qui, quod honoratun sit

pyramo nde réra morã-ngatú to-ikó; to-ur nde
sicut tuum nomen pulchrum bonum sit: veniat tua

rikó morã-ngatú oré-be; tij-aijé nde-remi-mbotára
conditio pulchra bona nobis; fiat tu quod vis

kié yby-pe, ybá-pe ij-aijé ñabẽ; oré rembi-ú ára
hic terra in, cœlo in id fit sicut: nos quod edimus, diei

ñabõ-nguára e-meẽ kuri oré-be, hae nde ñỹrõ
uniuscujusque munus, da hodie nobis et (esto) lenis

anga oré iñ-angaipá-bäe-kuéra upé, oré-rerekó-
denique nos pecatores qui fuimus circa, nos inducunt

menguã-hára upe oré ñỹrõ nungá; ei-potar-eme
mala qui (eos) circa (sumus) lenes sicut; id velis non

angaipá pype oré ar; oré pysyrõ épe katú mbäe
peccato in nos cadere: nos libera tu bene rebus

pochy agui.
malis ex.

A analyse se adstringirá o mais que fôr possivel ás regras dadas nas grammaticas, segundo as quaes se verteram as preces para a lingua dos incolas, e em comparar os dizeres entre si, para se vêr em que se differençam.

Não obstante já ter publicado algumas succintas considerações grammaticaes á respeito desta lingua, convem que aqui, sem prejuizo da brevidade e claresa, sejam apresentadas as que occorrerem, e servirem para esclarecer os dizeres.

Não ha declinação no ABAÑEENGA, mas para facilitar a indicação das relações designadas por casos, nas linguas que os tem, aqui se empregarão as expressões nominativo, genitivo, dativo, etc. Da mesma maneira servirão os designativos de modos e tempos, como vem nas grammaticas, chamando-os indicativo, subjunctivo, permissivo, preterito, presente, etc. Assim tambem as outras categorias grammaticaes, como participios, con-

juncções etc., embora muitas dellas não exprimam exactamente o que se acha no abañeenga.

1.ª Santa cruz raangaba rehe sanctæ crucis signum per.

O genitivo precede sempre o nome regente, e assim está *Santa Cruz* (tomado do hispanhol) preposto á *raangaba*.

Raangàba traduzindo «signum» é substantivo (*s.* verbal o chamam nas grammaticas) derivado de *haang* (*taang* no abs.) signare, notare, metiri, etc. O suffixo *hàb* forma com os verbos um participio (ou substantivo verbal) que denota o logar, o tempo, o modo, o instrumento com que se dá o que exprime o verbo: *mboé* docere, *mboéhab* lectio, doctrina, schola etc. Terminando o verbo em *g (haang)* em vez de *haang-hàb* tem-se *haangàb*.

Em *raangaba* o *r* não faz parte do verbo que propriamente é *aang*. Os verbos começados por vogal pela maior parte admittem uma fórma geral com *t* inicial, *taang* eum, eam, id metiri, notare. Este *t* muda-se em *r*, *h*, *gu*, do seguinte modo: *che raanga* me notare, *nde raanga* te notare, *mbae-raanga* rem notare, *haanga* eam notare, *guaanga* se notare, *taanga* id notare (generice).

Rehe posposição de ablativo, per, cum, ob, propter, etc.; em abañeenga as preposições das outras linguas são verdadeiras POSPOSIÇÕES.

2ª ore amotar-eñ mbàra hegui, nostris inimicis ex:

Oré pronome pessoal, que dão tambem como possessivo. Ha no *abañeenga* duas classes de pronomes pessoaes, que se podem chamar pronomes agentes ou do nominativo e pronomes pacientes ou do accusativo, do genitivo e dos outros casos regidos. Os primeiros (á que chamam uns NOTAS outros ARTIGOS pessoaes) são no

singular 1ª pessoa *a*, 2ª *re* (ou *ere*), 3ª *o*, no plural 1ª pessoa *ja=ña* e *ro* (ou *oro*), 2ª *pe*, 3ª *o*.

Os segundos ou os pronomes pacientes são, no singular: 1ª pessoa *che*, 2ª *nde*, 3ª *i=ij=iñ* e *h=t* (is, ea, id), com os seus reciprocos *o*, *gu*, *ogu* (se); no plural 1ª pessoa *jandé=ñande*, ou *oré*, 2ª *peẽ*, *pendé*, 3ª a mesma que no singular. Veja-se acima em *raangaba* como é que os verbos começados por vogal admittem um pronome *t* que pode-se mudar em *r*, *h*, *gu*. Na 1ª pessoa do plural ha dois pronomes *jandé=ñandé* nos omnes, sem exclusão de ninguem, e *oré* nos extra alios ou praeter nonnullos, á espanhola nosotros. Nos pronomes agentes tem-se igualmente *ja=ña* inclusivos, *ro* exclusivo.

Assim vê-se: no Pater o vocativo *oré ruba* refere-se ao pai de nós os christãos, excluindo os pagãos, que não são filhos de Deus (no pensar pelo menos do catechista). Em outras circumstancias *oré* podia exprimir: nos indigenas, excluindo europaeos, nos homines excluindo animalia, nos viros excluindo foeminas, ou vice-versa si fosse mulher quem fallasse. Si os que traduziram a prece dominical em abañeeenga tivessem mais caridade ou mais philosophia, é natural que dissessem *jandé* ou *ñande rúba*, chamando á Deus *pater noster* com a maior generalidade, pai de nós todos sem exclusão de ninguem e de nada, pois no pronome inclusivo *jandé=ñandé* se podem comprehender nós todos, eu, tu e elle, christão, pagão, animal, vivente, emfim tudo.

Regra geral, os pronomes são prefixados aos verbos, nomes e outras partes da oração, e quando concorrem pronomes agentes com pronomes pacientes, o immediato ao verbo é o paciente (ha alguma excepção que veremos adiante em *epe*).

Para fixar ideias deduzamos a conjugação no tempo geral do indicativo (geral porque serve egualmente

para presente, preterito e imperfeito). Em verbo intransitivo tem-se: *ker* dormire, no inf. servindo de subst. *kera* somnus, dormire, que faz: *a-kė* dormio, dormiebam, dormivi, *re-kė* dormis, *o-kė* dormit ,*ja-kė* ou *ro-kė* dormimus, *pe-kė* dormitis, *o-kė* dormiunt. Si o verbo fôr transitivo tem necessariamente de intercalar o accusativo (nome ou pronome): *a-mbae-apó* rem facio (ego rem facio), *a-ij-apó* ego eum (eam, id) facio. Os pronomes *i* =*ij*=*iñ* ou *h* representam em geral o accusativo e assim tem-se: *peá* amovere, *a-i-peá* eum, eam, id amoveo, amovebam, amovi, *re-i-peá* id amoves, *o-i-peá* id amovet, *ja-i-peá* ou *ro-i-peá* id amovemus, *pe-i-peá* id amovetis, *o-i-peá* id amovent. («id» o pac. em geral).

Com outros verbos (a maior parte dos começados por vogal) o pronome do accusativo em vez de *i*=*ij*=*iñ* é *h*: *ayhúb* amare, *ayhuba* amor, *a-h-ayhúb* eum, eam id amo, amabam, amavi, *re-h-ayhúb* id amas, *o-h-ayhúb* id amat, *ja-h-ayhúb* ou *ro-h-ayhúb* id amamus, *pe-h-ayhúb* id amatis, *o-h-ayhúb* id amant.

Grande numero de verbos monosyllabicos em vez do paciente *i* ou *h* admittem *jo*=*ño*, e assim *a jo-kab* eum, eam, id ferio, *rejo-kab* id feris, *o yo-kab*=*o-kab* id ferit, etc.; *a ño-tỹ* id planto, *re ño-tỹ* id plantas, *o ño-tỹ*=*o-tỹ* id plantat, etc.

Os verbos transitivos admittem uma conjugação com os pronomes pacientes com ou sem o pronome agente expresso: *che peá* ou *che peá-i* me amovet ou amovent (*i*, ille ou illi), *nde-peá-i* te amovent, *i-peá-i* eum amovent, *jandé-peá-i* ou *oré-peá-i* nos amovent, *pe peá-i* vos amovent, *i-peá-i* eos amovent; *che-r-ayhúb-i* me amant, *nde-r-ayhúb-i* te amant, *h-ayhúb-i* eum amant, *gu-ayhúb-i* se amat, *jandé* ou *oré r-ayhúb-i* nos amant, *pende-r-ayhúb-i* vos amant, *h-ayhúb-i* eum ou eos amant, *gu-ayhúb-i*, se amant.

A final ha verbos que podemos chamar verbos adjectivos, os quaes não apparecem conjugados com os pronomes agentes, mas o são evidentemente com os pronomes pacientes: *che-r-asy* me dolet (doleo, permitta-se-nos o erro em latim para poder mostrar o pronome paciente) *nde-r-asy* te dolet, *h-asy* eum dolet, *gu-asy* se dolet, *jande-r-asy* nos dolet, *pende-r-asy* vos dolet, *h-asy* eos dolet, *gu-asy* se dolet. Suppuzemos o pronome em accusativo; é indifferente porém que se considere em genitivo ou dativo; a questão é que elle é regido, e tanto que, quando consideram *asy* substantivo, tem-se *che-r-asy* que traduzem «mea dolor» alias «mei dolor». Quanto ao mais estes verbos são considerados nas grammaticas como simples adjectivos e ahi dão a existencia do verbo substantivo, interpretando *che-r-asy* sum dolens. Entretanto o dizer completo dos indios é sempre *che-r-asy ruè* me dolere dico, ou mihi dolet dico, me dolentem dico, etc. Já se vê que estes pronomes prepostos á nomes podem se considerar em genitivo, e assim podem representar os possessivos: *che rub* mei pater (pater meus), *nde akang* tui caput (caput tuum), *i-pó* ejus manus, eorum manus, *o-po* sui manus (sua manus). etc.

Seguidos de posposições tem-se os outros casos: *che-be* mihi, *nde-ndibe* tecum, *orè-ri* nos propter, *h-esè* eo pro etc.

Orè amotar-eỹ-mbára hegui pode-se traduzir por « e inimicis nostris»; nesse caso *amotar-eỹ-mbára* (inimicus, inimici) será substantivo regido da posposição *hegui* e, ex, de. Dissemos « inimicus ou inimici » porque em abañeenga não ha distincção entre plural e singular dos nomes, e nem generos; uma e outra cousa, quando precisam ser determinados, o são mediante qualificativos como *etá* multus, multi, para designar plural, *kuña*

faemina, *kuimbae* mas, para generos: *kog* ager, campus, *kog-etá* agri, campi; *guyra* avis, *guyrá kuimbae* avis mas, *guyrá kuñã* avis foemina.

Amotar-eỹ-mbára porém é um participio derivado do verbo *amotar* bene-vele, diligere. Como já vimos *hàb* é suffixo de participio que exprime o logar, tempo modo, etc. em que se dá ou se faz o que diz o verbo: tambem *hàr* é o suffixo que exprime o auctor da acção do verbo: *amotar* bene-vele, *amotahàb* benevolentia, *amotahàr* benevolens. Quando o verbo é intransitivo prefere-se outro participio formado com o suffixo *bae*: *hó* ire, *hohàb* «itus, itio» e ainda «iter», *o-hó-bae* qui it, iens.

Eỹ é a negativa que sempre posposta ao verbo póde ser anteposta ou posposta aos suffixos que formam participios, assim: *amotar-eỹ* male-vele, e *amotá-hàr-eỹ* ou *amotar-eỹ-mbàr* male-volens, *(mbàr* pro *hàr* por influencia do som nazal *eỹ=eỹm)*.

Hegui posposição e, ex, de; usa-se mais della na fórma *gui*, *agui* com os nomes e de *hegui* com os pronomes; entre os tupis apparece sempre escripto *çui*, entre outros *hui*.

3.ª *Orè pysyrõ epè* nos libera tu. O verbo *pysyrõ* liberare, é transitivo, e por isso admitte a conjugação com os pronomes pacientes (vê nota 2ª) *che pysyrõ*, me liberat, me liberant, *nde pysyrõ* te liberat, te liberant, *i pysyrõ* eum liberat, eum liberant, etc. Isto em geral; quando porém se tem de determinar o sujeito ha dous casos ainda á considerar. I. Sendo a 1ª pessoa sujeito e a 2ª paciente, os accusativos não são *nde* te, *pe* vos, e sim *oro* te, *opo* vos: *oro pysyrõ* te libero, te liberamus, *opo pysyrõ* vos libero, vos liberamus; o nominativo então vem a ser *che*, *orè*, *jandè* (pronomes pacientes na regra geral) ante-postos ou pospostos á phrase: *orè oro pysyrõ*

ou *oropysyrõ orè* nos te liberamus. II. Sendo a 1ª pessoa paciente, e a 2ª agente, o accusativo continua á ser um dos pronomes *che, orè, jandè,* mas o nominativo sempre posposto á phrase é *epè* ou *jepè* tu, *pejepè* vos; *che pysyrõ epe* me liberas tu, *che pysyrô pejepe* me liberatis vos, etc. A estes accusativos especiaes chamam algumas grammaticas *transições.*

4.ª *Tupã ore jara.* Deus noster domine, ou antes «Deus nostri domine» considerando *orè* não como possessivo, mas como genitivo do pronome pessoal paciente (nota 2ª). *Tupã* substantivo invariavel; *jàra* substantivo dominus, póde-se interpretar já como infinitivo de um verbo *ar* capere, *iàra* qui capit, e já como participio formado pelo suffixo *hàr* contracto do verbo *ê* dicere, jubere, *jara* qui dicit, qui jubet e até «qui gignit».

5.ª *Túba, hae tayra, hae espirito santo rèra pype,* patris et filii et spiritûs sancti nomine in; a posposição *pype* in, rége *tèra* nomen, e esta dicção, por ser precedida dos genitivos *tuba, tayra, espirito santo* muda o *t* (da forma absoluta) em *r*, pois conforme a nota 2ª tem-se: *tèra* nomen (em geral), *che rèra* mei nomen, *nde rèra* tui nomen, *h-era* ejus nomen, *gu-èra* sui nomen, *kuñã rèra* mulieris nomen, etc. Os substantivos *tuba, tayra* pertencem á mesma classe de dicções e mudam tambem o *t* em *r*, *h*, *gu* conforme os casos; *hae* é a copulativa «et» *pype* é a posposição «in.»

6.ª *Orè rúba* pater noster, ou antes «nostri pater», pondo o pronome pessoal da 1ª pessoa do plural excl. em genitivo; *tuba* precedido do nome ou pronome á que rege muda o *t* em *r*, e por estar em vocativo perde o *a* final.

7.ª *Ybá-pe ere-ĩmbae* qui es in cœlo; o subst. regido da posposição *pe* costuma perder em guarani a consoante final *ybág*=*ybáĩ*, de modo que fica *ybá-pe* cœlo

in; os tupis diziam *ybáki-pe* ou *ybáka-pe* e os paraguayos hoje preferem *ybága-pe*.

Ere-ìmbae qui es, é o participio presente do verbo intransitivo que no infinitivo faz *ìen=ìein=ìin* esse, e que no tempo geral se conjuga *a-ì=a-in* sum, *re-in* es, *o-in* est, *ja-in* ou *ro-in* sumus, *pe-in* estis, *o-in* sunt. O participio feito pelo suffixo *bae* corresponde ao participio latino em *ans, ens* (amans, tegens) e é mais usado nos verbos intransitivos do que o formado por *hár* (nota 2ª). Nas grammaticas dão este participio em *bae* com o prefixo *o* ou *i* que representa o demonstrativo geral *qui* aquelle que, e assim *o-ú-bae* veniens, qui venit, *o-gua-bae* capiens, qui capit, *o-kébae* dormiens, qui dormit, *i-catú-bae* qui bonus, etc., *o-im-bae* qui est, qui jacet, jacens; desta maneira segundo as grammaticas a phrase seria *yba-pe o-ìm-bae* qui sum, qui es, qui est in cœlo, etc, conforme a pessoa á quem se refira o participio. Da formula porém, que aqui examinamos se deprehende que usavam do participio em *bae* conjugado com os pronomes agentes *a ìm-bae* ego qui sum, *re-im-bae* tu qui es, *o-im-bae* is ou ille qui est, etc. Escreveram em geral *ere* em vez de *re* tu, para exprimirem o som brando de *r* que nunca sôa em abañeenga aspero como em *carro, rico, roupa*.

8.ª *I-mbo-je-robiar-i-pyramo nde réra,* honoratum sit nomen tuum, devia ser a traducção, mas junctaram-lhe ainda *toico* sit.

I-mbo-je-robiari-pyramo é um participio passivo que se collocou no subjunctivo mediante o suffixo *ramo*. O verbo transitivo *robiar* credere, conjuga-se com o pronomes agentes *a-robiar* credo, *re-robiar* credis, *ogue-robia* credit etc. (por ser um verbo composto com uma prepositiva *ro*, na 3ª pessoa o pronome é *ogue*); conjuga-se tambem com os pronomes pacientes *che-re*

robiar-i me credit, me credunt, *nde-re-robiar-i* te credunt, *he-robiar-i* eum credunt, *gue-robiar-i* se credunt, etc. Todos os verbos transitivos admittem a pronominal prefixa *je=ñe* para formar verbos pronominaes, ou reflexivos e que até certo ponto servem de verbos passivos; assim *je-robiar* se credere, *a-je-robiar* me credo, *re-je-robiar* te credis, *o-je-robiar* se credit, etc. Todos os verbos intransitivos (inclusive os pronominaes) podem se tornar transitivos prepondo-se-lhes *mo=mbo* que significa «facere, efficere»; assim *mbo-je-robiar* facere se credere, sc. eum honorare, eum venerare. Todos os verbos transitivos tem participios passivos mediante o suffixo *pyr*. Já vimos antes tres participios dos quaes um formado pelo suffixo *hàb* exprime o logar, o tempo, o modo, etc. do que diz o verbo, e os outros dous (dos suffixos *hàr* e *bae*) exprimem o auctor, o factor do que diz o verbo. Alem destes ha dois participios passivos, um formado por uma prepositiva (do qual se tracta adiante) e outro formado pelo suffixo *pyr*; este ultimo tem sempre um pronome prefixo *i=ij=iñ* ou *h=he*; no caso actual temos *i-mbo-je-robiari-pyr* qui honoratus. Afinal todo e qualquer verbo ou participio seguido da pospositiva *ramo* (*reme* em tupi) fica em subjunctivo *i-mbo-ye-rabiari-pyramo* honoratus sit. A lettra *i* intercalada é apenas euphonica pois é licito dizer-se *robiar-i-pyr* ou *robiá-py* elidindo-se até os *rr* finaes. No abañeenga não se duplicam consoantes e por isso vai-se em *pyramo* um dos *r* de *pyr* ou de *ramo*.

Nde rèra tuum nomen, ou tui nomen já se viu acima: *morangatu* adjectivo composto de *porã* pulcher, e *katu* bonus; vê-se que o encontro do som nazal com *k* faz *ng*.

Toico sit. O verbo intransitivo *tecó=teicó=ticó* significa tambem «esse» como *ten=tein=tin*, com

a differença que aquelle é «esse, sistere, existire, subsistere, etc.» e este «esse, sedere, jacere.» Aquelle se conjuga *a-iko* sum, *re-iko* es, *o-iko* est, etc. no tempo geral do indicativo; o futuro do indicativo em todos os verbos é esse mesmo tempo geral seguido da pospositiva *ne*, e assim: *a-ikó-ne* ero, *re-ikó-ne* eris, *o-ikó-ne* erit, etc. Si em vez de *ne* vier a pospositiva *mo* tem-se uma especie de tempo condicional, e *tamo* um condicional composto. O tempo geral serve para presente e para preterito, discriminando-se um do outro ou pelo sentido da phrase ou por adverbios que a completam, como *cuehé* heri, *jeï* hodie, *irã* cras, etc. Mediante a prepositiva *t* que se antepõe aos pronomes obtem-se um modo permissivo, que tambem serve de subjunctivo: *ta-ikó* sim, *tere-ikó* sis, *to-ikó* sit, etc. e a este modo junctando-se as pospositivas *ne*, *mo*, *tamo* obtem-se outros tantos tempos correspondentes aos do indicativo.

A phrase toda podia ser simplesmente *i-mbo-je-ro-biari-pyramo nde réra* honoratum sit nomen tuum; mas attendendo-se á força da posposição *ramo* de subjunctivo, e á natureza do participio que implica o relativo (qui, quae, quod) preferiam quasi sempre os padres completar a phrase mediante o permissivo *toiko*, ficando a phrase como se acha no texto.

9.ª *To-ur nde rikó morangatá oré-be* veniat nobis regnum tuum. O verbo *úr* venire, é dos que tem *t* no infinitivo (*túra*), e no tempo geral se conjuga: *a-júr* venio, *re-júr* venis, *o-úr* venit, etc.; como se vê é irregular, mas não obstante prepondo-se-lhe *t* do permissivo tem-se: *ta-jur* veniam, *tere-jur* venias, *to-ur* veniat etc.

Tikó infinitivo do verbo que acima conjugamos *a ikó*, *re-ikó*, *o-ikó etc.*, serve tambem de substantivo dizendo: status, statio, modus, vita, natura, indoles, conditio, lex.

Morangatu, adjectivo já vimos.

Orė-be nobis, dativo do pronome da 1ª pessoa do plural exclusiva.

9.ª *Tij aijė nde remi-mbotàra kiė yby-pe* fiat voluntas tua hic in terrâ.

Aijė é um verbo composto da ordem d'aquelles que só se conjugam com os pronomes pacientes (vê v. adjectivos na nota 2ª), e demais que só costumam ter 3ª pessoa : no tempo geral *ij-aijė* fit, factum est, *tij-aijė* fiat, factum sit, *aijė* fieri. Em guarani escrevem-no *ayė*= *añė,* em tupi do mesmo modo e tambem *aje*=*aiė*=*anhė*.

Nde-remi-mbotàra tua voluntas, ou tui voluntas (com o pron. em genitivo). O verbo *potar* velle, é transitivo e por isso tem participios passivos. Alem do formado pelo suffixo *pyr* ha outro participio passivo formado pelo prefixo *mi*, que precedido do indice pronominal torna-se *temi* no caso geral, e *remi, hemi, guemi* nos casos relativos. Tem-se assim por exemplo no verbo *ar* capere, que se conjuga *a-i-ar* eum capio, *re-i-ar* eum capis, *o-gu-ar* eum capit etc., digo, tem-se o participio passivo *tembi* (ou *temi*) *ar* quod capitur, praeda, *che-rembi-ar* quod capitur a me, mea praeda, *nde rembi-ar* quod capitur a te, tua praeda, *hembi-ar* quod capitur ab illo, illius prâeda, *gu-embi-ar* sua praeda. Este participio é quasi sempre traduzido por um substantivo, e assim se applica bem no caso vertente, onde tem-se : *che-remi-mbotàra* mea voluntas, sc. quod volo, *nde-remi-mbotàra* quod vis, *hemi-mbotàra* quod vult, ejus voluntas, *guemi-mbotàra* sua voluntas, *Tupã-remi-mbotàra* Dei voluntas, *temi-mbotàra* voluntas (generice) etc. O prefixo *temi* torna-se *tembi* antes de vozes não nazaes. *kiė* adverbio de logar, «hic»: *yby-pe*, in terra ; *yby* substantivo «terra» seguido da pesposição de locativo *pe* in.

10ª *ybá-pe ij-aijė ñabã* sicut in cœlo fit : *ybág*

cœlum, regido da posposição *pe* in (v. retro); *ñabè* adverbio «sicut»: póde-se tambem interpretar como uma conjuncção.

11ª *Orè rembiú ára ñobõ nguara*, nostrum cibum quotidianum. Outro exemplo do participio passivo de *mi=mbi* vê-se em *orè rembiú* noster cibus (aqui em accusativo por ser paciente do verbo *meeng* mais adiante). O verbo *u* esse=edere é transitivo e se conjuga *a-u* edo, *re-u* edis, *o-u* edit. O participio passivo, que se costuma traduzir por substantivo é *tembiú* quod esum est, cibus, panis; *che-rembiú* quod edo, meus cibus, *nde-rembiú* quod edis, tuus cibus, *hembiú* quod edit, illius cibus, *guembiú* suus cibus.

Ára substantivo dies, mundus, tempus etc.

Ñabo adjectivo: quisque, unusquisque etc.

Guára (*nguára* por causa do som nazal que precede) é um participio contracto, muito usado para dizer «o que é de, o que pertence á» O verbo *tekó* não obstante ser intransitivo admitte o participio em *hár*, que é *tekóár* =*tekuar* ens (participio de esse). Empregado com substantivo ou outras dicções regidas, elide-se o pronome *te* e muda-se por euphonia o *k* em *g* fazendo *guara*. Litteralmente *orè rembiu ara ñabô-nguara e meê orè-be* nostrum cibum diei uniuscujusque ens (unicuique attinens) da tu nobis.

12ª *E meê kuri orè-be* da hodie nobis.

O verbo *meeng* dare, é transitivo e se conjuga *a-meeng* do, *re-meeng* das, o-*meeng* dat etc. Todos os verbos terminados em consoante costumam perder as finaes na conjugação em guarani. No imperativo os pronomes agentes tem pequenas differenças dos usados no indicativo, e são *e* em vez de *re* na 2ª pessoa do singular, e *cha* para 1ª do plural (inclusiva ou exclusiva); a 3ª pessoa de ambos os numeros é *o* precedida do *t*

do permissivo: assim *e-meẽ* da, *pe meẽ* date, *cha meẽ* demus, a 3ª é propriamente a do permissivo *ẽo meẽ* det, dent.

Kuri adv. hodie, hoc momento, hoc puncto.

Orè-be, dativo do pron. exclusivo «nobis».

13ª. *Hae nde ñyrõ anga* et te lenito denique (releve-se o latim barbaro). Já se viu a copulativa *hae*. O verbo *ñyrõ* é dos chamados v. adjectivos (conjugados só com os pronomes pacientes).

Anga é um adverbio muito usado, de indeterminada significação, que por vezes representa um vocativo, ó dilecte, ó dilecta, ó anima mea.

14ª. *Orè iñ-angaipabae-kuera upe* circa nos qui peccatores fuimus. A dicção *angaipàb* de formação muito irregular é a que os padres adoptaram para dizer «peccatum, peccare». Como verbo admitte o participio em *bae*: *iñ-angaipàbae* qui peccat, peccator; *kuèr* é o suffixo do preterito e *upè* a posposição que rege a phrase toda.

Kuèr designa preterito, e *ram* designa futuro, e são os dois suffixos mais geraes de tempo, que não só se ajunctam ao infinitivo e aos participios, mas ainda á nomes e pronomes, e por meio dos quaes se formam cinco tempos do modo seguinte: a dicção simples diz o presente, com o suffixo *kuer* o preterito, com o suffixo *ram* o futuro, e com *kueram* e *ranguer* (*rankuer*) dois tempos mixtos: *mboè* docere, *mboe-kuèr* docuisse *mboè-ram* docturum esse, *mboè-kueram* preterito composto, e *mboe-ranguer* futuro composto. Com os participios tem-se: *mbochàr* doctor, qui docet. *mboehàrèr* (quando a dicção termina em *r* ajuncta-se só *èr* e não *kuer*) qui docuit, *mboeharam* qui docebit, *mbocharèram* qui docuerat *mbochàranguer* qui docuisset (propriamente o condicional do portuguez, do francez, do

allemão etc.) Com um dos participios passivos tem-se: *lembiar* quod capitur, *che-rembiá* quod capio *che-rembia-kuer* quod cepi, *che-rembia-ram* quod capiam, *che rembiá-kueram* quod ceperam ou cepissem, *che rembiá-ranguér* quod caperem. etc. Do mesmo modo com os outros participios e até com alguns pronomes que tomam certa forma participial mediante o suffixo *bae*. Este participio pode-se interpretar *bae* qui est, *baekuer* qui fuit, *baeram* qui erit, *baekueram* qui fuerat vel fuisset. *baeranguer* qui esset.

15ª. *Oré rerekó-menguã-hára upe,* ciaca eos qui nos inducunt mala. onde já se conhece a posposição *upe* que rege a phrase toda; esta phrase figura como um substantivo, e é o participio de um verbo muito composto.

Todos os verbos intransitivos tornam-se transitivos mediante não só o prefixo *mó=mbo*, como já se viu, mas ainda mediante o prefixo *ro=no*, e este implica a acção de fazer simultaneamente com o paciente do verbo: *ur* venire *mbo-ur* facere eum venire, eum vocare, *ro-ur* (*rur*) venire cum eo, eum afferre ou portare: *hó* ire, *mondó (mbohó)* facere eum ire, eum mittere, *rahá (rohó*, tanto que em tupi é *rasó*) ire cum eo, eum ferre. O verbo *tikó=tekó* esse, cuja raiz deve ser *ikó* ou *ekó*, com *ro* contrae-se em *rekó* tenere. Este conjuga-se *a-rekó* teneo, *re-rekó* tenes, *ogue-rekó* tenet, etc. *che-re-rekó* me tenet, *nde-re-rekó* te tenet, *h-e-rekó* illum tenet *gue-rekó etc.*

O verbo *ikó* admitte muitas composições, taes como *ikó-bé* esse manens, vivere, *ekó-porã* pulchrum esse, placere, *ekó-mᵐguã* malum esse, displicere etc. Todos estes verbos podem tornar-se transitivos mediante a prepositiva *ro*, e assim tem-se *rekó mẽnguã (roekó-menguã)* displicere. ou antes «malum inducere» com o accu-

sativo de pessoa: *ore rerekó menguã* nos (nobis) inducunt malum. Na phrase tem-se o participio em *har* deste verbo, regido pela posposição *upe*.

16ª. *Oré ñũrõ nungá*, nos lenes sumus (nos lenimur: a forma passiva exprime bem os verbos que chamamos «adjectivos» do abañeenga; *che maenduar* memini, *nde maenduar* meministi etc.)

Nungár adverbio ou conjuncção «sicut, hoc modo».

17ª. *Ei potar-eme angaipá pype oré ar*, ne velis in peccato nos cadere. O verbo *potar* sendo transitivo, intercala necessariamente o pronome paciente *i* depois do agente *e* que é o pronome do imperativo; *eme* é a pospositiva de negação (correspondente á *eỹ=eỹm* que é geral) para os modos permissivo e imperativo.

Angaipá substantivo regido da posp. *pype*: in peccato.

Oré ár nos cadere no infinitivo, como complemento directo de *potar*. O verbo *ar* cadere, nasci etc. é intransitivo.

18.ª *Oré pysyrõ epe katú mbae pochy agui* nos libera tu bene ex rebus malis.

Oré pysyrõ epe no imperativo. já foi examinada na formula do *per signum crucis*.

Katu adv. bene.

Mbae subs., em caso regido da posposição *agui* ex.

Pochy adj. malus·

Seguem-se agora as outras formulas do Pater para serem comparadas. Vai em primeiro logar a mais antiga de todas, a do Padre Antonio Ruiz de Montoya, que vem no CATECISMO DE LA LENGUA GUARANI PUBLICADO NUEVAMENTE SIN ALTERACION ALGUNA POR JULIO PLATZMANN. Não seria esta a mais antiga de todas si algum explorador de antiguidades tivesse podido descobrir e dar á luz a do Padre J. de Anchieta.

EL TEXTO DE LA DOCTRINA CHRISTIANA

EN LENGUA

GUARANI	Y	CASTELLANA
Santa Cruz		Por la señal
Rnâangába rehé		De la Santa Cruz.
Oreamôta reỹmbá-raguì (a)		De nuestros enemigos
Orepĭ çĭrô epè		Libranos Señor,
Tùpã Oreyàra.		Dios nuestro.
Túba, hae Taĭra hae		En el nombre del Padre,
Espiritu Santo rera-pĭpé		Y del Hijo, Y del Espirito Santo
Amen Jesus.		Amen Jesus.

PADRE NUESTRO

Orerúba,	Padre nuestro
ĭbápe ereîbae	Que estás en los Cielos,
Imboyerobiâ ripĭra mô	Santificado
Nderéra (b) toycó	Sea el tu nombre.
Tou nderecomârân gatúorébe.	Venga à nos el tu Reyno.
Nderemîmbotára,	Hagase tu voluntad,
Tiyayê ĭbĭpe	Assi en la tierra
ĭbápe yyâyèyâbê (c)	Como en el Cielo.
Orerembiú	El pan nuestro
Ara ñôbaguâra,	De cada dia
Emeê coára pĭpe (d) orébe.	Danoslo oy.
Ndeñỹrô (e)	Y perdonanos
Oreyñangai pábae (f) upê,	Nuestras deudas,
Orébe mârâhárupê (g)	Assi como nosotros
Oréñûrônỹngá	Perdonamos
Haeorepo eyârĭmé	A nuestros deudores,
Toremboá ĭmégan oaipá (h)	Y no nos dexes caer
Orepĭçỹrô epécatú,	En la tentacion,
Mbae pochĭ guì. (i)	Mas libranos de mal.
Amen Jesus.	Amen Jesus.

Poucas são as differenças que apresenta este REZO comparado com o que analysamos antes. Para se verem mais distinctamente os trechos que differem, estão marcadados com um signal.

As differenças são as que seguem :

(a) *gui* em vez de *hegui*. Como posposição que corresponde ás preposições «a, de, ex, ab» Montoya dá *gui* e *agui* : no corpo das phrases porém acha-se tambem *hegui*, principalmente com os pronomes *che, nde* etc. A posposição parece ser *gui* (ou *hui* e *sui*) que recebe *a* euphonico e que torna-se *hegui* junto com o pronome da 3ª pessoa.

(b) Só falta nesta formula o adjectivo *morangatú* que vem na primeira.

(c) Houve apenas inversão dos vocabulos e suppressão do adverbio *kie* que vinha na primeira, e tambem *aybê* por *ñabê*.

(d) Em vez de *curi* (*kuri* hodie) vem: *coára pïpe* (*ko ára pype* hac die in) in hac die.

(e) Falta só a copulativa *hac* antes de *ñÿrô* e falta o adverbio *anga* depois.

(f) Na formula analysada o participio *iñ-angaipábaëkuê* está no preterito, ao passo que aqui *iñ-angaipábaë* está no presente. Qual das duas maneiras seria preferivel vê-se pela traducção que pelo preterito dá : PERDÔA O QUE TEMOS PECCADO, pelo presente: PERDÔA O QUE PECCAMOS.

(g) Em vez de *rerekó-menguâ-hára* acha-se *marâ-hár*. Deveria aqui estar *momarâ-hár*, e não *marâ-har*, porque significando *marâ* malum, damnum, *momarâ* significa malum ferre, lœdere, e *momarâ-hár* qui malum fert, qui lœdit, loesor. No mais *momarâ-hár* equivale d'algum modo á *rekó-menguâ-hár*.

(h) *Hacorepo eyârîmé Toremboá îmegan oaipá;* primeiro que tudo está incorrectamente impresso ou escripto; reduzindo este trecho á nossa orthographia fica: *haë oré-poëjár-ymé toré-mboá-ymé angaipá pype* et nos e manu non ejicias ut nos cadere non facias in peccato. Já vimos a copulativa *hae* e o pronome paciente *oré*; o verbo composto *poejar* póde-se traduzir por «e manu ejicere», no imperativo 2ª pessoa do singular com o negativa *yme*; assim *oré-poe-jár-yme* diz «nos e manu ejicias non». Segue-se a oração no modo que chamaram permissivo: *toré mboar ymé* ut nos facias cadere non. Antes já vimos o verbo *ár* cadere, que se torna activo prepondo-se-lhe *mbo=mo*. No resto dá phrase houve engano de escripta em *angaipá* e suppressão da posposição *pype*. Comparando afinal a phrase toda com a outra: *eipotareme angaipa pypé oré-ar,* vê-se que ellas se correspondem.

(i) Aqui está *gui=agui*, posposição.

Em seguida temos a ORAÇÃO DOMINICAL, que vem no CATECISMO BRASILICO DA DOUTRINA CHRISTÃ, COMPOSTO PELOS PADRES DOUTOS DA COMPANHIA DE JESUS, APERFEIÇOADO E DADO Á LUZ PELO PADRE ANTONIO DE ARAUJO, EMENDADO NA 2ª EDIÇÃO PELO PADRE BARTHOLOMEU DE LEAM (ambos da mesma companhia) LISBÔA 1686.

SIGNAL DA CRUZ

Santa Cruz räangaba recé, ore pycyrõ iépé Tupã
Santa Cruz raängaba rehé, ore pysyrõ épé Tupã

ore iár, oré amotarëymbãra cüi. Tuba, Täyra. Espirito
oré jára, oré amotar-ey-mbárá gui. Tuba, Tayra, Espirito

Santo réra pupé. Amen Jesus.
Santo rera pype. Amen Jesus.

PADRE NOSSO

oré rùb, ybàkype tecoar (a), imöeté pyramo (b) nde rêra
oré rúb, ybági-pe tekuár. i-mboeté-pyramo nde rêra

toicó; töúr nde reino (c); tonhemonhang (d) nde remi
to-ikó; to-úr nde reino; to-ñemoñang nde remi

motàra ybype, ybàkype inhemonhang iabê. Oré
mbotára yby-pe, ybagi-pe i-ñemoñang jabê. Oré

rembïú àra iabïõ ndoàra(e) eimëëng (f) cori orêbe; nde
rembiú ára jabõ-nduára ei meeng kuri oré-be; nde

nhïrõ oré angaipìba recê orêbe, oré rereco
ñyrõ oré angaipába rehé oré-be, oré rerekó

memoãçìra çupé oré nhirõ iabé (g); ore moarucar
menguã-hára ùpé oré ñyrõ jabê: oré mboar- ukár

ume iépé tentação pupé (h), ore pycyrõ iepé
yme épe tentação pypé, ore pycyrõ epe

mbäé äíba çüì (i). Amen.
mbáé aiba hui. Amen.

Pouco ou nada differe desta a formula, que vem no COMPENDIO DA DOUTRINA CHRISTÃ NA LINGUA PORTUGUEZA E BRAZILICA, COMPOSTO PELO PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF, ANTIGO MISSIONARIO DO BRASIL, E REIMPRESSO, POR ORDEM DO PRINCIPE REGENTE, POR FREI JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOZO. LISBOA 1800.

A correcção orthographica empregada na formula do Padre Araujo serve do mesmo modo á esta. Basta um pouco de attenção para se vêr.

ORAÇÃO DO SIGNAL DA SANTA CRUZ

Pelo signal da Santa Cruz, livra-nos Deos nosso Senhor, de nossos inimigos.

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Amen Jesus.

Santa Cruz räangâba recé orepycyrõ iepé, Tupã cre iár, oreamotarëymbâra çüi. Túba, Tä'ra, Espirito Santo réra pupé. Amen Jesus.

PADRE NOSSO

Padre nosso que estás nos Céos, santificado seja teu nome, venha a nós o teu Reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no Céo: o pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoa-nos nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Amen Jesus.

Oré rùb, ybákype tocoár, (a) imöetépyramo (b) nde rèra töicó. Töúr nde Reino: (c) Tonhe monhang (d) nde remimotàra ybýpe, ybàkype inhemonhânga iabé: Ore rembïú àra iabiõ ndöâra (e) eimëêng (f) cori orébé: nde-nhirõ ore angaipâba recé ore-be, Orérerecomemoàçàra çupé orenhirõ ïabé (g): Orémoarucârumé ïepé tentação pupé, (h) orepycyrõ te ïepe mbäé äiba çüi (:) Amen Jesus.

Nota.—Desta formula deu-me o Sr. Alfredo do Valle Cabral uma cópia inteiramente identica, tirada de um manuscripto da Bibliotheca Nacional, e ao mesmo tempo a seguinte analyse feita pelo nosso famoso botanico Velloso, que ajunctamos como mera lembrança de seus trabalhos em tão diversos ramos.

PADRE NOSSO

(PELO P. F. JOSÉ MARIANO DA CONCEIPÇÃO VELLOSO)

Ore—nosso.
rub—Pae-pro-*T-uba*.
ybakype—ceos em, pro-*Ybaka-çupé*.
Tecoar—que estais.
imoetepyramo—honrado.
nde—vosso.
rera—nome.
t-oicó—seja-o.
T-our—nos venha—Ajur.
ndeReyno—teu reino.

T-onhe-monhang—lhe seja feita.
ndere—tua.
mimotara—vontade.
ia-be—do mesmo modo.
Ore-r—nosso.
embiû-pam—comida.
ara—dia.
abion—cada.
ndo-ara—frequencia quotidiana.
cimeeng—seja-dado.
cori—hoje,
ore-be—para nós.
nde-nhirõ—tu perdoas.
ore—nossa.
angaipaba—ruindade.
rece—pelo.
orebe—a nós.
ore—nossos.
reco—?—que são. *Or* é repetido por causa da vogal.
A consoante a mesma á ?
memoãçara—devedores.
çupe—aos.
orê-nhirõ—nos perdoamos.
iabe—do mesmo modo.
ore—nos.
moarucarume—d.
iepê—debalde.
tentação.
pupe—em.
ore—nos.
pyeirõ—livrai.
iepe—debalde.
mbae—cousa.
aiba—ma.
çui—de.

Passando ao exame da reza não será escusada uma observação á respeito de orthographia, para não se voltar ao primeiro folheto.

Na orthographia que adoptamos, o caracter *h* alterna-se por vezes com *s*, por ex: *rehé=resé*, *pyhyrõ=pysyrõ*; alternam-se *m mb*, *b* e às vezes *p*, por ex: *motar=mbotár=potar*, *bói=mbói*; e finalmente a vogal neutra *a* de que se tratou na pag. 50 do primeiro folheto é escripta ou não, indifferentemente. Do mesmo modo imitando o fallar do Paraguay tambem se elimina ás vezes a consoante final de grande numero de vozes. Assim temos *tuba=túb=tú*, *angaipába=angaipáb= angaipá*, *che-réra = che-rér = che-ré*, *ybága = ybág=ybá* ou *ybáka= ybak= ybá* porque *g* e *k* tambem se equivalem e se substituem.

Quasi sempre em tupi apparece *k* onde em guarani está *g*. Ainda mais, quando os guaranis elidem a ultima syllaba, que de ordinario contem a vogal neutra *a*, os tupis apenas adoçam-na e abreviam-na dizendo *ybáki-pe*, quando os guaranis dizem *ybápe*.

Acima já se viu tambem que quando no vocativo os os tupis elidem a vogal neutra final *oré-rúb*, *oré jár*, é justamente quando os guaranis não na dispensam *oré rúba* pater noster, *oré jára* noster domine.

Em alguns casos raros o *g* guarani vale *h* ou *s* em tupi e ahi temos a posposição *guî=huî=suî* que os portuguezes sempre escreveram *çui*.

Finalmente a posposição do dativo *upé* em tupi apparece sempre escripta *çupé* que equivale na nossa escripta á *supé=hupé*, mas já contendo em *h* um pronome.

A posposição *pype* em tupi vem sempre *pupe*.

Afóra disto cumpre ainda notar que os sons nazaes representados em guarani por *ng* por vezes em tupi foram escriptos *nd* e n'alguns casos mudou-se comple-

tamente esse *ng* em *m;* do 1° temos exemplo em *ñabõndudra* por *ñabo-nguàra*, e do 2° em *memuã* por *menguã*. O som nazal torna *j=ñ* e *ij=iñ*.

Agora a comparação das formulas da oração dominical :

No PER SIGNUM CRUCIS, além do que acabamos de vêr á respeito dos sons, ha só a differença de *iepe* em vez de *epe* na primeira oração, e a ausencia da copulativa *hae* antes de *Tayra* e de *Espirito Santo*.

O pronome de 2ª pessoa é (nota 6) *êpe* no singular, *pejépé* no plural quando sujeito do verbo, tendo por paciente a 1ª. O padre Figueira (grammatica fim da pag. 87), e começo de 88) mostra não tel-o comprehendido como Montoya (gramm. pag. 36), e o confunde com o adjectivo *jepé*.

No PATER NOSTER temos:

(a) Tekuar em vez de *ere-ẽ-mbäe* o substantivo verbal de *tikó* em vez do participio activo de *tin=ten*.

Como não era usado o verbal *tendàra* de *ten* os padres do Paraguay empregaram o participio activo *o-ẽmbäe*. Os catechistas da costa oriental preferindo porém empregar o verbo *tekó*, usaram do seu verbal *tekudra* (*te-kóhár*) para exprimir «qui est», por tanto *Ybáki-pé tekuar* cœlo in stator, corresponde exactamente á *ybape erê-imbäe* cœlo in tu sedens.

b) Imboëté-pyramo em vez de *i-mbo-je-robiári-pyramo*. Montoya dá o verbo *mboeté* venerarí, colere. que os padres da costa empregaram muito no sentido de «laudare benedicere.» Correspondem-se pois *mbojerobiár* e *mboeté* collocados ambos no mesmo modo e ambos passivos e seguidos ambos do complemento de phrase no modo permissivo *to-ikó*.

No mais apenas na formula tupi falta o adjectivo *morã-ngatú* qualificando *rêra*.

c) To-ur nde reino em vez de *to-ur nde rikó morâ-ngatú orébe.* Os catechistas do Brasil preferiram o vocabulo portuguez *reino* em vez de traduzil-o. Além disso falta na formula tupi o dativo *oré-be* nobis, que é essencial.

d) Toñemoñang em vez de *tij-aijé* para traduzir *fiat*; Montoya dá o verbo *monañg* facere e o derivado delle *ñemoñang* fieri. No mais a formula guarani só tem de mais o adverbio *kié* hic, precedendo *yby* terra que falta na formula tupi mas não lhe altera o sentido.

e) Jabiõ-nduára=nabõ-nguára; já vimos que *j=ñ*; o *i* intercalado é apenas enphonico, e *nd=ng*.

f) Ei-meëng por *e-meë;* os guaranis dispensam sempre o pronome *i* paciente quando o verbo é dos que se tornam activos mediante a prepositiva *mo=mbo*; os tupis não prescindem do pronome paciente.

g) *Nde nyrõ oré angaipáb resé orébe, oré rerekó memuã-hára supé oré ñyrõ jabẽ*, differe do que vem na formula guarani: 1º em não ter a copulativa *haê* e o adverbio *anga* o que não altera o sentido, 2º em estar *oré angaipaba resé* nostra peccata super, *orébe* nobis, quando na outra está «peccatores» no preterito regido de *upé* e não seguido de *orébe* nobis, o que modifica um pouco o sentido, 3º em ter *jabé=ñabẽ* em vez de *mungár* que tem significação equivalente. Da troca de *memuã* por *mẽnguã*, e de *supé* por *upé* já tractamos. Na formula de Betendorf vem o erro *iaabé* por *jabé*.

h) A phrase *oré mboár-ukár-yme épe tentação pype* nos facere cadere jubeas non tu tentatione in, differe em tudo da outra mas significa o mesmo. O verbo *ur* cadere, tornou-se activo mediante a prepositiva *mbo*; a pospositiva *ukár* exprime «causar, mandar, fazer com que». Afinal os padres em vez de traduzirem empregaram a palavra portugueza *tentação*.

i) No ultimo trecho da oração vem *mbaë aïba* em vez de *mbac pochy* que se equivalem.

Quanto ao mais sobre *jepé* por *epé, hui por gui, moar* por *mboar, resé* em vez de *rehé* etc. já se disse acima o que importava.

Por muito differente que seja a oração dominical dicta em guarani da dicta em tupi, vê-se que o são ambas em uma e unica lingua. Não ha um só vocabulo, uma unica phrase tupi que se não ache tambem em guarani.

A formula que em seguida vamos transcrever é a que vem no livro de Yves de Evreux, citada no começo deste artigo na pag. 272.

Vem simplesmente o PATER NOSTER não precedido do PER-SIGNUM CRUCIS.

DOCTRINE CHRESTIENNE

EN LA LANGUE DES TOPINAMBOS & EN FRANÇOIS ET PREMIÉREMENT L'ORAISAN DOMINICALE.

Ore-rouue vuac peté couare	Nostre Pere és Cieux qui es
Ymoe-tepoire derere-toico.	Sanctifié soit ton nom.
To-oure de-reigne	Aduienne ton Royaume
Teiè-mognan deremimotare yboipé vuacpe iémognan eaue	Soi faicte ta volonté en la terre comme aux Cieux.
Oreremiou-are aiedouare eimé ioury oreue	Nostre pain quotidien donne auiourd'hui à nous
De-ieuron orè yangaypaue ressè	Pardonne nos offences
Ore recome-mossaré soupé ore-ieuron eaue	Comme nous pardonnons à ceux qui nous ont offencez.
Moar-ocar humé yepé tecomemo poupé	Et ne nous induits point en tentation
Oré pessuron peyepé mäe ayue souy.	Mais nous deliure du mal. Amen Jesu.

Posta esta oração na orthographia correcta temos:

Ore rub ybak-pe tekuár, i mboëté pyr nde rér to-ikó to-úr nde reine. To-je-moñã de-remi-mbotár yby-pe ybak-pe je-moñã jabẽ. Ore rembiú ár oje nduár ei meẽ kuri orêbe, nde jyrõ ore iangaipab resé, ore rekó memuãharé supé ore jyrô jabé. Moar ukar-yme jepé tekó memuã pype. Ore pysyrõ pejepé mbaë aïb suï.

Comparando-se com a formula tupi vê-se que é a mesma apenas mais incorrecta. Na correcção orthographica devemos lembrar-nos que a escripta de Yves d'Evreux é feita com a orthographia franceza e esta antiga; isto dá-nos a maior parte dos caracteres equivalentes em uma e outra escripta Mas alem disso ha mais observações á fazerem-se. A vogal neutra que designamos por *a* vem aqui representada por *e* mudo francez no final dos vocabulos. O *y* especial do abañeênga está representado por *oi* em *moetepoire (mboetepyra)* e na segunda syllaba de *yboi (yby)*; por *u* em *vuac (ybág)*; por *eu* em *ieuron (jyrõ=ñyrõ)*; por *hu* em *hume (ymé)*; por *u* e por *e* em *pessuron (pysyrõ)*. O *b* apresenta-se quasi sempre como *u* tal qual se vê em *rouue (ruba)*, em *vuac (ybág)*, em *eauc (jabẽ)*, em *oreuc (orébe)*, em *ayue (aiba)*. O caracter *y* de Yves d'Evreux vale na nossa orthographia como *i* ou *j* excepto em *yboi (yby)* onde vale o mesmo *y* especial. Em *memo* por *memuã (menguã)* falta signal que indique o som nazal de *õ*. Em *recomemossaré (rekó-memuã-haré=rekó-menguã-haré)* os *ss* representam *h* e o participio está no pret erito (*harér* differente do que se acha na formula tupi. Temos ainda *cimé* por *ei-meẽ (ei-meeng)* e *ioury* por *curi (kuri)* onde ha evidentemente o erro de *i* por *e*.

A differença mais importante está em *aiedouare* por *ojenduar* comparado com *iabiô-ndóára (jabõ-nguára)*

da formula tupi. Traduzimos *ára ñabõ-nguára* por «diei uniuscujusque munus» e *ára oje-nduar* (*nguar*) póde ser traduzido por «diei hodierni munus» porque *oje* é o adverbio «hodie».

Vê-se em ultima analyse que esta formula é a mesma da oração dominical em tupi.

Agora pergunta-se: os franciscanos francezes que estavam no Maranhão no começo do seculo XVII aprenderam esta formula com os jesuitas (missionarios portuguezes) para ensinal-as aos indios, ou ouviram-n'a já decorada e atamancada pelos proprios indios do Maranhão ? Tudo induz á crêr na segunda hypothese. Francezes e portuguezes viviam em hostilidades quer no Maranhão, quer no Rio e em outras partes. Um seculo depois da descoberta do Brasil já os indios, desconfiados das insidias e máus tractos dos portuguezes, desgarravam-se para longe dos colonos do reino, mas depois de terem estado em contacto com elles, depois de terem sido baptizados e catechisados e por tanto levando para os sertões uma boa parte das orações que tinham decorado e repetiam á maneira de lendas. Encontrando-se com francezes, com cujo tracto elles sympathisavam mais (porque ao menos da parte delles não soffriam o captiveiro, as perseguições e a guerra traiçoeira e exterminadora que lhes vinha dos hispanhoes e portuguezes) é natural que ao serem re-catechisados repetissem o que já sabiam.

Não era natural que os capuchinhos aprendessem o tupi com os jesuitas.

Seria facil e geral entre os padres francezes n'aquelle tempo o conhecimento da lingua portugueza, na qual estavam escriptas a arte e catechismos da lingua geral? A mesma duvida não se póde apresentar á

respeito do que escreveram Piso e Marcgraff que á cada passo revelam conhecer o portuguez. Tambem os hollandezes mais tarde é que estiveram de posse de terras brazileiras e por mais tempo.

As noticias sobre lingua tupi que se aprendem de Yves de Evreux, em tudo e por tudo, parecem recebidas directamente dos mesmos indios. Entretanto é notavel a coincidencia das formulas das orações com as ensinadas nos catechismos portuguezes, apenas com a differença de serem em orthographia franceza e extremamente estropiadas, o que se não póde explicar senão por ser traducção de traducção.

A DOCTRINE CHRESTIENNE EN LA LANGUE DES TOPINAMBOS dada por Yves d'Evreux é a mesma que vem no catechismo do Padre Araujo, truncada e estropiada. Si elle a tomasse de livros portuguezes não poderia ser tão estropiada quer na orthographia, quer no modo de separar os sons e as phrases e de lhes dar traducção franceza. O transtorno de phrases que se vê, mormente em alguns trechos, sò se póde explicar por terem sido ouvidas as orações da bocca dos indios, e mal explicadas por estes que de certo não poderiam reter com summa exactidão as doutrinas e mysterios, embora se dissessem traduzidas em sua lingua.

Na formula do CREDO por exemplo, este trecho de Yves d'Evreux.

A robiar... Ponce Pilate Mourouuichaue amoseico sericomemo poire amo.
Je croy...Soubes Ponce Pilate President a souffert.

Yiouca poïre amo youira. Ioasaue ressé.
A esté tué sur le bois de la croix. Il est mort.

Ymoiar ypoire ytemim bouïre amo.
Et a esté enseuely et enterré au Sepulchre.

Posto isto na orthographia correcta, e coordenada a phrase segundo a formula tupi (d'onde nos parece originaria), temos :

Arobiar..... Ponce Pilate mburubichab-amo hekó (reme).
Credo... Poncius Pilatus princeps cum fuisset
serekó-memuã-pyramo, i jucá pyramo, ybirá-joasáb rehé
Illum afflictum fuisse, mortuum fuissé, ligno decussato in
i 'mbojári-py (reme). I tymi-mbyramo.
flexum fuisse. Sepultum fuisse.

Para se traduzir *ioasáue resse* por *il est mort* era preciso desconhecer quasi completamente a lingua, guiando-se, para escrever, só pelo som das palavras, e dando-se-lhes a interpretação que se ouvia do interprete. Copiado de um livro qualquer não era possivel tanto transtorno e engano.

Estava isto já escripto quando o Sr. Valle Cabral me deu a seguinte formula, extrahida da mui rara *Cosmographie universelle d'André Thevet*, impressa em Pariz, em 1577, in-fol., tomo IV, livro XXI, pp. 925.

Ore rure vbacpé Ereico. Toicoap pauemgatu aua vbu
Iagotou oquoauae charai b'-amo derera reco
Oreroso Jeppé vuacpé. Toge mognanga
deremipotare vbupé vuacpé igemonang iaué.
Araianion ore remiou Zimëeng cori oreue. De guron oréuo.
orememoan angai paue supé, orerecomemoa-sara supe oregiron iaué.
Eipotarume aignang orememoaugé. Eipea pauemgne ba ememoam
ore suy.
Emona né toico, Jesus.

Segundo nota do Sr. Cabral, foi este o primeiro trabalho que se publicou em lingua tupi, pois que Lery foi impresso em 1578 e o Anchieta em 1595. Portanto esta « oração dominical » ensinada por padres francezes aos indios da colonia Villegaignon é pelo menos con-

temporanea da que compozera o padre Anchieta, esta em Piratininga, aquella em Ganabara. E' opportuno observar aqui a improcedencia do que dizem Vasconcellos e outros quando affirmam que os Guayanás fallavam lingua differente da dos Carijós. A lingua que aprendeu desde logo o padre Anchieta e na qual catechisava os indios foi a *lingua geral,* o *tupi* dos Carijós de Piratininga e dos Tamoyos de Nyterói e Ganabara, e essa lingua devia ser a do chefe principal *Tybyrysá* (o nome o diz), o *morubichaba* dos Guayanás, e o mais dedicado amigo dos padres da companhia, á que pertencia o padre José.

Esta oração dominical em puro ábañeenga, tem alguns erros de escripta ou talvez typographicos: em *ore rure* por *ore ruve* está *r* por *v; oquoauae* está muito errado, quando muito devia estar *oiquouae* para se poder interpretar como *oikobae;* em *Zimeeng* o *Z* deve valer *E;* afinal *pauemgne ba ememoam* não póde ser senão *pauemy mbae memoam*, onde o *m* se separou do *b* e se escreveu erradamente como *ne.*

Regularisada esta formula pela orthographia adoptada, e traduzida temos :

Oré rub, ybak-pe ere-icó ; toi-kuaáb pabẽ ngatu
Noster pater coelo in tu es ; sciant omnes

aba, yby jakatú o-ikó-bae, karaïb-amo nde rera
gentes, terram universam quœ incolunt, sanctum tuum nomen

rekó; ore rosó jepé ybakpe; to-je-moñang nde-remi-
esse ; nos efferto tu coelum ad ; fiat tua

mbotar yby-pe, ybak-pe i-je-moñang iabé; ara
voluntas in terra, in coelo ea fit sicut ; diei

jabion ore rembiu ei meeng kori oré-be; nde
uniuscujusque nostrum cibum da tu hodie nobis; te

jyrõ oré-bo ore mênguã angaipába supé, oré-rerecó
lenito nobis nostra damnosa peccata circa, nos qui

menguã hára supé ore jyrõ jabê. Ei-potar-yme añã oré
damnum faciunt eis nos lenimus sicut. Nolito diabolum nos.

mo-moangẽ: ei peá pabemby mbae menguã oré-gui.
angere; amove cunctas res damnosas e nobis.

Emonã ne to-ikó. Jesus.
Ita sane sit, Jesus.

Em alguns pontos differe muito das outras esta formula. Em vez de oração de relativo «que» acha-se oração no indicativo: Pai nosso, tu estás no céo.

A segunda phrase é outra inteiramente. e nella se acham dicções ainda não encontradas no que temos examinado.

Kuaáb v. trans. scire, cognoscere. agnoscere: está no permissivo (que serve de imperativo. e tambem como substantivo).

Pabé-ngatu, adjecttivo composto: omnes.

Abá s. homo, gens, indigena: persona, aliquis, qui quæ, quod.

Jacatu, «adj. composto» universus, totus. Devia *jacatu* ser seguido da posp. de locativo *pe* ou *pype.*

Oicobae part. act. *de ikó* equivalente ao part. *te-kuára*, que vem na oração em tupi.

Karaib s. e adj. de que fizeram diversas applicações; tem esta dicção os significados de «sanctus, benedictus, sapiens, doctus, peritus, distinctus, excellens, dominus, princeps»; applicaram-na á «europaeus» em contraposição á «indigena» designado por *abá.* Adoptada pelos padres serviu para designar como subst. «baptismus» donde *i-karaï-bae* baptizatus, christianus, *i-karï-eỹ-bae* non baptizatus, ethnicus, gentilis, paganus.» Na vertente oração está como «qualificativo» regido da posp. *amo* ut. de subjuntivo.

Oré rosó jepé ybák pe é tambem differente do que se viu nas outras formulas. Na nota 15ª já se fallou do verbo *ho* ire, do qual se deriva *roho=rosó* ferre, verbo este que os guaranis e hoje os paraguayos dizem *rahá*. Acha-se elle no imperativo com o paciente *oré* preposto e com o sujeito *jepé=epé* tu, posposto (nota 3ª).

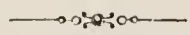
Seguem-se dicções já vistas precedentemente e só mais abaxo acha-se *jyrõ=ñyrõ* que já se examinou, e é sabido que *j=ñ*, como se vê em *jandé=ñañdé, etc.*

Mais adiante encontram-se dois substantivos *menguã* e *angaipàb* consecutivos e servindo um de adjectivo, e em vez de *upe* posp. de dativo, *supé* como se vê quasi sempre em tupi.

O verbo *moangẽ* angere, vexare, se acha re-activado por segunda prefixação de *mo*, e pois *mo-moangẽ* facere vexare, talvez inutilmente. Notando-se que na formula está *angé* e não *angê* pode-se interpretar de outra maneira: em tupi *auge*, em guarani *aguyjé* é um adj. composto significando «victus, domatus, submissus» donde o verbo *mbo-aguyjé* vincere, domare, submittere, que tambem serve para o caso.

O adjectivo *pabẽ* acha-se tambem frequentemente na forma *pabemby* cunctus.

Emonã, adv. «ita» seguido de *ne* que alem ser posp. de futuro do indicativo, serve de adv. «sanè, certè».



Seguem-se as formulas que vem no tomo 3º do Mithridates, alli transcriptas sob os ns. 367 á 374.

367

GUARANISCH

AUS CHAMBERLAYNE, S. 91

Unser Vater Himmel in du bist der
Orerúba ibápe ereibae;

Verehrt dein Nahme sey
Imboyerobiâ ripîramô nderéra toycò;

komme dein Seyn gut uns zu
Tounderecomávân gatúorebe;

dein Wille sich thue Erde auf Himmel in sich
Nderemimbotára tiyayê ĭbĭpe ibape yyâ-

thut auch
Yêyâbé

Unsre Speise Tag jeden gehorig gib diesen Tag an
Orerembiú ara nâbôguâra emêé coára pĭ

uns
peorêbe;

Verzeihe unsere Sunden uns
Ndeñŷrô oreyñángai pábaeupe orébe má

Wir verzeiken
ráhárupê oreñŷr ônúngá haeorepo eyârîmé;

.....
Toremboá ĩmégan oaipá;

uns befreye vielmekr Sache uble von
Orepicyro epecatu mbae pochĭ guî. Amen.

Desta formula deram-me os Srs. Dr. K. Henning e Alfredo do Valle Cabral cópias inteiramente identicas. E' justamente a do padre Montoya com mais erros de escripta, como *recomavan* em vez de *recomaran*, *roebe* em vez de *orebe* etc. A. do Sr. Cabral trazia o titulo e a nota que seguem.

ORATIO DOMINICA

BRASILICE, GUARINICA DIALECTO

Ex Chamberlaynio.

Vem na pp. 142 da seguinte collecção :

« Oratio dominica C L linguis versa, et propriis cujusque linguæ characteribus plerumque expressa; edente J. J. Marcel. *Parisiis, Typis imperialibus* 1805, in-4°.

368

GUARANISCH

NACH ANT. RUYZ CATECISMO DE LA LENGUA GUARANI

Orerúba,
ĭbápe ereî bae;
Imboyerobià ripĭra mô,
Nderéra toycó;
Tou ndere comârân gatúorébe;
Nderemî mbotára,
Tiyayê ĭbĭpe,
ĭbápe yyâyêyâbê;
Orerembuí,
Ara ñâbôguâra,
Emeê coára pĭpeorébe:
Ndeñŷrô,
Oréyñângai pábaenpè,
Orébe mârâharupé,
Oréñŷrônûngá,
Haeorepo eyârĭmé;
Toremboá ĭmégaoaipá,
Orepĭçŷrô epécatú:
Mbae pochĭ guî.
Amen Jesus.

E' justamente a formula do padre A. R. de Montoya, transcripta com mais exactidão que a precedente.

269

DASSELBE

NACH ANT. SEPP. UND ANT. BÖHM REISEBESCHREIBUNG NACH PARAQUARIEN, (NURNB. 1696 12) S. 213

Ore ruba.
ĭbápe ereîbac.
Imboyero biâ ripĭramo.
Nderata marânga tu toyco.
Tou ndereco marânga tuorébe..
Tiyaye nderimimbotára.
Quia ĭbĭpe.
ĭbape yyaie ñâbé.
Orerembiu.
Aranâbô guara.
Emeê curi orébe.
Ndeñŷrô.
Oreyñângai pabae upé.
Orere recomengu ahara upa
Oreñyro nûnga.
Haé eipotaremé.
Angaipape orca.
Orepĭçĭrô epecatú.
Mbae pochia guâ.
Amen Jesus.

Esta é copia da formula de Yapuguay mas bastante errada. Ahi se vê *nde-rata* por *nde-rera*, *quia* por *quie, upa* por *upé, orca* por *orea*; em vez de *mbae-pochĭ gui* ou *agui* vem *mbae pochîa guâ.*

370

DASSELBE

NACH MART. DOBRITZHOFER IN VON MURR'S JOURNAL F. K. H. L. TH. IX. S. 106.

« Ore ruba, ybape ereîbae,
« Ymombeu catupĭramo toico angû nderera
« marângatu,
« Ndereco marângatu tou ânga orebe,
« Nderemimbota tiyaye ânga coĭbipe, ybape
« yyaye nabé,
« Orerembiurâ ara nabôngoara teremeê ânga orebe.
« Ndenyrô ânga ore ynangaypabae upe, ore
« rerecohare upe orenyrô nabé.
« Oremboa eme angaypá pipê.
« Orepĭbĭro epe opàmbuepochi hequi. Amen. »

Ainda é o *rezo* guarani com algumas variantes e muitos erros.

1.° Em vez do *imbo jerobiari-pyramo* do guarani ou do *i-mboétë-pyramo* do tupi vem *imombeú-katú-pyramo* que lhes equivale em significação (v. no Tesoro *mombeú* dicere, *mombeú katú* benedicere).

2.° *angu* é erro por *anga* e este adverbio ou interjeição intercalado aqui não existe nas outras formulas.

3.° transposição do verbo *toiko*.

4.° Nas duas phrases que se seguem dá-se outra vez inversão das palavras, e intercala-se duas vezes o adverbio *anga* que ainda reapparece mais adiante.

5.° Em vez do imperativo *e-meê*, está o permissivo *tere-meê*, o qual segundo as grammaticas tambem serve de imperativo.

6.ª Em vez de *rerekó-mênguã-har* está *rerekó-haré* que pode servir porque *rerekó* tambem significa propriamente «tractare»; quanto ao mais o substantivo verbal *rerekó-haré*, está no preterito.

7.º Falta uma phrase inteira e depois em vez do permissivo *toremboá* (á Montoya), está o imperativo *orémboá*.

8.º *Pybyrô* errado em vez de *pyhyrõ*.

9.º *Opámbuepochĩ hegui*, deve ser escripto *opámbaë pochy hegui* omnibus rebus malis ex, que pouco modifica o REZO de Yapuguai.

Escusa notar erros de menor monta, como *nabe* por *ñabê*, etc.

371

BRASILIANISCH ODER GUARANISCH

(UNTER DEM FALSCHEN NAHMEN MEXIKANISCH).
AUS DURET THRÉS DE L. S. 944.

« Ore rure vbacpé, Toi coap. Pauemgatu
« aua vbu
« Jagaton: oquoavae charaib'-amo de-
« rera rico
« Ore roso Jeppé vuacpé. Toge mognanga
« Deremi potare vbupé vuacpé igemonang
« iaué
« Araiauion ore remiouz imeenycori oraué.
« De gouron oreuo
« Orememoan angai parcé supé, orereme
« moa sera supe oregiron
« iaue
« Eipotarume aignang oreme moaugé. Ei-
« pea pauemgne ba emémo-
« am ore suy
« Emona né toico. Jesus. »

Esta é justamente a formula tupï, que consídera mos a mais antiga transcripta do Thevet. Tem va-

rias differenças de lettras, e acha-se *jocaton* por *iagatou* (*jacatu*); *rico=reco; imceny cori* mais exacta em parte que *zimceng cori* em vez de *ei-mceng-cori; oraué* por *oreué* (*orébe*); *guron* por *gouron* (*jyrõ=ñỹro*); *angai-parcé* por *angai-paue* (*angaipàba*); *orerememoa sera* por *orerememoa-sara* (*ore-recó-mênguá-hara*).

O Sr. Alfredo do Valle Cabral obsequiou-me com a seguinte copia que é mais exacta.

Chamberleynius (Joan.) Oratio dominica in diversas omnium fere gentium linguas versa, cum dissertatione de linguarum origine (edente D. Wilkins). *Amstel.* 1715, in 4°.

ORATIO DOMINICA

MEXICANE

« Ore rure u bacpe Ereico: Toicoap pavemga tu a
« va. Ubu jacatou oquoa vac. Charai bámo derera reco
« Oreroso leppè wacpe. Toge mognanga dere mi potare
« vbupè wacpe ige monangiave. Ara ia vion ore remiou
« zimceng cori oreve: de guron erevo ore come moa
« sara supe oregiron javè; epipotarume aignang oreme-
« moauge; pipea pauem gne ba ememoan ore suy.
« Emona. »

Postas uma juncto da outra e interpretadas temos :

Ore rure vbacpe *Ore rure u bacpe Ereico*	—	Ore rúb ybak-pe ere-ikó, *noster pater cœlo in tu es,*
Toi coap. Pauengatu ava vbu Jagaton ; o quo avae *Toicoap pavenga tu a va Ubu jagaton o quo a vac*	—	Toi-kuaá pabẽ-ngatú abá, yby jakatu (ri) oikobäe *Illum agnoscant omnes gentes, terram totam (super) qui sunt (essentes,* propriamente),
Charaib' amo de rera rico *Charai bámo derera reco*	—	karaïb-amo nde rera toikó, *benedictum tuum nomen sit (est),*
Ore roso Jeppè vuacpè *Oreroso leppè wacpe*	—	oré rohó jepé ybak-pe, *nos adduce tu cœlum in,*
Toge mognanga Deremi potare ubupé *Toge mognanga deremi potare vbupè*	—	*To*-je-moñang nde-remimbotar yby-pe *fiat tua voluntas terrà in*

vuacpè igemonang iaué *wacpe ige monangiave*	—	ybák-pe, i-je moñang jabẽ ; *coelo in facta est sicut;*
Araiauion oré remiour imeenycori oraué *Ara ia vion ore remiou zimeeng cori orevo*	—	ára jabõ oré rembiu re meeng kuri orébe ; *diei uniuscujusque nostrum cibum tu da hodie nobis ;*
De gouron oreuo orememoan angai parcé supé *De guron orevo.....*	—	nde nyrõ oré-be ore menguã angaipabae supé, *tu mitis sis nobis nos male peccatores circa,*
orerememoa sera supe ore giron iaue *ore come moasara supe oregiron javé*	—	oré-rerekó-menguã-hára supé oré nyrõ jabé. *nos damnant qui eis nos lenes sicut.*
Eipotarume aignang oreme moangé *Epipotarume aignang oreme moange*	—	Ei-potaryme añang oremomoangé, *tu velis non doemonium nos vexare,*
Eipea pauemgne ba ememoam ore suy *pipea pauemgne ba ememoam ora suy*	—	ei peâ pabê ñé mbaé menguã ore suí, *tu amove omnes res malas nostrûm,*
Emona nè toicó *Emona*	—	Emonã ne to-icó. *Ita certè sit*

372

BRASILIANISCH

NACH DEM CATECISMO BRASILICO, 1641. 12, AUS JORDAN'S SUPPLEM. ZU LÜDEKEN S. 59.

« Orê rúb ĭbácĭpé tecoár
« Imongara ĭbipĭramo réra toicô
« Toúr ndê reino
« Toyemonhâng ndê remimotára ĭbĭpé ĭbácipe
« oyemonhánga jabé
« Orê remiû ára yabiõdoára eimeêng corì orébe
« Ndê nhĭrô orê angaipápa recê orébe, orê recome-
« moáncara çupê orê nhĭrôjabê
« Orê mboarúme yepé tentação pupê.
« Orê pĭcĭro té yepê mbaê aiba çui.
« Reino, popĭrata, moetecába nô ndê mbaéramo
« cecórime auyeramanhê. Amen. »

Esta reza é a tupi, mais inçada de erros e mais estropiada, e, o que é notavel, escripta com a orthogra-

phia hispanhola, em que o *y* especial é escripto ĭ e o *c* vale *k* antes do mesmo ĭ (isto tambem se vê em Anchieta).

Na segunda oração foi supprimido o pronome *nde* indispensavel antes de *rera*. Na penultima oração está *mboarumé* em vez de *mbo-ar-ukár-yme* o que muda um pouco o significado.

Termina a formula com as palavras: *Reino popĩrata moeteçaba nõ nde mbaé ramo cecorime auyeramanhe*, que não pertencem ao *Pater noster*, e que não offerecem sentido algum, apezar de serem dicções do abañeenga. Para se poder entender e traduzir seria preciso introduzir ahi algumas outras dicções.

373

DASSELBE

Aus dem Catecismo Brasilico (Lisb. 1686. 8) S. 1.- und eben so in von Murr's Journal, Bd. VI. S. 211.

« Oré Rúb, ybákypé tecoar;
« Imöeté pyramo ndé réra toicó;
« Toúr ndé Reino;
« Tonhemonháng ndé remmotárá ybypé ybá
« kypé inhemonhânga jabé;
« Orẽ rẽbiú ára jabiẽ ndoára eimeéng cori orébe;
« Ndehirõ orè angaipába recé orébe, oré re-
« recomemoãçára çupé orenhirõ jabe.
« Orémemoaracarumé jepé tentação pupé;
« Orépycyrõ jepé mbaé çui. Amen.
« Nach Eckart in v. Murr's Journal steht Bitte III
« inhemonhang, B. IV. rembiú, cori ohne Accent, B. V.
« ndebyrõ und orenbyro, B. VI. ore moaracáryme, jepe
« ohne Accent, tentação, B. VII. mbae und çui.

E' a formula tupi, onde está *hirõ* por *nhirõ* (*ñyrõ*) e *ore-memoa-racar-ume*, isto é, *orè-memguá-rahar-yme*, onde se emprega o verbo *rahá* ferre, em vez de *mboar* facere cadere.

374

GUARANISCH

BEY HERVAS SAGGIO, NO. 10.

Verzeihe doch unsern Sündigenden uns
Tandeñiro anga oreïñangaipabaeupe ore
Thuenden Schanden wir verzeihen
rereco-mêguâhareraupe oreñiro
wie
nûnga
Wolle nicht Sünde in unsern Fall
Eipotaremé angaipapipe orea;
uns befreye vielmehr sache üble von
Orepicirôepêcatu mbae pochi hegui.

Por ultimo temos nesta formula o trecho final do rezo guarani já analysado.

Identica com a formula 373 do Mithridates deu-me o meu amigo o Sñr. Valle Cabral a seguinte ORATIO DOMINICA, BRASILICÉ COMPOSITA, sotoposta á traducção latina.

Noster pater, cœlo in ens: honoratum tuum
Oré Rúb, ybákypé tecoar; imoetépyramo ndé
nomen sit veniat tuum regnum: fiat tua
réra toico: toúr ndé Reino: tonhemonháng ndé
voluntas terra in cœlo in fit sicut; nostrum
remimotára ybypé ybákypé inhemonháng jabé: oré
uictum diem quemlibet attinentem da hodie
rembiú ara jabiõ ndoára eimeéng cori
nobis: ignosce nostra peccata propter nobis, nos
orébe: ndehyrõ oré angaipába recé orébe, oré
qui malé tractârunt ignoscimus sicut: nos
rerecomemoãçára çupé orenhyrõ jabé: orè
fac cadere non tentationem in: nos libera tu
moarucáryme jepé tentação pupé: oré pycyrõ jepé
re mala â Amen.
mbaé aiba çuí. Amen.

Do *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur* de Christoph Gottlieb von Murr, parte VI (Nurnberg, 1778, in-8.º), a pp. 211 e 212.

Como se vê, é exactamente o Padre Nosso tupi, bem fielmente transcripto.

Do tupi moderno ainda hoje fallado no Amazonas deu-nos o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães uma grammatica no seu livro ultimamente publicado, sob o titulo O SELVAGEM.

Nesse livro á pag. 142 vem uma formula da oração dominical, que S. Ex. apresenta como mais accommodada á *simplicidade*, á *infancia por assim dizer*, da linguagem do indio. Precede á esse PADRE NOSSO na pag. 140 o PADRE NOSSO transcripto de *Chrestomathia da Lingua brasilica* do Sr. Dr. E. F. França, o qual é apenas uma copia muitissimo descurada do Padre Nosso do Padre Antonio de Araujo, que foi transcripto na pag. 105.

O Sr. Dr. Couto Magalhães censura essa formula na pag. 141 do seu livro, e depois apresenta a sua.

Tenho pezar de não poder concordar com S. Ex., nem poder admittir um só dos pontos em que basêa a sua censura á formula do padre Araujo, mas não me deterei em argumentar, porque da analyse feita do PADRE NOSSO nestes apontamentos se póde vêr o porque não posso concordar com a sua critica.

Vai em seguida a formula que prefere o Sr. Dr. C. de Magálhães, a qual será bom examinar-se e confrontar-se ligeiramente com as outras.

PADRE NOSSO	NHANÉ RUBA
Pai nosso que estais no céu;	Nhané rùba oíkó uahá ĭuáka opé;
Santificado seja o teu nome;	Ne réra oiúmuité toikó;
Dai-nos o céu onde estás.	Remehẽ iané arãma ĭuáka, mamé reikó;
A tua vontade seja feita no céu e tambem na terra;	Né remimutára toiumunhã ĭuákapé, iuĭre ĭuĭpe:
Dai-nos hoje o nosso sustento de cáda dia;	Remehẽ oiií iané arãma, iané remiú ára iepé iepé çuiuára;
Dae teu perdão ás nossas culpas, assim como daremos áquelles que forem culpados para comnosco;	Remehẽ ne iirón iané angaipáua recé, maíiané ia mehẽ curi iané iirón aitá çupé inti omunhãna catú uahá iané arãma;
Não deixeis, Senhor, que façamos más obras.	Inti rexári, iané Iára iamunhã puxí mahã itá.
Livrai-nos de tudo quanto fòr mal. Amen Jesus.	Repĭcĭrú iané opaĭ mahã aĭua çuí. Amen Jesus.

Esta formula quanto á construcção já se approxima muito, e mais que todas as outras, do portuguez, si bem que aînda com um tal ou qual caracter da LINGUA GERAL.

Por falta de typo especial empregamos o ĭ de Montoya nos casos em que S. Ex. empregou um *i* particular.

Nhane ruba na nossa orthographia é *ñane ruba*= *ñande ruba*. A novidade aqui, comparando-se com as outras formulas, é o empregar-se o inclusivo *ñande*

(nós todos), em vez do exclusivo *oré* (nos outros). Pelo menos é mais humanitario e...evangelico.

Oiko uahá corresponde ao participio *oikó-ƀáe*, aquelle que és; *uahá* propriamente é *uáa*, porque o *h* não tem aqui razão alguma de ser; ora *uáa* corresponde a *váa=ƀáa*, e vai ao antigo *ƀae* suffixo do participio activo, o qual tambem perdura no paraguayo moderno n'uma forma contracta *ƀa*, *va*, *ma*, *pa*, e que elles torcem para representar o imperfeito do indicativo.

Yuaka ope corresponde á *yƀáka-pe=yƀaki-pe=yƀaga-pe* in coelo; a ultima forma é ainda a dos paraguayos. A mudança do *ƀ* primitivo em *v* e depois em *u* no Amazonas é muito geral, e não é só em *ʼuáka* que se encontra.

A posposição de locativo *pe*, mudada em *ope*, mais abaxo vem *pe* mais exactamente.

Ne rera oiumueté toikó teu nome louvado seja, está bem á portugueza até na collocação; mas para isso é preciso considerar-se como adjectivo participio *oiumueté* 3ª pessoa do verbo pronominal derivado de *mƀoeté* engrandecer, louvar, *o-je-mƀoeté=o-ñe-mƀoeté* elle se engrandece, se louva, ou é louvado. Os paraguayos tambem já empregam o verbo pronominal como qualificativo, e o que é mais, em todas as pesssoas.

Remehe iané arãma ʼuaka, mame reikó. Pondo isto na nossa orthographia e traduzindo temos: *re meẽ jandé guarama yƀáka, mame reikó*, tu dá para nos estarmos o ceo, onde estás; a traducção é bem litteral e bem portugueza.

O *arãma* actual do Amazonas servindo de suffixo do futuro parece ser fusão de suffixos de participio *háƀ* ou *hár* com a posposição *rãm* de futuro, e ás vezes

como aqui, presta-se a ser considerado como futuro de *guar* (contracto de *tekuar*).

Mame dos tupis, *mamõ* dos guaranis é adverbio «onde».

Ne remimudàra loiumunhã ĭuakapé ĭuĭre ĭuĭpe a tua vontade seja feita (faça-se) no céo e tambem na terra; vai tambem muito á portugueza. Conforme a orthographia adoptada tem-se: *nde remi-mbotàra lojemoña ybakape, jebyri yby-pe.* Aqui se apresenta *ybaka* regido da posposição *pe* de locativo, quando acima vimos *opé*, e o verbo *jebyr* volver e tornar, está empregado como adverbio «outra vez.»

Remehe oiii iané aràma, iané remiii àra iepé iépé çui uàra. Na outra orthographia e traduzido ao pé da lettra; *re meẽ ojei ñande guarama, ñande rembiii ara jepé jepé sui guara*, tu dá (o indicativo pelo imperativo, o qual faz *e-meẽ*) hoje para nos termos, a nossa comida á cada dia pertencente. *Ojei* adv. é de uso geral, *remiii=rembiii*, comida, sustento; *jepé* era muito usado em tupi no sentido de «um». *ara jepé jepé* dia um um, dia por si por si, dia um por um; *sui=gui* posp. «de» Precedendo agora a *guara* approxima-se á construcção antiga em que *guara* como participio contracto de *ieo* ser, pedia sempre uma posposição para o seu complemento ou caso regido.

Remehe ne iiron iané angaipàua recé, em outra orthographia: *re meẽ nde ñỹrõ ñande angaipàba rehe* litteralmente « tu dá teu perdão aos nossos peccados»: mediante os dois substantivos *ñyrõ* perdão, *angaipaba* peccado, toda a collocação é puramente portugueza com excepção da proposição *recé*.

Maiiaue iamehẽ curi iané iiron aiiá çupe. Na nossa orthographia *ma jabẽ ja meẽ kuri jandé ñyrõ aiiá upé* é ainda quasi litteralmente «assim como nos damos

agora (ou aqui) nosso perdão á aquelles...» Segundo se vê da grammatica do Sr. Dr. C. de Magalhães hoje *curi* é um designativo de futuro, mas collige-se da phrase acima, que ainda é possivel interpretar *curi* com a significação antiga, a qual reside essencialmente no demonstrativo *ko* regido do posp. *ri*, fazendo *kori* nisto, neste instante, em isto, etc. E destas encontram-se frequentemente nos fallares modernos, nos quaes a phrase apezar de querer se adaptar á construcção do fallar europeu, com tudo sempre se acha alguma coisa torcida á geito, que revela o modo de construir antigo. O pronome *aitá* aquelles, regido de *upé*, e fazendo esperar a oração incidente (com relativo que), é evidentemente formado de *ã* demonstrativo e *ita=etá* adj. (muito, muitos) adoptado para designar plural; a unica differença é que *ã* designando «este» *aita* devia dizer «estes», notando-se porém que, como ainda ha o demonstrativo *ko* este, *ã* propriamente quer dizer «o» e *aitá* «os».

Inti omunhãna catu uahá iané arãma, é a oração de relativo «que», com a qual se completa a phrase de «perdão á aquelles que», e tambem aquella em que a construcção se arreda um pouco do portuguez e lembra a antiga, apezar da irregularidade da negativa *inti* e outras. Tambem é difficil reproduzi-la na nova orthographia por causa das dicções estranhas *inti*, *uahá* etc. *Inti* negativo figura no dicc. braziliano na forma *nitio* que vai ter á phrase antiga *nditybı* non est (não ha); *uahá* é o suffixo de participio, que ja vimos contendo o relativo «que» *arãma* é o novo designativo de tempo futuro que tambem vimos; *catu=katu* adj. e adv. «bom, bem,» aqui está como subst. «o bem»; *munhana=moñang* é o verbo «fazer.» Assim pois *o munhana uahá* corresponde á *o-moñãng-bae* qui facit. Já vimos que a ne-

tiva *eỹ* dos participios é sempre posposta ao verbo, de modo que aqui a negaiiva *inti* preposta exprime um grande desvio da antiga, e *catu* como subst. servindo de accusativo de *moñang* é outra grande irregularidade para se approximar á construcção portugueza. Afinal *iané arama* corresponde á *ñandé guarama* que já se examinou.

Portanto transportando o suffixo *uahá* que representa o relativo para o principio temos *aitá çupé* á aquelles, *uahá inti o munhana catu iané arama* que não fazem bem para nós termos.

Em se attendendo á collocação da negativa *inti* na phrase, visto como se acha collocada no principio, pode ella se considerar como *ani* ou *andi*, mas então *inti* em vez de *nd* com o verbo representa uma mudança semelhante á que se faria em francez pondo-se *non* em vez de *ne* na phrase *je ne le fais pas*.

Inti rexàri, iané iara, ia munhã puxi maha itá, é, palavra por palavra, construc«ão portugueza: não deixes, meu senhor, fazermos más cousas. *Inti rexàri* não tem nada que indique o imperativo antigo, embora ahi se veja o verbo *hèjàr* deixar, alterado para *rexari* tu deixas, precedido da negativa *inti;* o regular seria *e-hejàr-ymé* não deixes (imperativo negativo) com a negativa posposta; *iané iàra* e *jande jàra* nosso senhor; *ia munhã* corresponde á *ja moñã* nos fazemos, mas aqui está como infinitivo pessoal «nos fazermos»; *mahá* corresponde á *mbae* coisa, que seguido do adj. *itá* muito, faz *mahá itá* (*mbae itá* cousa muita) cousas; afinal o adj. *puxi* (*pochy*) está anteposto ao substantivo, o que não é regular em abañeenga.

Repĭcĭrú iané opaĭ maha aĭua çui, construcção toda portugueza. Na orthographia adoptada tem-se: *re pysyrõ ñande opàbi mbae aïba gui* tu livra-nos de to-

das as coisas ruins (só ha a posp. *gui* que se desloca como preposição na traducção): O imperativo seria *epysirõ* livra, e não *repysyro* tu livras; o pron. paciente devia ser preposto e então desapparecia o sujeito *e* tu, *ñande pysyrõ* livra-nos, ou então seria o pron. sujeito (de 2ª pessoa) posposto *ñande pysyrõ epé* livra-nos tu; *opá* como adjectivo apresentou-se com um *y* demais, que só se póde interpretar por *bi*; ha erro em *aïua* que devia ser *aïua* (*aïb*); *mahá* já vimos que é *mbae=mae=maá*, e si o não parece é porque desgraçadamente se representa no Selvagem o *spiritus lenis* pela aspiração *h* inteiramente impropria, e que adultera *maä* em *maha*, *uaä* em *uaha*, *meẽ* em *mehẽ*, *soó* em *sòhó*.

Os vocabulos são da lingua geral, como vemos. A construcção não, pois apenas resta a collocação das posposições e do designativo de futuro no fim da phrase: mais nada.

Quanto á orthographia temos em primeiro logar signaes differentes para o mesmo som, taes são: *nh* em vez de *ñ* destes apontamentos, *ç* e *c* por *s*, a aspirada *h* pelos apices, *x* por *ch*, um *i* especial por *y*. Os sons *n=nd*, *m=mb* no livro o *Selvagem* apparecem sempre como *n* e *m*.

Mudança real de som se dá em *b* que no livro o SELVAGEM vem como *u* (*iaue* em vez de *jabé*), e do mesmo modo o *e* e o *o* (*iemunhã* por *je-moñã*). O *g* desapparece (*uára* por *guára*): o nosso *j* é alli representado sempre por *i*.

Esta mudança de sons é confirmada pelo que se vê no vocabulario do padre Seixas e n'aquelle que foi impresso pelo Dr. Gonçalves Dias no tomo 17 da Revista do Instituto Historico. E ella é mais geral e se estende por todo o Brasil, como o confirmam alguns vocabularios que tenho e até o que vem no livro do Sr. Dr. Mou-

tinho (em Matto-Grosso). Mesmo no Pará se vê o *y* mudado em *é* o que raro se vê no livro o SELVAGEM.

O *j* representado no livro *o* SELVAGEM por *i* sôa *ñ* mesmo no Pará, sôa *dj*, as vezes sôa *j* como em portuguez e chega á passar á *ch* como se vê mesmo no presente PADRE NOSSO *rexàri* em vez de *rejàri*. A final o *ch* tem por vezes o som *tch*.

Destes sons de *j* e de *ch* se pode ter exemplo com os matutos do interior, e principalmente com alguns caboclos velhos de Minas, S. Paulo, Goyaz etc., dos quaes ainda muitos fallam a lingua indigena.

Por ultimo seja-nos licito dizer: Seria muito bom que se reimprimisse com mais cuidado (e com orthographia mais adequada) a grammatica do Sr. Dr. C. de Magalhães, e que S. Ex. lhe junctasse o promettido glossario; o trabalho de S. Ex. é todo practico e está prestando reaes serviços aos que tendo de tratar com os indios do Amazonas, se premunem da sua grammatica e a estudam para entrar em conversa não só com os tapuyos, mas ainda com varias tribus ainda selvagens, que fallam o tupi mais ou menos alterado.

Uma das cousas que caracterisam a grammatica do abáñeẽnga é a ausencia de dicção separada e distincta do verbo para exprimir o relativo «que» (qui, quae, quod), e mesmo a conjuncção « que» que liga a oração incidente (de infinitivo e até de subjunctivo) á oração principal. Positivamente na lingua geral o relativo «qui, quae, quod» é expresso e é implicito no verbo mediante os suffixos de participio com os prefixos pronominaes, e a conjuncção «que» pelo verbo no infinitivo, ou no subjunctivo, e tambem por alguns participios. *Nde hó ndai potàri* não quero que vás, isto é, *te ire nolo*, te ires não quero; não é possivel que sare sem que se tracte *ndi kahi hesãi-haguã pohang-eỹmo*, isto é,

não é possivel elle sarar (o sarar delle, em futuro) sem elle se tractar, ou si elle não se tractar. No dia em que (ou no qual) te foste elle morreu, *ara nde-ho-haguê-pe o manõ*, no dia *ara-pe*, a pospoposição *pe* em, está no fim, e o relativo « que» junctamente com o designativo de tempo preterito está no suffixo participial *haguér*. Demais esta phrase não é a mais exacta porque emprega ahi um substantivo *ara* dia, o qual á ser necessario se empregar, deveria estar depois de *ho-haguê* que tambem, considerado como substantivo, devera estar em genitivo. O tempo poderia ser designado independentemente do substantivo *ara*, dizendo-se *nde ho-ramo o manõ* em te indo, ao te ire elle morre. *nde ho-ramo-bé o manõ* logo que te foste ou immediatamente ao ires-te elle morreu, *nde ho-haguera-be o manõ*, depois que te foste ou em seguida ao te teres ido elle morreu; e cada particula que ahi se mette introduz certa determinação, donde se vê que não ha as inculcadas particulas de adorno, que phantasiam as grammaticas, as quaes são completamente inadmissiveis, porque não se póde procurar enfeites quando ainda se tracta de vestir bem os dizeres.

Os participios activos e passivos incluem sempre em si o relativo «que, o que». *Ojukà-bae rãma o manõ-ne*, o que matar morrerá; *ojukà-bae-kuê o manõ-ne*, quem matou morrerá. *i-jukà-harê-ramo be lo manõ*, por ter sido elle quem o matou, morra. *kuñã che rembi-ayhú-kuéra ndo-ikòbé-i*, a mulher a quem amei não vive, ou antes, a mulher, que foi por mim amada, não é mais; *kuñã, cherembi-rekò-kuéra, ndo-ikòbé-bèi*, a mulher, que foi minha esposa (que foi tida por mim), não vive mais. *Abà, guemimbolà o-mbo-aje-ukà-baé jepi, no-mbo-ory guobailì-hàr*, o homem, cujas vontades são sempre satisfeitas, não gosta de quem o contraria.

E' caracteristico tambem no abañeenga que as particulas para designar tempo, não sejam inherentes ao verbo, e possam ser postas como suffixos até depois dos nomes e pronomes. Assim :

mbae a coisa, o que é.	*abá* a pessoa, quem é.
mbae kué o que foi.	*abá kué* quem foi.
mbae ram o que será.	*abá ram* quem será.
mbae kueram o que fora.	*abá kueram*, quem fora.
mbae ranguer, o que seria.	*abá ranguer* quem seria.

Junctando-se a negativa, a qual é sempre posposta ao nome ou verbo, mas pòde se prepôr ou pospôr aos suffixos de tempo, tem-se *mbae eỹ* o que não é. *abá eỹ* quem não é. *mbae-kuerãm-eỹm* ou *mbae-eỹ-kuerã* o que não fora, *aba ram-eỹ* ou *abá eỹ-ram* quem não será, etc.

No portuguez dá-se a existencia do *infinito pessoal* ou infinitivo conjugado, que não ha nas outras linguas cultas. Si esse facto se desse tambem no hispanhol poderia auctorisar o pensamento de que fosse isso por influencia da *lingua geral* e de outras do continente americano.

Os roceiros e a gente do povo fazem uso frequentissimo do infinito pessoal e á cada instante o estamos ouvindo regido de preposições, como elle o é de posposições no abañeenga: Queria que mecê me desse um capote para eu me agasalhar (para que me agasalhe); elle não veio por amor de o terem estorvado (porque o estorvaram); precisa nós irmos (é preciso que vamos): litteralmente na *lingoa geral* : *haebe oré hó-haguã*.

A respeito dos pronomes: no abañeenga é fundamental a distincção entre o pronome demonstrativo geral *i=j=ñ=ij=iñ* ou *h* (is, ea, id, ou ille, illa, illud) e o reciproco *o*, *gu* (sui, sibi, se, e o seu derivado possessivo «suus, sua, suum»). Devido talvez á isso os brasileiros, mormente os caipiras, tem no seu dizer mais precisão que os portuguezes, pelo uso impropriíssimo que fazem

estes do reciproco *se*. Já foi isto dicto no primeiro folheto, mas vale a pena repetir. Como existe o tractamento de V. M., V. S., V. Ex., etc., d'ahi vem a necessidade de se empregar o verbo em 3ª pessoa: *V. M. bem vê*, em vez de *tu ves*, ou *vós vedes*. Do mesmo modo vem o emprego do possessivo *seu, sua; V. M. tomé a sua bengala=toma a tua bengala=tomai a vossa bengala*. Aqui porém já se apresenta ambiguidade porque *sua* podia ser *delle* ou *della*. Os nossos caipiras já são mais precisos dizendo embora pleonasticamente: *V. M. tome a sua bengala de V. M.*

Na phrase seguinte: *Estive com o seu compadre e elle fallou de si*, como nos dizem os portuguezes, ficamos em duvida se elle fallou *de si* ou *de vós*, e então deixa de haver pleonasmo no fallar dos nossos caipiras, que é mais preciso, dizendo: *estive com seu compadre de V. M.* e *elle fallou de V. M.*

E' evidente: *elle fallou sobre si*, da maneira como dizem os portuguezes dirigindo-se ao interlocutor é completamente ambiguo, e ahi o nosso matuto falla com mais precisão porque diz expressamente uma das duas cousas contidas na phrase á portugueza, isto é, ou *elle fallou de V. M.*, ou *elle fallou de si* (*si* reciproco referindo-se á *elle*). Prefiro á estas ambiguidades a precisão dos nossos matutos com todos os seus pleonasmos, quando dizem: elle tomou a sua bengala *delle* para que eu a trouxesse á *V. M.* (*á si* diriam os portuguezes) a fim de *V. M.* (*de si* á portugueza) troca-la pela *sua* de *V. M.* (concluem os nossos).

O portuguez vem do latim, e na lingua mãi tambem é fundamental a differença entre os demonstrativos *is, id, id, ille, illa, illud* e o reciproco *sui, sibi, se;* aos possessivos *suus, sua, suum* correspondem os genitivos dos demonstrativos *ejus, illius*.

Isto está escripto ha muitos annos, mas felizmente antes de ser dado á luz é corroborado e *esclarecido* pelo auctor do IDIOMA DO HODIERNO PORTUGAL COMPARADO COM O DO BRAZIL, que muito proficientemente elucidou esta questão do pronome reflexivo, e outras de pronuncia e de syntaxe do portuguez.

E até o auctor (que modestamente occulta o seu nome) desse bom livro me compelle á esclarecer mais o questão do pronome reflexivo e na pag. 22 da 1ª parte do seu escripto precisa bem o como deve ser entendido esse reflexivo.

« O pron. refl. *se* e os adjectivos como elle reflexivos, se referem ao agente. »

E' exactamente o que se dá em latim e tambem na *lingua geral* onde ao pron. *i* ou *h* (is, ea, id, ou ille, illa, illud) correspondem os reflexivos (que chamei reciprocos) *o* ou *gu* (sui, sibi, se). Dahi tambem a explicação dos pleonasmos usados pelos caipiras, porque empregada em portuguez a 3ª pessoa pelo 2ª como agente do verbo o sentido do refl. *se* e dos adj. correspondentes *seu*, *sua* fica duvidoso e elles o determinam por meio dos pron. *elle ella* (is, ea, id, ou ille, illa, illud) e dos adj. *d'elle*, *d'ella* (ejus, illius): *e mecẽ chebe nde kysé* dá-me a *tua* faca *i kysé* a faca *d'elle* e nunca *o kysé* a *sua* faca, porque o agente do v. é *tu;* em portuguez porém servindo a 3ª p. por 2ª p. o caipira usa do pleonasmo para determinar: «dê-me a sua faca *delle* ou de *mecê*». *Oi mecẽ chebe* elle deu-me *o kysé* sua faca *guaĩ kysé* de seu filho a faca, *abá kysé* do homem a faca, *i kysé* delle a faca; em portuguez « deu-me a sua faca » precisa de pleonasmos para determinar a « *sua* faca de mecê (2ª), *sua* delle (o agente), ou *delle* (o outro).

A *lingua geral* no seu contacto com a portugueza e a hispanhola foi supplantada, não ha duvida, e nem

ha o que admirar, porque na peninsula iberica tambem o foi o arabe, algum tempo vencedor e dominante, pelo latim, donde nasceram o portuguez e o hispanhol. Venceu o latim não obstante ter legislado e dominado na peninsula o elemento arabico durante alguns seculos; não é de admirar que o tupi sempre vencido e escravisado, perecesse perante o portuguez. O que admira porém é que no portuguez hoje fallado pelos brazileiros abundem muitos dizeres herdados dos incolas, mais talvez do que ficou do arabe no portuguez. Com effeito não é só a parte lexica que passou para a lingua do colono conquistador; passou tambem alguma cousa do torneio de phrase, alguma cousa do modo de pensar e sentir, e de dizer, que sem destruir completamente a grammatica portugueza, adaptou-a com tudo á um modo de fallar differente.

De perfeito accordo com o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães neste ponto, tenho prazer em reconhecer com S. Ex. a influencia exercida pela lingua indigena no fallar da nossa gente do povo. S. Ex. mais que ninguem o podia apreciar, percorrendo tantas provincias em suas longas viagens, e pondo-se em contacto com diversas gentes das diversas localidades que percorreu.

Para concluir a analyse dos *Pater Noster* vamos apresentar a formula que ainda ouvimos da bocca de um ou outro caboclo, em cuja memoria perdura alguma cousa da lingua de seus pais. Mais ou menos alteradas, mais ou menos aportuguezadas, com tudo, ainda conservam certo caracter da antiga lingua geral. Sirva-nos de exemplo uma que tomamos de um caboclo que tinha pertencido ao antigo aldeiamento de Ita-

guahy, a qual em grande parte concorda com uma aprendida na minha infancia com caboclos do Sul de Minas Geraes. Este *Padre Nosso* parece ter sido ensinado por padres que conheciam a lingua tupi, conforme o que subsiste no *Diccionario Braziliano*, que as pesquizas dos dignos empregados da Bibliotheca Nacional attribuem a Frei Velloso.

PADRE NOSSO

Santa curuçá rangaba recé tere pycỹron, Tupana jandé jára. jandé çobayána çui, Paya, Tayra, Espirito Santo abé réra pupé. Amen.

Jande Paya, oicó-oaé ybáke pupé, to-je-mombeúpyr nde réra carayba, to-ur jandé-bo indé çobáya, tojemonhang inde remimotára yby-pupe yabecatú ybáke pupé. Tere-meéng cuyr jandé-bo jandé meapé ara yabê yabêgoárã; tere nhyron jandé angaipába çupé njbê nongára yande nhyron jandé çupé tecoayba goára, aitio cejá jepé jandé ár enganeçába pupé; Tupãna, xe jára, nde abé jande pycyron mbae-ayba pabê çui.

No *signal da cruz* encontram-se poucas differenças da formula antiga tupí. Em vez de *Santa Cruz* perfeitamente portugueza, acha-se a palavra tupinisada em *curuçá*, e o mesmo aconteceu no guarani onde se introduziu *curuzu* á hispanhola.

Em vez do pronome exclusivo *oré* ja se acha aqui o inclusivo e generico *jandé*, como se viu na formula do Sr. Dr. Couto de Magalhães. Como, quando, e porque se deu essa mudança em tupí, ao passo que em guarani continua o emprego do pronome exclusivo, é o que não é facil dizer.

Nas formulas paraguayas continúa o uso do pronome exclusivo *oré*, para dizer *pai nosso*, de nós outros, os christãos, os catholicos; no tupi de certo tempo em

diante começam á usar do inclusivo *jandé*, chamando-se á Deus, *pai de nós todos*, incluindo os homens na sua generalidade, e talvez os animaes, os seres vivos todos e até a creação inteira.

Para traduzir *inimigo* empregou-se aqui *çobayana* que, no diccionario brasiliano, vem com o significado «o contrario, o adversario». Propriamente *tobaichuar* = *tobai-guar* quer dizer «fronteiro, o que está na frente» porque *tobái* diz «a frente». Pela regra dada á respeito do demonstrativo *t*, tem-se *tobái*, *robái*, *hobái*, *guobái*.

Em tupi *h* é *ç*, e a desinencia *ára* é frequentemente mudada em *ana*, mormente quando occorre voz nazal. Mas note-se que differem *tobaichuar* e *tobaijár* significando um «o fronteiro» e o outro «cunhado.» Os tupis pois confundiram *tobaichuana* ou *tobaiguana* com *tobái-ãna*, e em ultima analyse tem razão, quer quanto á derivação do radical, quer quanto ao significado.

Não vale a pena apontar pequenas differenças nas dicções como *rángaba* em vez *ráangaba*, hoje no Pará *rángáua* etc.

No *Padre Nosso* além da novidade do pronome inclusivo *jandé*, temos ainda a do substantivo *Paya*. E' penoso estar á repetir as mesmas explicações, mas como não sei qual dos escriptos, que faço simultaneamente, será primeiro publicado, é preciso dizer aqui em breve alguma cousa. No abaneenga a dicção que propriamente designa «pai» é *tub* (*che rub*, *nde rub*, *tub*, *hub*, *guúb*) ; *paï* (nunca usado com pronomes) é uma especie de vocativo, e como diz Montoya, «palabra de respeto con que nombram a sus viejos, hechiceros y gente grave» correspondendo a *haï* mãe, como *tub* corresponde a *syg*; *paijé* é o nome dado ao «sacerdote, propheta, medico (hechizero, como diz Montoya): de *paya* não ha exemplo em guarani, mas no tupi equivale á *tub* como

se vê no diccionario braziliano, e como se acha em muitos dizeres dos caboclos, notando-se com tudo que, no tupi constante do diccionario braziliano, ha muito vocabulo portuguez, como: *marica* barriga, *paya* pai, *maya* mãe, *pàna* panno (*pana peleca* lavandeira). *papera* escripto (papel). Afinal apparece o vocabulo *laytà* usado pelos paraguayos para designar *pater-familias*, o pai, o ancião. vocabulo explicavel pelo *abañeenga* como contracto de *tayr-età* muitos filhos; este vocabulo, porém. se acha no kechua tambem, e em alguns outros dialectos que não são do tronco abañeenga. Em Basco ha tambem *aita*, note-se por demais.

O suffixo de participio *bàé* aqui se nos apresenta sob a forma *oàe*, donde o usado hoje no Amazonas *uàu*. que o Sr. Dr. C. de Magalhães escreve *uahà*.

Em *to-je-mombeu-pyr* se acham dous designativos de passiva, pois *o-je-mombeù* é «louve-se ou seja louvado» e *i-mombeu-pyr* o louvado, ou louvavel.

No diccionario braziliano dá-se tambem á *pyr* a significação de um adverbio «mais.»

O pronome *nde* na forma *indé* já vem em Figueira e até em Anchieta.

Nas rezas mais antigas vinha *reino* e na formula franceza *reigne* a dicção que aqui é *çobàya*, aliás *hobàja* a fronteira delle.

Nada diremos de dicções que mais ou menos estão explicadas como *yabe-catù*, *cuyr=koyr*, *nongàra=nungàra*, etc.

Par designar «pão» era anteriormente usado quer em guarani, quer em tupi *tembiu=temiù*, comida, alimento em geral: aqui vem agora *meapé*, *miapé* mais geral, em guarani *mbuyapé* que vem de *tembiuapé* bolo, pão.

E' notavel ainda achar-se aqui em forma pura antiga *yabé-goara* equivalente á *ñabô-nguara* servindo de adjectivo. Essa forma participial em *goár* ainda se reproduz mais adiante em *tecô-ayba-goára* construido contra as regras da grammatica antiga, mas confirmando a interpretação, que lhe foi dada, de ser o participio contracto *tekoára* aquelle que é, *teco-ayba* (em genitivo, por estar preposto) de má condição.

Em *Tupãna* verifica-se o uso dos tupis de completarem a syllaba final, que os guaranis elidiam dizendo *Tupã=tupan*.

No resto da formula só vem dicções que já foram examinadas, havendo de novo unicamente o substantivo *enganeçaba*, do portuguez *engano* com a desinencia *hába*.

Ha muitas outras variantes, que na essencia se reduzem á esta ou á alguma mais antiga, variando apenas em uma ou outra dicção, como *ndemimotara* por *nde remimbotára*, *momboete* ou *mbuete* por *mombeu*, *jabebê* por *jabekatu*, *ojei* por *koyr* equivalentes em significação. Em uma, em vez de *nde çobaya* teu reino, vem *nde rendába* o teu pousio, em vez de *çobayána* (*hobaijára*), *çumarã* (*humarã* puxa briga), e nesta, que ouvi de um soldado do Ceará vinha ainda *pazú* significando «pai» o que traz reminiscencias do *kiriri*.

Não fallo de outras formulas onde se introduziram em maior numero dicções portuguezas. O Sr. Dr. Couto de Magalhães já fallou dessa mistura de duas linguas e deu specimens de versos em tupi e portuguez, como os ha tambem em guarani e castelhano.

No tempo da independencia eram muito em voga esses versos onde vem de mistura vozes portuguezas com vozes tupis, e tanta gana havia de se distinguirem os

brazileiros dos portuguezes, que até se introduziu em grande o costume de ajunctar ao nome e appellido algum vocabulo indigena.

Para completar este ligeiro exame das formulas do *Pater Noster* será bom addiccionar-se pelo menos uma das mais usadas entre os paraguayos.

Tenho colligido algumas que differem entre si, como as que acabamos de vêr em tupi. Differem principalmente as do guarani fallado em Corrientes, das do que se falla desde Humaitá até Assumpção; o guarani fallado em Villa-Rica e mais para leste se parece com o das serras do Norte descambando para Matto-Grosso; o de Corrientes tem mais parecença com o do Rio Grande do Sul, que pelo seu lado se approxima ao tupi de S. Paulo.

O REZO que aqui transcrevo foi-me dado por um bom e sizudo paraguayo de nome Francisco Cañol, prisioneiro em Uruguayana logo no começo da guerra. Era um bom homem na extensão da palavra que aqui chorava saudades da patria, onde tinha deixado a idosa mãi, a mulher e um filhinho. Só teve noticias delles depois dos famosos feitos de Angostura e Lomas Valentinas, mas só poude obter permissão de regressar á patria e de ir *abraçar* os seus *tecobé* (vida) depois do desfecho do drama sanguinolento do *heraquandai* (malafamado) Lopes no dia 1º de Março de 1871 em Aquidaban.

Era um pobre paraguayo, com tudo bem instruido, e muito em comparação dos nossos matutos, si bem que elle não passasse tambem de um matuto de Villa-Rica.

Aqui vae para ser examinado o REZO que me deu o bom Cañol e mais um que ouvi de outro prisioneiro; do segundo não apanhei o *Signal da Cruz*.

EL PERSIGNARSE EN LA LENGUA DE GUARANI

« Curuzú marangatú raangá rupi † ore muãtã reĭ
« mbaragüi † ore repĭ pe Señor, Tupã oreyara † Tuba,
« hae Taĭra, hae Espiritu Santo rerape. Taupeicha
« catú..

EL PADRE NUESTRO

« Ore Ruba pabê ereyba ỹbape: toyerecó nde rera
« marangatu imbuetepĭramo hae hialaba pĭramo. Ei
« ore pĭpe nde gracia rupi hae upegüi emeê orebe nde
« gloria. Toyeyapó nde rembipotá co ĭbĭpe ybape
« guaychabe. Emeẽ orebe anga opá-arape ere meêba
« yepi opa tecotêbêba o sustenta baerâ ore rete hae ore
« anga; hae ore perdona opa ore culpas hae penas
« rodebeba hesecuera, orecuera oro perdona haychabe
« orebe o debebape, hae ani ere permiti oroá tentacion
« pĭpe, mas ore repĭbe catu ĭbaybagüi. Taupeycha
« catú.

2º PADRE NUESTRO

« Ore ruba, reima ybape, i-mbeté-pĭ nde rera; toú
« orébe nde reino; iyapó ne voluntá ĭbaga-pe upeicha
« ỹbỹpe. Ore mbuyape cada ara gua e meê oreve anga,
« hae perdona oreve ore deudas oré ro perdona haichá
« abé oré devehár. Ha ani oré reyar roá mbaé baĭ-pe,
« hae oré livra mbae-baĭ gui.

Escusa repetir considerações sobre vocabulos que já foram vistos até aqui, como *curuzú* cruz, *morangatú* sancta, *raangá* signal, *oré* nos outros, *Tupã* Deus, *tuba* pai, *hae* e, *taĭra* filho, *rèra* nome etc. A posposição *rupi* já vimos, e aqui se tem de notar apenas que ella está empregada onde e quando em geral usavam de *rehé*.

Em *muatar-eỹ-mbàra* temos o participio negativo do v. trans. *mboatar* fazer andar, guiar, encaminhar, donde resulta o significado *mboatar-eỹ-mbàra* os que desencaminham, os desencaminhadores. O suff. *hàr* se torna *mbar* por influencia dos sons que precedem.

Orè repỹ pe Señor, Tupä orè yara nos livra tu senhor, Deus nosso senhor. Vem em qualquer vocabulario o v.trans. *tepy* ou *hepy*, vingar, pagar, e tambem livrar, libertar. No imperativo com paciente de 1ª pessoa e agente da 2ª dir-se-hia em regra *orè repy epè* nos livra tu, e ahi se vê *pe* por *epè*.

Ta-upe-icha catú, amen, ou «assim seja». Aqui temos novidade maior em *upè* e *ichà* muito usados hoje pelos paraguayos e que dè certo correspondem ao antigo *ipó* e *ijàb*, o que se evidencia logo que se analysa a phrase paraguaya em cada caso em que se apresentam essas dicções e se lhes attribuem as significações verbaes geraes *por* haver (*y avoir* francez) *yàb* caber, convir, ser conveniente, opportuno etc. *Ta* prepositiva do subjunctivo, é tambem adv. significando «sim» e a phrase *ta ipó ijab* é de perfeita construcção e puro abañeenga para se dizer «que elle haja (seja) como elle convem, ou, o que convem. Este *upè* paraguayo moderno tem ainda por vezes em outras phrases o emprego e valor do *aipó* antigo, como demonstrativo, o que prova a derivação de *pór*. Quanto a *ichà* serve para mostrar que tive razão em adoptar *i* para representar a semi-consoante que o Sr. Dr. Couto de Magalhães quer que seja sempre *i*; o *j* é sem duvida alguma o caracter proprio para representar em linguas oriundas do latim os sons equivalentes *ia, ña, jà, cha*, os quaes embora distinctos, pelo menos se confundem e se alternam na pronuncia.

No Pater temos: *pabẽ* adj: todos» posposto ao substantivo e significando *ore ruba pabẽ* nosso pai de todos, ou antes nosso pai á uma, por juncto, emfim.

Na primeira formula *ereỹ ba yba-pe*, na segunda *reîma yba-pe* se equivalem, e corresponde o participio ao antigo *re-ĩ-mbae* que não obstante ser participio notamos que era conjugado com pronomes pessoaes. N'outro logar tambem já se notou que o suffixo *bae* tornou-se no Paraguay *ba*, *ma*, *va* e no tupi do Amazonas *ua*.

I-mboeté-pĩ nde réra da 2ª formula já foi examinado e confere com outras formulas, faltando-lhe porém a syllaba final de *py* e o verbo *toikó* no permissivo. Esta oração na formula do Cañol differe inteiramente e é mui longa: *to-je-rekó nde réra morangatu i-mboete-pyramo hae hi-alaba-pyramo* seja tractado teu nome sancto como o que é engrandecivel e louvavel» bem ao pé da lettra, pois tal é o torneio da phrase, quando se attende ao verdadeiro valor das part culas. *Rekó* tractar, *je-rekó* tractar-se ou ser tractado, *to-je-rekó* tracte-se ou seja tractado (no permissivo, ou no imperativo), *nde-rera-morangatu* teu nome bom ou sancto; *i-mboeté-pyramo* é um participio passivo figurando de verbo mediante a posposição de subjuntivo *ramo* como, si, quando» e com a força do *ut* latino; assim *mboeté* engrandecer, *i-mboeté-pyr* o que engrandecido ou engrandecivel, levado ao subj. pela pospositiva *ramo* dá o sentido que apresentamos. No mesmo caso está o dizer *hi-alabá-pyramo* formado pelo vocabulo *alaba* louvar (do hispanhol). Convem notar aqui o pronome *hi* equivalente a *i*, *ij*, *iñ*, *h* antigos que mais modernamente se apresentam com frequencia na forme *hi*, o que prova ainda a correspondencia de *i* e *h* como o mesmo pronome.

Toú orebe nde reino, venha a nós o teu reino» da segunda formula, não carece de mais explicação. Não é assim a do Cañol. Eu disse algures que com o verbo *é* dizer» podia-se fazer um vocabulario do abañeenga bastante rico de dicções, e com effeito entre os variadissi-

mos empregos e significações do verbo *é* dizer (o qual gera nomes, adverbios, conjuncções etc.) ahi está um exemplo na formula presente: *ci orè pype nde gracia rupi, hac upe-gui e-meẽ orè-be nde gloria*, dize em nós falla em nós com a tua graça (por meio da tua graça) e disto (por isto) dá á nós a tua gloria. Apezar de estar muito hespanholisada esta phrase; só por causa do emprego caracteristico dos dois verbos *é* dizer, *meeng* dar, e das posposições tem-se nella uma feição inteiramente diversa do hispanhol. Aqui temos *upe* (de que se tractou pouco antes) no caracter de pronome regido de *gui*. Escusam explicações as outras dicções, inclusive os vocabulos *gracia* e *gloria* hispanhóes.

Corresponde o dizer da 1ª formula *to-jej-àpò nde rembi-potà ko yby-pe ybà-pe gua-ichà-bè*, com o da 2ª *ij-apò ne voluntà ybaga-pe upe-ichà yby-pe*. Menos proprio que o verbo *mbo aijè, mbokatu* ou outro, acho o verbo *apò* aqui empregado em ambas as formulas: *apò* significa fazer, mas «fazer, operar com a mão, manear» e no *seja feita a tua vontade* está *fazer-se* no sentido de *cumprir-se*. Quanto ao mais *to-jej-apò* no permissivo ou imperativo é regular e *ij-apò* no infinitivo irregularissimo; no primeiro caso em vez de *je=ñe* vê-se *jej=ñej* onde o *j* será apenas euphonico. Na segunda formula vê-se *ne voluntà* (á hispanhola) em vez de *ne remimbotà* ou *nde-rembi-potà*.

Agora as duas formulas differem na collocação, e nas dicções ou pelo menos no modo de as dizer. A 1ª diz: faça-se a tua vontade *ko-yby-pe* nesta terra, *ybà-pe guaichabè* no ceu isto como tambem, pois *guaichabe* corresponde a *ko ã icha bè;* na 2ª está: faça-se a tua vontade *ybaga-pe* no céu, *upe ichà* isto como, *yby-pe* na terra. Além disto o substantivo, *ybag* se contraíu em *yba-pe* na 1ª e está com a syllaba final em *ybàga pe* da 2ª.

No que segue ainda differem collocação e dicções. Na 1ª formula vem: *e meē ore be anga* tu dá á nós agora, *opá árape ere-meēba yepi*, em todo dia (todos os dias) o que tu dás sempre, *opá tekótèbêba* (*pe* em) todas as necessidades, *o sustentá-baerã* o que deve sustentar, *ore retè hae orè ánga* nosso corpo e nossa alma; menos o v. *sustentá* todas as outras dicções são do abañeenga, mas já não tanto a collocação; demais o participio do suff. *bae* está *ba* em *meēba* e *tekotēbēba* (onde falta a posp. *pe*) e adiante está exacto no futuro *baerã* apposto á verbo hispanhol. A 2ª formula approxima-se á uma tupi que já vimos, dizendo quasi á hispanhola ou portugueza: *orè mbuyapè*, o nosso pão, *cada ara gua* de cada dia *e meê* tu dá, *orebe* á nós, *anga* agora.

Muito recheadas de vozes castelhanas seguem agora ambas differindo em diversas cousas. Na 2ª mais breve diz-se: *hae perdoná orebe ore deudas* e perdoa a nós (com dativo) as nossas dividas, *orè ro-perdoná haichá* nós perdoamos tal e qual, *abè* tambem, *orè deve-hár* os nossos devedores (cumpre accrescentar *upé* posp. de dativo, pois assim está *orébe* no primeiro membro); demais aqui se acha a agglomeração dos pronomes *orè* e *ro* como usam actualmente quer no Paraguay, quer no Amazonas. O dizer da 1ª formula é mais longo:

Hae orè perdona e nos perdôa (*nos* em accusativo) *opá ore culpas* todas as nossas culpas, *hae penas* e penas, *ro debeba* que nos devemos (participio de suffixo *bae*, conjugado com pronomes agentes) *hese-kuera* aos outros lá, *orekuéra* nos cá, *oro perdoná* nos perdoamos *ha-ichábe* tal e qual tambem, *orè-be o-debeba-pe* aos que á nós devem; o dativo «á nós» é *orè-be* e o dativo «aos que» está no participio *o debeba* regido de

pé. Note-se o emprego de *kuéra* (suffixo de tempo preterito) como determinativo (digamos) de especie: *ae-kuera* elles lá, *oré-kuera* nos cá, *hésekuéra* á elles lá (em dativo), Isto era muito usado no tupi e guarani antigos, mas pouco appparece nos catechismos e rezas.

Na 1ª formula: *hae ani ere permití* e não tu permittas (com o verbo hispanhol;) na 2ª *ha ani oré-rejar* e não nos deixes; *oroá* na 1.ª, *roá* na 2ª nós cahirmos; na 1ª *tentation pype* em tentação, na 2.ª *mbaé-mbaï pe* em cousa má; *mas ore repy-bé katu*, mas nos livra mais bem na 1ª, *hae ore livra* e nos livra, na 2ª; *ybaïbagui* na 1.ª, *mbae baïgui* na 2ª, de cousas más. A copulativa *hae* apresenta-se tambem *ha; roá=oroá* são irregulares com o pronome agente no infinitivo; devia ser *oré á; ybaïba* é má escripta de paraguayo em vez de *mbae-baïba*, e este *baï* corresponde ao *aïb* do Tesoro.

A negativa *ani* no indicativo não se acha nos dizeres antigos e corresponde ao *inti* do Amazonas como já se viu; *ani* no dizer antigo é negativa absoluta, e não como *nd* prefixo e *i* suffixo de verbos.

As dições hispanholas que estão n'uma ou noutra formula, como se vê, são agglutinadas á determinativas do abañeenga como se fossem themas da propria lingua.

A phrase final *taupeicha catú* ja vimos no *per signum crucis*.

O que temos visto até aqui não auctorisa á que se considerem como dialectos differentes o guarani e o tupi. A differença maior e essencial está na orthographia, isto é, na representação dos sons ao orgão da vista. Si assim fosse tambem não seriam em portuguez os gaiatos versos do poeta santista:

Em giria de preto:

Mia sinhára, ieu ána renegáru
Cu amôru qui pinica mia pètu.

Sinhára já no rembra sua prêtu,
Na verári, querê bem cússa cáru.

Em giria de gallego:

Devaixo du altu pinhu alubantadu.
Uûa xésta passei munto á savôri,
Pois nos vraços da minha Liunôri
Bia cumer la yerba e andar lu gadu.

Corrija-se a orthographia e tem-se nesses impagaveis versos bom portuguez e bem correcto.

Que se diga que o paraguayo moderno, e o tupi do Amazonas são dialectos da antiga *lingua geral* já ha razão de ser, pois que não só em um e outro ha grande introducção de vocabulos estranhos, mas ainda, o que é mais essencial, já a construcção varia. Entretanto como vimos, no meneio da phrase ha sempre tendencia de adaptar-se ella ao genio da lingua geral mediante as particulas demonstrativas collocadas á maneira antiga.

Conforme o que se acabou de vêr, realmente o tupi antigo não póde-se considerar differente do guarani á ponto de se suppôr um delles dialecto do outro. Os pronomes e os vocabulos são os mesmissimos com a differença apenas de um ou outro vocabulo muito raro, usado aqui mais do que alli; os verbos *teco* e *ten* existem em tupi, tanto como em guarani e a differença unica é que o 1º é mais usado em tupi com a significação de «ser ou estar» e o guarani emprega ambos.

Que se digam dialectos do antigo abañeenga o guarani moderno fallado pelos paraguayos, e os dialectos tupis fallados por diversas tribus do Amazonas, de Matto-Grosso e de Goyaz, é admissivel; e ainda assim são dialectos ainda tão pouco desviados da fonte commum, que em relação á ella podem ser comparados com os diversos latins barbaros da media idade em relação ao latim.

Tambem se póde reputar dialecto o omágua, no qual já ha mais profunda alteração phonetica, e differença de vocabulos, dos quaes grande numero é evidentemente de origem kechua. Delle temos poucos specimens e não seria fóra de proposito examinarmos o seu PATER NOSTER, que vem no Mithridates sob o n. 395 das formulas alli collegidas. Como porém, para melhor discutl-o seria preciso tambem examinarmos o succinto vocabulario que ali vem transcripto, convém guardar esse exame para artigo especial que naturalmente será de dimensões iguaes a do que aqui fica concluido.

Não se formulou lei alguma, deduziram-se os factos; discutidos elles, concatenadas as alterações phoneticas e os significados conforme o uso mais ou menos geral de certas dicções, chegar-se-ha á determinação dos radicaes e então se deduzirão as leis de variação phonetica que fazem parecer differentes vocabulos originarios da mesma fonte.

Baptista C. A. Nogueira.

NOTA

Já estava no prélo este escripto, quando me obsequiou o muito erudito e distincto Snr. Dr. K. Henning com tres formulas do PATER NOSTER extrahidas, creio que, de uma collecção italiana sob ns. 11, 12, 13. A de n. 11 quasi nada differe da que se acha na pag. 120 sob n. 357 do Mithridates; as outras duas são as que seguem.

« Nella mentorata raccolta com notabile sbaglio si mette sotto il nome di lingua Messicana la seguente orazione, ch'è di um dialetto Guarani, e che si legge ancora nel tesoro delle lingue del Duret al capitulo 79 e dice cosí.

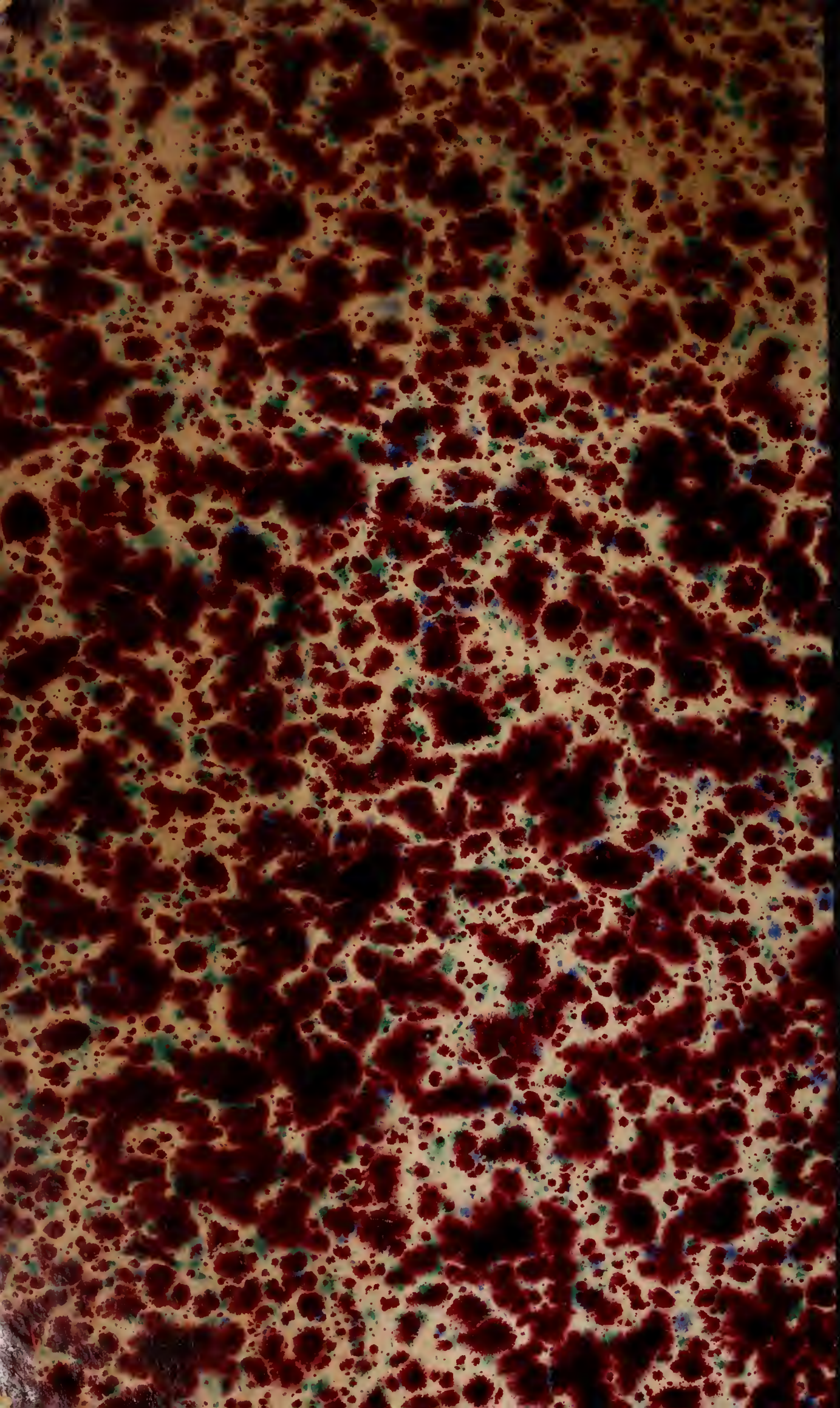
Ore-rure ubaepe ereico:
Toicap pavemga tu ava:
Ubu jagatou akuoavac.
Charai bámo derera reco orororo leppe vaepe toge mognanga deremipotare ubape vaepe ige monangiare.
Ara ia vion ore remiu zimeeng curi oreve:
Deguron oreve ore comemoa sara supe oregiroa jare:
Epipotarume aignang ore rememo auge.
Pipea paucm gne ba ememoare ore xui.

L'ortografia di questa orazione è francese, e non esprime bene la pronunzia Guarani: e però sembrano troppo sfigurate le parole Guarani, bench n'ho corrette algune lettere.

No 13, Altro dialetto Guarani.

Ore-ruba ibabe ereibae:
Ikuaabipiiramo nderera marangatu toico:
Tou ndereco marangatato orebe:
Tiyaye nderemimbotara guie ibipe ibape iyayeyabe,
Ore-rembiu aranabo-guara emee curi orebe:
Ndeñiro ore angaibaba rupè, orereco menguahára upe oreñiro nunga yabe hae:
Epoitareme angaipaba pipe orea nde catu:
Ore picirò epé embae pochi gui.

A formula n. 12 é a inculcada mexicana que vem na pag. 125, e as pequenas differenças que tem não merecem ser apontadas. A de n. 13 é uma das formulas guaranis mais alterada. Ahi se vê *ibabe* em vez de *ỹbape*, *marangatato* por *marangatú*, *guie* em vez de *quie*, *rupè* em vez de *upe*, *embae* em vez de *mbae* e *pochi* por *pochi*. O mais notavel porém é vir em vez de *imboje-robiari-piramo* para significar «louvado seja» *i kuaabipiiramo*.

O verbo *kuaáb* significa «saber, conhecer» e portanto *i kuaábipiiramo* quer dizer «seja conhecido».

Na penultima phrase tem demais *nde catu* (tu bom) no fim. A ordem das phrases tambem está alterada.